



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto De Estudos Da Linguagem

ANNA CAROLINA VICENTINI ZACHARIAS

STELLA DO PATROCÍNIO: DA INTERNAÇÃO INVOLUNTÁRIA À POESIA BRASILEIRA

CAMPINAS  
2020

ANNA CAROLINA VICENTINI ZACHARIAS

STELLA DO PATROCÍNIO: DA INTERNAÇÃO INVOLUNTÁRIA À POESIA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Teoria e História Literária, na área de Teoria e Crítica Literária.

Orientadora: PROFA. DRA. DANIELA BIRMAN

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA POR ANNA CAROLINA VICENTINI ZACHARIAS, ORIENTADA PELA PROFA. DRA. DANIELA BIRMAN.

CAMPINAS  
2020

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Z11s Zacharias, Anna Carolina Vicentini, 1988-  
Stella do Patrocínio : da internação involuntária à poesia brasileira / Anna Carolina Vicentini Zacharias. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Daniela Birman.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Patrocínio, Stela do, 1941-1992. 2. Patrocínio, Stela do, 1941-1992. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome. 3. Literatura política. 4. Política de saúde mental. 5. Mediação. I. Birman, Daniela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Stella do Patrocínio : from involuntary hospitalization to brazilian poetry

**Palavras-chave em inglês:**

Patrocínio, Stela do, 1941-1992

Patrocínio, Stela do, 1941-1992. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome

Literature and politics

Mental health policy

Mediation

**Área de concentração:** Teoria e Crítica Literária

**Titulação:** Mestra em Teoria e História Literária

**Banca examinadora:**

Daniela Birman [Orientador]

Marcos Piason Natali

Daniela Palma

**Data de defesa:** 21-02-2020

**Programa de Pós-Graduação:** Teoria e História Literária

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-1100-5846>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1932443912933221>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Daniela Birman**

**Daniela Palma**

**Marcos Piason Natali**

**IEL/UNICAMP  
2020**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

Em memória, com profundo respeito, às mulheres, pretas e pretos, lgbtqia+, pobres, indígenas, sem terra, sem teto e demais sujeitos que, por negligência e terrorismo estatal, não conseguiram viver nem o tempo, nem do modo como gostariam. E também aos familiares, amigos e colegas que ficaram e tiveram de conviver com um luto que não é circunstancial, mas político. Este trabalho é sobre ter esperança de que a morte não seja substância que se procura ou que se torne estratégia proposital, mas um acontecimento que irremediavelmente nos encontra. Por acreditar em um tempo em que os fazeres político-culturais sejam pela vida, em suas múltiplas belezas e possibilidades. Assim, dedico este trabalho a cada uma e um, de todos os tempos e espaços, com anseios semelhantes.

## AGRADECIMENTOS

“Abre o caminho pro mensageiro passar<sup>1</sup>”. Laroyê e Mojubá. Sem Exu não se faz nada.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo n. 133895/2017-3, pelo financiamento deste trabalho, possibilitando não apenas a minha dedicação exclusiva à pesquisa durante esse período, como as minhas viagens ao Rio de Janeiro para realizar as pesquisas de campo.

À orientadora, Daniela Birman, pela confiança, pelas leituras cuidadosas, pelos direcionamentos que me foram indispensáveis. Eu não saberia dimensionar a minha admiração.

Aos funcionários e funcionárias das bibliotecas do Instituto de Estudos da Linguagem, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e da Faculdade de Educação na UNICAMP, também às funcionárias e funcionários do restaurante universitário da UNICAMP, às e aos terceirizados de limpeza e segurança da UNICAMP, àquelas e àqueles que me auxiliaram em instituições no Rio de Janeiro em busca de informações, como na Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, DETRAN, Ipub, Instituto Municipal de Assistência à Saúde “Juliano Moreira” (em especial à Camila Brasileira), Arquivos de Microfilmagens da Polícia Federal do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Delegacias de Polícia. À Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem: Cláudio Pereira Platero, Rosemeire Aparecida de Almeida Marcelino, Miguel Leonel dos Santos e Raiça Fernanda Zocal Fernandez.

Aos professores Mário Augusto Medeiros da Silva, Alfredo Cesar Mello, Daniela Palma, Marcos Piason Natali, Mariana Chaguri, André Barbugiani Goldfeder. À Silvia Beatriz Adoue, ao Alcides Cardoso dos Santos, ao Edmundo Peggion. Ao Teófilo Reis, à Melissa de Oliveira Pereira.

Ao Pai Gilmar TY Oya. Ao Ed Carlos Faria, ao Lucas Honorato, ao Vinícius Rufino. Ao Sidney Aguilar.

Aos sobrinhos de Stella do Patrocínio. Um deles, o que conheci, gostaria de dizer que só preservei sua identidade neste trabalho porque, devido à pandemia, não pude visitá-lo para confirmar se o seu nome poderia ser divulgado. É com muito carinho que publico este trabalho.

À Mônica Ribeiro de Souza e à Carla Guagliardi, interlocutoras de Stella do Patrocínio, mulheres cujos trabalhos não apenas respeitaram a memória de Stella do Patrocínio, mas de outras mulheres do Núcleo Teixeira Brandão durante seus estágios. Guagliardi, pelos registros gravados e Ribeiro de Souza pelas transcrições fieis do falatório. Ambas são pessoas com quem estabeleci contatos profissionais e grande afeto.

A cada uma e um dos demais entrevistados para a realização deste trabalho: Denise Correa, Pedro Silva, Julius Teixeira, Nelly Gutmacher, Ricardo Aquino, Marcio Rolo, Paulo Sergio Duarte.

Aos artistas plásticos com quem estabeleci contato e um cadinho de prosa: Leonardo Lobão, Arlindo de Oliveira, Pedro Mota Mattoso, Luiz Carlos Marques.

Aos familiares: meu pai, Luiz Eduardo Lozano Zacharias, meus irmãos Catherina Vicentini Zacharias, Pedro Adib Vicentini Zacharias, Anna Beatriz Vicentini Zacharias, a sobrinha Helena Zacharias Velludo. Obrigada especialmente a vocês, de quem eu nunca consigo me lembrar sem me

---

<sup>1</sup> MARÇAL, Juçara. Padê. In: “Padê”. São Paulo: Tratore selo cooperativa, 2008.

emocionar e trazer à consciência de que eu tenho muita sorte.

À minha família que já embarcou noutras viagens, embora eu tenha aprendido com João Nogueira que, quando o espelho é bom, ninguém morreu. Sendo assim, à minha mãe, Fernanda Vicentini Zacharias. Também ao Vô Marciano, Vó Anita, Vó Anna, Tia Ana Lúcia.

Aos amigos, pessoas que renovam minha fé no mundo e também em mim: Juliana Ramos Boldrin (obrigada pela amizade, pelo amor, pelas tantas horas de leitura de meus capítulos e pelas conversas sempre tão enriquecedoras e generosas), Luiz Paulo de Araújo, Joaquim Almeida, Caio Mader, Telma Cristina, Aline Telles, Bruno Silva, Wilton Machado, Flávio Arantes, Pedro Júnior, Alex Vampeta, Mestre Toninho, Karine Henrique, Bárbara Silva, Lívia Navarro, Cristovam Bruno Cavalcanti, Daniel Teixeira, Cícero Moura Nunes, Iuna Tuane Sanches, Camila Macek, Leandro Di Nizo, Ingrid Sayuri Corsi, Karina Werneck, Thiago Nogueira, Fernando Mira, Vinícius Ortiz, Rafael Alberici, Isabella Vido, Beatriz de Araújo, Renan Fernandes, Tílinha Bueno, Juliana Benfica, Beatriz Matos, Janaina Delfino, Murilo Galvão Amâncio da Cruz, Arimatéia, Thiago Cestari, Carla Grigório, Guilherme Boldrin, Sandro Junior, Crislaine de Souza Borges, Ivone Oliveira, Nora Santos Silva. Ao Bahia, ao querido João do Pandeiro.

Ao Dalton Carvalho, Abel Luiz, Paulo Amarante, Pedro Gabriel Delgado, José Alberto de Almeida, Rachel Gouveia Passos, por ouvi-los em diferentes ocasiões e por me ajudarem, assim, a olhar.

À Dona Marina e ao Terreiro Pai Eduardo e Caboclo Irapuã. À Maria Benzedeira. Às linhas de Exus, Pombagiras, Pretos Velhos, Caboclos, Crianças, Baianos, Cangaceiros, Boiadeiros, Ciganos e Marinheiros. Ao Seu Meia-Noite, Vovó Maria Conga, Vó Cambinda, Mariazinha da Praia, Cigana Sete Saias, Jurema Flecheira, Seu Zé do Laço.

Ao Cursinho Popular Amelinha Telles e à Maloca Arte e Cultura.

Aos antimanicomiais, aos decoloniais, aos abolicionistas penais.

“Quem cultiva o bem vai colher/ Quando a roda da vida girar/ É preciso aprender a perder/ Pra entender o valor de ganhar”<sup>2</sup>. Boas colheitas, pessoal! A todos os citados, aos que ainda estão por vir e aos possíveis leitores deste trabalho. Aos que estiveram, estão e estarão.

A Ogum, Ogunhê Patacori Ogum! A Xangô, Kaô Kabiecilê!

Às circunstâncias, ao tempo.

Êpa, Babá!

---

<sup>2</sup> DA MATA, André. “Filhos da Mata”. Faixa presente no CD que leva o mesmo nome. 2018. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/7hGFLsZ10q2KYI8pmLrwgk>>. Acesso em: 02 Jan. 2020.

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado em Teoria e História Literária investiga os processos institucionais que mediarão o falatório de Stella do Patrocínio, desde sua primeira internação, em 1962 aos 21 anos no Hospício D. Pedro II, até sua morte, em 1992, na então Colônia Juliano Moreira. Assim denominado pela própria autora, falatório era sua prática de enunciação, gravada por estagiárias de arte e psicologia da Colônia, respectivamente Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza, entre 1986 e 1991. O conteúdo dessas gravações, de caráter intermitente, eram conversas entre Stella do Patrocínio e as estagiárias, suas interlocutoras. Esse material foi editado para a publicação de um livro póstumo, organizado por Viviane Mosé e intitulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001). Assim, Stella do Patrocínio foi nomeada poeta brasileira e inserida na literatura brasileira. Nesta dissertação, mostro como as gravações dessas conversas se tornaram possíveis pelas mudanças estruturais e organizacionais da Colônia Juliano Moreira, propiciadas pela luta antimanicomial brasileira, nos anos 1980, com prerrogativa de abertura manicomial. Defendo, também neste estudo, nesse contexto, que o livro da escritora deve ser estudado levando em consideração todas as mediações que o atravessam e constituem, desde o trabalho das estagiárias até a sua publicação póstuma por Mosé. A organizadora da obra, como exponho, suprimiu as falas das estagiárias, apresentando apenas as respostas de Stella do Patrocínio em forma versificada, introduzindo seu falatório na poesia brasileira contemporânea. Neste trabalho, discuto ainda as questões de inclusão, mediação e representação em diferentes espaços institucionais – hospício e literatura – valendo-me de bibliografias que discutem luta antimanicomial, literatura brasileira e debates sociais com a perspectiva pós-colonial. Desse modo, procuro perceber como a inclusão, tanto pela abertura manicomial, quanto pela instituição literária, pode gerar outros operadores de exclusão e diferenciação, tanto discursiva quanto materialmente.

**Palavras-chave.** Stella do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Literatura e Política. Luta antimanicomial e arte. Inclusão e Exclusão. Mediação e Representação.

## ABSTRACT

This master's thesis on Theory and History of Literature investigates the institutional records that have mediated Stella do Patrocínio's falatório<sup>3</sup>, since her first committal, in 1962 with 21 years old in the D. Pedro II Asylum, until her death, in 1992, in the then mental institution Colônia Juliano Moreira. As so-called by the author herself, falatório was her enunciation practice, recorded by the institution's Arts and Psychology interns, Carla Guagliardi and Mônica Ribeiro de Souza respectively, between 1986 and 1991. The content of these recordings, of intermittent nature, were conversations between Stella do Patrocínio and the interns, her interlocutors. This material was edited for a posthumous book, organized by Viviane Mosé and titled *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001). Thus, Stella do Patrocínio was named a Brazilian poet and embedded into Brazilian literature. In this dissertation, I draw attention to how these conversations recordings became possible due to structural and organizational changes in Colônia Juliano Moreira, provided by the Brazilian anti-asylum movement, in the 1980's, with mental institution overture prerogative. I defend, still in this study, in this context, that the writer's book should be studied taking into consideration all the mediations that go through and constitute it, from the interns' work to its posthumous publication by Mosé. The work's organizer, as I display, suppressed the interns' speaking parts, presenting only cut-out parts of Do Patrocínio's answers in the form of verses, introducing, therefore, her falatório into contemporary Brazilian poetry. In this paper, I further discuss the issues about inclusion, mediation and representation in different institutional spaces – asylum and literature – resorting to bibliographies that discuss the anti-asylum movement, Brazilian literature and social debates with decolonial perspectives. Thereby, I try to perceive how the inclusion, both through the mental institution overture and literature, can create other operators of exclusion and differentiation, both discursively and materially.

**Key Words:** Stella do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Literature and Politics. Anti-asylum movement and art. Inclusion and Exclusion. Mediation and Representation.

---

<sup>3</sup> Falatório: chattering.

## RESUMEN

Esta tesis de maestría en Teoría e Historia de la Literatura investiga los procesos institucionales que mediaron el falatorio de Stella do Patrocínio, desde su primera hospitalización, en 1962 a los 21 años en el Hospicio D. Pedro II, hasta su muerte, en 1992, en la entonces Colonia Juliano Moreira. Así denominado por la propia autora, falatorio fue su práctica de enunciación, grabada por pasantes de arte y psicología de la Colonia, respectivamente Carla Guagliardi y Mônica Ribeiro de Souza, entre 1986 y 1991. El contenido de estas grabaciones, de carácter intermitente, eran conversaciones entre Stella do Patrocínio y las pasantes, sus interlocutoras. Ese material fue editado para la publicación de un libro póstumo, organizado por Viviane Mosé y titulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Río de Janeiro: editorial Azougue, 2001). Así, Stella do Patrocínio fue nombrada poeta brasileña e insertada en la literatura brasileña. En esta disertación, muestro cómo las grabaciones de estas conversaciones fueron posibles gracias a los cambios estructurales y organizativos de la Colonia Juliano Moreira, provocados por la lucha antimanicomial brasileña, en la década de 1980, con la prerrogativa de la apertura de los manicomios. También defiendo, en este estudio, en ese contexto, que el libro de la escritora debe ser estudiado teniendo en cuenta todas las mediaciones que lo atraviesan y lo constituyen, desde el trabajo de los internos hasta su publicación póstuma por Mosé. La organizadora del trabajo, como explico, suprimió las palabras de los pasantes, presentando solo recortes de las respuestas de Do Patrocínio en forma versificada, introduciendo así su discurso en la poesía brasileña contemporánea. En este trabajo, también discuto los temas de inclusión, mediación y representación en diferentes espacios institucionales - hospicio y literatura - a partir de bibliografías que discuten la lucha antimanicomial, la literatura brasileña y los debates sociales con una perspectiva decolonial. De esta manera, busco también entender cómo la inclusión, tanto a través de la apertura de los manicomios como de la institución literaria, puede generar otros operadores de exclusión y diferenciación, tanto discursiva como materialmente.

**Palabras clave.** Stella do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Literatura y Política. Lucha antimanicomial y arte. Inclusión y Exclusión. Mediación y Representación.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Excerto de Stella do Patrocínio, publicado pelo Projeto Amálgamas. Setembro de 2013. ....	16
<b>Figura 2.</b> Capa de Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001).....	18
<b>Figura 3.</b> Ficha de internação do Centro Psiquiátrico Nacional – Hospital Pedro II. (Fonte: ZARA, 2014).....	33
<b>Figura 4.</b> Stella do Patrocínio aos 21 anos. Ampliação da foto na Ficha de internação do Centro Psiquiátrico Nacional – Hospital Pedro II, presente no trabalho de ZARA, 2014. (Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias). ....	34
<b>Figura 5.</b> Ficha de internação de Stella do Patrocínio na Colônia Juliano Moreira. (Fonte: ZARA, 2014).....	36
<b>Figura 6.</b> Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Entrada pela Estrada Rodrigues Caldas, Jacarepaguá/RJ, 2018. Na inscrição à direita constam os dizeres, em latim: Praxis omnia vincit. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	40
<b>Figura 7.</b> Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira atualmente. Fonte: Prefeitura, Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Legendas editadas para este trabalho.....	44
<b>Figura 8.</b> Cândido Portinari, ilustração em nanquim para O alienista (Machado de Assis). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, p. 49. ....	45
<b>Figura 9.</b> Charge de Carlos Latuff, 2015.....	69
<b>Figura 10.</b> Entrada do Polo experimental “Gaia”, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	82
<b>Figura 11.</b> Espaço interno do Polo experimental “Gaia”, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias. Nessa fotografia, há prioritariamente produções de Arlindo Oliveira da Silva e de Leonardo Lobão.....	82
<b>Figura 12.</b> Uma das obras do artista Raimundo Camillo, que estão na galeria Christian Berst, em Paris Foto: Divulgação. Fonte: O Globo. ....	83
<b>Figura 13.</b> Raimundo Camillo. Fonte: Galeria Christian Berst. ....	85
<b>Figura 14.</b> Antônio Pedro Bragança, sem data, sem título. Museu Bispo do Rosário. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	87
<b>Figura 15.</b> Antônio Pedro Bragança, sem nome, 1960. Museu Bispo do Rosário. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias. ....	89
<b>Figura 16.</b> Leonardo Lobão, sem título, sem data. Museu Bispo do Rosário. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	90
<b>Figura 17.</b> Bispo do Rosário vestindo seu manto. Foto: Walter Firmo. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural. ....	91
<b>Figura 18.</b> Bispo do Rosário em sua "cama-nave" ou “cama Romeu e Julieta”. Fonte: BORGES, 2010, p. 99 apud HIDALGO, 1996, p. 82. ....	92
<b>Figura 19.</b> Cela-forte do Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	93
<b>Figura 20.</b> Entrada do Núcleo Teixeira Brandão, CJM, Jacarepaguá/RJ, 2018. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	96
<b>Figura 21.</b> Praça do Núcleo Teixeira Brandão, CJM, Jacarepaguá/RJ, 2018. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.....	97
<b>Figura 22.</b> Stella do Patrocínio. Registro realizado durante o Projeto de Livre Criação Artística. Fonte: Biblioteca “Stela do Patrocínio” – IMASJM. ....	105

<b>Figura 23.</b> Encarte da Exposição “O ar do subterrâneo”. Fonte: acervo de Carla Guagliardi. ....	107
<b>Figura 24.</b> Verso do encarte da Exposição “O ar do subterrâneo”. Fonte: acervo de Carla Guagliardi. .....	109
<b>Figura 25.</b> Página do caderno de desenhos de Stella do Patrocínio, entregue por Ribeiro de Souza em 20 de jan. de 1990. Fonte: acervo de Mônica Ribeiro de Souza. ....	120
<b>Figura 26.</b> Capa de Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, feita pela artista plástica Carla Guagliardi. ....	128
<b>Figura 27.</b> Cronologia. In: Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (MOSÉ, 2001, pp. 79-80). .....	132
<b>Figura 28.</b> Paciente do Núcleo Teixeira Brandão em entrevista para o documentário “Stultifera Navis” (1987). ....	146
<b>Figura 29.</b> Capa da primeira edição de Quarto de despejo, de autoria de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960 por Audálio Dantas via editora Francisco Alves. ....	156
<b>Figura 30.</b> As escritoras Clarice Lispector e Carolina de Jesus durante o lançamento do livro de Lispector. (Foto: Acervo de divulgação/ Editora Rocco).....	158
<b>Figura 31.</b> Reportagem “Carolina, vítima ou louca?” 01/12/1976. Folha de São Paulo. ....	160
<b>Figura 32.</b> Registro de óbito de Stella do Patrocínio. Fonte: Family Search. Óbitos (Sucursal Jacarepaguá) vol. 160 (pag. 100) - 166 e 2/1 - 2/10 (pág. 70) (Jul.) 1992 - (Jul.) 1993.....	178
<b>Figura 33.</b> Stella do Patrocínio, s/d, Rio de Janeiro. Fonte: acervo pessoal de seu sobrinho.....	181
<b>Figura 34.</b> Certidão de nascimento de Germiniano do Patrocínio, irmão de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: N4.FMA.LTN.109/f.044. ....	184
<b>Figura 35.</b> Certidão de nascimento de Olívia do Patrocínio, irmã de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: N4.FMA.LTN.137/f.089. ....	185
<b>Figura 36.</b> Certidão de nascimento de Carlos Chagas do Patrocínio, irmão de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: N3.IRJ.LTN.099/f.029. ....	186
<b>Figura 37.</b> Certidão de nascimento de Antonio do Patrocínio, irmão de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: 65.FSC.LTN.096/f.173. ....	187
<b>Figura 38.</b> Registro de óbito de Antônio do Patrocínio, irmão de Stella, aos sete meses de idade. Fonte: Family Search.....	189
<b>Figura 39.</b> Certidão de óbito de Guilhermina Francisca Xavier, avó materna de Stella, aos 03/10/1948. Fonte: base de dados do Family Search: Óbitos vol. F20-F30 (pag. 200) 1947 - (Nov.) 1950. ....	193
<b>Figura 40.</b> Stella do Patrocínio e Zilda Francisca do Patrocínio, s/d. Colônia Juliano Moreira. Fonte: acervo pessoal de seu sobrinho.....	195
<b>Figura 41.</b> Stella do Patrocínio, s/d. Colônia Juliano Moreira. Fonte: acervo pessoal de seu sobrinho. .....	196

## LISTA DE SIGLAS

**APA:** American Psychiatric Association  
**ABP:** Associação Brasileira de Psiquiatria  
**CAPS:** Centro de Atenção Psicossocial  
**CID:** Código Internacional de Doenças  
**CJM:** Colônia Juliano Moreira  
**CNRC:** Centro Nacional de Referência Cultural  
**CPPII:** Centro Psiquiátrico Pedro II  
**CRAS:** Centro de Referência de Assistência Social  
**CRIS:** Centro de Integração Social  
**DINSAN:** Divisão Nacional de Saúde Mental  
**DSM:** Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders  
**FUNABEM:** Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor  
**IMSJM:** Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira  
**INEPAC:** Instituto Estadual de Patrimônio Cultural  
**MS:** Ministério da Saúde  
**MTSM:** Movimento de trabalhadores em Saúde Mental  
**NTB:** Núcleo Teixeira Brandão  
**OMS:** Organização Mundial de Saúde  
**SAME:** Seção de Arquivo Médico e Estatístico  
**SIAN:** Sistema de Informações do Arquivo Nacional  
**SUS:** Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>PARTE I.....</b>	<b>30</b>
<b>1. “NINGUÉM QUER SER COADJUVANTE DE NINGUÉM”: LUTA ANTIMANICOMIAL E REFORMAS DA COLÔNIA.....</b>	<b>31</b>
1.1. Colônia Juliano Moreira: o “fim de linha” dos pacientes “irrecuperáveis” torna-se palco da reforma psiquiátrica brasileira-----	36
1.2. Os “Grupos de Escuta”, canais de comunicação criados para horizontalizar as relações entre pacientes e funcionários-----	50
1.3. Os “Grupos de Trabalho” e os “Sensos”, questionários sociais e clínicos visando a ressocialização de pacientes-----	55
1.4. Contribuições de Stella do Patrocínio e usuários de saúde para discussões sobre raça, gênero e classe na luta antimanicomial brasileira-----	71
<b>2. “QUEM VENCE O BELO É O BELO”: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA LOUCURA NAS CONCEPÇÕES ARTÍSTICAS.....</b>	<b>81</b>
2.1. Arte produzida na Colônia Juliano Moreira-----	81
2.2. O falatório, o Projeto de Livre Criação Artística e uma nova forma de mediação-----	95
2.3. Mônica Ribeiro de Souza, a busca por informações sobre Do Patrocínio e a produção de <i>VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...</i> (1991)-----	113
<b>PARTE II.....</b>	<b>124</b>
<b>3. “PODE PARAR COM ESSA IDEIA DE REPRESENTAÇÃO”: VIVIANE MOSÉ E A PUBLICAÇÃO DE <i>REINO DOS BICHOS E DOS ANIMAIS É O MEU NOME</i> (2001).....</b>	<b>124</b>
3.1. Aproximações entre as instituições manicomial e literária-----	125
3.2. Alguma dissonância entre <i>Reino dos bichos e dos animais é o meu nome</i> e a luta antimanicomial brasileira-----	139
3.3. Breves aproximações entre Do Patrocínio e De Jesus / Mosé e Dantas-----	151
<b>4. “QUEM VENCE O NORMAL É OUTRO NORMAL”: FORTUNA CRÍTICA DE STELLA DO PATROCÍNIO .....</b>	<b>162</b>
4.1. Recepções acadêmicas-----	165
<b>5. “O AVESSO DO MESMO LUGAR”: NOVOS DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE STELLA DO PATROCÍNIO .....</b>	<b>177</b>
5.1. Resultados de campo-----	179
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO.....</b>	<b>197</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>201</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>211</b>
ANEXO 1. TEIXEIRA, Julius Martins. “Museu Nise da Silveira”. Colina Opinião, Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 nov. 1997.-----	211
ANEXO 2. Capa e Introdução do Relatório de Conclusão de Estágio de Mônica Ribeiro de Souza para o levantamento biográfico das artistas do Museu do Paço Imperial-----	212
ANEXO 3. Primeiras páginas de <i>VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...</i> , de Mônica Ribeiro de Souza-----	215
ANEXO 4. “A veia poética da interna Stella do Patrocínio”. Matéria de jornal sem assinatura, sem data, recortada por Mônica Ribeiro de Souza. Rio de Janeiro, 1º de ago. de 1991.-----	220
ANEXO 5. Caderno de desenho de Stella do Patrocínio, entregue por Mônica Ribeiro de Souza em 20 de jan. de 1991.-----	221
ANEXO 6. Comparação entre <i>Reino dos bichos e dos animais é o meu nome</i> e os materiais de	

Guagliardi e Ribeiro de Souza.-----	240
ANEXO 7. Parecer consubstanciado (Aprovação) do Comitê de ética em pesquisa – Secretaria Municipal de Saúde (SMS – Rio de Janeiro)-----	349
Anexo 8. Parecer consubstanciado (Aprovação) do Comitê de ética em pesquisa – Ciências Humanas e Sociais – UNICAMP-----	356

## INTRODUÇÃO

Di Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo têm o mesmo valor  
que a benzedeira do bairro.

– Criolo<sup>4</sup>

Esta dissertação de mestrado debruça-se sobre vida e obra de Stella do Patrocínio, mulher negra que teve a vida atravessada inteiramente por internações manicomiais, de tal modo que chegou a declarar estar cumprindo prisão perpétua em um presídio de mulheres. Hoje, ela é considerada poeta, mas até que sua publicação póstuma fosse lançada pelo mercado editorial, uma série de acontecimentos mediou sua existência e construiu narrativas a seu respeito. É sobre essas trajetórias e narrativas que este trabalho discorre, colocando como foco os movimentos institucionais que marcaram sua existência, e constituindo-os como objeto de estudo para explicar de que modo a construção da personagem Stella se consolidou na criação da figura de uma poeta. Assim, o trabalho não trata *sobre* Stella no sentido de tentar definir uma identidade, mas *por que* foi inserida na instituição literária, *como* isso se deu e *quais* os efeitos dessa publicação.

Como este trabalho reflete trajetórias, opto, então, por iniciar esta introdução contando de que forma o meu percurso como pesquisadora de Stella do Patrocínio se consolidou, e por quais motivos e critérios fui formulando uma metodologia específica para lidar com a história de alguém cuja vida foi atravessada por internações manicomiais e construções narrativas. Meu primeiro contato com a poeta foi propiciado por um amigo, também colega de curso, que atuava em um Projeto de divulgação literária pela internet. Estávamos fazendo graduação em Letras na UNESP – campus Araraquara/SP, quando o Thiago Cestari publicou um trecho do falatório de Stella do Patrocínio:



**Figura 1.** Excerto de Stella do Patrocínio, publicado pelo Projeto Amálgamas. Setembro de 2013.

<sup>4</sup> CRIOLO, “Sucrilhos”. In: “Nó na Orelha”. São Paulo: Oloko Records, 2011.

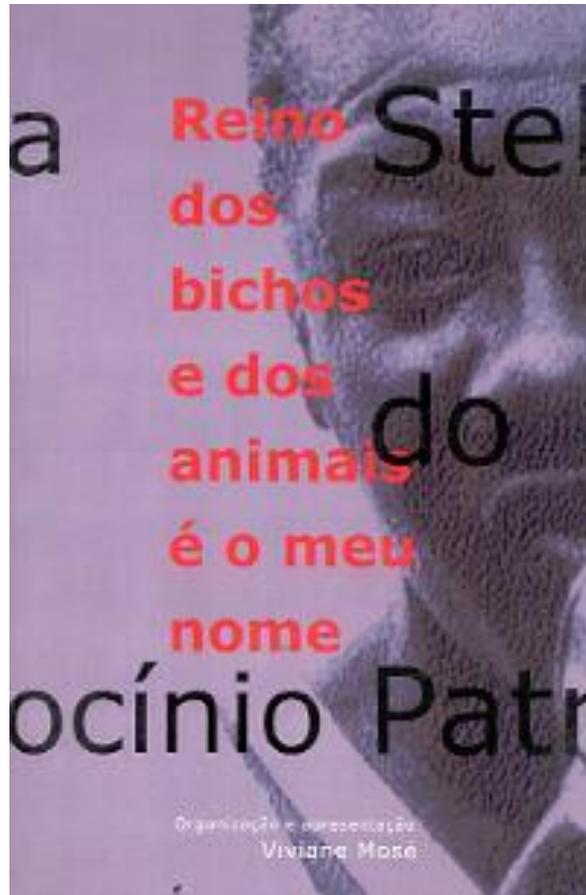
Logo que me deparei com essa publicação, procurei por “Stela”<sup>5</sup> do Patrocínio nos dispositivos de pesquisa da internet. Vi seu rosto e o rosto de mais algumas mulheres associadas a ela por diferentes motivos. Por exemplo: Georgette Fadel, atriz branca, e Estamira, que morou em um aterro sanitário por mais de duas décadas no Rio de Janeiro, ganhando destaque devido ao lançamento de um filme sobre sua vida. Claro que achei aquilo sem pé nem cabeça. Eram associações que não faziam sentido, e então encontrei um link para adquirir o PDF do livro que reunia aqueles versos, intitulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Naquele momento descobri que Stella do Patrocínio não era a autora da obra, mas do seu conteúdo. O livro havia sido transcrito, selecionado e organizado por Viviane Mosé, constituindo um lançamento póstumo. Ele está esgotado em todas as livrarias. É possível, contudo, encontrá-lo à venda na Estante Virtual<sup>6</sup>, por R\$ 230,00.

Ao abrir o documento em PDF, meu primeiro arroubo foi responder à pergunta “quem é essa autora?”. Minha curiosidade não era teórica, naquele momento, mas partia exclusivamente de minha bisbilhotice como leitora de textos literários, principalmente de poesia. No entanto, quando li a apresentação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, escrita por Viviane Mosé, percebi que as informações sobre Stella do Patrocínio eram bastante lacunares e, por vezes, até controversas. A própria Viviane Mosé chega a declarar que quase nada se sabe a seu respeito. No livro, uma única fotografia expunha metade de seu rosto, logo na capa, empunhando uma lata de alumínio para que a fala ecoasse. O seu nome também vem pela metade:

---

<sup>5</sup> O nome de Stella do Patrocínio é grafado, majoritariamente, com apenas um “l”, mas durante minha pesquisa de campo, cuja trajetória narro ao longo deste trabalho, confirmei a grafia do seu nome, com dois “l”, através da consulta de seu R.G, no Detran/RJ.

<sup>6</sup> Rede de sebos do Brasil para venda online de usados através do site, [estantevirtual.com.br](http://estantevirtual.com.br).



**Figura 2.** Capa de Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001).

“Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, em vermelho, ocupa o espaço central da capa. Bichos e animais, um título. A foto é de uma mulher negra. Uma série de questionamentos ocuparam e buscaram preencher aqueles espaços e lacunas de informação, à medida que eu lia a obra e, sincronicamente, procurava outras fontes de informação a respeito da autora.

A data de nascimento, aquela de morte e sua filiação constituíam os únicos dados informados sobre sua vida, de fato. Os outros elementos relativos à sua identidade, que incluíam a compreensão de Stella como poeta, estavam diretamente associados à sua condição de internação – desde seus 21 anos, em 1962, até sua morte, em 1992 – ou eram formulados a partir de aspectos de diferenciação – sobre seu corpo ou sobre seu discurso. Ambos estetizados. Por exemplo: ao mesmo tempo que Mosé informa o leitor de Stella que ela já não tinha “nenhum dente na boca” aos 45 anos, a filósofa também diz que a autora se portava como uma rainha, pintando suas mãos e seu rosto de branco e se enrolando em um cobertor, como se o fizesse de manto. O “porte de rainha”, tornando-a figura notável, junto às declarações de Mosé sobre o destaque do seu falatório, em comparação à fala dos outros pacientes manicomiais, acabam por funcionar conjuntamente para a apresentação de uma

interna que, no momento da publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, foi nomeada poeta.

Desse modo, percebi que a construção da figura de Stella do Patrocínio, como poeta, alinhava-se à ideia de que ela era um sujeito psiquiatrizado, uma paciente manicomial, com diagnóstico de “esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Sem contar que a nomeação de Stella do Patrocínio como poeta foi realizada depois de sua morte, aos 51 anos, no hospital psiquiátrico de Jacarepaguá/RJ.

Eu estava diante de um livro que nasceu sem a agência de sua autora. Mas não somente: o conteúdo do livro foi transcrito de gravações, em áudio, das enunciações de Do Patrocínio, por iniciativa de estagiárias que atuaram no hospício. Não era Stella quem empunhava o gravador, como o faz com a lata de alumínio expressa na capa, mas suas interlocutoras, das quais tratarei neste trabalho. As gravações têm caráter de conversa, entre Stella e essas mulheres, nos anos 1980 e início de 1990. Na ocasião, Do Patrocínio estava institucionalizada há mais de 25 anos. Ou seja, aquele texto tinha partido, na realidade, de uma outra materialidade, a oralidade, e a dinâmica das conversas, a fluidez dos temas – ou a ausência de fluidez – não são captadas pelo texto escrito e pela organização de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

Stella do Patrocínio não se sentava em uma cadeira diante de alguma mesa, com papel e caneta ou máquina de datilografar, com a finalidade de produzir poesia ou qualquer outro gênero literário. Stella nem mesmo gozava de liberdade para transitar pelas ruas e praias do Rio de Janeiro, não saía com amigos, não tinha uma rotina – ainda que cansativa – de trabalho, não frequentava saraus literários ou eventos sobre arte. Stella não teve uma biblioteca em casa. Stella viveu 30 anos sem ter casa. Nem convívio com a família. O que foi destinado involuntariamente a Stella foi o aprisionamento manicomial, o diagnóstico de “esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”, os psicotrópicos, por algumas décadas também os eletrochoques, os quartos cheios de outras mulheres psiquiatrizadas, a maioria negra, como ela, e também pobre, vivendo há décadas em confinamento e sem privacidade ou sequer direito a visitas íntimas. Morreu como indigente e sem direito a túmulo ou gaveta no cemitério para o qual seu corpo foi destinado, em Inhaúma. Não há restos mortais. Se “todo camburão tem um pouco de navio negreiro<sup>7</sup>”, é certo que todo manicômio tem um pouco de cativo.

Diante de tanta diferença material entre Stella e o que habitualmente visualizamos nas

---

<sup>7</sup> O RAPPA. “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. In: “Navio negreiro”, Warner Music Brazil Ltda., 1994. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kVmOD1CtPM>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

vidas e rotinas de escritores, como, então, foram pensadas as disposições em versos? As introduções temáticas eram ou não realizadas autonomamente pela poeta? Poderia ser o caso de serem mediadas pelas interlocutoras? Alguma resposta há no livro, no capítulo intitulado “Stela por Stela”, que encerra a obra. Ali, notei outro fato um tanto incomum quando pensamos em autoria de poesia ou de textos de outros gêneros, sejam eles literários, críticos, teóricos ou afins. Sim, eram esquemas de conversa, mas que em muito me fez recordar de entrevistas jornalísticas. Não se tratou exatamente de Stella se autorreferenciar ou ter autonomia discursiva. Deixo um exemplo sequencial retirado diretamente do livro e respeitando sua formatação:

**Você passa muito mal aqui?**

Passo mal porque eu tomo constantemente  
injeções

Injeções para homem e o líquido desce

**Quem é que te dá essas injeções?**

O invisível polícia secreta o sem cor

**E pra que servem essas injeções?**

Pra forçar a ser doente mental

**No dia que você parar essas injeções você fica curada?**

Fico completamente curada se eu não tomar  
remédio

Não tomar injeção não tomar eletrochoque

Eu não fico carregada de veneno

Envenenada

**Você toma eletrochoque?**

Eu tomei no pronto socorro do Rio de Janeiro e continuo tomando aqui

**E quem dá eletrochoque aqui?**

Os que trabalham com a falange falanginha  
falangeta

Os que trabalham com a voz ativa média e  
reflexiva

Refletindo bem no que está falando

**O que você estudou, Stela?**

Estudei em livro

Linguagens

Comment allez vous?

Como você está? thank you very much

O tanque da vera tá cheio de mate

Ça va bien, a Sra. vai bem?

(MOSÉ, 2001, pp. 149-150).

Viviane Mosé optou por transcrever as perguntas endereçadas a Do Patrocínio com grifo, ao passo que as respostas de Stella não estão realçadas. O capítulo “Stela por Stela” é o único que mostra as intermediações de sua interlocutora, estabelecendo uma sequência de questionamentos sobre a vida daquela que, dentro do manicômio, era paciente, não funcionária. Uma hierarquia estruturalmente estabelecida regia as temáticas e o andamento das conversas, ainda que não

intencionalmente<sup>8</sup>. A troca abrupta de tema também. “O que você estudou, Stela?” é um exemplo da cisão temática expressa na citação. A interlocutora de Stella do Patrocínio nas gravações de áudio era Carla Guagliardi, quem teve a ideia de carregar um gravador consigo porque viu, naquela enunciação, um valor, uma beleza incomum. E acabou que Guagliardi não apenas aparece como interlocutora de Stella, como também, muitas vezes, nos leva a pensar em uma produção realizada em coautoria.

Entretanto, os prontuários médicos, o livro, a fortuna crítica e inclusive os dados fornecidos por Stella do Patrocínio durante as primeiras conversas gravadas quase nada refletem a respeito dessa vida pessoal anterior à internação, ou mesmo aquela contemporânea das gravações, no sentido da tessitura de uma biografia. Quem demonstrou tentar encontrar parentes vivos de Stella e levantar dados biográficos foi outra estagiária, em 1991, mas de psicologia. Mônica Ribeiro de Souza também foi figura importante para a consolidação do livro de poemas, pois foi a primeira pessoa a transcrever o falatório de Stella em formato versificado, e a primeira pessoa que buscou preencher as lacunas da biografia da interna, tentando localizar seus parentes vivos, sem sucesso.

Ademais, a maioria dos trabalhos a seu respeito utiliza um recurso que parece pretender suprir a carência dos dados: a introdução de elementos secundários, como o fato de Stella do Patrocínio gostar de óculos escuros, coca-cola, maço de cigarros, leite condensado, caixas de fósforos ou ainda o de ter tido a perna amputada, pouco antes de morrer, devido à hiperglicemia grave. Mas *quem*, afinal, foi Stella do Patrocínio?

De fato, só em 2016 – ocasião em que deveria fazer pesquisa acadêmica para obter o título de bacharel em Letras na UNESP – comecei a pesquisar Stella do Patrocínio e sua obra póstuma, intitulada *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001). Ao conversar com o Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos, à época o professor que escolhi para me orientar na monografia, meu primeiro intuito era comparar Stella do Patrocínio com outra paciente manicomial que se inseriu no nosso mercado editorial como escritora brasileira. Era Maura Lopes Cançado, natural de Minas Gerais, formada em jornalismo, branca, de família abastada economicamente, descendente de senhores de escravizados. Maura e Stella podem ter algo em comum se pensarmos que ambas estavam em situação de internação manicomial nos anos 1960 no Rio de Janeiro e que são recebidas pela crítica como escritoras brasileiras. Entretanto, entre elas há tantas diferenças que não seria possível pontuar no espaço desta introdução: são distanciadas racialmente, pela classe, pelo tipo de internação que tiveram – Maura internou-se voluntariamente,

---

<sup>8</sup> Aliás, este trabalho não reflete intencionalidades, mas efeitos. Muitas personagens envolvidas nessa trama que produziu Stella do Patrocínio como a conhecemos nutriram carinho em seus contatos com a autora e ainda recordam-se dela com admiração.

chegando a escrever em *Hospício é Deus*<sup>9</sup>: “Ninguém entendeu esta internação a não ser eu mesma: necessitava desesperadamente de amor e proteção... o sanatório parecia-me romântico e belo. Havia um certo mistério que me atraía.” (CANÇADO, 1991, p. 47). Distantes, ainda, do que herdaram de um passado escravocrata e do modo como enxergam o manicômio. Cito um trecho do falatório que revela a óptica de Stella do Patrocínio sobre a internação e o hospício:

Eu estava com saúde  
 Adoeci  
 Eu não ia adoecer sozinha não  
 Mas eu estava com saúde  
 Estava com muita saúde  
 Me adoeceram  
 Me internaram no hospital  
 E me deixaram internada  
 E agora eu vivo no hospital como doente  
 O hospital parece uma casa  
 O hospital é um hospital  
 (MOSE, 2001, p. 51).

Ao ler a fortuna crítica de Stella do Patrocínio, percebi que havia estudos comparativos entre ela e Cançado. Porém, devido ao curto tempo em que deveria concluir a escrita, vi-me diante de um impasse e decidi afunilar meu tema de pesquisa, centrando a monografia no estudo do *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Sem ainda fazer nenhuma pesquisa de campo ou me aprofundar nas questões que já haviam surgido, sobre as quais me referi ainda há pouco, produzi um artigo como monografia, intitulado “Stela do Patrocínio: mulher, negra e louca<sup>10</sup>”. Porém, alguns meses depois de receber a avaliação da banca, e só nesse momento, percebi que as lacunas, as controvérsias e alguma essencialização perigosa nos atributos “mulher”, “negra” e “louca” estavam presentes no meu trabalho de conclusão de curso. Não apenas nele, mas em muitos artigos, dissertações e teses a respeito de Stella do Patrocínio e de sua obra. Se, por um lado, as categorias que formulavam sua identidade são, de fato, essas, por outro, elas não dão conta de responder à pergunta “quem?”.

Nesse contexto, comecei a pensar nos efeitos materiais daquelas narrativas e perspectivas epistemológicas. Obviamente, não sem ajuda de aparatos teóricos e de amigos e colegas de pesquisa e militância política – ainda que isso não apareça de maneira muito evidente ao longo deste trabalho, devo informá-lo nesta introdução. Pensar a experiência, os campos do visível e do invisível, as

<sup>9</sup> CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1991.

<sup>10</sup> Esse trabalho não foi enviado para publicação na biblioteca da UNESP, de modo que não se encontra disponível para consulta.

disputas discursivas e as diferentes perspectivas de debates sociais e políticos me foi imprescindível, não apenas para que eu lidasse com meu trabalho de outra maneira, mas para que eu pudesse, de fato, refletir a respeito dos processos pelos quais a autora passou até que recebesse essa denominação: “louca”. E então, sim, perceber como “negra”, “mulher”, e ainda “pobre” influenciaram a trajetória de Stella do Patrocínio em um contexto racista, sexista e classista. Isto desde a internação involuntária, aos 21 anos, até a sua inserção no mercado editorial como poeta brasileira e a constituição de sua recepção crítica. Essas categorias citadas também estão – como defendo nesta dissertação – diretamente associadas às narrativas que construíram a personagem da poeta Stella, e talvez tudo o que ela e essa personagem tenham, realmente, em comum, seja o fato de ambas serem mulheres, negras, pobres, com diagnóstico de esquizofrenia – desde os 21 anos até a morte, aos 51 anos, em 1992 – e de terem produzido o falatório.

Foi então no mestrado que decidi fazer uma pesquisa de campo, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela Birman, agora na UNICAMP, em 2017. Depois de cumprir as disciplinas obrigatórias, iniciei, em 2018, o percurso em busca de explicações daquelas perguntas, com a ajuda dos poucos elementos que o livro, *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, me forneciam como possibilidades de busca. Mosé escreveu, nos Agradecimentos, o nome de profissionais que conviveram com Stella do Patrocínio:

[...] a Carla Guagliardi, Neli Gutmacher e Mônica Ribeiro de Souza, que conheceram e reconheceram Stela, produzindo a interlocução que culminou neste livro. A Denise Correa, pessoa que, além de muitos outros trabalhos significativos na área de saúde mental, produziu estes encontros. A Pedro Silva, médico que acompanhou Stela até seus últimos momentos. A Julius Teixeira, psiquiatra do IMSJM, que brigou muito por este livro. Ao músico e artista plástico Cabelo, que me levou até Carla Guagliardi [...] E a Ricardo Aquino, diretor do Museu Bispo do Rosário, que levou este processo à sua conclusão. (MOSÉ, 2001, s/p).

As pessoas citadas nos Agradecimentos foram as interlocutoras que gravaram o falatório de Stella do Patrocínio (Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza), a psicóloga que dirigia o Núcleo Teixeira Brandão (Denise Correa), os médicos psiquiatras que trabalharam nesse Núcleo com Stella (Pedro Silva, Julius Teixeira). Eles poderiam me fornecer informações a respeito dela, do ambiente manicomial e dos parâmetros utilizados tanto em seu diagnóstico quanto no tratamento psiquiátrico. Outro caminho que percorri foi o do próprio discurso de Stella do Patrocínio, registrado inicialmente em áudio por Carla Guagliardi, de 1986 a 1988, quando era estagiária de artes no manicômio. Carla foi a primeira pessoa com quem estabeleci contato para a realização desta pesquisa, e logo nos primeiros encontros eu solicitei as suas gravações. Com a possibilidade de ouvir Stella do

Patrocínio em formato .mp3, junto às outras informações colhidas nas entrevistas com aqueles profissionais cujos nomes estavam nos Agradecimentos, pude encontrar, finalmente, um dos sobrinhos<sup>11</sup> de Stella do Patrocínio.

Ou seja, pensando naqueles problemas que eu mesma havia reificado na escrita da monografia, percebi que deveria alterar minhas perspectivas metodológicas, teórico-práticas e teóricas. Desse modo, não mais queria responder à pergunta “*quem*”, pois aquela ficou retida na curiosidade de uma leitora que havia acabado de descobrir um fragmento literário impactante. Depois dos resultados aqui obtidos, seria desonestidade, como pesquisadora, tentar responder à pergunta *quem* foi Stella, pois o que foi feito a seu respeito nos estudos literários foi, até agora,

[...] um exercício de história da memória; memória aqui entendida como fenômeno coletivo cuja consolidação e perpetuação não deriva automaticamente da existência e permanência de uma “comunidade afetiva”, mas da participação ativa de atores sociais que – através de estratégias, suportes e construções narrativas variadas – intervêm no processo de constituição e formalização das recordações. (SCHMIDT, 2009, p. 156)<sup>12</sup>.

Devido aos impasses ocasionados pelos mais de 20 anos desde sua morte e a absoluta fragilidade dos elementos que constituem as narrativas a seu respeito, tive de tentar entender a construção dessas narrativas. As perguntas que esforcei-me para responder, então, foram mais ou menos desdobramentos de “*como*” essa personagem de Stella do Patrocínio foi se constituindo. Nesse contexto, busquei entender: (1) o ambiente manicomial, os parâmetros de diagnósticos e de internação e o contexto sócio-político das gravações, que só puderam ocorrer devido a transformações institucionais impulsionadas pela Luta Antimanicomial, nos anos 1980; (2) os motivos pelos quais essa fala foi gravada; (3) como Viviane Mosé conheceu o falatório de Stella do Patrocínio e por que optou por publicá-lo como poesia; (4) quais foram os critérios éticos, estéticos, literários e políticos empregados pela fortuna crítica de Stella do Patrocínio para considerá-la ou não uma poeta.

Ao procurar responder a estas questões, levantei e examinei o seguinte material: (1) o prontuário médico-clínico de Stella do Patrocínio (prontuário n. 00694), disponível nos arquivos do atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde “Juliano Moreira”; (2) entrevistas com os profissionais de arte e de saúde que atuaram e/ou atuam no Núcleo Teixeira Brandão, onde Stella do Patrocínio passou 26 dos 51 anos de sua vida<sup>13</sup>; (3) a conversa com um dos sobrinhos da autora; (4)

<sup>11</sup> Mantenho sua identidade em sigilo por razões éticas.

<sup>12</sup> SCHMIDT, Benito Bisso; GOMES, Ângela (orgs.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

<sup>13</sup> Como dissemos, Do Patrocínio teve sua primeira internação aos 21 anos, em 1962, mas apenas em 1966 foi transferida

o falatório de Stella do Patrocínio, por meio da escuta do que consegui recuperar das gravações e das suas transcrições; (5) o livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*; (6) jornais da época que trataram da publicação da obra; (7) a recepção acadêmico-crítica sobre a autora.

Antes de apresentar os temas tratados em cada capítulo da dissertação, considero importante destacar um ponto crucial deste estudo: eu não apenas defendo, mas busco mostrar ao longo do trabalho, como o discurso de Stella do Patrocínio contrasta com aquele impresso nas folhas dos arquivos médicos, e como esse discurso clínico reaparece não apenas na apresentação e escolhas de edição do livro, mas nos argumentos e na construção da imagem da autora apresentados na fortuna crítica.

Desse modo, busco expor como o discurso de Stella do Patrocínio foi inserido na poesia brasileira sem uma leitura e uma escuta rigorosa da autora. Pois, se o subalterno não pode falar, como conclui Spivak<sup>14</sup>, não é por uma mudez, mas pela ausência de escuta. Não me proponho aqui, contudo, a recuperar o que seria a fala original de Stella, seu sentido verdadeiro, mas inverter o foco do meu estudo, dirigido sobretudo aos movimentos e discursos institucionais da literatura e do manicômio.

Faço com que o meu trabalho seja uma investigação que evidencia as narrativas construídas a respeito de Stella, dirigindo perguntas a esses discursos com base nas argumentações, reflexões e informações fornecidas por Stella em seu falatório sobre sua internação e sobre sua prática de enunciação, valendo-me dos materiais levantados, ou seja, aquilo que foi gravado e transcrito pelas estagiárias. Segundo Joan Scott<sup>15</sup>,

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressivos, mas não sua lógica ou seus funcionamentos internos; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída em relação mútua. Por isso precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. *Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamente o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz.* Esse tipo de historicização representa uma resposta aos muitos historiadores contemporâneos que argumentaram que uma “experiência” desproblematizada é fundamento de suas práticas; é uma historicização que implica exame crítico de todas as categorias explicativas tomadas normalmente como óbvias. (SCOTT, 1998, p. 304 [grifos meus]).

---

para a CJM. Sendo assim, a autora ficou 26 dos 30 anos de internação na CJM.

<sup>14</sup> SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Minas Gerais: editora UFMG, 2010.

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. *A invisibilidade da experiência*. Tradução: Lúcia Haddad; Revisão Técnica: Marina Maluf. Proj. História, São Paulo, (16), fev. 1998. Pp. 297-325.

Apesar de inverter o foco do estudo, tenho ciência de que eu também estou envolvida na trama que tece ou desfia narrativas a respeito de Stella do Patrocínio. Sei que me é impossível escapar de ser mais uma a contar a história de Stella, mesmo com os cuidados aqui expressos. Pois, vasculhar as produções discursivas sobre ela também é, grosso modo, averiguar como esse sujeito foi formulado, reiterando, propondo desconstruções ou reconstruções. Dessa forma, eu também me insiro no campo de disputas e batalhas narrativas, tal como o descreve Anne McClintok:

[...] um texto é um evento em disputa. Ler é uma prática dinâmica que se dá no tempo e assume a forma de uma relação entre o texto e as lealdades de classe, raça, gênero de diferentes leitores; suas diferentes histórias educacionais, culturais e pessoais; e suas diferentes expectativas e hábitos de pensamento. Textos literários são eventos históricos, que diferem de outros eventos na medida em que são organizados de acordo com critérios estéticos e outros. Cada texto é desse modo uma *situação em andamento*. (MCCLINTOCK, 2010, pp. 442-443).

Mas vamos à estrutura da dissertação. Organizei o trabalho da seguinte maneira: A “Parte I” reúne uma série de elementos relativos à internação de Stella e às condições que propiciaram a gravação do seu falatório, muito antes da publicação do livro organizado por Viviane Mosé. Ela é composta pelos capítulos 1 e 2.

No capítulo 1, “‘Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém’: luta antimanicomial e reformas da Colônia”, discorro sobre o ambiente manicomial e as principais medidas que propiciaram a gravação do falatório de Stella do Patrocínio, consolidadas pela Colônia Juliano Moreira em acordo com o Movimento Nacional de Luta Antimanicomial brasileira, em meados dos anos 1980. As três principais medidas foram: formação de Grupos de Escuta, de Grupos de Trabalho e o Senso. Nesse capítulo, indico ainda que a luta antimanicomial esteve, desde o começo, preocupada em alinhar-se a outros movimentos sociais, como os de raça, gênero e classe, preocupação expressa desde o primeiro documento escrito com a finalidade de fechar os manicômios, a Carta de Bauru. Essa aspiração – a de discutir a loucura e os parâmetros de diagnósticos e de internação considerando categorias como as de raça e classe – não teria obtido grande êxito nas aplicações regimentais e nas medidas da CJM das quais trato.

O capítulo 2 “‘Quem vence o belo é o belo’: reflexões sobre o lugar da loucura nas concepções artísticas” tem como principal objeto a arte produzida na Colônia Juliano Moreira. Nele utilizo fotografias registradas por mim durante as visitas não apenas ao Museu Bispo do Rosário, mas também ao Ateliê Gaia, montado para a produção artística de pacientes e ex-pacientes dentro do espaço da CJM. Nesse capítulo, apresento produções artísticas de autoria de “sujeitos

psiquiatrizados” para mostrar como o embate entre o discurso de Stella sobre si mesma e sua condição de internação e o discurso clínico não pertence à esfera pessoal, mas trata-se de um problema coletivo. O desalinhamento epistêmico entre instituição e institucionalizados é frequente e produz efeitos que merecem ser discutidos. É também nesse capítulo que passo a tratar mais diretamente do falatório, ao narrar e refletir sobre a gravação desses áudios e as suas condições de possibilidade. Inicialmente, o falatório foi gravado pela estagiária em artes plásticas Carla Guagliardi, entre 1986 e 1988, trabalho que foi retomado nos anos 1990 por outra estagiária, agora em psicologia: Mônica Ribeiro de Souza. Esta última foi a primeira pessoa a transcrever o falatório de Stella do Patrocínio e a transpô-lo em formato versificado, chegando a constituir um livro de poemas datilografado, material entregue à instituição psiquiátrica, como relatório final de estágio.

A “Parte II” trata da publicação do livro e da fortuna crítica de Stella do Patrocínio (Capítulos 3 e 4) e do levantamento de informações que realizei durante o trabalho de campo (Capítulo 5). Importante ressaltar que, se os primeiros capítulos abordam uma série de acontecimentos e discursos que se desenrolaram durante a vida de Stella, a segunda parte da dissertação reúne representações, narrativas e críticas posteriores à sua morte.

No capítulo 3, “‘Pode parar com essa ideia de representação’: Viviane Mosé e a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001)”, examino a edição e organização do livro de poesia, por Viviane Mosé e Azougue editorial em 2001. Nele, eu indago se a escassez de informações a respeito de Stella do Patrocínio foi um dos motivos pelos quais a filósofa recorreu aos prontuários médicos para explicar a vida da autora. Desse modo, reflito como a inserção de Stella do Patrocínio na instituição literária brasileira pode ter carregado problemas do próprio manicômio, inclusive aqueles de ausência de discussões identitárias<sup>16</sup>. Nesse sentido, discordo da afirmação da filósofa de que o discurso de Stella extrapolou os muros da instituição. Na realidade, esse discurso ainda está diretamente associado à psiquiatrização da personagem Stella do Patrocínio.

O capítulo 4, “Quem vence o normal é outro normal: fortuna crítica de Stella do Patrocínio” trata da recepção acadêmica da autora. Percebemos, nesse capítulo, que há a criação de diversos sujeitos Stella e que eles não dialogam com a maneira como a autora se representa. Por isso, argumentamos que a recepção crítica de Stella do Patrocínio acaba por negar o seu poder de autorrepresentação – ora porque a recepção crítica entende sua enunciação como mero delírio que

---

<sup>16</sup> Aqui, refiro-me novamente às demandas identitárias de movimentos de raça, gênero e classe, percebendo que a demarcação de identidade é, antes, uma estratégia política. Assim, valho-me do conceito de Michel Serres citado por Marcio Goldman, em *Segmentaridades e Movimentos Negros nas eleições de Ilhéus* (MANA 7(2):57-93, 2001), que pontua que “as ‘identidades’ são sempre o resultado do empobrecimento de um número infinito de “pertencimentos” (a uma família, a um gênero, a um país...) a que todos estamos submetidos”. (SERRES *apud* GOLDMAN, 2001, p. 57).

nada comunica, ora porque o falatório não é entendido, de fato, como uma fonte de informação sobre ela.

O último, capítulo 5, “O avesso do mesmo lugar”: novos dados e informações sobre Stella do Patrocínio” insere os resultados de parte do meu trabalho de campo, que também consistiu em levantar informações sobre Do Patrocínio. Assim, documentos, fotografias e informações fornecidas por um de seus sobrinhos compõem o capítulo, que visa expandir as informações sobre ela, principalmente sobre o período anterior à sua internação manicomial – o que, infelizmente, pouco pôde ser feito.

Todos os capítulos defendem a relevância de manicômios e instituições artísticas refletirem sobre as categorias de raça, gênero e classe para pensar a internação involuntária de Stella do Patrocínio e a produção do seu falatório nas conversas com as estagiárias da Colônia.

Estou tratando diretamente de um espaço de enclausuramento da *diferença*, não apenas no sentido de pensar a internação permanente e fechada de Stella mas, no limite, na instituição artístico-literária que, ao inseri-la no mercado editorial brasileiro sem dar visibilidade às reflexões realizadas pela própria autora do falatório, escamoteiam algo essencial: as pessoas institucionalizadas apresentam um discurso que pode ser entendido como um contraponto ou mesmo uma negação àquelas narrativas que descrevem o hospício como um espaço de “morte do ‘eu’” ou de “despersonalização” (conceitos discutidos por Erving Goffman)<sup>17</sup>. Na realidade, há um tipo majoritário que recebe diagnósticos psiquiátricos. Há um tipo majoritário que recebeu eletrochoques até os anos 1990 como prática de punição, controle e castigo. Há um tipo predominante que perdeu os registros de suas histórias e seus laços familiares. E tudo isso está diretamente associado aos processos históricos brasileiros.

Desse modo, eu volto o olhar não às pessoas institucionalizadas, mas às instituições manicomiais e literárias, em uma tentativa de perceber que os tais muros dos asilos seguem uma continuidade de outros muros e fendas sociais, políticas e estruturais e são também geradores de outros espaços que confinam.

Esses muros não são apenas um espaço que nos priva de conviver com a loucura e com toda a carga que ela carrega, mas – e principalmente – proíbe os pacientes que estão cercados por eles, e que são privados não somente de serem vistos, mas de enxergar:

O muro é muito bonito para quem passa do lado de fora. É bem feito, bem arrumado. Mas para quem está aqui dentro é horrível. O muro não devia ser assim, deveria ter

---

<sup>17</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

algumas aberturas. Este muro serve para fechar a nossa vista para o lado de fora. Nós nunca podemos ser considerados gente com um muro deste tapando nossa visão. (Octávio Ignácio, sem data. Inscrição exposta no Museu de Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro/RJ).

E não podemos perder de vista que esses muros ainda existem, tanto fisicamente, quanto simbolicamente. Seja na concepção do falatório de Stella do Patrocínio, do que foi e tem sido a reforma psiquiátrica, e inclusive de nossas maneiras de significações do falatório e de sua produção postumamente denominada poética. Por isso, é urgente que saibamos reconhecer que “Di Cavalcanti, Oiticica e Frida Kahlo têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro”. Estamos falando de patrimônios culturais, de produções e trabalhos que nos asseguram que, no limite, nossas histórias serão contadas por mais de um ponto de vista, e com variadas concepções estéticas, éticas, humanas – e inclusive outros parâmetros de valoração. Não apenas para que a nossa diversidade cultural seja, de fato, assegurada – mas, como veremos a partir de agora, porque alguns discursos e produções artísticas desafiam nossa noção sobre o que é uma obra de arte e inclusive sobre nossas percepções éticas, sociais, políticas, epistêmicas e estéticas.

Afinal, só poderemos afirmar nossa diversidade cultural quando, de fato, estivermos atentos e empenhados em não reproduzir ou mesmo alterar padrões de exclusão, marginalização e silenciamento de nossos artistas e intelectuais.

## PARTE I

A woman from the audience asks: “Why are there so few women on this panel? Why are there so few women in this whole week's program? Why were there so few women among the Beat writers?” and [Gregory] Corso, suddenly utterly serious, leans forward and says: "There were women, they were there, I knew them, their families put them in institutions, they were given electric shock. In the '50s if you were male you could be a rebel, but if you were female your families had you locked up. There were cases, I knew them, someday someone will write about them".  
– from Stephen Scobie's account of the Naropa Institute tribute to Ginsberg, July 1994.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Uma mulher da plateia pergunta: 'Por que há tão poucas mulheres nesse painel? Por que há tão poucas mulheres em todo o programa desta semana? Por que havia tão poucas mulheres entre os escritores beat? e [Gregory] Corso, repentinamente sério, se inclina para frente e diz: 'Havia mulheres, elas estavam lá, eu as conhecia, suas famílias as colocavam em instituições, elas recebiam eletrochoque. Nos anos 1950, se você fosse homem, poderia ser um rebelde, mas se você fosse mulher, suas famílias a teriam aprisionado. Houve casos, eu os conheci, algum dia alguém escreverá sobre eles' - do relato de Stephen Scobie sobre a homenagem do Instituto Naropa a Ginsberg, julho de 1994. [Tradução minha].

## 1. “NINGUÉM QUER SER COADJUVANTE DE NINGUÉM”<sup>19</sup>: LUTA ANTIMANICOMIAL E REFORMAS DA COLÔNIA

O conhecimento do outro me marca.  
– Veena Das<sup>20</sup>

Stella do Patrocínio nasceu no Rio de Janeiro em 09 de janeiro de 1941. Filha de Zilda Francisca do Patrocínio e Manoel do Patrocínio, era irmã caçula de Germiniano, Olívia, Carlos Chagas e Antônio, e irmã mais velha de Ruth do Patrocínio. Seus avós maternos eram Emiliano Francisco Xavier e Guilhermina Francisca Xavier. Os paternos, José do Patrocínio e Sebastiana Maria de Jesus, já eram falecidos na ocasião de seu nascimento<sup>21</sup>. Foi também no Rio de Janeiro que ela cresceu e trabalhou. De acordo com os arquivos médicos do IMAS Juliano Moreira<sup>22</sup>, seu último emprego foi como doméstica em uma casa localizada na Urca e, aos 21 anos, quando residia no apartamento dos fundos de um prédio de três andares em Botafogo, foi internada involuntariamente no Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII) pela polícia civil, enquanto caminhava na Rua Voluntários da Pátria. Segundo ela, o local era bem próximo à Praia de Botafogo: “Eu vim parar aqui porque me trouxeram do Pronto Socorro do Rio de Janeiro, praia de Botafogo pra cá, enviada agarrada de repente andando na rua” (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

Esse Centro Psiquiátrico está localizado no Engenho de Dentro, na zona norte do Rio de Janeiro. Inaugurado em 1911 para superar o problema de superlotação do Hospício Nacional de Alienados (HNA) da Praia Vermelha/RJ, “abrigou a primeira colônia agrícola destinada às alienadas remetidas do antigo HNA. Durante as primeiras décadas, funcionou então como parte da rede de Assistência aos Alienados, que tinha o hospício da Praia Vermelha como instituição central”<sup>23</sup>. Entretanto, o HNA – conhecido como Hospício D. Pedro II –, foi desativado na década de 1940, e o

<sup>19</sup> Racionais MC’s, “Da ponte pra cá”, faixa presente no álbum intitulado “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

<sup>20</sup> DAS, Veena. *Life and words: violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2006.

<sup>21</sup> Essas informações foram confirmadas ao longo deste trabalho, e serão apresentadas de modo mais pormenorizado no Capítulo 5, “O avesso do mesmo lugar”: novos dados e informações sobre Stella do Patrocínio.

<sup>22</sup> Instituto Municipal de Assistência à Saúde (IMAS) Juliano Moreira. Jacarepaguá/RJ. Prontuário número 00694.

<sup>23</sup> GOVERNO FEDERAL. “Base de dados História e Loucura”. Disponível em: <<http://historiaeloucura.gov.br/index.php/instituto-municipal-de-assistencia-saude-nise-da-silveira>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Centro Psiquiátrico Pedro II recebeu os seus pacientes (homens e mulheres), funcionários e acervos, tornando-se o principal centro psiquiátrico da cidade do Rio de Janeiro.

Foi no Engenho de Dentro que Do Patrocínio recebeu seu primeiro diagnóstico, tornando-se, de modo involuntário, um “sujeito psiquiatrizado<sup>24</sup>”, ou “doente mental”, classificação que a acompanha ainda hoje, 27 anos após a sua morte.

O diagnóstico foi assinado pelo Dr. O. Falleiros, 16 dias após a sua internação. De acordo com a ficha de admissão do CPPII, ela teria, pois, “esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Esta ficha constitui a única fonte documental localizada que prova que Do Patrocínio foi institucionalizada<sup>25</sup> nesse período. O documento indica ainda que o “internante” foi o 4º Distrito Policial, que a encaminhou a um pronto socorro psiquiátrico para, em seguida, ser transferida para a internação de longa permanência no CPPII:

---

<sup>24</sup> Tomo esse termo emprestado do médico psiquiatra Paulo Amarante, ativista da luta antimanicomial no Rio de Janeiro. AMARANTE, Paulo (org.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1995.

<sup>25</sup> Ao acessar os arquivos médicos de Stella do Patrocínio, reunidos no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (Jacarepaguá/RJ), percebi que, em uma das fichas de enfermagem, há uma anotação a punho que registra que alguns arquivos foram extraviados. A anotação em questão não chega a comunicar quais documentações são essas, mas a única fonte de registro do CPPII, anexada aos arquivos médicos do IMAS Juliano Moreira, é, de fato, essa ficha. Os outros documentos já são referentes à segunda internação, na Colônia de Jacarepaguá.

**SERVIÇO NACIONAL DE DOENÇAS MENTAIS**  
CENTRO PSIQUIÁTRICO NACIONAL  
HOSPITAL PEDRO II

A/F.

SEÇÃO WALDEMAR SCHILLER Matrícula n.º 26.028

Nome Stela de Patrocínio

Nacionalidade brasileira Naturalidade Guanabara

Côr preta Sexo feminino

Idade 21 anos Estado civil solteira

Profissão doméstica

Residência Rua Maria Eugênia, 50 aptº 401 - Botafogo

Procedência 4º Distrito Policial

Internamento Pronto Socorro Psiquiátrico

Entrada 15/8/52

Diagnóstico Paranóia - Síndr. psicofrênica com  
ênfase para subesquema P.F.  
(conclusão pelo psiquiatra)

Em 31 de agosto de 1952

O médico D. Schiller



---

MATICULE-SE

O Diretor [assinatura]

Matriculado a f.º 1092 do livro Vol. 26028

Em 15 de agosto de 1952

---

Faleceu em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19\_\_\_\_ Causa mortis \_\_\_\_\_

O médico \_\_\_\_\_

VISTO

O Diretor \_\_\_\_\_

Depos. de Expediente [assinatura]

IMPRESSO - PAPELETA PARA MATRÍCULA - ZMS - 537

Figura 3. Ficha de internação do Centro Psiquiátrico Nacional – Hospital Pedro II. (Fonte: ZARA, 2014).



**Figura 4.** Stella do Patrocínio aos 21 anos. Ampliação da foto na Ficha de internação do Centro Psiquiátrico Nacional – Hospital Pedro II, presente no trabalho de ZARA, 2014. (Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Stella do Patrocínio esteve nessa instituição até a data de sua transferência, em 3 de março de 1966, para a então Colônia Juliano Moreira (CJM), mais especificamente no Núcleo (feminino) Teixeira Brandão (NTB).

Hoje, ela e seu falatório são estudados em diversas áreas acadêmicas: psicologia, história,

artes plásticas e literatura. Isso porque, após a sua morte, a filósofa Viviane Mosé publicou um livro de poesias intitulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), baseado em áudios deixados por Do Patrocínio. Ela era gravada em conversas com duas estagiárias do Núcleo Teixeira Brandão, em dois momentos distintos: Carla Guagliardi, estagiária de artes plásticas no período entre 1986 e 1988 – contratada para participar de um projeto de criação artística do qual tratarei adiante; e Mônica Ribeiro de Souza, de 1990 a 1991, estagiária voluntária de psicologia.

Segundo expusemos na introdução, discutiremos, neste capítulo, as práticas e ações que propiciaram essas gravações. Buscaremos, pois, analisar as transformações institucionais que possibilitaram a chegada dessas estagiárias na Colônia, transformações estas que devem ser entendidas como associadas diretamente à reforma psiquiátrica brasileira.

Entendemos, nesse contexto, que antes de examinarmos o percurso de Stella e do seu falatório, é preciso apresentar as suas diferentes etapas, que incluem até mesmo a sua descrição como poeta pela estagiária Carla Guagliardi, antes mesmo que existisse o projeto de publicação das suas gravações. Esta atribuição, no entanto, não foi uma iniciativa de Stella:

[...] Fala uma poesia pra gente  
*Também não. Não tenho mais lembrança de poesia mais nenhuma*  
 Faz uma poesia pra mim  
*Eu não tenho mais lembrança de poesia*  
 Mas tudo o que você fala é poesia, Stella  
*É só história que eu tô contando, anedota* (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).<sup>26</sup>

Começaremos a apresentação dessas etapas com a discussão da instituição asilar que recebeu Stella do Patrocínio para a sua internação permanente, a Colônia Juliano Moreira, que foi palco de mudanças estruturais e administrativas, provenientes do Movimento de Luta Antimanicomial brasileira nos anos 1980. No próximo tópico, discutiremos brevemente a consolidação da Colônia como um manicômio que abrigava internos considerados “irrecuperáveis” e quais foram as demandas da Luta Antimanicomial que propiciaram a abertura da CJM para receber as profissionais que, por iniciativa pessoal, gravaram o falatório de uma paciente, Stella do Patrocínio.

---

<sup>26</sup> Optei por diferenciar as falas de Stella e de suas interlocutoras ao longo de todo o trabalho: as falas transcritas em itálico são enunciações de Stella do Patrocínio. Todas as transcrições diretas dos áudios são exclusivamente de conversas entre Carla Guagliardi e a autora. No caso do material produzido por Mônica Ribeiro de Souza, essa diferenciação não é necessária, uma vez que as gravações foram perdidas e Mônica Ribeiro de Souza não dispõe de transcrições de suas enunciações, apenas das respostas de Stella do Patrocínio em formato versificado, de modo muito semelhante ao livro de Viviane Mosé.

### 1.1. Colônia Juliano Moreira: o “fim de linha” dos pacientes “irrecuperáveis” torna-se palco da reforma psiquiátrica brasileira

Stella do Patrocínio chegou na Colônia Juliano Moreira (CJM) em 3 de março de 1966, após transferência do Hospital Pedro II.

Dr. Italo COLÔNIA JULIANO MOREIRA

NÚCLEO: TEIXEIRA BRANDÃO - n° 4340

00694 MATRÍCULA DO DOENTE

Nome: STELA DO PATROCÍNIO

Filiação: *Faleceu B/M/A/R* 20/10/92

Idade: 21 Anos Cor: Preta Classe:

Nacionalidade: Bras. - GB. Naturali:

Estado civil: *Solt.* Profissão: *Dom.*

Entrada no Hospital: 15/8/62 Entrada na Colônia: 3-3-66

Internante: Of. n° 70 de H.O. Galletti *ciente*

Residência da família do responsável: *Rua Maria Eugenia*

*50 apt° 401 - Botafogo*

Pavilhão: *2a seção* Diagnóstico: *P.P.c/Esq. Hebaf. S A*

NOTAS: *(evoluindo sob R.psic.)*

*Deu la ent. transf. de H. O. Galletti em: 3-3-66.*

*Transf. p/o C.P.P.II. em: 04/01/80. Regr. em: 23/01/80.*

FICHA PARA LOCALIZAÇÃO DE DOENTES (MULHERES) D. M. S.

Figura 5. Ficha de internação de Stella do Patrocínio na Colônia Juliano Moreira. (Fonte: ZARA, 2014).

Desde a data da primeira internação de Stella até as primeiras mudanças institucionais impulsionadas pela reforma psiquiátrica nos anos 1980, o cenário da Colônia era de superlotação. Trata-se de um manicômio que funcionou prioritariamente como um canalizador de internações de longa permanência – ou de permanência fixa, pois muitos chegaram a morrer ali, depois de décadas institucionalizados. A CJM ficou, assim, conhecida como “o fim de linha” da saúde mental, pois os casos entendidos como “irrecuperáveis” eram transferidos para lá.

Ela está localizada no bairro da Taquara, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Foi inaugurada em 1924 para abrigar pacientes transferidos das Colônias da Ilha do Governador – respectivamente Conde de Mesquita e São Bento. Na ocasião, chamava-se Colônia para Psychopatas-

Homens. A área em que foi construída pertenceu a antigos engenhos de açúcar e aguardente: o Engenho D'água, responsável pela construção do aqueduto<sup>27</sup> concluído em 1839, e as fazendas do Engenho Novo e Taquara, entrada na qual se situa a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, erguida no século XIX.

A região de Jacarepaguá foi escolhida pelo seu distanciamento dos lugares mais turísticos e urbanos da cidade. Nessa época, o bairro era chamado de “Sertão Carioca” e entendia-se que a segregação para o espaço rural era apropriada para o tratamento dos “alienados”. Primeiramente, foram construídos sete pavilhões hospitalares para o Núcleo Rodrigues Caldas. A edificação da senzala nos tempos de engenho foi apropriada pelo Núcleo, que fez dela o refeitório dos pacientes.

A criação da Colônia para Psicopatas-Homens possibilitou outras transferências de diversos manicômios da cidade devido à sua capacidade – sua área possui 7 milhões de metros quadrados. Esse projeto foi realizado pelo médico psiquiatra Juliano Moreira, à época diretor do Hospital Nacional de Alienados (Praia Vermelha/RJ, hoje atual Instituto Philippe Pinel). Como explicam Renato Gama-Rosa Costa e Ana Paula Casassola Gonçalves<sup>28</sup>, a escolha de um local para a instalação da Colônia contrastava com o que vinha sendo feito na construção dos hospitais gerais:

Especificamente em relação a este aspecto, a década de 1920 representa um período de busca de novos tratamentos e terapias, situados entre a tradição higienista de cuidado aos doentes e a modernidade introduzida pelos estudos da bacteriologia, que indicava o tratamento das doenças por meio da identificação de um vetor específico. Essa nova teoria se contrapunha à necessidade de instalar o paciente em áreas isoladas da cidade para se tratar, usufruindo de ar puro e repouso, e para evitar o contágio, permitindo a inserção do hospital no meio urbano. As edificações urbanas de saúde passaram a ser hospitais gerais, de tipo monobloco, reunindo o tratamento de várias doenças no mesmo lugar sem necessidade de se isolar pacientes em pavilhões dispersos. Entretanto, para pacientes tuberculosos, hansenianos e doentes mentais ainda eram reservadas instituições próprias, cujas instalações mantinham a tipologia dos pavilhões situados em área de densa arborização; daí a escolha da região de Jacarepaguá. Esta separação não diria respeito apenas aos tratamentos adotados nessas instituições, mas refletia igualmente sua inserção urbana e sua forma e linguagem arquitetônica. (COSTA; GONÇALVES, 2015, p. 65).

Além disso, as práticas médico-científicas empregadas nos manicômios também mudaram: a praxiterapia – trabalho com finalidade terapêutica – e a assistência heterofamiliar agora eram alternativas que se somavam ao eletrochoque e à lobotomia<sup>29</sup> como medidas de tratamento, controle ou

<sup>27</sup> Os prédios da Igreja e da antiga sede da fazenda foram tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac). O aqueduto é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan).

<sup>28</sup> COSTA, Renato Gama-Rosa; GONÇALVES, Ana Paula Casassola. “Evolução urbana da Colônia Juliano Moreira”. In: VENÂNCIO, Ana Teresa A.; POTENGY, Gisélia Franco (org.). *O asilo e a cidade: histórias da Colônia Juliano Moreira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

<sup>29</sup> As cirurgias de lobotomia eram realizadas no local onde hoje funciona o Hospital Jurandyr Manfredini, que atendia, anteriormente, as pessoas institucionalizadas nos diferentes Núcleos. O Hospital funciona ainda hoje, alguns Núcleos

castigo. Segundo Juliano Moreira<sup>30</sup>, o idealizador da assistência heterofamiliar/familiar:

Convindo pensar no futuro quando o aumento de doentes for tal que comece a ser por demais oneroso ao Estado, terão os poderes públicos de recorrer à assistência familiar dos insanos susceptíveis dela. E então, dadas as nossas condições sociais, somente nas proximidades de uma colônia agrícola, já a esse tempo muito bem organizada, será possível efetuar aquele progresso. (MOREIRA, 1906, p. 25).

Essa medida buscava prioritariamente a diminuição de gastos. A terapia familiar defendia que o trabalho doméstico, exercido pelas pacientes nas casas dos funcionários da CJM, era uma prática terapêutica. Já em 1934, a Colônia para Psychopatas-homens passa a chamar-se Colônia Juliano Moreira, em homenagem ao médico psiquiatra Juliano Moreira, seu idealizador que havia morrido no ano anterior.

A primeira expansão da CJM ocorreu em 1936, com a criação de grande número de pavilhões, como o necrotério, enfermaria, farmácia, refeitório, cozinha, laboratórios e o Núcleo Franco da Rocha, construído para a internação de mulheres. Em 1941, houve a segunda e maior expansão do espaço com a construção de diferentes Núcleos, incluindo o Teixeira Brandão – este último com edificação única, não mais dividido em pavilhões.

Nessa ocasião, a CJM já tinha a fama de ser “a cidade dos loucos” e toda a sorte de pessoas consideradas “desviantes” eram encaminhadas até sua sede e direcionadas a diferentes núcleos, cada um deles com autonomia administrativa. Os motivos de internação eram os mais variados, passando por alcoolismo, epilepsia, vadiagem, e o diagnóstico mais recorrente era o de esquizofrenia.

Gradativamente, aquele espaço que sofria tantas transformações estruturais para que pudesse abrigar um contingente cada vez maior de pessoas, foi se urbanizando:

Do ponto de vista urbanístico, observa-se com o passar das décadas que o modelo assistencial heterofamiliar da Colônia foi, gradativamente, deixando de ser patrocinado pela instituição. Paralelamente, a área da instituição passou a ter seu caráter urbano cada vez mais reforçado, tendo-se em vista as diversas fases de sua ocupação: inicialmente povoada pelos descendentes dos primeiros funcionários, já numa última etapa, a partir principalmente do final da década de 1980, também se encontrava habitada por famílias que não tinham nenhuma ligação funcional com a Colônia. A cidade, concretamente, invadiu o hospício (COSTA; GONÇALVES, 2015, p. 87).

---

também, mas com uma dinâmica diferente e atendendo pessoas dos bairros que circunscvem a Taquara – zona oeste do Rio de Janeiro. Segundo a psicóloga Denise Correa, que atuou no Núcleo Teixeira Brandão no período entre 1981 a 1995, o eletrochoque foi uma medida abolida da CJM no início do processo de democratização, por volta dos anos 1980. Do que Correa tem notícia, houve uma única exceção próxima desse período em uma paciente catatônica que poucos meses depois recebeu alta médica.

<sup>30</sup> MOREIRA, Juliano. “Assistência aos Epilépticos - Colônia para Eles”. In: *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, ano I, n° 2. 1905. Rio de Janeiro. A atualização ortográfica dessa citação foi realizada por mim.

Stella do Patrocínio acompanhou essas últimas transformações do espaço institucional, padecendo com diversas das suas crises, como superlotação, falta de estrutura e precariedade nos atendimentos, devido à desproporção entre o número de funcionários e aquele de pacientes. Em alguns desses períodos, a CJM também foi afetada por problemas de distribuição de água. Do Patrocínio e outras mulheres do Núcleo Teixeira Brandão precisaram carregar latas para buscar água nos arredores da Colônia, onde há uma represa. Trata-se da mesma represa onde o pianista e compositor Ernesto Nazareth morreu, em 1934. Internado na instituição com o diagnóstico de sífilis, ele morreu afogado em uma tentativa de fuga. Seu corpo foi encontrado em estado de decomposição.

Ernesto Nazareth já era um pianista reconhecido quando foi internado, mas muitos dos pacientes da Colônia acabaram compondo suas obras depois da internação<sup>31</sup>. Esse foi o caso de Stella do Patrocínio que, gravada informalmente por estagiárias que prestavam serviços no local, teve seu falatório transcrito e publicado como livro de poesia, em 2001.

A autora esteve lá na mesma época de Arthur Bispo do Rosário. Institucionalizado décadas antes dela, Bispo recebeu o diagnóstico de “esquizofrenia paranoide” em 1939, após ter afirmado ser um visionário e “o filho de Deus”. Ele é hoje um artista prestigiado tanto no Brasil quanto no exterior. Seu trabalho foi inteiramente realizado na cela-forte do Núcleo Ulisses Viana. Lá, ele costurou todas as peças que hoje se encontram expostas em diferentes museus, inclusive naquele que leva o seu nome, no prédio da direção da CJM<sup>32</sup>.

O Núcleo Ulisses Vianna, originalmente cercado por um extenso e alto muro, era formado por 11 pavilhões destinados a receber os pacientes homens, violentos e agitados da Colônia. Esses pavilhões eram compostos por enfermarias, cada uma com cerca de 40 camas justapostas uma ao lado da outra, onde os pacientes ficavam confinados sem nenhuma privacidade. Em cada um dos 11 pavilhões, havia uma ala sem camas chamada de “bolo”.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Falaremos a respeito de alguns dos artistas institucionalizados no tópico 2.1 deste trabalho.

<sup>32</sup> A Colônia funcionou desde sua inauguração, em 1920, até 1934 como “Colônia de Psychopatas-Homens”. A partir de 1934, passou a chamar-se Colônia Juliano Moreira. Em 1936 houve seu primeiro projeto de expansão e a criação do primeiro Núcleo feminino, chamado Franco da Rocha. Desde sua inauguração até a década de 1990, tratava-se de uma Instituição Federal. Em 1997, contudo, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria n. 270 de 24 de outubro, iniciou o processo de municipalização dos hospitais psiquiátricos federais do Rio de Janeiro, quais sejam: o Centro Psiquiátrico Pedro II, a Colônia Juliano Moreira e o Hospício Pedro II. A partir de 1999, então, tornaram-se Institutos Municipais de Assistência à Saúde. Respectivamente, Nise da Silveira, Juliano Moreira e Philippe Pinel. Essa Portaria pretendia recuperar e preservar as fontes de informação sobre a história da assistência à saúde mental no Brasil. Essas informações são integradas ao Sistema Nacional de Informações em Saúde, coordenado pelo Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS) na área de Documentação e Informação do Ministério da Saúde (MS). Desse modo, pretende-se que o acesso público a essas informações seja ampliado.

<sup>33</sup> “Bolo” era o nome usualmente usado para designar os quartos sem cama que amontoavam pessoas. Fonte: “Cela”, sobre Bispo do Rosário e o Núcleo Ulisses Viana. Museu Bispo do Rosário. Disponível em: <<http://museubispodorosario.com/colonia/cela/>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

Estive nos escombros desse antigo núcleo, onde me lembro de ter lido duas inscrições próximas aos quartos, já sem pacientes: “Os loucos serão exaltados” e “Terror Morte Medo”. Esta última, em uma cela-forte próxima àquela em que o artista esteve condenado. Naquele momento, recordando-me das inscrições em prisões do antigo Deops/SP<sup>34</sup> – hoje Memorial da Resistência –, pensei de imediato que os hospícios também eram prisões de cunho político, pois que os “corpos desviantes” dos manicômios eram de mulheres, pobres, pretos, prostitutas, vadios, bêbados, sexualmente ativos (sífilis) – e inclusive loucos. Se comparada a uma prisão, era como se a Colônia Juliano Moreira constituísse uma unidade de segurança máxima: dali não se saía, e ali não se visava cura ou transformação, mas um recrutamento dos pobres (FOUCAULT, 1987)<sup>35</sup>. A diferença, nesse caso, é que essas prisões eram ainda mais estigmatizantes, já que os diagnósticos psiquiátricos limitavam ao extremo a credibilidade dos discursos dos internos. Gradualmente, eles iam perdendo seus elos familiares, afetivos, suas histórias e seus antigos papéis sociais.

O estado de degradação das edificações pode ser identificado na maioria dos prédios e núcleos da CJM, incluindo a sua entrada, onde ainda lemos os dizeres em latim: *Praxis omnia vincit* – “O trabalho tudo vence”:



**Figura 6.** Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Entrada pela Estrada Rodrigues Caldas, Jacarepaguá/RJ, 2018. Na inscrição à direita constam os dizeres, em latim: *Praxis omnia vincit*. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.

Stella do Patrocínio deu entrada nesse hospital em 3 de março de 1966, transferida do Centro Psiquiátrico Pedro II, onde esteve internada por três anos e meio<sup>36</sup>. As informações de que

<sup>34</sup> Cujas paredes são repletas de nomes, algumas frases de resistência como “*Hasta la victoria siempre*” ou denúncias, “pegaram meu bebê para me ameaçar”, esta última, assinada por Rose Nogueira.

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>36</sup> O prontuário n. 00694 de Stella do Patrocínio está no atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde (IMAS) Juliano Moreira. Jacarepaguá/RJ. Esse prontuário reúne os documentos disponíveis sobre Stella do Patrocínio, incluindo a Ficha de Internação do CPPII – que, como dissemos, é o único documento que conseguimos acessar que comprove a estada de Do Patrocínio no hospício do Engenho de Dentro.

dispomos da sua história limitam-se ao campo médico. Naqueles arquivos do prontuário n. 00694 do IMAS Juliano Moreira existem muitas anotações de enfermagem, questionários aplicados por profissionais da saúde – médicos e enfermeiros –, pedidos de exame, exames clínicos, entre outros.

Quase vinte anos após a primeira internação de Stella do Patrocínio, nos anos 1980, a instituição e o saber psiquiátricos começam a ser alvo de debate e crítica. Nesse momento, discute-se o entendimento limitado do paciente psiquiátrico como um corpo biológico; os apagamentos de histórias provocados pela internação de longa duração; os tratamentos empregados das “doenças mentais” e os parâmetros dos diagnósticos psiquiátricos. O que se pretendia, em suma, era ampliar os debates sobre saúde mental, incluindo na discussão uma série de aspectos sócio-políticos considerados fundamentais para a sua compreensão. Já nesse período, as primeiras mudanças na CJM começavam a ser encaminhadas, resultado desses debates sobre a necessidade de reformular o campo da psiquiatria.

Todas essas discussões que preconizavam transformações estruturais, práticas e teóricas sobre o universo da saúde mental, provenientes dos debates e críticas sobre instituição e saber psiquiátricos, foram propiciadas pelo Movimento de Luta Antimanicomial. Um dos seus efeitos práticos foi a tentativa de reverter um processo massivo de apagamento das histórias de pessoas institucionalizadas em manicômios.

Do Patrocínio era uma delas. Pouco sabemos sobre ela e, nesse sentido, a reforma da Colônia Juliano Moreira não lhe trouxe benefícios, já que a instituição não conseguiu recuperar a sua história anterior à internação e resgatar seus laços sociais, de modo que o pouco que sabemos sobre o seu percurso ficou limitado às anotações dos arquivos médicos. À época, sua família não foi encontrada, os endereços fornecidos por ela, como o da antiga residência ou locais de trabalho dos familiares, não puderam ser confirmados pela instituição, que não encontrou nenhum de seus parentes. Stella do Patrocínio não gozou, assim, dos benefícios da abertura manicomial, que buscou ressocializar os pacientes a partir da localização de seus familiares.

Mas algo aconteceu com ela no bojo dessas mudanças. Através de gravações em áudio de suas conversas com duas estagiárias da CJM em dois momentos distintos – Carla Guagliardi, estagiária de artes, de 1986 a 1988, e Mônica Ribeiro de Souza, estagiária de psicologia, em 1991 –, foi possível que alguma atenção fosse concedida a ela, no sentido de escutá-la e de registrar seus pensamentos. O que Stella do Patrocínio denominou falatório (suas enunciações) foi publicado postumamente como livro de poesia por Viviane Mosé. A obra é resultado da edição dos áudios, no caso das conversas gravadas por Carla Guagliardi, e das transcrições já realizadas anteriormente por

Mônica Ribeiro de Souza, que faziam parte do acervo do museu da CJM, entregues como relatório de conclusão de estágio em psicologia. As fitas cassete que gravaram as conversas entre Mônica Ribeiro de Souza e Stella do Patrocínio foram perdidas, de modo que o que resta desse material é apenas o seu relatório de estágio, entregue ao museu e também acervo de Ribeiro de Souza.

Inaugurado como Egaz Muniz, o museu passou a se chamar Nise da Silveira no final dos anos 1980, a partir das mudanças engendradas pela reforma psiquiátrica. No ano 2000, seu nome mudou de novo, homenageando desta vez Bispo do Rosário. Essa mudança foi realizada pelo médico psiquiatra Ricardo Aquino, então diretor do museu. Eu e Aquino conversamos durante algumas horas em seu consultório, na zona sul do Rio de Janeiro, em 2018. Durante a entrevista, ele relatou quais foram os critérios para a alteração do nome:

Quando eu assumi o museu, eu já tinha uma cabeça política, eu já tinha publicado livros, já tinha tido uma militância com meninos de rua, e o assumi com uma proposta [...] pensando na reforma psiquiátrica. Nós estávamos desmontando os hospícios. Na leitura de Foucault, as instituições disciplinares se formam na modernidade. O museu é uma instituição da modernidade, como o hospital, as prisões, o manicômio. Então eu comecei a pensar o que deveria ser o museu na contemporaneidade, e vi que o museu fazia um culto do passado [...] Primeiro item: mudar o nome do museu. Ele se chamava Nise da Silveira e alterei para Museu Bispo do Rosário. Foi o primeiro ato. Não vamos fazer o culto dos técnicos, vamos fazer a valorização do usuário. Segundo item: será um museu de arte. Essa ideia não era minha. O Jorge Gomes, outro diretor [1996-2000], já tinha conferido ao museu uma valorização estética. Era diferente do museu da Nise, em que as obras eram para pesquisa, não pertenciam aos pacientes [...]. Já na época da direção do Jorge, o museu já colocava à venda as obras para vender para os pacientes<sup>37</sup>. Eu não queria fazer um museu como memória da psiquiatria, nós estamos contra a psiquiatria [...] (Ricardo Aquino, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Na ocasião da entrega do relatório de Mônica Ribeiro de Souza ao museu, no início dos anos 1990, a proposta de venda dos objetos de arte ainda não tinha sido implementada. A Colônia já contava, porém, com um ateliê artístico para os pacientes. Esse ateliê recebeu o nome de Gaia – na mitologia grega, a Mãe-Terra, como elemento de uma potencialidade geradora.

Estive no ateliê pela primeira vez em 2018, em decorrência de uma visita guiada oferecida a uma turma de estudantes de enfermagem. Eu estava prestes a ir embora da Colônia quando notei uma movimentação de pessoas e me aproximei para saber o que estava acontecendo. Passei a acompanhá-las e, enquanto caminhávamos, uma das estudantes menciona: “Minha mãe trabalhou aqui como enfermeira. Ela disse que, na época, era comum que os funcionários adotassem crianças

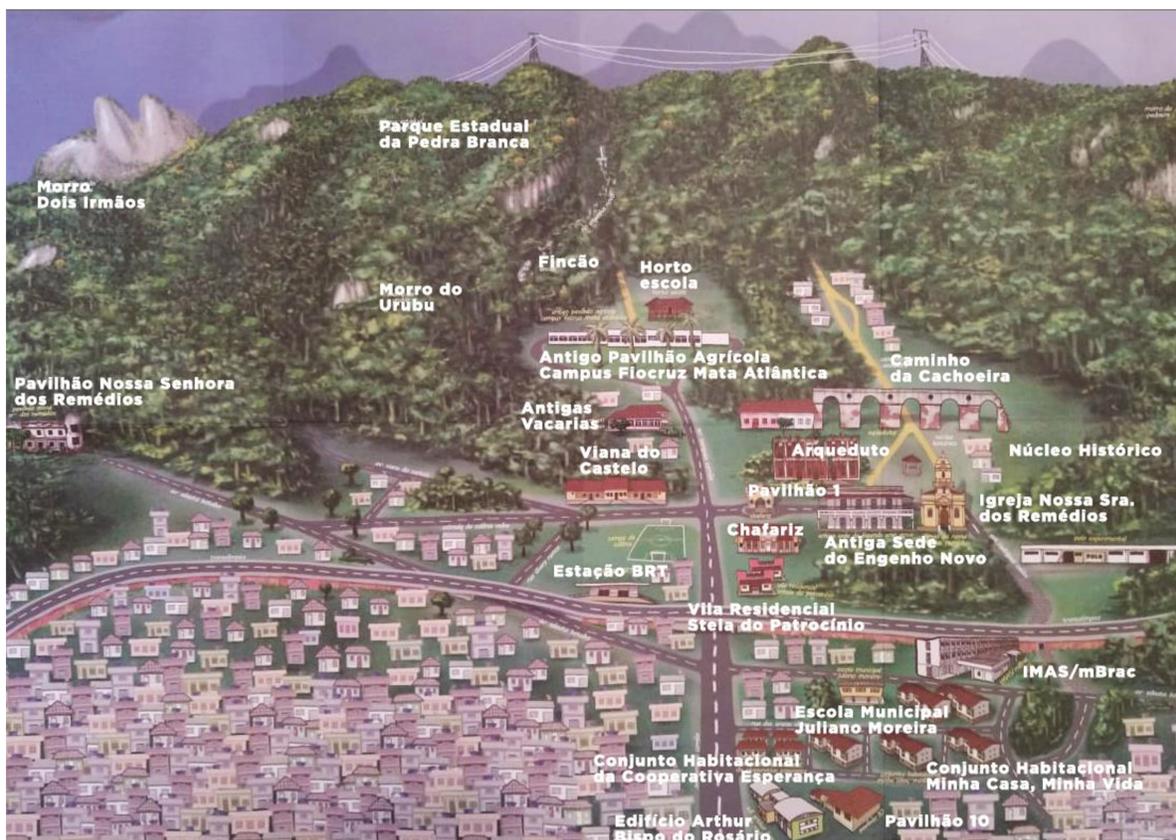
---

<sup>37</sup> Segundo Aquino, o dinheiro proveniente das vendas era repassado aos pacientes.

paridas pelas pacientes”. Estranhei, pois já sabia que nas políticas internas da CJM decidiu-se que não eram permitidas visitas íntimas. Segundo um de meus entrevistados – decidi manter sua identidade em sigilo por segurança, por se tratar de um tema demasiado delicado –, as relações ocorriam entre pacientes de diferentes núcleos e inclusive entre funcionários e pacientes, o que caracteriza estupro de vulnerável.

Foi também nessa caminhada que percebi a quantidade de mudanças estruturais desde a morte de Stella. Passávamos, pois, por vários conjuntos habitacionais construídos no interior da Colônia por programas como o Minha Casa, Minha Vida e o Morar Carioca. Aquele espaço transformou-se, assim, em um bairro. Encontram-se em ruínas os núcleos onde estiveram internados Ernesto Nazareth e Arthur Bispo do Rosário. O antigo hospital geral é, agora, uma creche. Existem ruas asfaltadas, muitas casas numeradas. Antigos funcionários do local também moram na CJM, e suas casas se localizam, predominantemente, nas proximidades do aqueduto. Na rua principal que dá acesso à entrada (fig. 6, p. 41) e em suas mediações, há lojas, restaurantes, mercadinhos, além de estabelecimentos do tipo “vende-tudo”. É também por essa entrada que circulam vans que vêm do terminal de ônibus da Taquara e rodam por todo o Instituto Municipal. Por essas vans, os moradores – de um espaço outrora escolhido para a construção de um manicômio devido ao seu difícil acesso – podem chegar a esse terminal mais próximo.

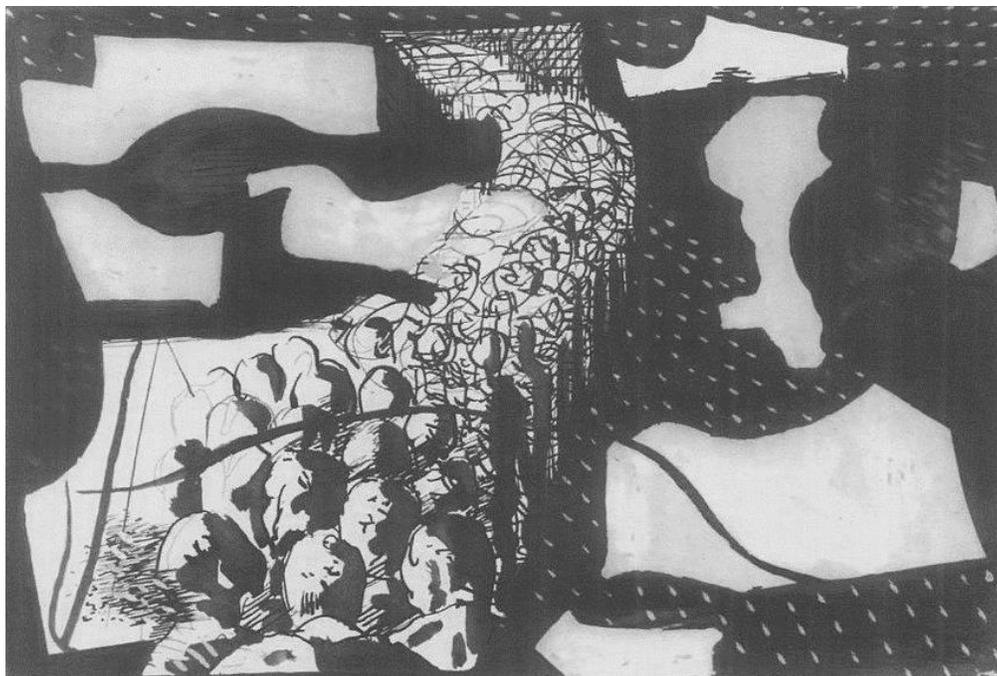
Dentro da Colônia, com exceção dos núcleos que ainda confinam pacientes, como o Teixeira Brandão, existem Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Reabilitação e Integração Social (CRIS) e uma Residência Terapêutica que leva o nome “Stela do Patrocínio”. Esses espaços oferecem serviços de saúde que só se tornaram possíveis pelas reformas Psiquiátrica e Sanitária, substituindo as internações de longa permanência por outras alternativas de tratamento e moradia. As duas reformas ocorreram em períodos bastante próximos e suas pautas e reivindicações encontram pontos em comum. Ao longo desta dissertação, trataremos destas reformas com mais vagar, abordando seus desdobramentos na Colônia e no percurso de Stella do Patrocínio.



**Figura 7.** Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira atualmente. Fonte: Prefeitura, Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Legendas editadas para este trabalho.

Em um aspecto fundamental, no entanto, a Colônia parece ser a mesma: seus diferentes espaços abrigam as classes de renda mais baixas da sociedade. A começar pelos pacientes institucionalizados, parte deles desde a época de Stella do Patrocínio. Estes não são os únicos, contudo. Há ainda antigos funcionários da instituição que moram com as suas famílias na área da CJM; moradores de casas populares construídas por programas habitacionais e usuários dos sistemas de saúde, como o hospital Jurandy Manfredini e os CRAS, CRIS e CAPS.

\*\*\*



**Figura 8.** Cândido Portinari, ilustração em nanquim para *O alienista* (Machado de Assis). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, p. 49.

A ilustração de Portinari que compõe o Capítulo X de *O alienista* (1948)<sup>38</sup> faz alusão a uma fila de corpos posicionados em direção a uma porta de entrada. À medida que se aproximam da porta, os indivíduos vão se tornando um emaranhado de linhas cada vez mais esparsas, perdendo seus contornos originais, resultando em uma representação de rabiscos. Entende-se, então, que as pessoas que entram nessa porta acabam perdendo sua identidade, sendo uniformizadas, despidas de suas próprias roupas e dos papéis sociais que desempenhavam anteriormente – todos a partir de então se tornam “internos” ou “doentes mentais”. Erving Goffman<sup>39</sup> examina esse processo de “mortificação do ‘eu’” e de perda identitária em seus estudos sobre as chamadas “instituições totais”. Para isso, o autor analisa manicômios, prisões e conventos, entre outros estabelecimentos. Como “instituição total” ele entende aqueles espaços fechados que administram a vida de indivíduos por um longo período de tempo, separando-os da sociedade e restringindo-os às próprias regras institucionais.

No Brasil, o principal movimento político que se empenhou em contestar e reverter essa uniformização foi justamente a luta antimanicomial. Nessa ocasião, Do Patrocínio já estava internada há cerca de duas décadas naquele que era entendido como o “fim de linha” dos hospitais psiquiátricos: a Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

Um dos contestadores das práticas médicas foi o psiquiatra Antônio A. Serra<sup>40</sup>, ainda

<sup>38</sup> ASSIS, Machado de. *O alienista*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

<sup>39</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>40</sup> SERRA, Antonio A. *Psiquiatria como discurso político*; PEREIRA, Cristina Rauter. *Os carreiristas da indisciplina*.

nos anos 1970. Em seu texto intitulado *A psiquiatria como discurso político*, ele afirma que o poder de pautar os critérios de inclusão, tolerância e exclusão dos desvios, concedido ao saber psiquiátrico, está pautado nas concepções morais do que ele chama de sociedade burguesa. Serra faz uma análise que pretende antever o que se fará aos excluídos depois de a psiquiatria reconhecer o cunho político e gerencial de corpos com a alcunha da loucura. Segundo ele, os critérios médicos que avaliam a presença ou a ausência de racionalidade nos sujeitos psiquiatrizados se baseiam em julgamentos morais. Esses parâmetros morais avaliam a consciência das condições, normas e regras sociais de cada paciente. Assim, o *moral* foi medicalizado, seja para reconhecer no louco sua imoralidade, seja para intervir com intenção e/ou justificativa de cura. Desse modo, Serra concebe a psiquiatria como um dos aparelhos ideológicos do Estado (termo cunhado por Althusser<sup>41</sup>), pois que as preocupações estatais usam o saber psiquiátrico com a finalidade de repressão política:

O que fazer com os alienados está estabelecido, nesta proposição: tratá-los, como se compromete a “medicina mental”, enquanto doentes morais; é o *tratamento moral* que preenche a história da psiquiatria clássica e se desdobra sob formas diversificadas da moderna. O tratamento moral seria o conjunto de técnicas racionais capazes de, atingindo aquele núcleo de racionalidade anômala, recolocá-la em suas bases naturais. Por meio de uma pedagogização do doente, se tentaria sua ressocialização, como a um ser que devesse nascer de novo, já então apto ao contrato social [...] [usando] técnicas de submissão regular e obsessiva do paciente a uma ordem que sua irracionalidade teima em desconhecer, técnicas de seu enfraquecimento moral, graças ao que o razoável pode penetrá-lo, processos de convencimento e persuasão que lhe demonstre a inocuidade de suas pressuposições e o realismo e a força da verdadeira moral. É neste plano que a medicina psiquiátrica se torna *mental*: e será sempre em torno deste espaço que ela tentará articular suas alternativas. Seja ao buscar uma base anatomofisiológica para as alterações mentais, como reclamado pela consciência avançada da medicina [...] ou como se faz hoje, ora no apuramento de técnicas de grupo, de entrevistas, de condicionamentos ou de expressividade, ora na pesquisa interminável das alterações enzimáticas ou genéticas causadoras das doenças mentais. (SERRA, 1979, p. 27).

O alto índice de concepções morais e moralizantes que orientavam a identificação de diagnósticos e mesmo de tratamento foi um dos problemas encontrados pelos agentes da luta antimanicomial, que agora já não acreditavam mais que a institucionalização, tal como então se organizava, seria capaz de curar pessoas, mas era responsável por adoecê-las. Esses agentes também se questionavam em relação às próprias perspectivas clínicas, apontando que não apenas a instituição psiquiátrica tinha problemas, mas o próprio saber médico operante precisava ser repensado. Este processo ocorre sob o impacto dos movimentos antimanicomiais e de reforma psiquiátrica da Itália e

---

Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

<sup>41</sup> ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Graal, 2007.

França, iniciados nos anos 1970. A Psiquiatria Democrática – termo cunhado pelo médico psiquiatra italiano Franco Basaglia – visava o fechamento das instituições manicomial para que os “usuários” de serviços em saúde reestabelecessem – ou não perdessem – sua vida social, criando, no lugar dos manicômios, centros de atendimento nas comunidades. Franco Basaglia esteve no Rio de Janeiro em 1979 para divulgar a Psiquiatria Democrática. Segundo Lougon<sup>42</sup>, foi Basaglia, influenciado por Erving Goffman, o teórico que mais influenciou as propostas de transformações da CJM pelo núcleo de profissionais que ali trabalhavam, principalmente os médicos psiquiatras.

Faz-se necessário pontuar, contudo, que Nise da Silveira já defendia, desde a década de 1950, o fim do eletrochoque, aplicava a arte como terapia e questionava o modelo asilar no Rio de Janeiro. Entre seus grandes feitos na área da psiquiatria, destaco a criação, em 1946, da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, e a inauguração, em 1956, da Casa das Palmeiras – clínica que oferecia tratamento em regime de externato, propondo uma alternativa aos manicômios no Brasil.

Além disso, a antipsiquiatria – movimento de questionamento da psiquiatria – também já era uma corrente nos anos 1960 na Inglaterra, momento marcado pela atuação de vários movimentos *undergrounds* da contracultura. Segundo Joel Birman<sup>43</sup>,

A naturalização do binômio loucura/doença mental passou a ser questionada, o que não acontecia no quadro da racionalidade médica e no quadro epistemológico anterior. Como se constitui a enfermidade mental na nossa experiência social? Como se valida sua exclusão social? Qual o lugar que ocupa a instituição psiquiátrica nesse processo? São questões que passaram a se colocar como centrais. O que era até então considerado óbvio passou a ser objeto de dúvidas e inquietações, deslocando-se a interpretação desses fenômenos para o polo de uma *produção social e institucional* da loucura como enfermidade mental (BIRMAN 1982, p. 239 *apud* Amarante, 1995, p. 42).

Essas dúvidas persistiam entre os profissionais recém-chegados na Colônia Juliano Moreira, nos anos 1980, segundo pude constatar a partir das entrevistas que realizei com profissionais da saúde que tiveram contato com Stella do Patrocínio e atuaram, também, como agentes da luta antimanicomial<sup>44</sup>. Resumo, a partir daqui, a reforma psiquiátrica realizada na Colônia, pois considero que esta foi fundamental para a produção do falatório de Stella e,

<sup>42</sup> LOUGON, Maurício. *Desinstitucionalização da Assistência Psiquiátrica: Uma Perspectiva Crítica*. PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva, Vol. 3, Número 2, 1993, pp. 137-164.

<sup>43</sup> AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho (Coord.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995.

<sup>44</sup> A partir daqui, cito conclusões, comentários e dados obtidos nas entrevistas que realizei com profissionais da saúde da casa.

consequentemente, para a publicação do seu livro.

Essa reforma chegou na Colônia na década de 1980 por meio de um processo, também chamado de democratização, baseado em três principais ações: (1) os Grupos de Escuta, (2) o Senso – aplicação de questionários visando avaliar a pertinência da ressocialização de cada pessoa institucionalizada – e (3) os Grupos de Trabalho. Além disso, esse novo grupo de profissionais da Colônia, alguns contratados a partir da Campanha Nacional de Saúde Mental<sup>45</sup>, defendeu o fim da lobotomia e dos eletrochoques, práticas que funcionavam muito mais como medidas de controle e castigo. De acordo com o documento institucional publicado por ocasião do planejamento das primeiras alterações da CJM, programadas para o ano de 1982:

No Brasil, a Colônia Juliano Moreira (CJM) é o asilo típico, fruto do modelo de exclusão social. Buscando encontrar uma solução para os seus 2.600 pacientes, a nova política assistencial da CJM se compromete com uma proposta de modificação do espaço asilar através de um trabalho alternativo que procura humanizar e democratizar a instituição.<sup>46</sup>

Isso quer dizer que a própria instituição buscou reverter um processo que ela mesma provocou: o apagamento social das pessoas institucionalizadas, tanto em relação às suas memórias, histórias e subjetividades, quanto aos seus laços familiares. Aquele emaranhado de linhas da tela de Portinari, que indica a entrada das pessoas em ambiente manicomial, mostra como a loucura como doença mental despersonaliza e desqualifica quem assim for classificado – de acordo com os saberes médicos e com a sua prática. É como se o movimento da CJM consistisse em rebobinar essa tela, fazendo voltar aos contornos expressos no início da fila de entrada, em uma tentativa de fazer reaparecer as identidades desses indivíduos, cada um diferente do outro.

Segundo indicamos ao citar o psiquiatra Antônio Serra, os discursos médico-administrativos sobre a loucura, construídos a respeito de indivíduos e seus corpos diagnosticados como portadores de “doença mental”, estão mais atrelados a concepções políticas e morais do que de saúde – principalmente se consideramos os motivos, os contextos e os perfis de internação

---

<sup>45</sup> Instituída por meio do decreto n. 60.252, de 21 de fevereiro de 1967, subordinada ao Serviço Nacional de Doenças Mentais que, por sua vez, também foi instaurado por decreto no ano anterior, pelo Ministério da Saúde. A Campanha Nacional de Saúde Mental visava criar, em território nacional, atividades de prevenção e combate às doenças mentais, com o intuito de diminuir os adoecimentos dessa ordem. Para compreender os trâmites ocorridos desde a defesa da higiene mental até a sua problematização, resultando na inserção desse decreto, ver: BRAGA, André Luiz Carvalho. *Campanha Nacional de Saúde Mental: a higiene mental como método de alcance da saúde mental*. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT. Belo Horizonte, Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. 08 a 11 de outubro de 2014 | ISBN: 978-85-62707-62-9.

<sup>46</sup> Ministério da Saúde, Política Assistencial da CJM para 1982, Rio de Janeiro, Colônia Juliano Moreira. 1982. In: LOUGON, Maurício. “Desinstitucionalização da Assistência Psiquiátrica: uma perspectiva crítica”. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*. Vol. 3, N. 2, 1993. Pp. 137-164.

daquelas pessoas, como veremos logo adiante.

Como essas concepções políticas e morais estão estabelecidas dentro de uma ordem de saber e de poder, devemos lembrar que Foucault<sup>47</sup> traz grandes contribuições nesse sentido, ao analisar a história da loucura, da psiquiatria e de suas instituições. O autor explica a inversão realizada pela antipsiquiatria quando esta questiona as relações de poder que regiam os manicômios.

As relações de poder constituíam o *a priori* da prática psiquiátrica. Elas condicionavam o funcionamento da instituição asilar, aí distribuíam as relações entre os indivíduos, regiam as formas de intervenção médica. A inversão característica da antipsiquiatria consiste ao contrário em colocá-las no centro do campo problemático e questioná-las de maneira primordial. Ora, aquilo que estava logo de início implicado nestas relações de poder era o direito absoluto da não-loucura sobre a loucura. Direito transcrito em termos de competência exercendo-se sobre uma ignorância, de bom senso no acesso à realidade corrigindo erros (ilusões, alucinações, fantasmas), de normalidade se impondo à desordem e ao desvio. É este triplo poder que constituía a loucura como objeto de conhecimento possível para uma ciência médica, que a constituía como doença, no exato momento em que o “sujeito” que dela sofre encontrava-se desqualificado como louco, ou seja, despojado de todo poder e todo saber quanto à sua doença [...] É esse círculo que a antipsiquiatria pretende desfazer, dando ao indivíduo a tarefa e o direito de realizar sua loucura levando-a até o fim numa experiência em que os outros podem contribuir, porém jamais em nome de um poder que lhes seria conferido por sua razão ou normalidade; mas sim destacando as condutas, os sofrimentos, os desejos de estatuto médico que lhes tinham sido conferidos, libertando-os de um diagnóstico e de uma sintomatologia que não tinham apenas valor classificatório, mas de decisão e de decreto, invalidando enfim a grande re-transcrição da loucura em doença mental, que tinha sido empreendida desde o século XVII e acaba no século XIX. (FOUCAULT, 2010, pp. 127-128).

Esse problema da relação hierarquizada entre a não-loucura e a loucura foi um dos argumentos apresentados por Pedro Silva, médico psiquiatra. Ele foi um dos responsáveis pelo atendimento e pelas prescrições de medicações para Stella do Patrocínio desde a década de 1980 até a sua morte. Segundo ele, a prática psiquiátrica passou a ser questionada pela reforma, pois os diagnósticos eram subjetivos e dependiam do que o médico entendia como “doença”, diferente de uma catapora, úlcera ou outras enfermidades cuja classificação e tratamento são mais objetivos e evidentes. Esse *modus operandi* do diagnóstico é um dos pilares de questionamento da luta antimanicomial brasileira, e influenciou as medidas tomadas pela CJM para contestar a lógica psiquiátrica de que fala Foucault. Assim, a CJM buscou e ainda busca reverter os silenciamentos e as hierarquizações estabelecidos desde a sua criação. A seguir, veremos quais foram as três principais medidas da CJM durante esse processo de democratização psiquiátrica e abertura asilar, a começar

<sup>47</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal Ltda, 2010. 28ª reimpressão.

pelos chamados Grupos de Escuta, que preconizavam estabelecer um canal de comunicação entre funcionários e pacientes e, desse modo, alterar a relação entre ambos, tornando-a menos hierarquizada.

## **1.2. Os “Grupos de Escuta”, canais de comunicação criados para horizontalizar as relações entre pacientes e funcionários**

Segundo o médico psiquiatra Pedro Silva e a psicóloga Denise Correa, que compunham o corpo profissional que movimentou as transformações da CJM no contexto da reforma psiquiátrica – ambos atuantes no Núcleo Teixeira Brandão (NTB) –, um dos mecanismos de reversão da lógica psiquiátrica anterior eram os Grupos de Escuta. Esses grupos tinham como mote “dar voz ao paciente” e funcionavam por meio de reuniões regulares com as pessoas institucionalizadas, abrindo uma possibilidade de diálogo até então inexistente<sup>48</sup>. O psiquiatra chama a atenção para o fato de que, até o momento em que esses grupos foram instaurados, os internos eram entendidos como incapacitados para a enunciação. De acordo com ele, essa escuta

[...] nasceu em um contexto em que essa clientela era tida como incapacitada ou absolutamente desestruturada, desorganizada, delirante e caótica – porque parte da loucura – e quando você abre espaço para esse discurso e para essa fala que vem desorganizada, às vezes delirante, caótica, é por aí que você caminha e que começa a inteirar [sobre quem são, o que pensam dos serviços oferecidos, dos grupos de trabalho como veremos a seguir, entre outros]. (Pedro Silva, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Desse modo, a partir dessas reuniões, os médicos e funcionários começariam a entender quais eram as demandas daquelas pessoas e quem eram elas. Como dissemos, realizando assembleias, debates e rodas de conversa. O espaço também era usado para todos conversarem sobre os Grupos de Trabalho, sobre o qual falaremos mais adiante, bem como para os profissionais receberem uma espécie de *feedback* dos serviços prestados no atendimento daquelas pessoas, que passaram a ser referidas como “clientela”.

Esse termo não se restringe à área de saúde mental, sendo empregado quando se fala em administração pública, escolas e outras instituições. Para pensarmos o conceito de “clientela”, precisamos considerar que os clientes são consumidores de produtos ou de serviços oferecidos por

---

<sup>48</sup> Em entrevista realizada com Denise Correa, psicóloga que atuou no NTB e que também dirigiu o Museu Bispo do Rosário, soube que, antes das alterações propiciadas pelos agentes antimanicomiais, era comum que os médicos nem sequer entrassem nos núcleos para atender às pessoas internadas: elas eram encaminhadas ao portão de saída, acompanhadas por enfermeiros, enquanto os médicos esperavam do lado de fora para cumprirem o atendimento.

empresas ou instituições, que podem ter diferentes meios de alcançar sua clientela. Destaco dois deles: um, com o foco “no cliente”, a empresa opta pela estratégia de persuasão, que consiste em ditar ao seu público o que ele precisa. O outro meio é o foco “do cliente”, quando essa empresa ou instituição objetiva entender as necessidades do seu público, seguindo as determinações do próprio cliente e alinhando-se às demandas do consumidor.

No limite, podemos pensar a tentativa dos Grupos de Escuta em horizontalizar a relação entre funcionários e pacientes percebendo essa mudança focal. Anteriormente, cabia apenas à instituição a decisão do que seria correto para o funcionamento do tratamento psiquiátrico e do cotidiano asilar. Contudo, depois dos Grupos de Escuta, o objetivo maior era, antes, ouvir os seus clientes para, junto deles, desenvolver atividades e possibilidades de convívio.

Nota-se, a partir dos Grupos de Escuta, certos impasses e limites em relação a esse processo. Em primeiro lugar, é preciso perceber que, apesar do empenho em reverter uma história de silenciamentos – uma vez que se reconhece que eles não eram ouvidos pelo corpo de funcionários que deveriam lhes prestar assistência – a lógica de funcionamento anterior, entre funcionários e pacientes, parece ainda estar regulando o gerenciamento dessas falas: cabia aos profissionais a dupla agência de “dar voz” àqueles que não a possuíam e, simultaneamente, praticar o exercício de ouvir essas vozes.

Segundo Gayatri C. Spivak<sup>49</sup>, o conceito de subalternidade não é identitário, mas posicional, podendo ser alterado. Porém, quando a crítica se pergunta se *Pode o subalterno falar*, a questão central não é sobre a capacidade dos indivíduos em posição de subalternidade; o grande problema se localizaria na escuta.

Com efeito, Spivak conclui que o subalterno não pode falar: ele não tem espaço de fala porque as pessoas não concedem seus espaços de escuta. Ora, no caso da Colônia Juliano Moreira, o médico psiquiatra afirma ter chegado à conclusão de que faltava uma escuta, de modo que eles deveriam compreender melhor as demandas daqueles que antes eram entendidos como “pacientes” ou “doentes”, mas que agora passaram a ser concebidos como uma “clientela”, ou seja, como consumidores dos serviços prestados em assistência à saúde.

A ideia de “dar voz” pressupõe que é necessária uma ação que gere, nas pessoas colocadas como objeto de intervenção, uma capacidade de fala. Como se, ao contrário do que afirma Spivak, essas pessoas não falassem antes – mas, e ao mesmo tempo, convergindo com a conclusão da autora: o subalternizado não pode falar. Aqui, ele precisa de mediação médico-científica.

---

<sup>49</sup> SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

“Dar voz”, no contexto dos grupos de escuta, preconizava uma mudança importante para alterar a relação entre pessoas institucionalizadas e os profissionais da saúde: ao invés de estes falarem por aquelas, agora eles se dispunham a ceder sua escuta. Tratou-se de um movimento indispensável para que as outras medidas<sup>50</sup> de democratização da CJM ocorressem. Por enquanto, gostaria de frisar que essa concepção metodológica e analítica de “dar voz” visava barrar uma ausência de escuta e diálogo, mas pareceu deixar escapar os motivos pelos quais essa fala era entendida como não merecedora de consideração, de forma que continuou deixando o papel de agente aos profissionais, não às pessoas institucionalizadas.

Nesse sentido, podemos pensar a linguagem de Stella do Patrocínio, que ainda nessa época era entendida quase que exclusivamente como um sujeito delirante. Longe de querer estabelecer um debate sobre linguagens e modos de operação do pensamento, busco apenas evidenciar que sua racionalidade foi e ainda é, certas vezes, questionada em narrativas que corriqueiramente deslegitimavam seus dizeres por reduzirem sua enunciação a uma prática meramente delirante. A fala de Pedro Silva em relação à comunicação delirante é identificada nos espaços de debate da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial, tanto pela crítica a essa postura de restringir o discurso do louco a mero delírio, quanto pela dificuldade de, realmente, consolidar espaços mais horizontalizados para que a escuta funcione.

Entretanto, em uma conversa informal com Melissa de Oliveira Pereira – uma das organizadoras e escritoras de *Luta antimanicomial e feminismo* (2017) –, soube de uma mulher que, durante todo o período de internação, afirmava chamar-se “Marta”, mas os profissionais de saúde, registros médicos e fichas de internação a identificavam como “Ivone”<sup>51</sup>, entendendo que a afirmação dessa paciente sobre seu nome fosse mais um caso de delírio. Contudo, quando os atores da luta antimanicomial investigaram seu passado com o intuito de restabelecer seu convívio social fora da instituição, descobriram que todo o tempo ela dizia seu nome verdadeiro. Somente conferir verdade à informação fornecida pela paciente possibilitou que seus familiares fossem encontrados e, conseqüentemente, que ela recebesse alta médica, deixando finalmente o ambiente hospitalar.

Isso mostra como as pessoas com algum diagnóstico psiquiátrico recebiam tratamentos despreparados do corpo de funcionários e das instituições. Esse tipo de relação baseia-se na prática do “não ouvir”. Suas falas são frequentemente descartadas, uma vez que são entendidas como resultado de um ato de delírio, inclusive quando elas afirmam saber sobre elas mesmas. Na outra

---

<sup>50</sup> Tratarei com mais afinco de uma delas: a chegada do “Projeto de Livre Criação Artística” no Núcleo Teixeira Brandão. Foi a partir desse projeto que o falatório de Stella do Patrocínio pôde ser registrado em gravações de áudio.

<sup>51</sup> Nomes fictícios.

ponta dessa relação, o médico era ao mesmo tempo o portador de saber, a autoridade em diagnóstico e o gestor dos corpos diagnosticados. A medicina, vale reforçar, também funcionava como um trabalho de continuidade e em parceria da instituição policial, que encaminhou, entre outras pessoas, Stella do Patrocínio ao manicômio.

Outro caso semelhante de resgate e reencontro de familiares é o de Jenice, relatado pela sobrinha, Iracema Polidoro, na tese de doutorado de Fernando Sobhie Diaz<sup>52</sup>:

*Agora, você vê... 30 anos ela dizendo para o profissional de saúde: “Eu não sou louca, a minha mãe é viva, mora em Nova Iguaçu, Rua Presidente Sodré, número 27, minha mãe chama Irene Zaltrão de Souza...” Falava tudo. “Manda uma carta para a minha mãe”. Não teve um profissional que ouviu durante esse período. Então eu fico muito grata a duas pessoas, uma terapeuta ocupacional e uma assistente social. Elas resolveram dar essa escuta a Jenice. As pessoas achavam que ela delirava e ela contava direitinho: “Eu fiquei internada, quando eu acordei estava no Hospital do Engenho de Dentro...” Quer dizer, tudo isso ela relatou. Ela não se lembra como veio de Brasília. Ela foi para o Engenho de Dentro. Aí o Engenho de Dentro, quando ficava muitos anos, mandava para a Colônia através de números. Você sabe que não tinha documentação. Ela não tinha um documento. Não tinha nada. Então aí nós procuramos a direção: “Ela chegou assim, sem documento...”. E todo mundo na Colônia tinha nome fictício, não é? Ninguém sabia, eles botavam um nome e pronto. A Jenice não, o prontuário dela era Jenice Aparecida Vidal de Souza. O nome mesmo. Vidal era do marido, Souza era do pai. Aí fui procurar essa terapeuta ocupacional, uma pessoa maravilhosa. Ela falou: “Olha, eu sempre quis fazer um trabalho com a Jenice, mas aí um dia eu resolvi: ‘Vamos apostar que ela está falando a verdade’”. Então elas resolveram passar essa carta. E foi um encontro lindo, lindo, lindo... Ela virou e falou assim: “Vocês vão tomar conta de mim, porque eu preciso de uma família”. E contava aquelas barbaridades. E ela era um pouco rebelde, só vivia naquelas celas, porque ela não aceitava certas coisas. Quando batiam no paciente, ela ia contra, que ela achava um absurdo bater. Era uma pessoa boníssima. E começou a trabalhar naquela etapa da Colônia, começou a trabalhar, ela fazia crochê muito bem, depois ela largou e começou a trabalhar na lavanderia. (DÍAZ, 2008, pp. 108-109. [grifos do autor]).*

Esse depoimento é importante pois, ao mesmo tempo, trata de situações arbitrárias de internação – veja, o marido, ao decidir se casar novamente com outra mulher, teve autoridade suficiente para confiná-la como doente mental, como narra o autor e a própria sobrinha de Jenice –, e resgata um percurso institucional semelhante ao de Do Patrocínio. Stella e Jenice foram, primeiramente, internadas no Engenho de Dentro (CPPII), instituição responsável pelo primeiro diagnóstico psiquiátrico das duas. Depois, ambas foram transferidas para a Colônia Juliano Moreira, onde viveram por mais de três décadas. Jenice foi mais um entre tantos casos de pacientes que

<sup>52</sup> DÍAZ, Fernando Sobhie. *Os Movimentos Sociais na Reforma Psiquiátrica: o “Novo” na História da Psiquiatria do Brasil*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

puderam, novamente, rever seus familiares. Do Patrocínio morreu sem a possibilidade do reencontro. De todo modo, as duas mulheres vivenciaram a mudança institucional da CJM propiciada pelas primeiras alterações advindas da reforma psiquiátrica. O ato de ouvir e de, finalmente, conferir verdade à fala dos pacientes, obteve variados resultados.

Os Grupos de Escuta se reuniam semanalmente, e segundo os documentos dos arquivos do acervo do IMAS Juliano Moreira, Stella do Patrocínio era uma frequentadora, embora não muito assídua. Em conversas registradas pela artista plástica Carla Guagliardi, podemos identificar alguns limites nessa escuta propiciada pela reforma psiquiátrica, segundo a ótica da autora:

*Cê me pega sempre desprevenida, hein? Quando tô com vontade de falar, tenho muito assunto, muito falatório, não encontro ninguém pra quem eu possa conversar. Quando não tenho uma voz mais, não tenho um falatório, uma voz mais, vocês me aparecem e querem conversar conversar conversar conversar, sem eu ter voz. (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).*

O que se compreende, a partir daí, é que tratava-se de um exercício de ouvir e dar voz que não deu conta de reformular toda a estrutura manicomial. As intenções de fala e necessidades de conversa dessa clientela eram concedidas em momentos específicos gerados pela criação de canais de aproximação entre profissionais e usuários, mas não chegou a trazer mudanças mais cotidianas, como Stella do Patrocínio pontua, ao declarar, nos anos 1980, que tanto o exercício de ouvir, quanto o de escutar, eram realizados por terceiros, que agiam por ela:

*Esqueci tudo. Tô com o cérebro ruim,.. meu cérebro não funciona mais, já tá velho. Mas... Não pensa o que tô falando, porque outros já estão por ali ouvindo e ouvindo no meu lugar, falando e falando por mim (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).*

De todo modo, só a partir dos Grupos de Escuta e de outras iniciativas da Reforma, foi possível que os profissionais da CJM tivessem meios para entender quem eram aquelas pessoas. Isso não apenas possibilitou a alta médica de diversos pacientes, como reformulou questões cruciais quando pensamos em humanização de pacientes psiquiátricos. Além disso, pensar canais de comunicação impulsionou as psicólogas Denise Correa, à época diretora do Núcleo Teixeira Brandão (NTB), e Marlene Sá Freire, psicóloga também atuante no NTB, a pensar na abertura de outros canais de comunicação. Um desses canais foi a criação do ateliê de artes plásticas em 1986, no qual seria

produzido e gravado o chamado falatório de Stella do Patrocínio, posteriormente editado em livro de poesia<sup>53</sup>. O objetivo desse projeto, cunhado “Projeto de Livre Criação Artística”, era diferente das práticas artísticas anteriores, pois ele não tinha o intuito terapêutico, mas recreativo. Segundo Denise Correa, a finalidade maior era possibilitar algum momento de prazer às mulheres do Núcleo Teixeira Brandão.

Como sabemos, nos anos 1950, Nise da Silveira já trabalhava no Hospital D. Pedro II, no setor de Terapia Ocupacional, onde estabeleceu os trabalhos que resultaram na criação do Museu de Imagens do Inconsciente, e que acarretaram em diversas transformações nas concepções acerca de “doenças mentais”, em especial a esquizofrenia. Nise da Silveira trouxe propostas de humanização do espaço asilar e questionou o modelo institucional vigente, bem como os métodos terapêuticos invasivos, como o eletrochoque. A médica psiquiatra pode ainda ser entendida como pioneira no questionamento manicomial e na prerrogativa antimanicomial brasileiros. Nesse contexto, desconfio que quando apontamos Franco Basaglia como a maior referência para o debate da reforma, deixamos as ações de Nise da Silveira escamoteadas no tocante à tomada de posição da luta antimanicomial. O que quero dizer é que Franco Basaglia constitui, de fato, uma referência importante, mas ao chegar no Brasil nos anos 1970, não encontrou um ambiente desacostumado às práticas, aos questionamentos e às desconstruções que ele propunha. Acredito, assim, que Nise da Silveira deveria ser mais reconhecida como uma personagem importante para a luta antimanicomial, para a reforma psiquiátrica e para a tão defendida humanização da assistência em saúde. Dito isso, seguimos com as outras medidas da reforma psiquiátrica na colônia.

### **1.3. Os “Grupos de Trabalho” e os “Sensos”, questionários sociais e clínicos visando a ressocialização de pacientes**

Além dos Grupos de Escuta, outra medida da reforma na CJM foi a realização dos “Grupos de Trabalho”. Pretendo relatar brevemente o que levantei sobre a sua formulação porque, apesar de eles terem sido pensados formando um conjunto com o Grupos de Escuta e com os Sensos, Stella do Patrocínio não os frequentou.

Primeiramente, é importante lembrar que, antes da criação desses grupos, os pacientes já realizavam trabalhos com a função terapêutica. Nesta dissertação, citamos o exemplo da terapia

---

<sup>53</sup> Na década de 1950 existiam espaços para criação artística na CJM como praxiterapia – ou laborterapia (Ver: ARAÚJO, João Henrique Queiroz de; JACÓ-VILELA, Ana Maria. A experiência com arte na Colônia Juliano Moreira na década de 1950. *História, Ciências, Saúde– Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. 2018, p.321-334).

heterofamiliar, instituída pelo psiquiatra Juliano Moreira, que pretendia ao mesmo tempo fornecer meios terapêuticos e reduzir gastos. A psicóloga Denise Correa, ao falar dos Grupos de Trabalho, também relembra a construção do Pavilhão Agrícola da CJM – que reunia pessoas de diferentes Núcleos para que elas confeccionassem colchões e trabalhassem com capina, horta, vime, cana ou mesmo realizassem tarefas de manutenção. Ao lembrar-se dos Pavilhões Agrícolas, Correa afirma que eles funcionavam “[...] mais para ocupação deles, porque toda a lógica era essa. Aquela coisa de ‘mente vazia, oficina do diabo’”, afirmou, em entrevista (Rio de Janeiro, 2018).

Muitos dos pacientes, contudo, trabalhavam antes da internação. “*Praxis omnia vincit*”, lembrando os dizeres impressos no muro de entrada da CJM, “o trabalho tudo vence”. Mas vence o quê? A doença? Porque Stella do Patrocínio era doméstica, assim como o foi sua mãe, e ambas foram aprisionadas na instituição. Após a internação involuntária elas trabalhariam ali para vencer?

O caráter essencialmente terapêutico desses trabalhos na CJM começaram, então, a ser revogados. Com a implementação dos Grupos de Trabalho, o que os atores da reforma psiquiátrica na CJM pretendiam era transformar esse caráter essencialmente terapêutico dos trabalhos exercidos por seus “clientes” para torná-los uma atividade laboral remunerada.

Segundo o psiquiatra Pedro Silva, desse modo os pacientes também tiveram a possibilidade de estabelecer um horário de jornada de trabalho, que geralmente era de 6h por dia útil, para ganharem o salário mínimo da época. Essa possibilidade de remuneração foi o maior intuito da criação dos Grupos de Trabalho que, somados ao “Senso”, que buscava levantar dados sobre a origem dos indivíduos encarcerados há décadas naquele hospital – inclusive os laços familiares perdidos –, abririam possibilidades mais concretas de alta médica e de fechamento de leitos psiquiátricos, como os atores da luta antimanicomial pretendiam.

O objetivo do “Senso” era saber onde nasceram, se tinham família e qual era o último endereço daqueles parentes cujos laços haviam sido perdidos, assim como outros vínculos sociais. Para seu preenchimento, os profissionais dependiam da memória e do discurso dos pacientes, pois eram eles que transmitiam as informações de que os funcionários necessitavam para pensar ações visando à alta/ressocialização de cada um deles.

Para isso, foram aplicados dois questionários que estão hoje disponíveis nos arquivos do IMAS Juliano Moreira<sup>54</sup>, ambos com espaços para respostas dos pacientes, preenchidas pelos

---

<sup>54</sup> Os dois questionários recebem os respectivos nomes: “Senso para pacientes crônicos da Colônia Juliano Moreira”, aquele senso de que tratei no trabalho e que foi uma das principais medidas da CJM para o processo de ressocialização, e as “Anotações de Enfermagem I”, onde há menção da intenção de “ressocialização”. Nenhum dos dois documentos será anexado a este trabalho, pois a autorização concedida pela Colônia consistiu em examiná-los, não em reproduzi-los integralmente.

profissionais responsáveis pela sua aplicação. Como veremos logo adiante, essa documentação servia ao mesmo tempo como avaliação diagnóstica e como um instrumento para que os profissionais conseguissem entender um pouco o passado de cada um dos pacientes e sua condição de integrar ou não um processo chamado de ressocialização. Por ressocialização entende-se um processo de mudanças institucionais que passava a viabilizar tratamentos e terapias em outras unidades de atendimento sem a prerrogativa de enclausuramento. Assim, a CJM pretendia dar continuidade aos cuidados em saúde mental em instituições abertas, decorrentes da reforma sanitária e que operou de algum modo conjuntamente com a reforma psiquiátrica, ambas impulsionadas nos anos 1980.

Ao ler os dois questionários, notei que a maioria das perguntas oferecia apenas possibilidades fechadas de resposta. Além disso, eles exigiam do aplicador tanto “ouvir” a pessoa institucionalizada quanto “avaliá-la”. A própria escuta era um método de avaliação, como veremos com os exemplos trazidos. Os questionários acabavam repetindo a dupla agência dos profissionais na mediação dessas pessoas, avaliando o que diziam, quais eram seus diagnósticos e se estavam aptas ou não para uma alta psiquiátrica e/ou social. O primeiro deles, intitulado “Senso para pacientes crônicos”, trazia instruções para o aplicador para que ele buscasse descobrir de onde essa clientela chegava à CJM. A seguir, reproduzo o Prontuário de Stella do Patrocínio. Os itens marcados por [ ] indicam a opção selecionada pelos profissionais em sua ficha:

XIV. ORIGEM. Observação: Investigue se o paciente passou a maior parte de sua infância/adolescência na roça ou na cidade.

[0] – rural

1 – urbana

9 – sem informação

XV. Trazido para a CJM

[0] – encaminhamento de outra instituição psiquiátrica. [CPPII]

1 – Manicômio judiciário

2 – FUNABEM

3 – Família

4 – Polícia

5 – outros

9 – sem informação

(Prontuário CJM. Fonte: IMAS Juliano Moreira).

Nas questões sobre dados sociofamiliares, os profissionais da CJM informam sobre as visitas recebidas, sua frequência e os dados dos visitantes. Curioso que, nesse documento, consta que a autora raramente recebia visitas (anualmente ou em datas festivas) de amigos e de uma irmã. Essa afirmação se repete em outros formulários aplicados, como o “Levantamento psico-socio-econômico” (1973) e em anotação da psicóloga Mônica Ribeiro de Souza (1991), que menciona que

Do Patrocínio recebia visitas do seu sobrinho.

Há uma divergência de informações sobre esses visitantes, pois uma anotação datada de 1973 afirma que Stella do Patrocínio “não recebe visitas devido ao pessoal ter medo dela”. Os entrevistados para esta pesquisa<sup>55</sup> não se recordam de parentes ou amigos indo vê-la durante o período em que trabalharam no NTB, embora tenham afirmado que já ouviram dizer que as únicas pessoas que a procuraram na instituição foram um de seus sobrinhos e a irmã Olívia do Patrocínio, e apenas nos primeiros anos após a sua internação na colônia. No prontuário não há nenhum registro que comprove essas informações, e não tive acesso a nenhum livro ou documento que controlasse o fluxo de visitas.

O “Senso” também buscou levantar as atividades diárias predominantes dos internos, registrando se participavam de projetos de ressocialização, como o próprio grupo de escuta, ou ainda a praxiterapia, a terapia ocupacional, o grupo para alcoólatras, entre outros. Ao fim do documento, há uma “Avaliação Psiquiátrica – nível de ajustamento psicossocial”, destinada às observações dos profissionais de saúde, baseadas em parâmetros previamente estabelecidos. Os critérios de avaliação eram perguntas referentes ao autocuidado dos pacientes em relação à higiene, alimentação e aparência; nível de comunicação; uso ou não de bebidas alcoólicas ou drogas ilícitas; planos de vida adequados ou não à realidade, entre outros, como exponho a seguir, igualmente marcando as respostas conferidas pelos profissionais, na ficha de Stella, com o sinal [ ]:

XXXIX.

a. O paciente esteve durante 5 dos últimos 6 meses exercendo alguma tarefa regularmente, denotando compromisso? [0] – não  
1 – sim

b. O paciente cuida de si mesmo em coisas como higiene, alimentação, aparência, sem precisar ser lembrado? 0 – não  
[1] – sim

c. O paciente mantém um razoável nível de comunicação em relacionamento interpessoal, ou seja, sabe de maneira adequada se expressar e posicionar, não apresentando grosseiras alterações de comportamento, como isolamento, regressão, agressividade ou impulsividade ou, ainda, retardo mental? 0 – não  
[1] – sim

XL. Diagnóstico de entrada (conforme o prontuário): personalidade psicopática e esquizofrenia hebefrênica (anotação também em caneta de um número: 295)

XLI. Diagnóstico atual (conforme o psiquiatra do paciente): 297.0 (estado paranoide simples).

<sup>55</sup> Dos cinco entrevistados mencionados no início deste trabalho (as psicólogas Denise Correa e Mônica Ribeiro de Souza; a artista plástica Carla Guagliardi; e os psiquiatras Pedro Silva e Julius Teixeira), nenhum se recordou de tê-la visto recebendo visitas, embora alguns deles tenham sabido que sua irmã e sobrinho chegaram a vê-la no NTB.

XLII. O paciente faz uso de bebidas alcoólicas? [0] – não faz uso  
1 – moderadamente  
2- excessivamente

XLIII.

a. Nos últimos 12 meses o paciente apresentou perturbações acompanhadas de abuso de ingestão de bebidas alcoólicas: [0] – não  
1 – sim

b. Nos últimos 12 meses o paciente apresentou variações em seu comportamento, denotando reagudização do quadro de base, necessitando atenção psiquiátrica específica:  
0 – não  
1 – uma vez  
[2] – 2 vezes ou mais  
3 – está permanentemente psicótico

c. O paciente faz uso de medicação psiquiátrica: 0 – não  
[1] – sim

XLIV. O paciente já apresentou crises convulsivas: 0 – não  
1 – sim  
[9] – sem informação

XLV. O paciente foi submetido a psico-cirurgia: [0] – não  
1 – sim  
9 – suspeito

[...]

XLVI. O paciente tem planos viáveis para sua vida, adequados à sua realidade:  
0 – não  
[1] – sim

XLVII. Qual a medicação psiquiátrica em uso atualmente e dosagem:  
Haldol 4 cp/dia (5mg)  
Prometazina (2j) - 2cp/dia

XLVIII. Apropria-se de bens de outros pacientes para uso ou em benefício próprio:  
[0] – não  
1 – sim

XLIX. Utiliza-se de ameaças ou violências para com outros em seu benefício:  
[0] – não  
1 – sim

XLX. Paciente apresenta sinais de retardo mental: [0] – não  
1 – sim

XLXI. O paciente consome alguma droga de uso ilícito? [0] – não  
1 – sim

XLXII. O paciente consegue citar o nome de duas pessoas de quem ele goste (relações interpessoais significativas): 0 – não  
[1] – sim

XLXIII. Foi possível interagir com o paciente durante a entrevista? 0 – não quis dar a entrevista  
1 – apresentou grandes dificuldades de interação  
2 – apresentou pequenas dificuldades de interação  
[3] – não apresentou dificuldades de interação  
4 – ausente do núcleo temporariamente por licença ou evasão  
5 – internado fora da CJM (hospital clínico)  
(Dados do Prontuário CJM. Fonte: IMAS Juliano Moreira).

A partir das perguntas, percebe-se como o saber médico operacionaliza o que chama de doença mental, e como os processos de ressocialização pouco romperam com o espaço limitado de concessão de escuta na relação entre funcionários e pacientes. Ainda havia forte aparição de perguntas para que profissionais respondessem de maneira avaliativa sobre cada “cliente”; as perguntas conduziam a opções de múltipla escolha, não incluindo possibilidade de se registrar uma resposta singular do paciente ou de estabelecer um diálogo entre ele e o aplicador do questionário. O formulário era inteiramente padronizado.

Por ter uma funcionalidade restrita ao preenchimento de alternativas, esse modelo de respostas fechadas impede que o leitor seja informado sobre quais são os “planos viáveis” (XLVII) de cada paciente ou quais os parâmetros empregados no exame desses projetos.

A avaliação consistia principalmente na classificação dos hábitos e comportamentos dos indivíduos, baseados grande parte em normas morais, no intuito de diagnosticar se havia algum desvio de conduta – agora não mais segundo os critérios dos aplicadores, mas dos redatores do formulário, que buscavam perceber se havia o cumprimento daquilo que entendiam como “razoável nível de comunicação” e cuidados pessoais (alimentação, aparência, higiene, etc.), entre outros itens. Para a instituição, era importante saber, no processo de ressocialização, se o interno tinha problemas de alcoolismo, se usava drogas ilícitas, se denotava compromisso realizando tarefas regulares e se tinha planos que os aplicadores julgassem viáveis e adequados à realidade. As normalizações de conduta ainda estão bastante evidentes neste documento, mesmo após as discussões e críticas relativas a essa problemática.

O segundo documento encontrado no prontuário de Stella do Patrocínio foi o “Questionário I – Enfermagem”<sup>56</sup> que, embora não integre o Senso, apresenta a intenção de

---

<sup>56</sup> O “Questionário I – Enfermagem” não está datado e a assinatura do aplicador está ilegível. Presente no prontuário n. 00694 dos arquivos médicos do atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira – Jacarepaguá/RJ.

“ressocialização” dos pacientes. Ele foi formulado a partir do modelo de múltipla escolha e também se interessa por itens como como alimentação e aparência/higiene – com um campo marcado como “negligente” para Stella do Patrocínio. É preciso lembrar que a própria instituição negligenciava uma série de cuidados e era responsável pelo adoecimento massivo de parte de seus internos. Ao avaliar a “clientela” como negligente, a instituição descreve um estado produzido no mínimo em parte por ela mesma, ao confinar os indivíduos em um espaço demasiado caótico, mal estruturado e hierarquizado.

Temos, então, outra operação problemática na reforma psiquiátrica ocorrida na CJM: ao mesmo tempo que a agência era voltada aos profissionais da saúde no tocante à possibilidade de fala das pessoas institucionalizadas, a elas era cobrada a responsabilidade por seus cuidados. Não agenciavam sequer sua fala, mas eram responsabilizadas por sua higiene. Denise Correa explicou como era o funcionamento do Núcleo Teixeira Brandão em relação aos cuidados com higiene. As pacientes não tinham autonomia para tomar banho no horário que quisessem.

[...] tinha a hora do banho. Todo mundo ia para o chuveiro, umas 6 horas da manhã. Olha, todo lugar que tem muita aglomeração de gente tem tendência a ter piolho, porque é tudo muito misturado. Toalha de banho eles não tinham, se enxugavam com o próprio uniforme. Sabonete, não me lembro, eu acho que era sabão mesmo. Shampoo, nada disso tinha. Era tudo muito precário. Os lençóis não eram trocados com uma regularidade que a situação exigia, então eram lençóis sujos, fronhas sujas. Eles eram muito mal cuidados. (Denise Correa, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Nesse contexto, noto que os questionários acusam as negligências de autocuidado de seus “clientes”, repetindo o padrão normalizador da instituição que os agentes da luta antimanicomial desde o princípio criticavam. Os aplicadores do Senso, que se entendiam em condições dessa acusação de negligência, utilizaram um parâmetro analítico para descrever situações externas, sem considerar o contexto de precariedades do ambiente asilar.

Essas normalizações continuam manifestas no questionário, que também avaliava comunicação, interação social e inclusive o humor dos internos. Esse tipo de vigilância apaga os desequilíbrios e as assimetrias da instituição e coloca a responsabilidade em quem está institucionalizado.

Percebe-se, assim, que embora esses questionários tenham resultado da demanda em reconstruir a história e os laços daqueles indivíduos, eles ainda são atravessados por uma vigília ininterrupta dos internos. A instituição buscava registrar todos os comportamentos dos pacientes: se dormiam, comiam, tomavam banho, bebiam, participavam de atividades; avaliava como se

comunicavam, se a comunicação era consciente de suas condições ou não, se o “humor” era bom. Tudo valia de parâmetro de avaliação para o veredito final dos médicos. As pessoas deveriam comportar-se bem e as insurgências, revoltas e alterações de humor ainda eram parâmetro não apenas para o seu diagnóstico, mas para a possibilidade de alta. Curioso como as agências são dadas e retiradas das pessoas institucionalizadas: enquanto falam, entende-se que falam porque antes houve uma ação que “desse voz” a elas; mas quando avaliadas sobre autocuidado e condutas, então a incumbência é delas e a instituição não se responsabiliza. Trata-se, a meu ver, de um indício de que a escuta não estava sendo completamente exercida.

A desqualificação a partir de um diagnóstico de loucura acarreta na legitimação da vigília do saber científico sobre os corpos dos indivíduos classificados como loucos, planeando a normalização de suas condutas e comportamentos.

Foucault, ao analisar a passagem da punição para a vigília como um novo exercício de poder disciplinar consolidado na modernidade, pontua: “[...] quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana” (FOUCAULT, 2010, p. 131). Esse tipo de monitoramento é reiterado pelos formulários analisados com a permanente visibilidade de atos e condutas dos pacientes, ou ao menos com a tentativa de observá-los regularmente e de tornar essa vigília não apenas um registro, mas um parâmetro de análise psiquiátrica.

Do Patrocínio também se refere a esse procedimento mesmo depois da reforma psiquiátrica, ora em conversas com Carla Guagliardi, ora com Mônica Ribeiro de Souza. Os três excertos foram selecionados por Viviane Mosé para a publicação *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001). Embora o último tenha sido editado, eu o reproduzo aqui na íntegra:

Eu estava com saúde, adoeci,  
 Eu não ia adoecer sozinha, não,  
 Mas eu estava com saúde, estava com muita saúde,  
 Me adoeceram, me internaram no hospital  
 E me deixaram internada,  
 E agora eu vivo no hospital como doente,  
 O hospital parece uma casa,  
 O hospital é um hospital.  
 (VERSOS, REVERSOS, *pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 16).

*Eu sei que você é uma olho, é uma espiã que faz espionagem, é um fiscal é um vigia também. É uma criança prodígio poderes milagre mistério. É uma cientista,*

*já nasce rica e milionária.*

Quem falou isso pra você?

*Eu tô sabendo porque as aparências não se enganam.*

(Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

*Eu já até falei que eu não ando pela inteligência, eu não ando pelo pensamento, tô com a cabeça ruim, tô com o cérebro ruim, sem poder pensar. E eu não sou da casa, não sou da família, não sou do ar, do espaço vazio, do tempo, dos gases..., não sou do tempo, não sou dos gases, não sou do ar, não sou do espaço vazio, não sou do tempo, não sou dos gases..., não sou da casa, não sou da família, não sou dos bichos, não sou dos animais... sou de deus, um anjo bom que deus fez para sua glória e seu serviço.*

Onde que esse deus mora?

*No céu, não sabe que deus mora no céu? Tá no céu na terra em toda parte*

Em toda parte?

*É*

Inclusive em você?

*Ah não sei se ele tá em mim ou se ele não está, eu sei que eu... estou passando mal de boca, passando muita fome, comendo mal, e passando mal de boca, comendo, me alimentando mal, comendo mal, passando muita fome, sofrendo da cabeça, sofrendo como doente mental, e num presídio de mulheres cumprindo a prisão perpétua, correndo o processo e sendo processada.*

(Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

A poeta tece uma narrativa analítica em relação ao hospital psiquiátrico quando dialoga com suas interlocutoras. Ela assim afirma, no primeiro excerto, que não ia adoecer sozinha e que seu adoecimento foi causado por outrem ou alguma circunstância (“me adoeceram”). Conta ainda que sua internação foi de cunho involuntário: “me internaram no hospital e me deixaram internada”.

Apesar das mudanças implementadas pela reforma, Do Patrocínio ainda percebia estar sendo fiscalizada, vigiada e espionada pela “família” dos cientistas, segundo podemos conferir pela leitura do segundo fragmento: “Eu sei que você é uma olho, é uma espiã que faz espionagem, é um fiscal é um vigia também. É uma criança prodígio precoce poderes milagre mistério. É uma cientista, já nasce rica e milionária.” Os integrantes desta “família” a conceberiam, desse modo, como pertencendo a uma categoria de estudo e análise. Seu corpo estava em constante observação, não apenas devido à aplicação dos questionários, mas em todo o funcionamento do Núcleo Teixeira Brandão, pela presença dos guardas, técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos. Podemos avançar ainda mais nesse exame: Do Patrocínio diz quem é a família do cientista, formada por aqueles que já nascem ricos e milionários; isto, com condições econômicas para seguir um dos cursos mais elitizados do país, a medicina. O poder de fiscalização, então, está vinculado a uma condição de

classe. A condição de fiscalizado, também.

O último excerto foi selecionado devido ao seu último parágrafo, em que ela diz estar “sofrendo da cabeça, sofrendo como doente mental, e num presídio de mulheres cumprindo a prisão perpétua, correndo o processo e sendo processada”. Importante lembrar que essa prisão perpétua foi forjada, de acordo com a sua narrativa, por um adoecimento provocado por algum elemento exterior a ela.

Avaliando as tramitações ocorridas a partir da década de 1980 em relação à tentativa de ressocialização dos pacientes – a partir daquelas práticas provenientes dos Grupos de Escuta e Trabalho e do Senso –, outro entrave encontrado neste estudo foi o levantamento de informações sobre a autora.

Depois de realizado o Senso da CJM em 1981 como uma das práticas que visava a abertura manicomial e a ressocialização dos “clientes” da instituição, um artigo<sup>57</sup> foi publicado revelando os perfis social e institucional dos pacientes. Escrito em 1985 por médicos psiquiatras e médicos sanitaristas atuantes em Secretarias de Saúde e Hospitais Psiquiátricos, esse artigo ao mesmo tempo informa os dados obtidos pelo Senso e tece questionamentos decorrentes desse resultado:

82% da população internada tinha mais de 40 anos, e 50% mais de 50 anos de idade; a média de permanência do paciente internado na CJM era de 21 anos; para cada paciente casado havia cinco solteiros, fato que dificultava extremamente o processo de ressocialização; 60% dos pacientes não recebiam visitas de parentes ou amigos; 54% não recebiam qualquer tipo de tratamento há mais de cinco anos; 22% dos pacientes tinham indicação para viver albergados (não possuíam, pois, patologia que justificasse sua internação psiquiátrica); 20% dos pacientes tinham indicação para ser internados em hospital geriátrico. Diante de tamanho grau de abandono familiar, médico-assistencial e social, se é involuntariamente levado a indagar: Que tipo de instrumento terapêutico é esse? Que conjunto de práticas e técnicas, advindas da ciência médica e do saber psiquiátrico, justifica esse estado de coisas? A quem responsabilizar por esse cotidiano de negligências, insensibilidades e autoritarismos que mantêm apenas as funções vitais da maioria daquelas centenas de pessoas, conduzindo-as lenta e inexoravelmente para o nada? Que espécie de conhecimento, e em nome do que e de quem é exercido, justifica uma forma tão sofisticada de esterilização das emoções e dos sentimentos, enfim, da própria dignidade da vida humana? (MARTELLI *et al.*, 1985, pp. 81-82).

Do Patrocínio, à época, estava com 44 anos, 23 dos quais passou internada. Era solteira, não recebia mais visitas de parentes, já não tomava os medicamentos prescritos – segundo o médico psiquiatra que a acompanhou dos anos 1980 até sua morte, Pedro Silva.

<sup>57</sup> MARTELLI, Celina M. T.; DUARTE, César V.; LIMA, Luis Carlos W.; SARDINHA, Marisa de F. M. *Colônia Juliano Moreira: o resgate de um compromisso com a dignidade humana*. Rev. Adm. Pública. 19(2): 78-97. Rio de Janeiro: abr/jun 1985.

Aquelas dúvidas expressas no artigo também foram as minhas ao me deparar com os questionários acima citados. O que me chamou ainda a atenção foi o fato de, mais uma vez, identificar um erro documental em registros arquivados na CJM. Desta vez, o erro é relativo à sua mãe. Antes de tudo, gostaria de informar que, tanto no livro organizado por Viviane Mosé, quanto em estudos consequentes dessa publicação, a mãe de Stella é apresentada como Zilda Xavier do Patrocínio. Seu nome, contudo – segundo pude comprovar ao consultar uma série de documentos no Arquivo Nacional –, era Zilda Francisca do Patrocínio. Filha de Emiliano Francisco Xavier e Guilhermina Francisca Xavier, ela foi casada com Manoel do Patrocínio que, por sua vez, era filho de José do Patrocínio e Sebastiana Maria de Jesus<sup>58</sup>. Zilda Francisca foi mãe de Stella, Antônio, Carlos Chagas, Germiniano, Olívia e Ruth. Obtive essa confirmação por meio do acesso às certidões de nascimento de quatro dos seis irmãos de Stella, agrupadas no capítulo 5, documentos com base nos quais também comprovei não só o nome verdadeiro de Zilda, mas o nome dos avós paternos e maternos de Stella do Patrocínio e de seus outros irmãos. Fiz este levantamento buscando reconstituir sua árvore genealógica e recuperar ao menos parte de sua história, interrompida pelos processos de internação manicomial.

Mas o que gostaria de pontuar é que foi tido como um dado o fato de sua mãe também ter sido paciente da Colônia Juliano Moreira, o que realmente ocorreu, mas essa afirmação segue dois caminhos distintos para justificar que Stella e Zilda jamais se encontraram depois da internação da filha: uma possível alta médica de Zilda ou sua evasão antes mesmo da internação de Stella<sup>59</sup>.

Depois de estabelecer contato com um dos sobrinhos de Stella, pude confirmar que Zilda e Stella se encontraram no mesmo núcleo, o NTB, e ali conviveram por ao menos dez anos. Ele se lembra de visitar tanto a avó, Zilda, quanto a tia, Stella, em companhia de sua mãe, nos anos 1980. Quanto à evasão ou alta médica de Zilda, adianto que, segundo o sobrinho, a avó veio a óbito, mas a família não foi comunicada, tendo descoberto em um dia de visitas na CJM. Chegando com a mãe, o menino lembra-se de ter sido avisado da morte da avó depois de perguntar sobre ela no núcleo.

---

<sup>58</sup> Até o presente momento, não encontrei as certidões de nascimento de Stella e Ruth. As demais certidões podem ser encontradas em consulta online no Arquivo Nacional – SIAN – livros-talões de nascimento. Em “Pesquisa livre”, as certidões e seus respectivos códigos e páginas: Carlos Chagas do Patrocínio (código N3.IRJ.LTN.066 – folha número 29); Olívia do Patrocínio (código N4.FMA.LTN.137 – folha número 89); Germiniano do Patrocínio (código N4.FMA.LTN.109 – folha número 44); Antônio do Patrocínio (6S.FSC.LTN.096 – folha número 173). Os códigos e respectivas páginas foram encontrados na “pesquisa livre” da Base de dados do Acervo Judiciário do Arquivo Nacional, também em consulta online.

<sup>59</sup> Valho-me de algumas fontes: a própria apresentação de Viviane Mosé para o livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), “[...] a mãe já foi interna do Núcleo Teixeira Brandão e conseguiu sair antes que ela desse entrada naquele hospital” (p. 21); as entrevistas realizadas, em que os entrevistados confirmaram que esse burburinho corria pelo Núcleo Teixeira Brandão; os prontuários médicos de Do Patrocínio presentes no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, em uma anotação que afirmava que sua mãe foi paciente do NTB da CJM e Stella do Patrocínio “fazia-lhe visitas trazendo guloseimas. Quando foi internada na CJM, soube que sua mãe estava evadida até o momento, mas não sabe de seu paradeiro”, assinada em 07 de abril de 1991.

Discuto esses dados mais pormenorizadamente no capítulo 5 deste trabalho.

Assim, percebo a escassez de informações sobre a vida de Stella do Patrocínio. Ela foi resultado de um longo período de internação que resumiu o sujeito Stella aos dados informados nos prontuários médicos. Não apenas foi um problema cuja resolução não foi possível – mesmo com a tentativa de reversão dos apagamentos, provenientes da reforma psiquiátrica – mas, ainda, o pouco que se sabia a partir dos formulários aplicados depois dessa reforma na CJM poderia ter origens falseadas, também resultado dos apagamentos sofridos – apagamentos esses que constituem o que Lélia Gonzales (1984)<sup>60</sup> classifica como a história esquecida; tirada de cena. Ou, ainda, Grada Kilomba (2010)<sup>61</sup>, que fala sobre uma história escondida, no sentido de não serem devidamente contadas pela história oficial. Neste caso, a história é lacunar e controversa.

Esses apagamentos de história não se referem apenas à falta de informações, mas também aos erros nos dados arquivados, acarretando em desvios que acabam por impossibilitar a sua “reintegração”, uma vez que os possíveis parentes que poderiam acolhê-la nunca foram localizados. Esses entraves também ecoam na recepção de sua obra e no entendimento sobre quem era a poeta, apresentada no cenário literário brasileiro por Viviane Mosé e Azougue editorial, segundo veremos no capítulo 3.

Outro dado conflitante identificado diz respeito ao local de nascimento da autora. Com efeito, ela é apresentada em entrevistas e documentos diversos ora como natural do Rio de Janeiro, ora como de Minas Gerais.

Stella do Patrocínio era diagnosticada como esquizofrênica nas duas fichas de internação – tanto do Hospital D. Pedro II, em 1962, quanto da Colônia Juliano Moreira, em 1966<sup>62</sup>. Nelas, a “doença mental” indicada é exatamente a mesma: “esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Em outras fichas e questionários, pelo menos mais dois diagnósticos são registrados. Como os sintomas analisados pela psiquiatria podem ser interpretados de diferentes maneiras por médicos distintos, me perguntei sobre a possibilidade dos dois primeiros diagnósticos (relativos aos registros de internação) terem sido copiados. Ao transmitir essa dúvida ao Dr. Pedro Silva, em entrevista realizada no Hospital Jurandyr Manfredini (CJM) em 2018, o médico psiquiatra afirmou considerar ser bem possível que isso tenha ocorrido, visto que, no momento de abrir a ficha de internação, aquelas pessoas eram examinadas de modo bastante rápido e impreciso. Então, a cópia

---

<sup>60</sup> GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 1984, pp. 223-244.

<sup>61</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

<sup>62</sup> Ambos podem ser consultados nos arquivos do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira.

era prática recorrente, principalmente porque a CJM era uma unidade que recebia frequentemente transferências de outras instituições por funcionar como um “fim de linha” dos sujeitos internados<sup>63</sup>.

De qualquer forma, esses diagnósticos referem-se às classificações realizadas pela psiquiatria, por meio de instrumentos como o CID e o DSM<sup>64</sup>:

[...] o ato diagnóstico em saúde mental jamais é neutro, ele é fruto de um trabalho de *semiosis*, de interpretação e julgamento, o qual implica aquele que interpreta em seus valores pessoais e sociais (em geral, acríticos). É nesse sentido que muitos historiadores da saúde mental [...] criticam a psiquiatria e outros campos *psis* como disciplinadores (ZANELLO, 2017, p. 57)<sup>65</sup>.

Apesar da luta antimanicomial ter criticado tanto o caráter normativo e subjetivo do diagnóstico, quanto o papel disciplinador da prática psiquiátrica, uma série de princípios morais permaneceram, como o julgamento e a vigília sobre o comportamento dos pacientes e a tentativa de fazê-los se adequarem a esses princípios morais, como pudemos constatar ao analisar os questionários do Senso. A reforma permitiu que os internos voltassem a ser entendidos como sujeitos sociais, com histórias de família e percursos de vida. Essa foi uma percepção importante para que os profissionais da saúde comesçassem a pensar além do sintoma, porque reduzir cada pessoa ao seu diagnóstico culmina, necessariamente, em uma desqualificação do que se entende como patologia e loucura. Entretanto, nesse contexto, podemos concluir que, mesmo a partir da abertura dos manicômios, uma série de problemas permaneceram, relativos à interpretação diagnóstica, ao enclausuramento, à vigília e à normalização.

Algumas das reivindicações da luta antimanicomial – que culminaram na reforma psiquiátrica – dão entrada no Congresso Nacional em 1989, a partir do Projeto de Lei do deputado Paulo Delgado (PT/MG). Seu projeto tramitou no Congresso Nacional por 12 anos, tendo sido aprovado em 2001, tornando-se a Lei n. 10.216. Nele, há a proposta de regulamentar os direitos da pessoa com “transtornos” mentais, além da extinção progressiva dos manicômios em todo o território nacional. Fechou-se mais de 87.000 leitos no período entre 1989 e 2011. Válido mencionar novamente que a reforma psiquiátrica no Brasil caminhou simultaneamente à reforma sanitária.

---

<sup>63</sup> Realmente, também podemos pensar em cópia nas fichas porque a idade de Stella do Patrocínio indicada na ficha de internação da CJM, em 1966, é 21 anos, mas na ocasião de sua transferência a esta unidade, ela já estava com 24 anos. Aos 21 anos, Do Patrocínio foi institucionalizada no CPPII. Podemos conferir esses dados voltando às figuras 3 (p. 34) e 5 (p. 37) deste trabalho.

<sup>64</sup> CID: Classificação Internacional de Doenças, pela OMS (Organização Nacional da Saúde); DSM: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, publicado pela APA (American Psychiatric Association).

<sup>65</sup> ZANELLO, Valeska. “Saúde mental, gênero e interseccionalidades”. In: PASSOS, Rachel Gouveia; PEREIRA, Melissa de Oliveira. *Luta antimanicomial e feminismo*: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

Por terem ocorrido conjuntamente, foram pensadas as Comunidades Terapêuticas, espaços alternativos para tratamento e moradia dos pacientes<sup>66</sup>, com a finalidade de abolir os hospitais psiquiátricos. Além delas, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Leitos de Atenção Integral em Hospital Geral (Lai HG), entre outras instituições, permitindo que o hospital psiquiátrico fosse fragmentado em diferentes unidades atendidas por equipes multidisciplinares – formadas por psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, enfermeiros, médicos, entre outros.

A despeito do fechamento dos leitos psiquiátricos, uma conquista sem dúvida importante do movimento de luta antimanicomial e da lei n. 10.216/01, aqueles outros debates que reivindicavam transformações da relação médico-paciente e que denunciavam maus tratos, violências e castigos, infelizmente não deram conta de resolver esses problemas com a substituição dos manicômios por outras instituições de assistência à saúde mental.

Sobre o caso das Comunidades Terapêuticas, é mister informar que, em 2015, o psiquiatra Valencius Wurch Duarte Filho foi nomeado para o cargo de Coordenador Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas no Ministério da Saúde. A Fig. 9, logo abaixo, estampa a charge do cartunista Carlos Latuff publicada na ocasião. A nomeação de Wurch Duarte fez com que entidades e profissionais da saúde ocupassem as ruas em protestos contra a sua indicação. Isso porque o psiquiatra tinha se posicionado contra o projeto de lei de Paulo Delgado, desde 1995 – tendo sido aprovada apenas em 2001 (lei n. 10.216/01) –, sob a alegação de que tirar pessoas do manicômio era algo “ideológico”. Além disso, Wurch também foi diretor do maior manicômio privado da América Latina, a Casa de Saúde Dr. Eiras. Em 2000, quando a instituição estava sob a sua direção, ela recebeu diversas denúncias de práticas de eletrochoque, abandono de internos, violações aos direitos fundamentais dos pacientes, pela I Caravana Nacional de Direitos Humanos<sup>67</sup>.

---

<sup>66</sup> No IMASJM há uma Residência Terapêutica que leva o nome “Stela do Patrocínio”.

<sup>67</sup> Para acesso à nota pública contra essa nomeação, assinada por diversas entidades de saúde, ver: <<https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/institucional/nota-publica-cgmadms/15248/>>. Essa nota afirma, entre outros pontos, que uma das exigências para a assunção do cargo é a publicação científica como um indicador de produtividade no campo da ciência e da academia, o que Wurch, não cumpriria: “informamos que o Dr. Valencius W. Duarte Filho não possui trabalhos publicados no âmbito da psiquiatria e da saúde mental, o que torna insustentável a argumentação do Sr. Ministro, para quem o cargo exige autoridade científica. (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4364389E4>)”.



**Figura 9.** Charge de Carlos Latuff, 2015.

Além disso, há uma série de denúncias envolvendo maus tratos e medidas de castigo contra os pacientes. Isso quer dizer muito: a troca de instituição pouco conseguiu alterar o formato de violências contra os sujeitos psiquiatrizados. Assim, as principais argumentações contra as Comunidades Terapêuticas defendiam que elas acabaram se tornando manicômios disfarçados.

Segundo matéria publicada na revista *Carta Capital*,

Publicados em maio [de 2015] em forma de um dossiê, os resultados trazem à tona graves violações de direitos humanos nas CTs, que vão desde trabalho forçado e participação compulsiva em cultos religiosos, a medicalização excessiva, homofobia, transfobia e estupros. Há também relatos de mortes – quatro nas instituições inspecionadas durante as internações, sendo dois suicídios [...] em quase todos os relatos coletados surgem denúncias de monitoramento de correspondências, de visitas e de telefonemas, impedindo denúncias de maus tratos ou pedidos para deixar o tratamento [...] Semíramis Vedovatto, coordenadora da Comissão de Saúde do Conselho Federal de Psicologia e representante da Autarquia no Conselho Nacional de Saúde, contextualiza o surgimento das Comunidades Terapêuticas: “A primeira foi instalada em Goiás, no ano de 1968, já imersa em uma lógica que prevalece até hoje, em que a drogadição é vista como um problema individual e moral, e não da sociedade, com a ideia proibicionista, punitiva e eugenista, de que ‘precisa higienizar’”<sup>68</sup>.

Essas denúncias também partem de usuários, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas ocupacionais e outros, principalmente em encontros e debates que pretendem assegurar os direitos

<sup>68</sup> “Comunidades terapêuticas: a violência no lugar da cura”. 2015. Disponível em: <[https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comunidades-terapeuticas-a-violencia-no-lugar-da-cura/amp/?\\_\\_twitter\\_impression=true&fbclid=IwAR1HB5nVJGGNa5d3EXwt9Bkn61N3ELG7rO1TrddCuEk\\_XzQaW131ftJ\\_ZHg](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comunidades-terapeuticas-a-violencia-no-lugar-da-cura/amp/?__twitter_impression=true&fbclid=IwAR1HB5nVJGGNa5d3EXwt9Bkn61N3ELG7rO1TrddCuEk_XzQaW131ftJ_ZHg)>. Acesso em: 04 ago. 2019.

conquistados pela reforma psiquiátrica.

Como vimos, essa reforma alterou muitas prerrogativas e ações do saber médico-científico, embora também tenha reproduzido certas práticas que criticava. Os processos de internação, antes da década de 1980, eram majoritariamente controversos nas instituições federais, período em que eram frequentes internações de caráter compulsório pela polícia e internações involuntárias a pedido de familiares. Assim, as três medidas implementadas na CJM, Grupos de Escuta, Grupos de Trabalho e Senso, conseguiram gerar resultados bastante positivos na vida de muitos dos pacientes internados na instituição há três, quatro e até cinco décadas. Aplicadas conjuntamente, elas abriram possibilidade de remunerar as pessoas em condições físicas de trabalho, de restabelecer seus vínculos com familiares – viabilizando sua alta médica, pois esses pacientes teriam para onde ir – e a continuação de seus tratamentos médicos em instituições abertas.

Entretanto, muitos dos casos de violência, como bem expressa a matéria publicada pela Carta Capital, têm suas bases em outros operadores de exclusão que ainda não discutimos. No próximo tópico, tentaremos estabelecer outras contribuições para a discussão da reforma psiquiátrica, incluindo aquelas de Do Patrocínio, somadas a outros movimentos sociais que também se propõem a discutir exclusão, marginalização e adoecimento: os movimentos negros, feministas e de classe. Neste trabalho, optei por discuti-los separadamente porque, apesar de a luta antimanicomial brasileira ter surgido defendendo a necessidade de aliar-se aos demais movimentos sociais, na prática, como vimos, os debates de raça, gênero e classe não ganharam muita visibilidade.

Além disso, a luta antimanicomial também defendeu que os usuários dos sistemas de saúde deveriam ser ouvidos e integrarem as discussões. Entretanto, os limites para esse espaço de fala concedidos aos usuários em saúde mental em situação de internação fechada puderam ser comprovados ao longo do meu trabalho de campo. Com efeito, embora eu tenha sido informada, discretamente, que algumas pacientes contemporâneas da poeta ainda estão vivas, eu não pude conversar com elas quando estive no Núcleo Teixeira Brandão. Só me foram autorizadas entrevistas com profissionais da saúde – além, evidentemente, de ter obtido consentimento para consultar os arquivos médicos de Stella do Patrocínio. A pecha “loucura” também arbitra as liberdades de convívio e expressão. Acredito que os manicômios sejam as únicas instituições cuja pesquisa deve ser realizada apenas com informações profissionais, e creio que muito se perde com essa aparente “proteção” institucional. Em presídios, hospitais de tratamento de tuberculose e demais estabelecimentos fechados, o contato com pesquisadores é permitido, mas não em hospitais psiquiátricos: as pessoas não falam, não podem falar a não ser a partir de medidas realizadas pela

própria instituição e o exercício de escuta fica confinado aos profissionais da saúde. Entendemos, evidentemente, que preservar os internos é igualmente importante, mas é preciso pensar em alternativas para também escutá-los.

Por essas razões, o próximo tópico insere os debates de raça, gênero e classe e pretende tornar visível o falatório de Stella do Patrocínio como um discurso que pode contribuir para a compreensão de que o campo da saúde mental precisa, realmente, dar conta de estabelecer essas alianças com os demais movimentos sociais recentemente citados.

#### **1.4. Contribuições de Stella do Patrocínio e usuários de saúde para discussões sobre raça, gênero e classe na luta antimanicomial brasileira**

Como vimos, as contribuições de Stella do Patrocínio para o debate manicomial ainda não foram examinadas neste trabalho. A leitura das suas falas também pode nos auxiliar a compreender a reforma psiquiátrica na Colônia Juliano Moreira, mais especificamente do Núcleo Teixeira Brandão. Lembro, nesse contexto, que este trabalho não pretende analisar os pacientes, mas os mecanismos de operacionalização dos manicômios. Sendo assim, devo destacar que Stella do Patrocínio indica no seu falatório os motivos de sua internação, relacionando-os a marcadores raciais e de gênero. Esses marcadores têm sido destacados nos debates envolvendo a luta antimanicomial brasileira.

Valho-me, agora, de considerações da própria autora e de referências de profissionais da saúde que se empenham em debater como a loucura é racializada e generizada. Nesse contexto, inicio essas considerações citando duas passagens do falatório de Stella do Patrocínio nas quais ela narra a sua chegada ao hospício:

*[...] eu entrei aqui foi quando a Ana, essa que tava na vigilância aqui [...] me descobriu que eu tava na rua com o Luiz. Eu nega preta crioula, Luiz nego preto crioulo ao meu lado, quando me abandonou um pouquinho pra ir no bar pra se alimentar e eu fiquei sem alimentação [...]. (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).*

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luiz [...] aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá [...] ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro [...] e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse para onde, “carreguem ela”, ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha, e Luiz não tava mais na hora [...] eu não sei pra onde ele foi, porque

eu fiquei, de repente, de repente, eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente [...] aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”, deu ordem, “carreguem ela”, na ambulância, “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá, estou aqui como indigente, sem família. (Stella do Patrocínio, em transcrição realizada por Mônica Ribeiro de Souza - trecho também reproduzido em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 49).

Desse modo, Do Patrocínio não apenas relata a sua internação involuntária, mas propõe uma interpretação para esse acontecimento: era uma nega, preta, crioula, na rua com um homem negro, preto, crioulo. Essa é a justificativa que a autora apresenta para o seu processo de adoecimento que, segundo citamos anteriormente, teria ocorrido após a internação, quando “a adoeceram”.

Esta justificativa tem bastante fundamento se lembrarmos do perfil apresentado em estudos e/ou apresentado por profissionais que trabalharam na Colônia. As pesquisadoras Ana Teresa Venancio, Laurinda Rosa Maciel e Ana Beatriz de Sá Almeida, por exemplo, traçam o perfil das pacientes do Pavilhão Nossa Senhora dos Remédios (um pavilhão de tuberculosos da CJM), entre as décadas de 1940 e 1960<sup>69</sup>. De acordo com elas, a maioria das mulheres internadas nesse período no pavilhão era categorizada como “negra” ou “parda”, diagnosticada com esquizofrenia, tinha baixa escolaridade e já havia trabalhado como doméstica.

A mesma descrição coincide com aquela fornecida pelos quatro profissionais entrevistados por mim durante o trabalho de campo para este estudo: eram médicos e psicólogas que atuaram na CJM a partir dos anos 1980 até pelo menos a data de morte de Stella do Patrocínio, em 1992<sup>70</sup>. Ao perguntar para eles se era possível estabelecer um perfil social das pacientes do NTB, núcleo em que Stella foi internada, a resposta foi unânime: negras ou nordestinas e com baixa escolaridade.

Lembro, nesse contexto, que uma das propostas da luta antimanicomial era se aliar aos movimentos de raça, gênero e classe, além de aliar-se aos pacientes e familiares para a construção coletiva de novas possibilidades de atendimento em saúde mental.

Enquanto a reforma sanitária ganhava força, em 1986, quando foi proposta a criação de um sistema único de saúde na 8ª Conferência Nacional de Saúde, a reforma psiquiátrica encaminhava novas discussões a partir da Carta de Bauru, também conhecida como Manifesto, em 1987, no II Congresso Nacional de Trabalhadores da Saúde Mental.

Assinada por 350 profissionais, esta Carta é considerada um marco para a reforma psiquiátrica brasileira, pois constitui o primeiro manifesto oficial dos trabalhadores em saúde

---

<sup>69</sup> Lembramos o leitor que Do Patrocínio deu entrada na instituição manicomial nos anos 1960.

<sup>70</sup> As psicólogas Mônica Ribeiro de Souza e Denise Correa e os psiquiatras Pedro Silva e Julius Teixeira.

mental<sup>71</sup> contra os manicômios. Entre outras considerações, ela manifesta a necessidade de combate a outros operadores de exclusão, como o racismo, o machismo e a homofobia, propondo alianças com outros movimentos sociais e, principalmente, com os usuários dos serviços de saúde pública:

*[...] Nossa atitude marca uma ruptura. Ao recusarmos o papel de agente da exclusão e da violência institucionalizadas, que desrespeitam os mínimos direitos da pessoa humana, inauguramos um novo compromisso. Temos claro que não basta racionalizar e modernizar os serviços nos quais trabalhamos. O Estado que gerencia tais serviços é o mesmo que impõe e sustenta os mecanismos de exploração e de produção social da loucura e da violência. O compromisso estabelecido pela luta antimanicomial impõe uma aliança com o movimento popular e a classe trabalhadora organizada.*

*O manicômio é expressão de uma estrutura, presente nos diversos mecanismos de opressão desse tipo de sociedade.*

*A opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres. Lutar pelos direitos de cidadania dos doentes mentais significa incorporar-se à luta de todos os trabalhadores por seus direitos mínimos à saúde, justiça e melhores condições de vida.*

Organizado em vários estados, o Movimento caminha agora para uma articulação nacional. Tal articulação buscará dar conta da Organização dos Trabalhadores em Saúde Mental, aliados efetiva e sistematicamente ao movimento popular e sindical. Contra a mercantilização da doença!

Contra a mercantilização da doença; contra uma reforma sanitária privatizante e autoritária; por uma reforma sanitária democrática e popular; pela reforma agrária e urbana; pela organização livre e independente dos trabalhadores; pelo direito à sindicalização dos serviços públicos; pelo Dia Nacional de Luta Antimanicomial em 1988!

Por uma sociedade sem manicômios!

(Bauru, dezembro de 1987 – II Congresso Nacional de Trabalhadores em Saúde Mental. [Grifos meus]).

A Carta de Bauru pontuava a necessidade de um debate mais aberto e aliado à luta de classes, mostrando a tensão existente em diferentes instituições e acusando discriminações “contra negros, homossexuais, índios e mulheres”. Ao mesmo tempo, uma das maiores referências para a luta antimanicomial brasileira, o médico psiquiatra Franco Basaglia<sup>72</sup>, alertava sobre os manicômios serem uma espécie de *apartheid*:

*A existência dos manicômios – símbolo daquilo que poderíamos definir como “reservas psiquiátricas”, equiparando-as ao *apartheid* do negro e aos guetos – é a expressão de uma vontade de excluir aquilo que se teme por ser desconhecido e*

<sup>71</sup> O Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental, contudo, surgiu em 1978. Ele foi formado por trabalhadores do movimento sanitário, sindicalistas, associações de familiares, membros de associações de profissionais e pessoas com longo histórico de internações psiquiátricas. Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde: <[http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2019.

<sup>72</sup> BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

inacessível, vontade justificada e cientificamente confirmada por uma psiquiatria que considerou o objeto dos seus estudos “incompreensível” e, enquanto tal, relegável à fileira dos excluídos. (BASAGLIA, 2005, p. 117).

Ao comparar a existência dos manicômios aos *apartheids* do negro e aos guetos, Basaglia estabelece uma aproximação entre a internação psiquiátrica e as marginalizações sociais dos negros. Desse modo, ele propõe que manicômios e *apartheids* têm em comum a exclusão de grupos subalternizados.

Mesmo assim, o levantamento geral da CJM ignorou questões raciais quando estabeleceu o resultado do Senso, por Martelli *et al.* (1985). Cito-o novamente para localizar o leitor:

82% da população internada tinha mais de 40 anos, e 50% mais de 50 anos de idade; a média de permanência do paciente internado na CJM era de 21 anos; para cada paciente casado havia cinco solteiros, fato que dificultava extremamente o processo de ressocialização; 60% dos pacientes não recebiam visitas de parentes ou amigos; 54% não recebiam qualquer tipo de tratamento há mais de cinco anos; 22% dos pacientes tinham indicação para viver albergados (não possuíam, pois, patologia que justificasse sua internação psiquiátrica); 20% dos pacientes tinham indicação para ser internados em hospital geriátrico. (MARTELLI *et al.*, 1985, pp. 81-82).

O Senso acabou priorizando os dados dos pacientes que informavam tempo de internação, idade média de cada um deles, estados civis, distanciamento familiar e/ou perdas desses vínculos, entre outros. Mas não houve um mapeamento racial e de gênero para que a instituição soubesse qual era o perfil social daquelas pessoas. Essas informações ficaram restritas às fichas de internação de cada paciente. Sendo assim, a ausência desse mapeamento de raça, gênero e classe no resultado do senso publicado por Martelli *et al.* (1985) pode ser explicada devido à priorização da ressocialização dos pacientes. O foco não era estabelecer o perfil social e político dos internos para compreender a constituição da instituição manicomial, mas encontrar dados que pudessem auxiliar os profissionais de saúde a encontrarem possibilidades de alta médica dos pacientes.

Desse modo, a necessidade de pautar o debate da luta antimanicomial a partir de perspectivas de gênero e raça é, ainda hoje – 30 anos depois da Carta de Bauru – emergente. O livro *Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*<sup>73</sup> reúne uma série de artigos sobre a reforma psiquiátrica, assinados por mulheres de diversas áreas, como antropologia, história, serviço social e psicologia. Essas profissionais argumentam sobre a relação existente entre loucura, desigualdade, pobreza, discriminação e exclusão,

<sup>73</sup> PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (Org.). *Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

com o foco em corpos femininos negros. Segundo as organizadoras Rachel Gouveia Passos e Melissa de Oliveira Pereira<sup>74</sup>, tratar individualmente problemas coletivos acaba por invisibilizar determinantes sociais, ocasionando na despolitização das relações sociais e no entendimento de que o louco é, por vezes, uma figura “sem rosto, sem cor/raça, sem nome” (PASSOS; PEREIRA, 2017, p. 10).

Desse modo, se resgatamos aqui a história da luta antimanicomial no Brasil e destacamos a relevância em estreitarmos sua interface com as questões de gênero, classe e raça é porque compreendemos a trajetória de Stella do Patrocínio não como algo isolado ou uma tragédia pessoal. Sua história integra, em resumo, um modo de operação institucional.

Nesse sentido, as críticas ao manicômio identificadas no falatório de Stella podem ser ampliadas e comparadas àquelas de outros pacientes, como Moisés Ferreira da Silva. Moisés nasceu em Pernambuco e, em 1961, quando ainda tinha 12 anos, foi levado ao Hospício D. Pedro II pela família, que não sabia como lidar com uma criança que hoje seria entendida como hiperativa. Na época, o menino recebeu diagnóstico de esquizofrenia e foi transferido, quatro anos depois, para a Colônia Juliano Moreira. Em seu depoimento, Moisés denuncia a violência dos funcionários da Colônia:

— Era uma covardia. Existiam funcionários que não gostavam da gente e, muitas vezes, nos batiam com cassetete. Não podíamos fazer nada, pois éramos levados, como castigo, para o quarto-forte (uma cela escura, sem comida) ou o eletrochoque. Aquilo era uma Colônia de presos.  
Um dos piores períodos de sua vida foi quando ficou um mês “impregnado” (anestesiado) de tantos remédios:  
— Fiquei paralisado. Os músculos estavam retorcidos, e eu não conseguia comer. Achei que morreria ali.<sup>75</sup>

Moisés associa medicação e violência, contando que chegou a tomar tanto remédio que ele chegou a sentir paralisia. Stella do Patrocínio, por sua vez, também relaciona medicação e violência, mas em outro sentido. Ela narra que os funcionários lançavam mão de atos violentos para garantir que ela tomasse os remédios prescritos:

---

<sup>74</sup> Rachel Gouveia Passos é assistente social, professora adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ; Coordenadora do Núcleo de Pesquisa, Estudo e Extensão em Serviço Social, Saúde Mental e Atenção Psicossocial (NUPESS).

Melissa de Oliveira Pereira é psicóloga e sanitária, mestre e doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz – ENSP/FIOCRUZ; Pesquisadora colaboradora do Laboratório de Estudos em Saúde Mental e Atenção Psicossocial – LAPS/ENSP/FIOCRUZ; Professora do Curso de Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

<sup>75</sup> BERTOLUCCI, Rodrigo. *Não quero ser mais louco. Nunca mais!* Rio de Janeiro, 25 abr. 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/nao-querou-mais-ser-louco-nunca-mais-12596185.html>. Acesso em: 05 dez. 2018.

[...] não entendo porque eu tomo remédio, não, é pra mim ficar doente, porque eu já fiquei com saúde boa, ele vê que eu melhorei um pouco, fiquei com a saúde boa, ele me pega, me dá o remédio pra mim ficar doente, o Dr. Pedro manda dar o remédio lá na farmácia, me chamam na hora do remédio. Ontem o Tião veio com um cacete de pau firme pra mim levantar da cama, lá dentro da sessão pra mim tomar o remédio. Tomei o remédio, o remédio ontem mesmo fez eu passar mal e hoje continuei passando mal do remédio, fiquei com a garganta seca, fiquei sufocada. Tião é o que trabalha aqui na colônia todo domingo, é funcionário. O remédio é pra minha cabeça, é pra minha mente, pra eu melhorar da mente; é pra me matar, não é pra isso, não, é pra me matar.  
(*VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...*, 1991, p. 17).

A poeta também afirma que, depois de tomar as medicações, andava cambaleante e passava mal. Não quero estabelecer nenhum debate sobre como os remédios eram administrados e prescritos em relação à área médica, mas apontar para as evidências de que poderiam ser mal administrados.

Os médicos dão muito remédio  
E as enfermeiras para não terem trabalho  
Só ficam gritando:  
Vou dar choques...  
Vou por amarras...  
Ser louco é uma barra  
(Beta)<sup>76</sup>

Temos, então, ciência de duas coisas: há, nos hospitais psiquiátricos, fatores de enorme relevância que, apesar de bastante discutidos, ainda não ganharam os devidos contornos na luta antimanicomial brasileira: (1) o problema da generificação e da racialização da loucura; (2) os processos de adoecimento ou sofrimento mental via medicalização e violência nessas instituições.

A antropóloga Fátima Lima<sup>77</sup>, ao escrever “Vidas pretas, processos de subjetivação e Sofrimento Psíquico”<sup>78</sup>, aponta a relação entre racismo, perturbações psíquicas e processos de produção social da loucura

<sup>76</sup> Beta foi paciente do CPPII, no Engenho de Dentro. Seu depoimento está exposto no Museu do Inconsciente, no atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde “Nise da Silveira”. Ao visitar o museu, retratei todo o acervo em exposição, inclusive esse depoimento. Seu nome completo não está referenciado. Apenas “Beta” marca de onde vem essa enunciação, que também não foi datada.

<sup>77</sup> Antropóloga, professora permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PIPGLA/UFRJ; professora adjunta na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ; Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais – CEFET/RJ; Pesquisadora no Núcleo de Estudos de Discursos e Sociedade – NUDES/PIPGLA/UFRJ.

<sup>78</sup> In: PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (Org.). *Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: editora autografia, 2017.

Atravessada de forma dinâmica por diferentes marcadores sociais como classe, sexo, gênero, geração, território, entre outros e tendo a raça como espinha dorsal, infelizmente fazem parte das estatísticas de subempregos ou desemprego (taxa de desocupação), habitam territórios marcados pelas violências, compõem o número de mães que perderam seus filhos nas mãos da polícia militar ou nas mãos do tráfico de drogas, habitam os espaços psiquiátricos, evidenciando a relação entre racismo, perturbações psíquicas e processos de produção social da loucura, compõem majoritariamente a população carcerária feminina, elencam, infelizmente, ainda que de forma sub notificada ou muitas vezes não notificada as violências nos espaços de cuidado à saúde, destacando aqui a violência obstétrica e os abortos inseguros, lotam as filas da defensoria pública. Tomar essas questões a partir da perspectiva interseccional crítica e da ideia de um trauma constitutivo no processo de encontro com a branquidade torna-se vital para que possamos repensar e recolocar as mulheres negras em outros espaços mais produtores de vida. Para tanto, torna-se necessário desmantelarmos as ruínas do mito da democracia racial e o imperativo da miscigenação que funcionaram e funcionam ainda e com muita força como elementos mascaradores das assimetrias e desigualdades, mas principalmente enfrentar o assombro e desassossego que vem hora da visibilidade e dizibilidade dos modos de vidas das populações negras hora da urgente necessidade de políticas de reparação e do compromisso urgente em diminuir as desigualdades raciais, expressas pela incomensurável violência que explode diariamente no âmago das opressões (LIMA, 2017, p. 84).

Agora entendo, racial e generizadamente, as práticas realizadas pela reforma psiquiátrica na Colônia Juliano Moreira – como os “espaços de escuta”, a “redemocratização”, a “inclusão social”, a “ressocialização” – como necessitados de reconhecerem assimetrias de raça, gênero e classe antes e enquanto operacionalizam suas demandas.

Desse modo, pensar esses *apartheids* sociais e institucionais para analisarmos os hospitais psiquiátricos torna-se uma tarefa necessária para compreender, como bem apontou Fátima Lima no artigo citado, as questões de biopoder e biopolítica das quais Foucault discorre:

A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia: mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 2005, p. 305).

O que quero dizer é que considerar que os sintomas psiquiátricos são permeados por questões culturais foi um passo importante para a reforma psiquiátrica brasileira. No entanto, as mudanças provenientes da reforma consolidadas na Colônia Juliano Moreira, somadas ao modo como os profissionais mediam a vida de Stella do Patrocínio, não foram suficientes para a sua reinserção social, assim como de muitas outras pessoas institucionalizadas. Além dos problemas tratados, gostaria de frisar ainda alguns: o poder de representar essas pessoas, as constantes mediações institucionais, os adoecimentos que a própria instituição causava e a tentativa de reverter um efeito

daqueles aprisionamentos sem que, para isso, as medidas implementadas tenham, de fato, discutido a racialização e a generificação da loucura. Pois, como vimos, o Senso, os Grupos de Trabalho e de Escuta não apresentaram nenhuma preocupação com esses fatores. O que, nesse caso, é partir para uma chave que não abre portas: tratam-se de recortes essenciais para pensarmos as violências cometidas contra as pessoas institucionalizadas.

A questão do racismo aparece, de fato, em diversos trechos do falatório de Stella. Num desses, em conversa com Carla Guagliardi, ela afirma ser “escrava do tempo do cativoiro”:

*Ô, Neni, eu já disse que eu sou escrava do tempo do cativoiro. Fui do tempo da... tua, da tua bisavó da tua vó da tua mãe... agora eu sou do teu tempo*  
 Mas todo mundo é escravo do tempo, não é só você. Todos nós... somos  
*Do tempo do cativoiro?*  
 Do tempo. De um tempo qualquer... que que é o tempo?  
*O tempo é o gás o ar o espaço vazio*  
 O tempo passa ou a gente que passa?  
*A gente que passa*  
 (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

Ao dizer ser “escrava do tempo do cativoiro”, Stella nos leva a pensar na simultaneidade entre diferentes tempos (da sua bisavó, da sua avó, da sua mãe), visto que todos esses tempos seriam ainda o tempo do cativoiro, do racismo, incluindo o tempo da contemporaneidade. Por isso a poeta afirma que o tempo não passa: “quem passa somos nós”. O tempo do cativoiro ou do asilo é um tempo do qual nem todos são escravos. Carla Guagliardi parece não compreender desse modo, pois afirma que “todo mundo é escravo do tempo”. Imediatamente, contudo, ela parece ser confrontada por Stella: “do tempo do cativoiro?”.

Nesse contexto, quando a autora afirma que o tempo não passa, entendo o problema do racismo, do “tempo do cativoiro”, como algo ainda não superado, mas, como afirma Frantz Fanon<sup>79</sup>, alterado ao longo dos processos históricos. O que antes era justificado biologicamente foi, ao longo do tempo, alterado.

Assim, a historiadora Magali Gouveia Engel<sup>80</sup> afirma existir um vínculo entre raça e

<sup>79</sup> FANON, Frantz. “Racismo e cultura”. In: *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980, pp. 35-48.

<sup>80</sup> ENGEL, M. G.: “As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social”. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, V(3): 547-63, nov. 1998-fev. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701999000100001&fbclid=IwAR1AIzqwKYT1VfV5muxcl5Hik7Xx2bN-u25ChGJI0Dk85gXSz9bGnj13H64](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100001&fbclid=IwAR1AIzqwKYT1VfV5muxcl5Hik7Xx2bN-u25ChGJI0Dk85gXSz9bGnj13H64)>. Acesso em: 25 jun. 2019.

doença mental e o discute, estabelecendo um paralelo entre os alienistas (século XIX) e psiquiatras (até a primeira metade do século XX):

O vínculo entre raça e doença mental indica outra pista importante para se avaliar as dimensões políticas e sociais assumidas pelo saber e pela prática alienista na sociedade brasileira das últimas décadas do século passado. Sempre ciosos de resguardar a vastidão e a imprecisão dos limites definidores da doença mental, os psiquiatras partiam do princípio de que a loucura não escolhia raça, o que não os impediu de construir, sub-repticiamente, relações bastante próximas entre a doença mental e as raças consideradas inferiores. Para tanto lançaram mão, por exemplo, da ideia de que os negros e sobretudo os mestiços predispunham-se à loucura por serem povos degenerados por definição. Entretanto, mesmo quando não eram classificados a princípio como degenerados, os indivíduos pertencentes a tais raças eram vistos como intelectualmente inferiores e, por isto, menos capazes de enfrentar e/ou adaptar-se às contingências do meio social, sendo assim ‘mais propensos’ à degeneração. (ENGEL, 1999, s/p).

Por essas razões, torna-se necessário conceber discussões sobre manicômios e presídios considerando o genocídio de negros no Brasil e um etnocídio que ganha poder e legitimidade institucional. As críticas ao sistema manicomial que envolvem os processos de “despersonalização”, apagamentos de história, silenciamentos, violências e descrédito do sujeito entendido como “louco”, se concebidas a partir da constatação de que essas práticas são destinadas em sua maioria a pessoas negras, irremediavelmente devem trazer outros debates em cena. Assim, são principalmente mulheres negras as que passaram por lobotomia, eletrochoque, apanhando de cassetete e sendo entendidas como delirantes e negligentes. Uma crítica que não põe como foco esses perfis sociais, fatalmente nos leva a um debate sem contornos.

Segundo Rachel Gouveia Passos, Professora da UFRJ na Escola de Serviço Social, devemos

[...] entender onde está localizada a reprodução da lógica do manicômio. O manicômio se dá a partir das relações sociais [...] a gente vive numa sociedade estruturada na produção do sofrimento e da violência (BASAGLIA). É a família, é a escola. São várias instituições que reproduzem a violência, não só hospício. Não basta acabar com a estrutura física do hospício, acabar com o leito, é pra além disso. É um projeto de sociedade que a gente está problematizando. Que projeto a gente quer? Se a gente quer autonomia, liberdade e igualdade pra todo mundo, não dá mais pra gente seguir esse modelo econômico posto. Esse modelo econômico, social, cultural e político vai continuar a reprodução da lógica manicomial [...] A inserção das comunidades terapêuticas enquanto um dos serviços de atendimento aos usuários que fazem uso prejudicial de álcool e drogas, entre outros, vai mostrar pra gente o quanto se atualizam as práticas manicomiais, principalmente em relação à guerra às drogas, que não é um problema contemporâneo, mas instalado no Séc. XIX, quando a gente vai estudar a formação social brasileira. No Rio de Janeiro, que

era capital, você tem a primeira proibição da cannabis no mundo, porque ela está atrelada ao corpo negro, à tradição de África. A cannabis veio junto com os pretos que vieram escravizados de África. Isso vai mostrar que o controle, a morte, a perseguição da existência do *ethos* negro não é de hoje. O Brasil inclusive se desenvolve a partir de estupros das mulheres negras, das violações dos homens negros. As mulheres negras eram estupradas e obrigadas a parir novas forças de trabalho, que são as crianças negras. O Brasil se desenvolve aí, e aí a guerra às drogas é um problema do racismo estrutural, de matar preto favelado, que fortalece a indústria armamentista, de interesse extremamente conservador e se atualiza com as práticas manicomiais [...] essa extrema direita não é louca, ela sabe muito bem o que deseja. Ela quer destruição. Não é só ódio de classe, é ódio de gênero, identidade, orientação, etnia, raça. Ela quer pulverizar, e nós somos maioria. Eu estou trazendo esses elementos porque eles vão atravessar o campo da saúde mental e como isso no cotidiano vai pegar no trabalho da equipe multidisciplinar, e aí você tem goteira no CAPS, sem iluminação no serviço substitutivo, vai precarizando, produzindo retrocesso no campo da saúde mental, na atenção básica, e aí o argumento de que não está funcionando, tem que voltar leito psiquiátrico, implantar comunidade terapêutica. E na verdade não é, o discurso é completamente diferente, o argumento é outro. É a re-atualização das práticas manicomiais que nunca foram superadas, elas estão postas no nosso cotidiano. O assassinato da Marielle nada mais representa do que uma prática manicomial. É importante a gente entender o que é o assassinato de Marielle junto à prática manicomial porque ela representa todas as populações que sempre estiveram internadas e que são assassinadas no país. Negra, favelada, bissexual, defensora dos direitos humanos, mulher. É a população que mais morre. Se isso continuar naturalizado, não adianta a gente pedir acesso à saúde, à saúde mental, que as pessoas vão continuar morrendo. A precarização do SUS também é extermínio da nossa população [...]”<sup>81</sup>

Mais uma vez, reitero, junto à colocação de Gouveia Passos, a necessidade de pensar a luta antimanicomial em acordo e incorporada a outros movimentos político-sociais, como étnico-raciais, de classe, gênero e sexualidade – ou estaremos sempre fadados a reformas que, como vimos, continuam reproduzindo a mesma lógica e deixam vigorar os mecanismos sociais, econômicos e políticos de adoecimento psíquico.

Desse modo, aquele emaranhado da tela de Portinari (Fig. 8, p. 46) que nos induz a pensar a “mortificação do ‘eu’” e a “despersonalização” de pacientes psiquiatrizados mascara um problema dos manicômios brasileiros: as pessoas têm rosto, corpo, nome, gênero e cor, como indicamos aqui e veremos ainda mais no capítulo que agora se inicia.

---

<sup>81</sup> Rachel Gouveia Passos, em palestra realizada na ocasião do lançamento de *Luta antimanicomial e feminismos: inquietações e resistências* (Rio de Janeiro: Francisca Júlia, 2019), no dia 09 de novembro de 2019 em Campinas/SP.

## 2. “QUEM VENCE O BELO É O BELO”<sup>82</sup>: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DA LOUCURA NAS CONCEPÇÕES ARTÍSTICAS

### 2.1. Arte produzida na Colônia Juliano Moreira

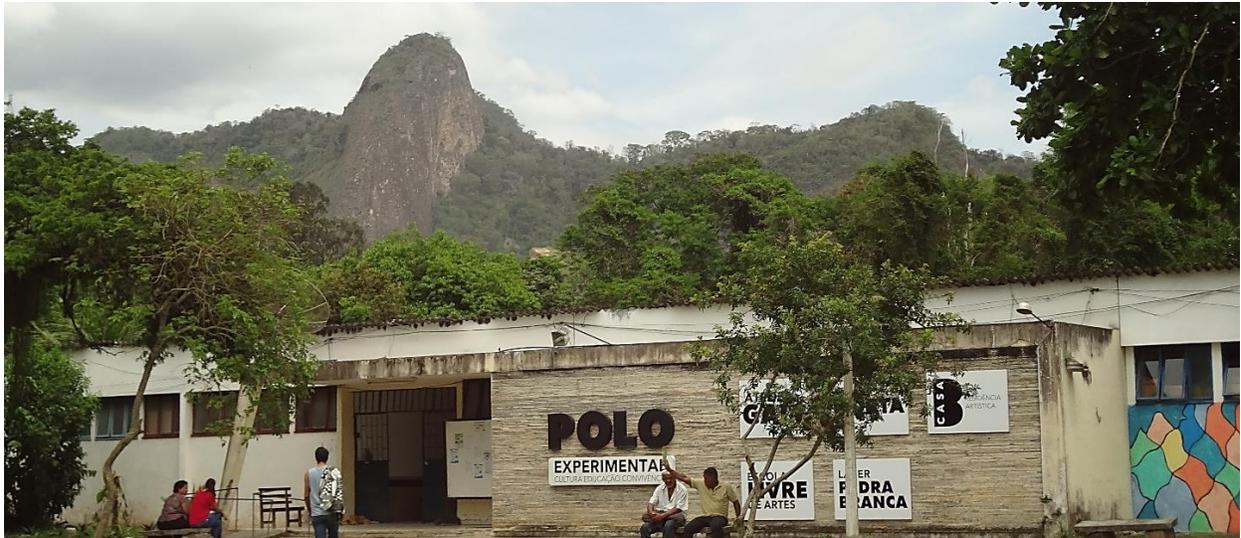
Por fim, permita que eu fale não as minhas cicatrizes.  
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes,  
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir.  
– Emicida, Pablo Vittar e Majur: AmaElo<sup>83</sup>.

A partir de minha visita ao Ateliê Gaia, no atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, eu pude perceber que há muita produção artística circulando. Trata-se de um polo experimental coletivo, integrado ao Museu Bispo do Rosário, cujo objetivo primeiro é o de gerar renda a pacientes e ex-pacientes através da venda de seus trabalhos artísticos. O Gaia é um prédio com um grande galpão, área aberta e algumas pequenas salas, onde estão alocadas muitas exposições – que incluem pinturas, maquetes, instalações, entre outras obras realizadas por seus frequentadores, muitos deles pessoas institucionalizadas há mais de 30 anos e que não tiveram possibilidade de saída, embora circulem nos arredores e em outros sub-bairros de Jacarepaguá, como a própria Taquara, ou ainda a Freguesia e o Pechincha. Muitas das produções realizadas no ateliê são expostas no Museu Bispo do Rosário.

---

<sup>82</sup> PATROCÍNIO, Stella. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001. P. 143. O poema, na íntegra, está registrado por Mônica Ribeiro de Souza. Seguem os versos completos: “Me transformei com esse falatório todinho/ Num homem feio/ Mas tão feio/ Que não me aguento mais de tanta feiúra/ Porque quem vence o belo é o belo/ Quem vence a saúde é outra saúde/ Quem vence o normal é outro normal/ Quem vence um cientista é outro cientista”.

<sup>83</sup> EMICIDA, MAJUR, PABLO VITTAR. “AmarElo”. Laboratório Fantasma, 2019.



**Figura 10.** Entrada do Polo experimental “Gaia”, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.



**Figura 11.** Espaço interno do Polo experimental “Gaia”, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias. Nessa fotografia, há prioritariamente produções de Arlindo Oliveira da Silva e de Leonardo Lobão.

Nem sempre, contudo, o objetivo primeiro do ateliê parece ser concretizado. Uma reportagem realizada pelo jornal *O Globo*<sup>84</sup> em 2012, por exemplo, afirmava que 15 obras de Raimundo Camillo, um artista plástico que vivia na Colônia Juliano Moreira e já havia recebido diagnóstico psiquiátrico, tinham sido comercializadas à Galeria Christian Berst de Paris sem que ele

<sup>84</sup> Jornal O Globo. “Obras de artistas da Colônia Juliano Moreira têm destino incerto”, publicado em 09 de setembro de 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/obras-de-artistas-da-colonia-juliano-moreira-tem-destino-incerto-6035667>>. Acesso em: 24 de setembro de 2018.

recebesse pela venda. Raimundo Camillo, à época, estava na instituição há quase 50 anos. Ele sequer sabia da comercialização de seu trabalho, denominado, pelo referido Museu, como “arte bruta”.

Em Paris, suas obras custavam 650 euros cada e, como “arte bruta”, entendia-se um trabalho feito por figuras à margem da criação artística oficial, sem treinamento formal ou inserção no mercado cultural: os denominados loucos. Segundo a matéria, era uma estética emergente na qual muitos Museus, de diversos países no mundo, apostavam.



**Figura 12.** Uma das obras do artista Raimundo Camillo, que estão na galeria Christian Berst, em Paris  
Foto: Divulgação. Fonte: O Globo.

Aqui identificamos, portanto, uma fissura na proposta defendida pelo ateliê, a de gerar renda aos artistas. No lugar disso, a arte mercantilizada resultou no lucro da instituição, que serviu-se das produções de um ex-paciente. Curioso que, ao mesmo tempo, essa apropriação foi palco para a legitimação do trabalho de Raimundo Camillo, natural do Ceará.

Segundo o acervo online da Galeria Christian Berst, eis a biografia do artista:

Raimundo Camillo was born in the state of Ceará in north-eastern Brazil in 1939 or 1943, depending on the source. He left his home region at an early age to work in Rio as a “slave”, as the Brazilian expression has it, taking menial jobs on building sites, in kitchens, and so on. He broke off from his old life as a result of one of these jobs, when one of his employers failed to pay him his due, forcing him to begin eking out a precarious existence on the streets of Rio. He ended up in the Colonia Juliano Moreira psychiatric hospital in 1964, and never left.<sup>85</sup>

<sup>85</sup> Raimundo Camillo nasceu no estado do Ceará, no nordeste do Brasil, em 1939 ou 1943, dependendo da fonte. Ele

Vejamos bem: Raimundo Camillo, não sabemos quantos anos tinha, mudou-se do Ceará ainda novo para trabalhar no Rio de Janeiro. Ele realizou um grande deslocamento visando melhorar suas perspectivas de vida, fugindo das desigualdades regionais, anseio tão comum e das maiores justificativas para os intensos movimentos migratórios da região NE para a SE brasileiras<sup>86</sup>. Ao chegar ao Rio de Janeiro, se deparou com uma situação comum aos nordestinos brasileiros que viajam por motivos semelhantes: o subemprego. Do que temos notícia a partir dessas fontes, tão ainda escassas, esse foi o primeiro impedimento para a concretização de seus anseios. Em seguida, sofreu calote do patrão, segundo impedimento. Sem dinheiro, embora trabalhando, deparou-se com o terceiro impedimento, pois foi forçado a viver nas ruas cariocas. O quarto impedimento foi a internação involuntária, pois foi retirado da situação de rua para ser confinado no manicômio. Houve, ainda, um quinto impedimento, o seu reconhecimento como artista, mesmo depois das vendas de seu trabalho sem que fosse remunerado. A única fotografia de Raimundo Camillo na apresentação da galeria francesa não mostra o seu rosto:

---

deixou sua região quando ainda era novo para trabalhar no Rio como "escravo", como diz a expressão brasileira, assumindo trabalhos servis em canteiros de obras, cozinhas e assim por diante. Ele abandonou sua vida como resultado desses empregos, quando um de seus empregadores não o pagou, forçando-o a viver uma vida precária nas ruas do Rio. Acabou no hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira em 1964 e nunca mais foi embora. [Tradução minha]. Disponível em: <<https://www.christianberst.com/en/artist/camilo.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.

<sup>86</sup> Sobre esse assunto, ver: BORGES, Pompeu Accioly. *Migrações internas no Brasil*. Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Política Agrária, 1995; CANO, Wilson. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil*. Campinas, Unicamp, 1998; PÁVOA, Helion N. *A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil*. Revista Travessia, n. 19, 1991, p. 20.



**Figura 13.** Raimundo Camillo. Fonte: Galeria Christian Berst.

Sem conseguir me furtar de lembrar a expressão “não dê o peixe, ensine a pescar”, que explicita tão enfaticamente a concepção meritocrática de uma ideologia neoliberal, concluo que Raimundo Camillo, ao que parece, não pedia o peixe e foi um persistente pescador. Acontece que não teve acesso ao rio. Em todos os caminhos, bloqueios. Mesmo assim, dentro do hospício, continuou trabalhando, agora no Projeto Gaia – mas, pela segunda vez, não recebeu retorno financeiro algum pelo seu trabalho. Suas obras foram vendidas sem a sua permissão, sem que ele fosse avisado e, novamente, sem que fosse remunerado por isso. Nesse sentido, a escravidão não é uma expressão brasileira, como a galeria francesa fez questão de frisar. Trata-se da manutenção do servilismo<sup>87</sup>. Dessa última vez, protagonizada em parceria entre a instituição manicomial e a instituição de arte.

Além disso, é sensato considerar que são mais de 800 obras registradas no Museu Bispo do Rosário – inclusive do próprio Bispo –, produzidas por artistas “da Colônia Juliano Moreira”, ou seja, por pacientes institucionalizados há décadas, “psiquiatrizados” e, por isso, produtores de “arte bruta”. No Museu, estão catalogadas e expostas as obras de Clóvis, Victor, Sebastião (esses, sem sobrenome nas referências), Pedro Mota, José Rufino e Antônio P. Bragança. Hoje, o Gaia é um espaço de produção artística aberto, e recebe diversos profissionais sem ligação com o ambiente

<sup>87</sup> Gostaria de indicar a leitura de *Discurso sobre o colonialismo*, de Aimé Césaire, para pensarmos essa manutenção visando a perspectiva pós-colonial. Pensamos caber porque a referência do termo veio de um site francês, e a França também tem responsabilidades em relação à manutenção de que falamos. Além do mais, por Césaire ter feito uma análise bastante relevante sobre isso. Ref. CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1978. 1ª ed. Tradução: Noémia de Sousa.

manicomial.

Ao conhecermos as obras de artistas “da Colônia Juliano Moreira”, concluímos que, se por um lado as temáticas manicomiais são frequentemente retomadas em seus trabalhos, por outro, tratam-se de produções artísticas sólidas. Assim, pretendemos romper a ideia de pertencimento das produções artísticas dos sujeitos psiquiatrizados em relação às instituições manicomiais. Essas produções artísticas não serão expostas como uma reificação de seus diagnósticos – caso que se repete com frequência. Partimos da premissa de que o autor jamais foi morto e de que a arte jamais se furta de produzir efeitos políticos.

Neste tópico, reproduzo obras de arte expostas na própria Colônia Juliano Moreira – tanto aquelas concentradas no Ateliê Gaia, quanto as que fazem parte do acervo do Museu Bispo do Rosário. Assim, penso as diferenças entre representatividade e representação. Portinari, que nos é apenas um exemplo artístico de percepções que ainda circulam, apresentou a loucura e as pessoas institucionalizadas de um lugar bastante distinto dos artistas “psiquiatrizados”. Estes, por sua vez, mostram que as temáticas de suas obras não estão presas à simbolização de sua condição de vida.

Os artistas que selecionei trazem, em seus trabalhos, outra percepção de suas vivências e do que é o manicômio, e essa particularidade, me parece, pode ser entendida a partir do que fala Boaventura de Sousa Santos<sup>88</sup> quando acusa uma descontinuidade ontológica e epistemológica entre o narrador e o narrado.

A seguir, uma prévia seleção de trabalhos que, assim como o fez Do Patrocínio, refletem o ambiente manicomial. Nas próximas três figuras, pensaremos exclusivamente as concepções e perspectivas críticas sobre o hospício, a loucura e a arte.

Eu estou ciente dos perigos dessas aproximações, principalmente nos próximos tópicos, por fazer um exercício de interpretação. Por esse motivo, tomo alguns cuidados que aqui explicito: primeiro, minha preocupação maior será analisar o que essas obras mostram de mais urgente e em concordância com as bibliografias consultadas para a discussão desde o início deste capítulo; depois, essas interpretações são um exercício de compreensão da perspectiva manicomial pelos artistas, por perceber, assim como pontuou Boaventura Souza Santos, que

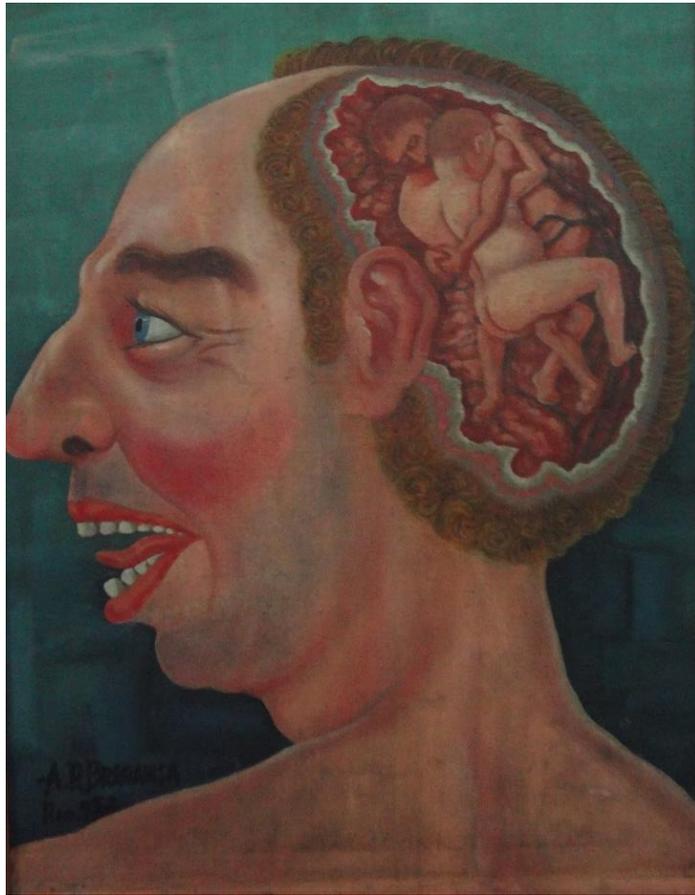
É insustentável a situação de, por exemplo, as ciências sociais continuarem a descrever e interpretar o mundo em função de teorias, de categorias e de

---

<sup>88</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n.79, pp. 71-94, Nov. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

metodologias desenvolvidas para lidar com as sociedades modernas do Norte, quando a maioria das sociedades não só apresenta características e dinâmicas históricas diferentes, como tem gerado as suas próprias formas de conhecimento das suas experiências sociais e históricas e produzido contribuições significativas para as ciências sociais, ainda que remetidas para as margens destas (SANTOS *et al.*, 2004, p. 21).

E assim também as recepções artístico-culturais. Sem mais delongas, vamos às obras selecionadas:



**Figura 14.** Antônio Pedro Bragança, sem data, sem título. Museu Bispo do Rosário. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.

As reproduções artísticas deste tópico ajudam a refletir diretamente o ambiente manicomial. A leitura que proponho sobre a pintura de Antônio Pedro Bragança (Fig. 14) nos auxilia a pensar os parâmetros empregados nos diagnósticos para a internação manicomial em sua época, por volta dos anos 1960. Só em 1973 a homossexualidade deixou de ser considerada um transtorno mental e foi retirada do DSM (Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana). No DSM, a homossexualidade era mencionada como homossexualismo, para referir-se a um

transtorno, tornando a sexualidade um assunto não mais jurídico, como anteriormente, mas médico-clínico. Segundo o professor Paulo Roberto Ceccarelli,

Ao sustentar a existência de uma “sexualidade natural” no ser humano, o imaginário judaico-cristão dominante no Ocidente cristalizou e isolou as expressões da sexualidade, como se tais manifestações possuíssem realidades concretas. O passo seguinte foi a criação de nomenclaturas para descrever, classificar e etiquetar as práticas sexuais. Foi também em referência à sexualidade natural que surgiu a noção de normal, que, como toda norma, é um construto teórico, logo, ideológico, tributário do imaginário sociocultural no qual ela emerge. A partir daí, toda forma de sexualidade que não se encaixe nesse imaginário é tida como desviante ou patológica. (CECCARELLI, 2008, p. 73).

Ademais, o semblante do sujeito lembra-nos daquelas qualidades associadas à homossexualidade mesmo depois de ter sido retirada do DSM: perversão, depravação, devassidão, imoralidade, pecado, vício e – por que não? – loucura. No entanto, o perfil do personagem contrasta fortemente com a representação do seu pensamento, indicando uma assimetria que pode ser transposta para a sociedade. A disposição dos corpos em um abraço, com suas cabeças apoiadas uma no ombro do outro e feições tranquilas substitui, com efeito, o clichê da depravação e, no lugar deste, destaca a imagem do amor.

Já a Fig. 15, também de autoria de Antônio Bragança, retrata pacientes e funcionários numa área externa da Colônia Juliano Moreira. Sabemos que se trata dessa instituição pela presença do Morro Dois Irmãos, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que pode ser visto em quase todos os pontos da Colônia:



**Figura 15.** Antônio Pedro Bragança, sem nome, 1960. Museu Bispo do Rosário. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.

Assim como era nos anos 1960, década da pintura da tela, os sujeitos psiquiatrizados estão de azul e os funcionários são representados de uniforme bege. Lembramos que Stella do Patrocínio chegou à CJM exatamente nos anos 1960, quando ela se encontrou com a sua mãe no NTB.

O acontecimento central recriado na pintura é uma ação do funcionário que, com uma pedra em cada mão, dirige-se a um/uma paciente. As tensões do corpo do funcionário, marcadas pelo sombreado na pele em rugas, como se seus nervos estivessem aflorados e seus músculos contraídos, transmitem uma atmosfera de ira. A violência parece, assim, constituir o tema central da tela. Essa problemática, contudo, não é a única trabalhada pelo artista. No canto direito da tela, três pessoas sem uniforme vislumbram o cenário natural e postam-se de costas para os acontecimentos centrais, levando-nos a pensar que, embora dividam o mesmo espaço geográfico, ocupam outro lugar simbólico e, portanto, não são afetadas pelas circunstâncias e pelo atos de violência. Assim, lembramos que conservar ou buscar a saúde mental também exige isolar-se da violência, ainda que ela esteja nas nossas vizinhanças, à espreita de outros. Os que não são afetados são o que concebemos, hoje, como “família tradicional”. Pai e mãe brancos e uma criança. Logo em frente à família, um/a paciente assistindo à cena, mas ainda assim distante da ação. Os demais expectadores assistem ou ignoram o fato.

Outra face da violência que pode ser discutida a partir dessa imagem é a passividade em

relação ao ato de violência. Não há ninguém na pintura (entre funcionários e internos) disposto a intervir buscando impedir o que está para acontecer. O óleo sobre tela mostra-nos, desse modo, as circunstâncias do ato de violência prestes a ocorrer e uma perturbadora passividade diante deste acontecimento.

Além da violência, outros contornos retratam o ambiente: Leonardo Lobão, artista plástico que frequenta, ainda hoje, o ateliê Gaia, pintou outros espaços da Colônia, como o Núcleo Ulisses Viana da Juliano Moreira, onde morou por décadas:

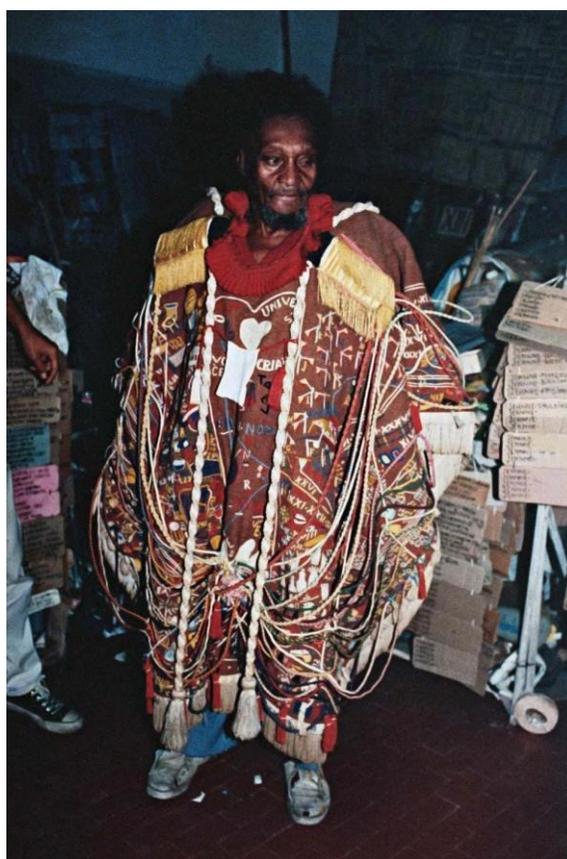


**Figura 16.** Leonardo Lobão, sem título, sem data. Museu Bispo do Rosário. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.

O Ulisses Viana é um núcleo masculino, composto por 17 Pavilhões e por uma sede administrativa. Muitos pavilhões, hoje, estão em ruínas. A imagem chama a atenção para o estado de abandono das estruturas, representadas pelas paredes sujas e descascando. Os personagens da tela, todos negros e vestidos de azul, refletem o perfil predominante dos indivíduos institucionalizados. À noite, um dos internos contempla a lua cheia surgir por cima dos telhados, enquanto outros descansam embaixo de uma árvore.

Além da área externa retratada por Leonardo Lobão, o Núcleo Ulisses Viana também tinha celas-fortes, onde outro artista esteve internado desde 1939 até a data de sua morte, em 1989. Refiro-me a Arthur Bispo do Rosário. São três os principais motivos para falar sobre ele neste tópico:

o primeiro deles, por ter sido contemporâneo de Stella do Patrocínio<sup>89</sup>. Em segundo lugar, porque seus temas não refletiam o ambiente manicomial, nem sequer eram por ele considerados fazeres artísticos. A ideia de Bispo quando costurou todas as suas 802 peças – hoje autorizadas pela instituição artística – era criar miniaturas de todo o material existente na “terra dos homens”, como ele mesmo dizia, porque essa era a sua missão na Terra. Por fim, menciono-o aqui porque a recepção de sua obra acabou ressignificando a sua vida. Para justificar a minha afirmação, relembro o leitor de sua obra mais popularizada, o “Manto da Apresentação”, com o qual Bispo está vestido na imagem a seguir:



**Figura 17.** Bispo do Rosário vestindo seu manto.  
Foto: Walter Firmo. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Contudo, gostaria de destacar o motivo que levou Bispo do Rosário a confeccionar o

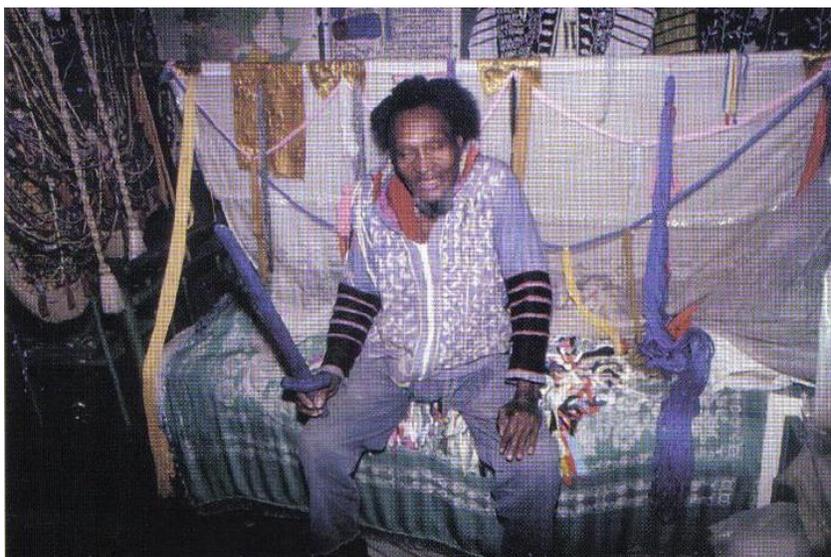
---

<sup>89</sup> Assim como ocorreu com Stella do Patrocínio, Antônio Pedro Bragança, Raimundo Camillo e muitos outros “artistas-internos” ou “internos-artistas”, a biografia de Arthur Bispo do Rosário também é cheia de contradições e lacunas. Nem mesmo a data do seu nascimento e filiação pôde ser comprovada. Creio que a maior referência nos estudos de Bispo do Rosário seja HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário - O senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Contudo, gostaria de indicar fortemente o trabalho de Borges (2010) por justamente levantar os diferentes discursos produzidos a respeito do artista – e que, como a própria autora afirma, buscavam instituir ou reproduzir determinadas realidades sobre ele.

manto. Esta seria a vestimenta que ele usaria quando chegasse a hora de sua passagem. Segundo Viviane Trindade Borges, em sua Tese intitulada *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*<sup>90</sup> (2010),

As criações de Bispo atuaram tanto sobre sua vida quanto sobre sua morte. Eram resultado da missão que ele acreditava possuir, a qual determinava suas ações e seus horários, constituindo, portanto, a razão de sua existência. Mas também inspiraram sua morte, visto que o personagem se preparava para o dia do Juízo Final fazendo constantes jejuns, compondo, entre outras peças, o manto que vestiria na ocasião e a “cama nave” que lhe conduziria aos céus (BORGES, 2010, p. 21, n.r.).

Apenas a título de ilustração, a próxima figura é a fotografia de Bispo do Rosário em sua cama-nave<sup>91</sup> que, como vimos na citação de Borges, o conduziria ao Reino dos Céus:



**Figura 18.** Bispo do Rosário em sua "cama-nave" ou “cama Romeu e Julieta”.  
Fonte: BORGES, 2010, p. 99 *apud* HIDALGO, 1996, p. 82.

Este seria o seu leito de morte, o que nos permite pensar que Bispo do Rosário sabia que morreria naquele espaço de confinamento, a cela-forte do Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana, hoje em ruínas. Mas não podemos nos esquecer de que, diante de toda essa história, o “Manto da Apresentação” e a sua “cama-nave” não eram obras de arte. Eles eram respectivamente sua vestimenta para se apresentar à Nossa Senhora na hora de sua passagem e o objeto que o levaria até o Reino dos Céus. Como ele afirmava ser filho de Nossa Senhora e de São José, então o manto era uma apresentação para a ocasião do seu reencontro com a mãe.

<sup>90</sup> BORGES, Viviane Trindade. *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 232 p.

<sup>91</sup> A “cama-nave” também foi chamada, por Arthur Bispo do Rosário, de “Cama de Romeu e Julieta”.

Ainda em vida, há uma passagem relatada por Luciana Hidalgo (1996), citada por Borges (2010), sobre a primeira vez que suas peças foram expostas em museu, em 1982:

Na hora da despedida, ele deu as últimas coordenadas. Conversou com as peças, pediu que tomassem cuidado para que não se deturpassem mundo afora. Reafirmou que a obra não deveria sair do pavilhão 10 do Ulisses Viana, só devendo ser exibida ali, perto dele. As peças eram como filhos, ele disse. Convidado para visitar a mostra no MAM, Bispo foi enfático:

- Meus olhos não estão preparados para ver aquilo.

Dois meses de exposição e angústia. Arthur Bispo do Rosário era apresentado ao mundo das artes plásticas imbuído de dor e desespero. Nunca apareceu no MAM, mas cercava Hugo [Denizart, organizador do evento juntamente com Frederico Moraes] toda a vez que este aparecia na Colônia. Cravava-o de perguntas sobre as obras: se estariam se comportando direito, gostando da casa nova (HIDALGO, 1992, pp. 153-154 *apud* BORGES, 2010, p. 137).

A esse respeito, compartilho da conclusão de Borges, ao ler sua tese e a citação acima: “o discurso a respeito do Bispo artista era exterior ao Bispo recriador do Universo e, mais do que isso, o violentava” (BORGES, 2010, p. 137).

Essa violência pode ser pensada como uma trajetória atravessada por diferentes ações que também agiram diretamente sobre o corpo de Bispo. Começo refletindo sobre o lugar onde ele produziu todas as suas peças: uma cela-forte do Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana, na CJM. As edificações destinadas aos pobres são muito semelhantes nas prisões e manicômios. Uma cela-forte e uma solitária carregam o mesmo sentido de confinamento e adoecimento. Ao andar pela primeira, percebi que seria possível dar, no máximo, cinco passos.



**Figura 19.** Cela-forte do Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Viana. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.

Hoje, Bispo é reconhecido como um dos nossos grandes artistas plásticos. Ainda com Borges (2010),

A batalha discursiva que inventa o Bispo artista plástico é atravessada por falas que ligam arte e loucura de forma assertiva e inseparável. O fio-condutor de tais enunciações é a articulação estabelecida entre genialidade e insanidade. Fio este que forma uma teia, a qual enreda o personagem em discursos diversos, numa disputa de poderes e saberes que configuram para ele determinados lugares de sujeito (BORGES, 2010, p. 126).

Esses fios condutores também formulam outros sujeitos que emergem como artistas plásticos no ambiente manicomial, mesmo quando estes não entendem suas obras como artísticas ou quando inserem temas desatrelados ao ambiente manicomial.

Quando Bispo morreu, em 5 de julho de 1989, houve uma movimentação na Colônia que visava preservar a sua obra e, assim, a sua memória. Desse modo, o seu acervo, instalado no Ulisses Viana, foi transferido para o Museu da instituição. Houve, ainda, iniciativas pessoais de funcionários da CJM que levantaram recursos para o enterro de Bispo, impedindo, dessa forma, que ele fosse enterrado como indigente. Quem conta foi Marcio Rolo, que participou desse levantamento de recursos e que esteve no enterro.

Assim, no caso de Arthur Bispo do Rosário, a mesma instituição responsável pela preservação de sua memória precisou adequá-lo aos seus próprios entendimentos acerca do que são produções de arte, ressignificando sua obra à revelia de Bispo, que foi enterrado sem o Manto de Apresentação costurado para essa ocasião. Hoje, esta é uma de suas peças mais famosas, tratando-se de um grande objeto de apreciação estética. Ao mesmo tempo que a nomeação de Bispo o violenta, essa nomeação o salvou do esquecimento e pode trazer à tona, como o faz Borges, importantes discussões sobre o ambiente manicomial e inclusive sobre os pressupostos estéticos da instituição artística. A coexistência da violência e da preservação da memória de Bispo nos acusa que devemos, ainda, refletir como a representação de Bispo e a perpetuação de sua memória foi consolidada.

Hoje, há reivindicações para que a obra de Bispo do Rosário seja apresentada tal como ele a concebia. De fato, apenas dessa maneira as violências perpetradas contra ele, mesmo depois de sua morte – como a sua nomeação como artista plástico<sup>92</sup>, em detrimento do seu entendimento sobre

---

<sup>92</sup> Segundo Borges (2010), mesmo essa nomeação como artista está, antes, atrelada à sua condição de marginalidade social. Assim, sua obra é menos inscrita no território da arte e mais inscrita no território da loucura. Prova disso é a recepção internacional da produção de Bispo, que recorrentemente categoriza sua produção como “arte bruta”, tal como o fizeram com Raimundo Camillo. Essa denominação “arte bruta” não foi dada pelo Museu Bispo do Rosário, mas em exposições de galerias francesas, como bem pontua Borges. Trata-se de um campo ainda em debate.

ter a missão de catalogar as coisas existentes no mundo – podem, finalmente, deixar de operar para a perpetuação de sua memória.

Para finalizar este tópico, gostaria ainda de mencionar que, diante de meus estudos de campo, pude perceber que a arte produzida nos manicômios não pode ser resumida às recriações do cotidiano dos artistas e internos. Muitas outras temáticas são exploradas nos trabalhos que vi. Telas com mulheres cozinhando doces, seres mitológicos, Eva com a serpente, mandalas, prédios, cortiços e até policiais do Bope são exemplos dessa diversidade.

Desse modo, podemos chegar a duas conclusões: (1) há uma grande distinção entre a já citada pintura de Portinari, sobre o processo de “despersonalização” de pacientes psiquiátricos, e as obras a que tive acesso. Diferentemente de Portinari, os artistas que passaram pela experiência de confinamento manicomial nos mostram contornos bem delimitados dos internos (conferir as figs. 14, 15 e 16), incluindo muitas vezes a representação de pessoas negras. Por outro lado, como também discutimos, esse espaço não é o único tema dos seus processos criativos, nem tampouco as artes plásticas são o único meio de expressão artística. É possível também encontrar poemas, redigidos de próprio punho ou com apoio em letras recortadas de revistas.

(2) A partir do momento que sujeitos com diagnóstico psiquiátrico passam a ser reconhecidos pela instituição de arte por seus trabalhos, sejam eles arte ou não (a exemplo de Arthur Bispo do Rosário), suas produções tornam-se diretamente associadas aos seus quadros clínicos. A denominação “arte bruta” surge para categorizar artistas entendidos como loucos. Não se trata, portanto, de uma concepção estética, mas clínica, dentro do campo artístico. Desse modo, o reconhecimento desses artistas é apenas parcial. Assim, a instituição artística institui a maneira como essas produções são circunscritas nas artes plásticas. Ao invés da arte ser um instrumento que nos permita pensar que os sujeitos psiquiátricos não podem ser lidos apenas pela perspectiva clínica, o que ocorre é quase o inverso: a patologização é transportada do manicômio para os museus.

Nos próximos tópicos, apresentaremos o caso de Stella do Patrocínio. Buscaremos, pois, sintetizar o processo pelo qual a autora teve seu falatório gravado em dois momentos distintos, por estagiárias de artes e psicologia no Núcleo Teixeira Brandão da CJM.

## **2.2. O falatório, o Projeto de Livre Criação Artística e uma nova forma de mediação**

O espaço destinado ao Projeto de Livre Criação Artística era um galpão abandonado dentro do Núcleo Teixeira Brandão. Esse galpão havia sido desativado nos anos 1980, depois de

abrigar centenas de pacientes que dormiam em condições precárias, em colchões quase grudados uns nos outros e quase sem espaço para circulação.

A entrada do NTB é construída com tijolos à vista. Do lado direito, uma placa metálica, oxidada pelo tempo, sinaliza o nome do núcleo. Nessa entrada, há um portão pintado de azul, igualmente oxidado e com a pintura descascando, por onde podemos observar uma praçinha arborizada em formato circular, com alguns bancos, bem no centro do pátio que leva ao prédio da administração, que pode ser observado ao fundo da Fig. 20 a seguir. Ele concentra a enfermaria e a sala do médico psiquiatra de plantão. Ao redor, muitos bancos de concreto onde os pacientes passam o dia.

Cada prédio é uma seção diferente e, ao todo, são nove seções. As pacientes são separadas por diagnóstico e condições de tratamento. Soube que há uma seção apenas de mulheres acamadas, por exemplo.



**Figura 20.** Entrada do Núcleo Teixeira Brandão, CJM, Jacarepaguá/RJ, 2018. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.



**Figura 21.** Praça do Núcleo Teixeira Brandão, CJM, Jacarepaguá/RJ, 2018. Fonte: acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias.

Para poder entrar, eu disse aos guardas que estavam logo no portão de entrada que se tratava de uma pesquisa em Literatura, sobre a obra de Stella do Patrocínio, e que eu gostaria de saber quais eram os procedimentos de acesso aos arquivos. À época, fui realizar os primeiros contatos para entrevistas e aproveitei a ocasião para conhecer as burocracias da instituição, uma vez que meu projeto já havia sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-CHS da Unicamp, mas eu ainda não sabia que, por se tratar de uma pesquisa que envolve a área da saúde, eu precisaria resubmetê-lo ao CEP-SMS, da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Assim que entrei, percebi as movimentações dos internos. Hoje, o NTB é um Núcleo misto, não mais exclusivamente feminino. Estavam todos muito quietos, e aqueles espaços de silêncio me fizeram pensar: “é ainda um manicômio”. Sabia que já bastante transformado desde a internação de Stella do Patrocínio, pois já se passavam 36 anos desde a sua morte. Mas tudo ali apontava para um passado não tão remoto, tudo parecia ser uma herança, funcionando com uma normalidade estranha – ao menos para mim, que vinha de fora.

Percebi, pelas paredes velhas, placa oxidada e bancos quebrados, que a estrutura arquitetônica era ainda a mesma da época de Do Patrocínio. No espaço interno, próximo à sala do psiquiatra, tinha um guarda cuidando de algumas pessoas que circulavam devagar ou que mantinham-se de cócoras nos bancos de concreto ao lado da sala do psiquiatra. Parecia que o tempo daquele lugar era mais lento, e que os funcionários, logo pela manhã, já aguardavam o momento de irem embora. “O tempo não passa, quem passa somos nós”, lembrei-me de Stella e dos áudios gravados por Carla Guagliardi, ao inaugurar a visão daquele espaço.

Naqueles confinamentos não é possível que circule muita saúde. “Estamos doentes e cansadas de estarmos doentes e cansadas”, disse Fannie Lou Hamer, ativista dos direitos das mulheres

nos Estados Unidos. Essa sua frase tornou-se lema do National Black Women's Health Project. Também me lembrei de uma palavra de ordem da luta antimanicomial brasileira: “Sem direitos humanos não há saúde mental”, isto por perceber tanto o uso político dos diagnósticos psiquiátricos, como o fato de a vulnerabilidade social aumentar os riscos de adoecimentos diversos, inclusive psíquicos. Ainda que eu me lembrasse de diversas referências, naquele momento eu não conseguia reparar como a manutenção daquilo se dava, embora tivesse a proposta de reparar em tudo quanto pudesse.

Mas ali eu percebi que, além de o falatório ter sido consolidado como poesia a partir da publicação do livro de Viviane Mosé, ele também estabelece uma guerra de fronteiras<sup>93</sup>. Estão em jogo perspectivas e territórios de produção e reprodução de discursos. Meu intuito foi, então, pensar sobre essas fronteiras para compreender a concepção e a recepção do falatório com a chegada das estagiárias e com o início do processo de gravação do falatório de Stella do Patrocínio.

\*\*\*

Foi a convite das psicólogas Denise Correa e Marlene Sá Freire que a artista plástica e professora de artes do Parque Lage, Nelly Gutmacher, passou a planejar e a orientar atividades artísticas no Núcleo Teixeira Brandão. Para isso, Gutmacher convidou dois dos seus alunos, Carla Guagliardi e Marcio Rolo. Às psicólogas, competiam a coordenação administrativa e a monitoria dos encontros. Para que o galpão pudesse ser ativado, as idealizadoras do Projeto – as psicólogas Denise Correa e Marlene Sá Freire – precisaram reformá-lo e o fizeram junto da equipe de artistas contratados para a sua realização.

Para que o Projeto pudesse funcionar, Denise e Marlene visitaram a Escola do Parque Lage, em especial uma oficina de materiais, e viram que Nelly Gutmacher trabalhava com os materiais mais diversos. Assim, elas escreveram um projeto e o submeteram para a análise da direção da CJM, que o aprovou.

O “Projeto de Livre Criação Artística” começou no dia 05 de setembro de 1986. Marcado para terminar depois de exatos seis meses, ele foi prorrogado por mais três. As atividades eram realizadas todas as sextas-feiras, das 8h às 12h, e delas participaram mais de 50 mulheres. Segundo o Relatório do Projeto<sup>94</sup>, a equipe foi formada da seguinte maneira:

---

<sup>93</sup> HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

<sup>94</sup> Acervo de Denise Correa, gentilmente fotografado por ela e enviado por arquivo de imagem quando solicitado.

Artista plástica: Nelly Gutmacher

Assistentes: Carla Guagliardi e Marcio Rolo

Cinegrafistas: Antônio de Almeida Rodrigues e Vitalino Muratori

Psicólogos: Denise de Almeida Correa e Marlene Sá Freire

Ao longo do projeto, algumas substituições foram feitas, embora o relatório não informe quando ocorreram:

Artistas plásticas: Brigitte Exter-Holck e Gabriela Dorati

Cinegrafista: Adolpho Vaz (voluntário)

Psicóloga: Vera Helena Juliano Pereira

Em conversa por telefone com Marcio Rolo, soube que o nome foi escolhido para que se estabelecesse uma diferença entre o trabalho de Nise da Silveira e a prerrogativa do que se aplicaria no Núcleo. Segundo ele, o grupo de arte decidiu estabelecer que o Projeto não teria apriorismos. Livre, pois o objetivo era despatologizar a arte, ou ao menos não entendê-la tal como Nise. O grupo era formado por artistas, não por médicos psiquiatras.

No primeiro dia, depois de Denise e Marlene realizarem verdadeiras buscas de materiais artísticos por todo o Rio de Janeiro, como sucatas, tecidos e papelão, os recém-chegados artistas plásticos e as psicólogas começaram a convidar as pacientes para participar do Projeto:

No primeiro dia, colocamos o material todo lá, os artistas chegaram, e eu saí para chamar as pessoas, de Pavilhão em Pavilhão, de Enfermaria em Enfermaria, chamando: “Gente, vamos lá trabalhar com tintas! Com pincel! Vamos lá! Vamos lá!”. Aí vieram umas poucas e, quando acabou a oficina, elas saíram e disseram: “Ô, gente! Ninguém aqui mandou trabalhar não! Aqui é brincar! Com tinta!”. Então encheu. (Denise Correa, entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Carla Guagliardi relata brevemente o motivo pelo qual ela aceitou o convite de participar desse Projeto no documentário “Cuidado como método” (2017). Peço licença ao leitor para transcrever um longo trecho, pois acredito que ele nos auxilie a perceber não somente as tensões nas relações entre a artista plástica e as pacientes do NTB, mas as relações de afeto e cuidados mútuos entre elas.

[...] nós fomos ao Núcleo Teixeira Brandão e nas primeiras “sessões”, nas vezes que estivemos lá, era mais um percurso dentro da instituição, dentro dos quartos, dos corredores, dos jardins, conversando e convidando as mulheres a nos conhecerem, a visitarem o galpão que a gente ia ocupar, pra propor algumas atividades com elas, conversas e tal. E eram mais de 600 naquela época nesse Núcleo, e nós conseguimos conquistar uma turma de 30 que eram frequentes, e outras que viam mais

flutuamente, e aos pouquinhos o trabalho se desenvolveu. Nós íamos uma vez por semana à instituição e desenvolvíamos um trabalho muito livre com oferta de materiais, condição mínima de trabalho, mas tinham algumas, e um espaço emocional conflitivo grande, talvez porque a gente não tivesse nenhuma proposta pré-concebida, eu não tinha nenhuma formação nesse sentido [...] Talvez tudo isso retornasse ali, e eu ganhei aos poucos uma intimidade muito grande com algumas delas. Uma delas foi a Stella do Patrocínio, que é a pessoa que nós vamos nos referir mais aqui nesse discurso, nessa conversa, pois a Stella se recusava, ou não sentia nenhuma atração especial em trabalhar com nenhuma atividade plástica, mas ela aparecia com frequência para conversar. E a aparição dela era sempre com uma soberania enorme, ela chegava envolta num cobertor, às vezes com a cara pintada de branco e tal, e falava sempre alguma frase que impactava o dia inteiro. A gente ficava impregnada daquilo, embora houvesse o ruído de todas as outras pacientes ao entorno, e várias manifestações interessantes também, mas a Stella era a soberana, e pouco ou nada se interessava pelas artes plásticas [...] dali encaminhava-se alguma conversa que eu tive a sorte e a felicidade de gravar algumas vezes [...] O contato é muito físico, pelo menos naquele momento conosco. Nós nos diferenciávamos das equipes que trabalhavam dentro do Hospital, e essa diferença eu acho que trazia um frescor, um contato do exterior para elas, que era muito atraente. Então nós entrávamos com o carro pelo portão e nós éramos invadidos, totalmente surpreendidos por aquele grupo enorme de mulheres gritando os nossos nomes, excitadíssimas. A gente descia do carro e tinha que abraçar todas elas, e tudo isso eram superações para nós muito fortes, porque eram pessoas que na maior parte das vezes tinham condições bem ruins de higiene. Então era incrível como nós nos acostumávamos àquilo cada vez mais, e com todas as dificuldades que isso impunha.<sup>95</sup>

Essa sensação de que o convívio entre Carla – que não tinha experiência com internos psiquiátricos – e as pacientes era algo desafiador, mostra-nos como a diferença entre ambas, mesmo que fosse de muito carinho e afeto, ainda sustentava uma hierarquia sobre a qual Carla Guagliardi não tinha controle. Carla chegava de carro no Núcleo, e as mulheres corriam em sua direção querendo abraçá-la. Para a artista plástica, o desafio era o mau cheiro das pacientes, e nessa relação afetiva, ela ignorava esse desconforto vindo das precárias condições de higiene do hospício e as abraçava.

Nesse sentido, eu mesma, ao ter contato com pacientes, percebi algumas dessas tensões, como se o contato exigisse cautela, ora de minha parte, ora da parte deles, e por uma infinidade de razões, das quais gostaria de destacar uma, relatando um breve ocorrido: ao chegar, pela primeira vez, no Núcleo Teixeira Brandão, um dos guardas que vigiava os internos pretendeu apresentar-me a uma paciente. Dirigindo-se a ela, disse: “Olha, fulana, essa moça é pesquisadora. Fala oi pra ela!”, pelo que a mulher me responde: “Oi! Babaca!”, passando a rir alto. Eu também ri de volta, talvez com a mesma empolgação – pois que, assim como Carla, também venho de fora –, e percebi que aquela hierarquia imposta pela solicitação do guarda para que ela me dissesse oi, fazia muito mais

<sup>95</sup> GOGAN, Jessica; PUCU, Izabela; STIRLING, Alison; GRAY, Kate. “Cuidado como método”. Documentário, 2017.

parte das concepções dele sobre o universo acadêmico *versus* o manicomial do que, de fato, seria uma imposição a operar naquela hora, com aquela mulher. E realmente não operou. “Babaca”, sim, porque eu nada sabia a respeito daquele ambiente que acabara de entrar. Já havia lido muitas referências, mas os livros dificilmente nos preparam para a coisa em si.

O motivo de minha risada, apesar de simpático ao da mulher à minha frente, também era outro. Eu ria porque, minimamente, refleti sobre o que ela me comunicava, mas estava tranquila e tinha horário para sair – e sairia brevemente. O riso dela, por outro lado, me pontuou a minha ignorância em relação àquele espaço e, ao mesmo tempo, me mostrou que não deveria nem iria se subordinar ao pedido do guarda. Pesquisadora? Então babaca. E, nesse sentido, estou com ela. Porque posso estar. Porque, aliás, estou falando sobre ela passados dois anos e porque nunca mais a vi. E o outro motivo, que é o motivo pelo qual relato essa história, é que essa hierarquia não compete apenas ao que a instituição força, mas também ao convívio necessariamente agressivo – ora, são interações compulsórias e involuntárias que fazem com que o cotidiano de quem está lá seja sempre mediado, vigiado, medicalizado, com os discursos desses pacientes sem serem levados em consideração. Há um abismo que separa quem volta pra casa e quem foi retirado da sua para viver em situação de confinamento. Relembrando Do Patrocínio,

Eu estava com saúde  
 Adoeci  
 Eu não ia adoecer sozinha não  
 Mas eu estava com saúde  
 Estava com muita saúde  
 Me adoeceram  
 Me internaram no hospital  
 E me deixaram internada  
 E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa  
 O hospital é um hospital  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 51).

O fato é que a autora estava hospitalizada há mais de trinta anos quando os estagiários de artes plásticas chegaram para montar um ateliê em um Núcleo onde aquelas mulheres haviam sido diagnosticadas com doenças mentais – psicose, esquizofrenia, entre outras. O abismo entre estagiários e internas já começa aí. Os primeiros adentraram aquele ambiente com horário de saída. As demais, em sua maioria, estavam a contragosto em um cárcere que já durava décadas. Depois de entrevistar os profissionais que trabalharam nesse Projeto, percebi que o trabalho de implementá-lo foi bastante árduo e decorreu de seus próprios esforços.

Assim, algo bastante novo, naquele contexto, emergia no Núcleo Teixeira Brandão: houve uma preocupação real e verdadeira de melhorar a qualidade de vida daquelas pacientes, e o trabalho que visava levantar os dados sobre elas, pretendendo a alta médica e a restituição de suas memórias, continuavam a ser realizados.

Embora Do Patrocínio não tenha conseguido alta médica, alguma coisa extrapolou o que havia sido pensado para ser um espaço de produção artística visando a distração das pacientes. Um gravador passou a ser carregado, eventualmente, dentro da bolsa de Carla<sup>96</sup>, e era ligado por ela quando Do Patrocínio aparecia para conversar durante as atividades do Projeto de Ateliê.

Esse foi o primeiro ato para a consolidação de Stella do Patrocínio como intelectual brasileira, embora Carla não tivesse esse intuito na época e nem pudesse prever que esse material seria utilizado para a publicação de um livro em editora. É importante destacar que Guagliardi foi a primeira pessoa a voltar a sua escuta a Stella do Patrocínio, não apenas sentido de perceber que seu falatório possuía elementos poéticos, mas também porque suas enunciações possuíam uma seriedade que careciam de atenção.

Canta uma música pra mim  
 Não... tô cansada de tanto falar não posso mais cantar  
 Então fala uma poesia  
 Também não. Não tenho mais lembrança de poesia mais nenhuma  
 Faz uma poesia pra mim  
 Eu não tenho mais lembrança de poesia  
 Mas tudo o que você fala é poesia, Stella  
 É história que eu tô contando, anedota (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

Guagliardi chega a chamar Do Patrocínio de poeta e filósofa em uma de suas conversas com a autora:

*Eu sei que você é uma olho, é uma espia que faz espionagem, é um fiscal é um vigia também. É uma criança prodígio precoce poderes milagre mistério. É uma cientista, já nasce rica e milionária.  
 Quem falou isso pra você?*

---

<sup>96</sup> Devo mencionar que entrevistei tanto Carla Guagliardi, quanto Nelly Gutmacher, à época sua professora e a responsável pelo projeto iniciado no NTB. As entrevistadas, contudo, divergem em relação às gravações: Guagliardi afirma que às vezes Nelly era a interlocutora de Stella, mas Gutmacher nega as suas participações em conversas com Do Patrocínio, afirmando que essa tinha sido uma ideia de Carla e executada somente por ela. Sendo assim, a partir de agora refiro-me apenas a Carla Guagliardi como interlocutora de Stella do Patrocínio nas gravações, por dois motivos: primeiro, porque não pude perceber diferenças entre as vozes que conversavam com Stella do Patrocínio ouvindo os arquivos em mp3, quiçá pela baixa qualidade dos áudios; segundo, porque todas as gravações são acervo de Carla Guagliardi; terceiro, porque foi Guagliardi quem teve a ideia de gravar essas conversas com Stella do Patrocínio.

*Eu tô sabendo porque as aparências não se enganam*  
 [pausa com conversas ao fundo]  
 Mas você também sabe que eu gosto muito  
*Não acredito*  
*porque eu sou feia nojenta e horrorosa*  
 Não é verdade. Você não é feia não é nojenta não é horrorosa. Você é bonita...  
 bonita...  
*Linda e bela é você, não sou eu*  
 Você também é linda e bela. Você é bonita, poeta, filósofa...  
*Quisera, queria*  
 Tem uma luz linda, fala coisas lindas, e a gente se entende. A gente não se entende?  
*Eu passo sempre muita fome sinto sede sono frio preguiça e cansaço, que eu tô no*  
*matéria em forma humana e carnal. E é mesmo, é o mesmo é o mesmo homem é o*  
*mesmo criança é o mesmo bicho é o mesmo animal é o mesmo espírito é a mesma*  
*alma é o mesmo deus é a mesma nossa senhora é o mesmo menino Jesus no tempo*  
 (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

Em todos os arquivos de áudio, notamos que a artista plástica tem uma fala mansa, terna, cheia de carinho para o trato com Stella. Mas acontece que as estruturas manicomial e o tempo de internação fazem com que as dinâmicas das conversas entre ambas sejam compreendidas de modo diferente entre uma e outra. Com a citação acima, podemos refletir dois trechos distintos: o início do diálogo, quando Do Patrocínio afirma saber que Guagliardi é uma espiã, fiscal e vigia, chamando-a de cientista. A conversa tem seu andamento com Carla dizendo a Stella que gosta muito dela, mas Stella responde não acreditar, por ser “feia, nojenta e horrorosa”. O cuidado de Carla vai no sentido de não apenas positivar a imagem de Stella, dizendo que ela é linda, como também positivar a relevância das enunciações de Stella – afinal, poesia e filosofia são atividades intelectuais. Contudo, Do Patrocínio responde que passa fome, sente sono, sede e frio.

Eram duas mulheres, em posições extremamente díspares naquele contexto, que trocavam afeto e conversavam em um mesmo espaço. E, como dissemos no tópico anterior, dividir o mesmo espaço geográfico não é o mesmo que ocupar o mesmo lugar simbólico. O manicômio estava se reformando, mas as estruturas de hierarquia são resistentes, e as medidas até então implementadas pela Colônia não deram conta de superá-la. Não eram duas mulheres conversando em pé de igualdade, isto seria impossível, visto que poderes maiores as separavam. Então as vivências de Guagliardi e Do Patrocínio, embora fossem compartilhadas nos momentos de conversa, poderiam ser entendidas de diferentes maneiras por uma e pela outra.

Ao acessar os áudios, percebi que as conversas ora se assemelham a entrevistas jornalísticas, ora parecem ser produções a duas vozes. Desse modo, em algumas passagens, Do Patrocínio e Guagliardi vão conversando e se completando:

*Eu não sei quem é mas não sou eu que faço mau pensamento. Eu sei que não sou eu que faço mau pensamento. Eu penso assim: se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, meter tudo dentro da lata do lixo, e fazer um aborto, será que acontece alguma coisa comigo? Não me fazer alguma coisa? Se eu pegar durante a noite novamente a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, jogar lá de dentro pra fora, lá de cima cá pra baixo, será que ainda vai continuar acontecendo alguma coisa comigo?*

Que que você tem medo que aconteça com você, quando você tem esses maus pensamentos?

Que eu vi um cavalo ou um cachorro

Não, não vai acontecer isso. Todo mundo tem esses maus pensamentos. O ser humano sempre tem os bons pensamentos e os maus pensamentos. Isso faz parte da nossa fantasia. Não vai acontecer nada. Pode pensar a vontade. É uma coisa que é toda tua é o teu pensamento, ninguém pode invadir o teu pensamento. Ninguém. É todo teu. É o teu arquivo, a tua memória, a tua fantasia. Pode pensar o que você quiser

*E eu ainda penso mais assim um malezinho. Se eu rasgar aquela pesada no meio de meio a meio, der der der lambada no chão e na parede e jogar fora, no meio do mato ou do ouro lado de lá do muro, é um malezinho prazeres*

É o quê?

*Um malezinho prazeres*

(Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

As dinâmicas das conversas são diversas. As gravações não aconteciam em todos os encontros, pois não era sempre que Carla carregava consigo o gravador, nem era sempre que Do Patrocínio estava disposta a conversar e a ficar no galpão ou nas proximidades dele.

Além dessas atividades artísticas no Núcleo, o Projeto de Livre Criação Artística também promoveu outras atividades, como passeios em museus, uma visita ao zoológico, festas dentro da Colônia e sessões de filmes diversos. Algumas dessas atividades tiveram outros registros além daqueles em fitas cassete, como gravações em vídeo, mas que infelizmente não foram encontrados para a consolidação deste trabalho.

A imagem a seguir é uma fotografia de Stella do Patrocínio, registrada durante as oficinas:



**Figura 22.** Stella do Patrocínio. Registro realizado durante o Projeto de Livre Criação Artística. Fonte: Biblioteca “Stela do Patrocínio” – IMASJM.

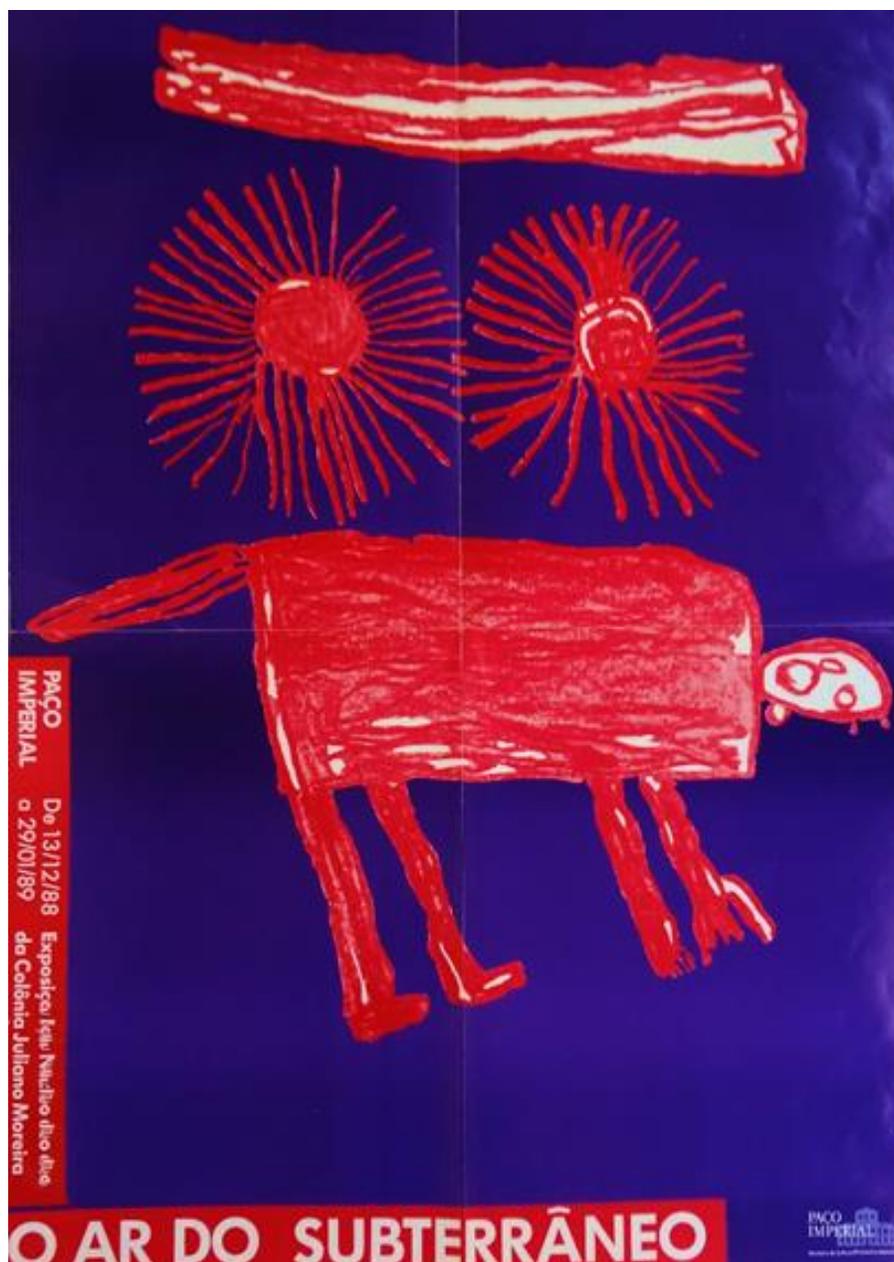
Esse registro fotográfico é de suma importância para esse processo de tentativa de reversão dos apagamentos de que tratamos no capítulo 1. Não fossem as ações do Projeto de Livre Criação Artística, e os únicos registros institucionais do rosto de Stella do Patrocínio, na época, seriam as fotografias em preto e branco e formato 3x4 em seus prontuários médicos, segurando uma numeração, arquivados em uma sala com montes e montes de pastas numeradas e guardadas em papel envelope.

Ademais, essas atividades propiciadas pelo Projeto de Livre Criação Artística puderam conservar o falatório de Stella do Patrocínio em conversas com Guagliardi em fitas cassete – hoje, arquivos de áudio em formato .mp3.

Essas gravações foram selecionadas e alguns trechos do falatório de Stella foram transcritos em tiras datilografadas para compor o acervo de uma exposição chamada “O ar do Subterrâneo” no Museu do Paço Imperial, cujo diretor, à época, era o professor Paulo Sérgio Duarte. Embora comumente se diga que Duarte foi curador da exposição, em conversa por telefone, ele comunicou-me que, na ocasião, estava trabalhando em outra produção. Duarte foi o segundo diretor do Museu do Paço Imperial (inaugurado em 1985), ocupando essa função de 1986 a 1990.

Quando solicitei a ele as gravações dessa exposição, ele explicou que, no governo Collor, sobretudo os acervos documentais tinham sido extintos, assim como a Fundação Nacional da Memória, que guardava “Arquivos mortos”, e o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), fundado em 1975. Dessa forma, outra notícia desanimadora: assim como todos os processos de apagamento aos quais me refiro desde o início deste trabalho, as filmagens dessa exposição também foram, muito provavelmente, perdidas.

O único material encontrado foi o encarte dessa exposição, acervo da artista plástica Carla Guagliardi e gentilmente mostrado a mim para que o fotografasse:



**Figura 23.** Encarte da Exposição “O ar do subterrâneo”. Fonte: acervo de Carla Guagliardi.

Bem, o Projeto de Livre Criação Artística, cujo fundamento não era aplicar arte como terapia – como o fazia Nise da Silveira e a própria CJM em meados da década de 1950 – teve um resultado final, um marco de seu fim: a exposição no Museu do Paço. A exposição não foi concebida para que fosse, realmente, esse marco final, mas durante o governo Sarney, o financiamento do projeto não foi renovado. Apesar dos esforços da equipe de tentar financiamentos privados, não houve sucesso nessa tentativa. Assim, a professora e os alunos do Parque Lage já não teriam, no ano seguinte, autorização para entrar na instituição.

O objetivo principal daquela proposta que se findava era promover momentos de

distração às mulheres do Núcleo Teixeira Brandão – ou, como Marcio Rolo pontuou, deixar que, se o *a priori* artístico e conceitual existisse, as frequentadoras o dissessem.

Ao final do projeto, dez mulheres que frequentavam o ateliê – montado no espaço onde outrora funcionou um galpão com excedente de internas – expuseram seus trabalhos no Paço. Duas delas, Iracema Conceição dos Santos e Maria Hortência Bandeira da Costa, realizavam trabalhos artísticos antes dessa iniciativa. Iracema mostrou aos estagiários de arte algumas instalações que ela deixava no quarto. Foram essas as instalações levadas ao espaço do museu, colocadas como estavam dispostas no quarto; e Maria Hortência já confeccionava suas bonecas.

Aquelas dez mulheres foram, então, inseridas no cenário artístico a partir da referida exposição. Em vida. Além do fato de que essa iniciativa foi inusitadamente importante por finalmente conferir valor às produções de mulheres que há mais de décadas estavam institucionalizadas em um ambiente extremamente nocivo à saúde, gostaria de refletir sobre a maneira como isso se deu, valendo-me dos poucos elementos de que disponho.

As artistas saíram da CJM sem suas vestes hospitalares ao lado de uma equipe de artistas do Parque Lage: a equipe do Projeto de Livre Criação Artística. Por iniciativas também pessoais, a psicóloga Denise Correa havia conseguido tecidos para a costura de vestidos para essas mulheres. É difícil dimensionar o efeito causado, quando depois de mais de 20 ou 30 anos de clausura de cunho involuntário ou compulsório, elas finalmente deixaram – ainda que momentaneamente – o espaço asilar porque foram reconhecidas por seus trabalhos artísticos. Lembramos que Goffman<sup>97</sup> afirma que procedimentos institucionais de despersonalização é tirar bens pessoais e padronizar todo mundo com os uniformes. Quando Carla Guagliardi e Denise Correa me contaram sobre essa exposição em entrevista, ambas tinham brilhos nos olhos e sorriam. Suas fisionomias também mostravam-me que se emocionavam ao lembrar quem eram aquelas pessoas. E, pelo que contam, tanto a manutenção do Projeto, quanto essa exposição em museu, foram atividades cansativas e árduas, em um momento histórico que visava desvencilhar-se de antigas práticas de repressão, silenciamento e uso de camisas de força.

Os anos 1980 eram o início de uma tentativa de desconstruir um certo imaginário sobre a loucura, como se dela tudo o que viesse fosse alucinação ou delírio e, portanto, dispensável. Nesse sentido, a exposição no Museu, decorrente do trabalho realizado por Carla Guagliardi, Denise Correa, Marlene Sá Freire, Marcio Rolo, Nelly Gutmacher e equipe, mostra-nos algo essencialmente importante para a desconstrução desse imaginário: aquelas mulheres tinham seus trabalhos artísticos

---

<sup>97</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

reconhecidos, passaram pelo circuito cultural em um grande centro urbano. Era o ar do subterrâneo circulando em um ambiente artístico. A ideia era mostrar o que não se discutia: diferentemente da perspectiva de Nise, os idealizadores do Projeto de Livre Criação Artística pretendiam despatologizar a arte. Segundo Marcio Rolo, eles pretendiam mostrar ao público que aquelas produções artísticas poderiam ter sido feitas por alunos do Parque Lage.

Mas esse reconhecimento não foi, ainda, suficiente para que o estigma da loucura pudesse ser superado. Digo isso após analisar o encarte dessa exposição e de tentar perceber possíveis efeitos de compreensão. O título era “O ar do subterrâneo”, seguido da informação “Exposição do Núcleo de Arte da Colônia Juliano Moreira”.

O subterrâneo é tratado por Antonin Artaud, em *O teatro e seu duplo*<sup>98</sup>, o poeta referenciado por este título. Trata-se daquilo que está por debaixo da terra; abaixo do nível do solo; invisível para quem está acima. Quando exposto em museu, o subterrâneo ganha visibilidade, é “descoberto”, pelo Núcleo de Artes da Colônia Juliano Moreira. O verso do encarte explicita por quem era composto esse Núcleo de Artes:



Figura 24. Verso do encarte da Exposição “O ar do subterrâneo”. Fonte: acervo de Carla Guagliardi.

Esse Núcleo de artes eram os coordenadores da Oficina, cujos nomes estão completos. Apesar de inseridas no cenário artístico, as mulheres do Teixeira Brandão tiveram seus trabalhos expostos em museu com uma marca de diferenciação expressa logo no encarte: a passagem do invisível para o visível foi resultado da mediação de pessoas autorizadas no campo artístico.

<sup>98</sup> ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

Stella do Patrocínio não chega a ser divulgada no encarte do evento, embora alguns fragmentos de seu falatório tenham sido expostos em tiras datilografadas, espalhadas pelas salas do museu. As artistas plásticas cujos trabalhos estavam expostos são apresentadas como “pacientes participantes”.

A entrada delas no cenário artístico não permitiu que seus nomes completos fossem divulgados, impedindo a sua identificação. Foram como pacientes. E a indicação dessas mulheres como “pacientes participantes” ratifica um processo questionado pela reforma psiquiátrica: a despersonalização dos sujeitos psiquiatrizados.

O verso do encarte, que se torna um documento de registro da exposição, traz uma questão sobre a representação dessas mulheres: são pacientes que participam, não que compõem o acervo de artistas. Como pacientes elas não são entendidas, assim, como tendo o direito de serem representadas como artistas. Além disso, a divulgação apenas dos primeiros nomes as coloca numa condição de menoridade, de subalternidade no mercado artístico.

Essa marca de diferenciação evidencia que houve uma valoração não somente de uma estética ou de um trabalho admirados – mas como o próprio encarte anuncia, parte de um “reconhecimento social de pacientes crônicos”, como uma possibilidade de fornecer ao público uma mostra de uma arte feita por doentes, mas um tipo de arte que apenas torna visível momentaneamente o que permanece subterrâneo.

O espaço do manicômio faz com que essas mulheres sejam antes “doentes” que artistas. O motivo de ter uma exposição é o “reconhecimento social”, não pura e simplesmente o apreço por suas produções. Essa foi a justificativa do encarte para que alguma atenção fosse dada a elas. O caráter efêmero da visibilidade do subterrâneo mostra como a ideia de “doença” e ausência de passado e de família são fatores permanentes, ainda que se tenha tentado diferente.

O próprio modo como Stella do Patrocínio morreu confirma essa visibilidade efêmera. A poeta foi encaminhada ao cemitério de Inhaúma. Como verifiquei em minha busca por informações sobre a morte da autora, os corpos eram guardados por até três anos no cemitério onde foi enterrada como indigente. Na ausência de familiares<sup>99</sup> pagando por um espaço, tais corpos eram tirados das gavetas, cremados e dispensados, sem direito a placa ou túmulo. Ou seja, sem memória de sua

---

<sup>99</sup> Gostaria de lembrar, aqui, o aspecto desvinculador de laços familiares presentes na história da Colônia Juliano Moreira e de outros manicômios brasileiros, tratados no Capítulo anterior e reafirmados neste. O espaço geográfico afastado, os problemas de locomoção e de ajustamento aos horários de visita eram alguns fatores que desintegravam. Outro importante é o fato de que, retirados das ruas pela polícia civil, muitos familiares tinham seus entes como desaparecidos e não sabiam de seu paradeiro.

existência além dos prontuários médicos em arquivos<sup>100</sup>.

O trabalho da memória é, neste caso, inseparável da reflexão sobre o modo de transformar a destruição física daqueles que se perderam e se transformaram em pó numa presença interior. Meditar sobre essa ausência e sobre os meios de recuperar simbolicamente o que foi destruído consiste, em grande medida, conferir à sepultura toda a sua força subversiva. Porém, neste caso, a sepultura não é tanto a celebração da morte em si, mas antes o retorno a esse complemento de vida necessário à elevação dos mortos, no seio de uma cultura nova que procura atribuir um lugar, quer para os vencedores quer para os vencidos. (MBEMBE, 2014, p. 48).

Ou um novo lugar, porque Do Patrocínio morreu e sua imagem ficou atrelada memorialisticamente a um espaço manicomial, fazendo com que essas recordações e menções movimentem uma memória reduzida à internação.

Assim, no caso de Stella do Patrocínio, literatura e loucura são concomitantemente lugar e não-lugar: não se trata de regiões fronteiriças, são bem marcados no espaço da loucura e da “doença mental”. Do Patrocínio, por exemplo, já tinha sido entendida como artista e seu falatório já havia sido exposto em museu na ocasião de sua morte. Mesmo assim, o seu corpo foi cremado e dispensado: desapareceu. Não há meios de reverter esse processo, e a arte não teve força suficiente para barrá-lo.

Outro ponto importante para ponderar é a perspectiva da família dos internados involuntária ou compulsoriamente, retirados da rua para os hospitais psiquiátricos: uma dúvida que fica é como discutir o direito de essas pessoas “enterrarem seus mortos”; como operar políticas de reparação histórica depois de tantas décadas de laços perdidos? Provável que seus parentes tenham sido entendidos como mortos enquanto ainda estavam institucionalizados, ou que, quando sabiam da situação de internação de um ente, não recebessem a notícia de sua morte<sup>101</sup>. O direito familiar ao enterro, à despedida e ao respeito à morte também foi automaticamente negado, e a possibilidade de reivindicação de enterrá-los torna-se difícil, porque o desaparecimento repentino não necessariamente é associado, pelos que ficam, à internação manicomial de seus parentes<sup>102</sup>.

<sup>100</sup> Em alguns casos, nem os prontuários. Nos arquivos médicos de Stella do Patrocínio, há uma anotação que comunica um extravio de páginas dos arquivos, embora não especifique quais. Para saber mais sobre arquivos médicos no Rio de Janeiro, ver: FACCHINETTI, Cristiana et al. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.733-768, do qual tratarei adiante.

<sup>101</sup> O sobrinho de Stella do Patrocínio recorda-se de que, ao sair com sua mãe, irmã de Stella, para visitá-la e visitar a avó, Zilda, ambos souberam na notícia de morte de Zilda, que já havia sido enterrada há semanas. Tratarei dessas informações adiante.

<sup>102</sup> Em conversa com uma amiga nascida e criada no Rio de Janeiro nos anos 1970, fui informada por ela que seu irmão caçula tinha desaparecido. Sua mãe, na ocasião, percorreu todas as instituições carcerárias e manicomiais à procura do filho e o encontrou, cerca de meio ano depois do desaparecimento. Ele era um jovem negro e estava no Hospital do Engenho de Dentro. O menino, à época estudante do colegial, havia sido internado compulsoriamente e foi encontrado contido pela camisa de força. A polícia o encaminhou à unidade psiquiátrica porque ele tinha epilepsia. De fato, não fosse a busca bem sucedida dessa mãe, o menino poderia ter um destino semelhante a tantos outros: depois de desaparecido,

Assim, reflito a instituição literária a partir da obra de Stella do Patrocínio e de outros artistas cuja história e prerrogativa de criação artística foram o aprisionamento compulsório ou involuntário. Os manicômios são espaços de clausura e as instituições costumam existir mesmo arquitetonicamente com a finalidade de cercear autonomias. Ao mesmo tempo, existem as brechas, os lugares simbólicos e materiais por onde a instituição não consegue passar e não operacionaliza. Nesse sentido, penso o poder do trabalho da memória de que fala Mbembe.

Outro ponto a ser destacado é que, embora *Do Patrocínio* tenha sido divulgada no Museu do Paço com tiras em datilografia, o ponto alto do trabalho de Guagliardi foi justamente as gravações em áudio de suas conversas com a autora, conservando a materialidade do falatório, sua oralidade, bem como a contextualização de sua produção. Falaremos sobre isso no próximo capítulo.

O projeto de Livre Criação Artística foi finalizado em 05 de junho de 1987 por falta de financiamento. A exposição no Paço Imperial acabou se tornando um registro de encerramento. Entretanto, os registros do falatório de Stella do Patrocínio continuaram por um curto período de tempo no início dos anos 1990, agora por uma estagiária de psicologia, que não mais pretendia dar continuidade a um projeto artístico, mas visava não apenas levantar dados sobre aquelas mulheres que expuseram seus trabalhos no Museu do Paço Imperial, como encontrar parentes vivos, vislumbrando a possibilidade de elas receberem alta médica. No próximo tópico, discutiremos o trabalho de Mônica Ribeiro de Souza, que aqui entendemos como um trabalho não apenas de continuidade do Projeto de Livre Criação Artística, mas que o complementa, ainda que Ribeiro de Souza e equipe de artes não tenham se conhecido.

Por isto, é mister pensarmos que são trabalhos que alcançaram importantes debates que foram possíveis devido à luta antimanicomial e que se conciliam a ela: O Projeto de Livre Criação Artística pretendeu despatologizar a arte, enquanto o trabalho de Ribeiro de Souza demonstrou que o olhar de profissionais de saúde para as enunciações de Stella do Patrocínio não poderiam ser resumidos ao delírio. Tanto Guagliardi, pelo núcleo de artes, quanto Ribeiro de Souza perceberam, no falatório de Stella do Patrocínio, elementos poéticos e possibilidades artísticas. O primeiro, permitindo refletir que a produção artística não é apenas destinada aos sujeitos já legitimados, que integram um circuito artístico consolidado, enquanto a segunda, que os discursos de sujeitos psiquiatrizados não precisam ser entendidos como mero delírio. Essas são questões que realmente merecem ser pontuadas nos debates artísticos e também nas perspectivas antimanicomiais.

### 2.3. Mônica Ribeiro de Souza, a busca por informações sobre Do Patrocínio e a produção de *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* (1991)

Em julho de 1990, dois anos depois do Projeto de Livre Criação Artística, a estudante de psicologia Mônica Ribeiro de Souza inicia um estágio voluntário no Núcleo Teixeira Brandão, sob a supervisão de Denise Correa. A essa altura, sua supervisora era, também, diretora do Museu Nise da Silveira (atual Museu Bispo do Rosário)<sup>103</sup>.

Ribeiro de Souza inicia uma série de atividades dentro do NTB, dentre as quais destaco duas: (1) o levantamento de informações sobre as dez mulheres que expuseram seus trabalhos no Museu do Paço; (2) um livro datilografado com transcrições de conversas que ela estabeleceu com Stella do Patrocínio, continuando as gravações de áudio iniciadas por Carla Guagliardi. As fitas cassete foram perdidas, restando, tanto no Museu Bispo do Rosário quanto em seu acervo pessoal, o material transcrito em versos.

Essa foi a outra fonte utilizada por Viviane Mosé para compor o livro de poemas, encontrado pela filósofa no Museu Bispo do Rosário. Diz ela, no prefácio à obra:

Outra fonte foi o trabalho realizado em 1991 pela então estagiária de psicologia Mônica Ribeiro, que novamente a partir de uma iniciativa da psicóloga Denise Correa, transcreveu para o papel algumas falas de Stela, material que ficou arquivado no então Museu Nise da Silveira, hoje Museu Bispo do Rosário (MOSÉ, 2001, pp. 25-26).

Essa outra fonte de que fala Mosé é um dos componentes do relatório final de estágio<sup>104</sup> de Mônica Ribeiro de Souza, que reuniu falas de Stella do Patrocínio, as transcreveu em formato versificado e, então, as organizou em formato de livro de poemas. Ribeiro de Souza o intitulou *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...*. Esse livro datilografado reúne “Prefácio em forma de carta”, por Mônica; uma Epígrafe (“Eu sou STELLA DO PATROCÍNIO/ bem

<sup>103</sup> “O primeiro registro de uma organização de natureza museal na Colônia remonta ao ano de 1952, quando é criado um departamento para abrigar a produção artística dos ateliês de arteterapia, então, existentes. O recém-criado setor recebeu o nome de Egaz Muniz, homenageando o médico português criador da lobotomia, cirurgia irreversível de secção no lobo frontal cerebral que “acalmava” pacientes agressivos, deixando-os em estado semivegetativo. No final dos anos 1980, com os avanços da reforma psiquiátrica, o museu passa a se chamar Nise da Silveira, psiquiatra que introduziu um novo olhar para o cuidado dos doentes mentais reformulando a maneira de compreender a loucura dando voz ao universo interior dos pacientes. Com a morte de Arthur Bispo do Rosário em 1989, a Colônia Juliano Moreira se vê diante do desafio de decidir o destino das obras produzidas por ele durante os 49 anos que esteve internado intermitentemente. O conjunto da sua criação foi abrigado pelo então Museu Nise da Silveira. Frente à nova missão, em 2000, 11 anos após o falecimento de Bispo, a instituição altera o seu nome para Museu Bispo do Rosário, agora, homenageando o principal artista de seu acervo.” Disponível em: <<http://museubispodorosario.com/museu/o-museu>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

<sup>104</sup> As primeiras páginas deste relatório estão no Anexo 2.

patrocinada”), com uma foto da autora recortada de uma matéria de jornal<sup>105</sup> também anexada nesta dissertação; 38 poemas; e, ao final, um “Índice em ordem alfabética”, totalizando 45 páginas. Diferentemente de Carla Guagliardi e equipe do projeto de arte, aqui há a primeira consolidação dessa nomeação de Stella do Patrocínio como poeta. Ela surgiu de dentro do manicômio, não de fora dele.

Esse material foi resultado da seleção e transcrição de seis a oito fitas de gravações de conversas entre ela e Stella do Patrocínio. Essas conversas não eram contínuas, mas frequentemente sofriam interrupções “porque ela era muito autônoma. Se ela queria conversar, ela conversava. Às vezes eu queria gravar, mas ela não queria e pronto. Ou, ainda, no meio da conversa, ela se levantava, saía, ia embora, ‘chega por hoje, não quero mais’” (Mônica Ribeiro de Souza, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018).

Após reunir os dois conjuntos documentais, tanto os de Carla Guagliardi, quanto os de Mônica Ribeiro de Souza, Viviane Mosé seleciona, edita e organiza o falatório de Stella do Patrocínio para compor o livro, dividido em seis diferentes partes temáticas, das quais tratarei mais pormenorizadamente no próximo capítulo.

Ao realizar a comparação entre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001) e as transcrições de Mônica Ribeiro de Souza, em *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* (1991), pude perceber que Ribeiro de Souza foi a primeira a, oficialmente, entender e trabalhar o falatório de Stella do Patrocínio como poesia. De fato, suas transcrições são pouco modificadas por Viviane Mosé, que quase sempre obedece à versificação proposta por Mônica, limitando-se a retirar as pontuações finais dos versos, algumas vezes inserir pronomes pessoais e a recortar trechos, enxugando alguns poemas transcritos pela psicóloga. Como o exemplo a seguir pode ilustrar:

Dias semanas meses o ano inteiro  
 Minuto segundo toda hora  
 Dia tarde a noite inteira  
 Querem me matar  
 Só querem me matar  
 Porque dizem que eu tenho vida fácil  
 Tenho vida difícil  
 Então porque eu tenho vida fácil eu tenho vida difícil  
 Eles querem saber como é que eu posso ficar  
 nascendo  
 Sem facilidade com dificuldade  
 Por isso é que eles querem me matar

<sup>105</sup> O material está recortado, impedindo-nos de saber o nome do jornalista que assina a matéria ou o jornal responsável pela publicação. Esses recortes foram feitos por Mônica Ribeiro de Souza para a confecção do livro datilografado. A fotografia de Stella que saiu no jornal é a ilustração da capa de *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* (Anexos 3 e 4).

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 64).

... ‘tá todo mundo querendo me matar no Teixeira Brandão,  
 Dias, semanas, meses, o ano inteiro,  
 Minuto, segundo, toda hora,  
 Dia, tarde, a noite inteira  
 Querem me matar.  
 Só querem me matar  
 Porque dizem que eu tenho vida fácil tenho vida difícil,  
 Então porque eu tenho vida fácil tenho vida difícil,  
 Eles querem saber como é que eu posso ficar nascendo  
 Sem facilidade com dificuldade.  
 [Por isso é que eles querem me matar,  
 Querem saber da minha vida.  
 Não é da vida deles, não, da minha vida.  
 Quando eles querem saber da minha vida,  
 Eu começo a contar minha vida pro mundo inteiro,  
 O mundo inteiro sabe onde eu estou  
 E sabe pra que que eu sirvo, pra que que eu presto;  
 Diz que eu sou açúcar neve, açúcar união, açúcar pérola,  
 Diz que eu sou sal, sou de açúcar,  
 Não tenho uma lata de goiabada pessegada marmelada  
 Até hoje.  
 (VERSOS, REVERSOS, *pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 18).

Para compor esse livro datilografado, Ribeiro de Souza escreveu um “Prefácio em forma de carta”. Nele, a psicóloga demonstra seu carinho pela poeta e reflete sobre as circunstâncias de internação involuntária. Essa é a primeira vez que esse tipo de reflexão aparece para questionar a internação de Do Patrocínio:

Quem olhar para você e atentar apenas na sua exterioridade e se prender ao rótulo da loucura, perderá a oportunidade e a chance de se defrontar com a genialidade de alguns poucos privilegiados a quem a Arte e a Filosofia, dois dos dotes mais elevados dos seres humanos, saturaram com seus atributos. *Fico a conjecturar se os grandes vultos da humanidade nas artes, na ciência, na música, na literatura, tivessem, quando ainda no anonimato, sido encontrados pela viatura de alguma delegacia policial, cumprindo seu dever de recolher das ruas os vadios, se não os teria sequestrado e trancado num hospício, com a sigla da instituição no uniforme, de onde, talvez, jamais saíssem [...] Sua história, Stella, é a história dos sequestrados da Sociedade como você, confinados nas instituições psiquiátricas, que usurparam para si o direito de determinar quem pode e tem condições de conviver na sociedade capitalista produtivista e quem não pode; estes últimos são as Stellas que, enquanto eram forças produtivas de trabalho, tinham o direito de ir e vir, mas que, após serem confinadas nos asilos, só podem passar pelo portão se e quando a Instituição deixar (SOUZA, 1991, pp. 2-3. [grifos meus]).*

Na ocasião de meu contato, a psicóloga mencionou que havia guardado não apenas o livro, mas outros componentes do Relatório de Conclusão de Estágio. Entre eles, a “Biografia das

pacientes que participaram da exposição ‘O ar do subterrâneo’”, que consistiu no levantamento de dados das dez mulheres com o intuito de reescrever suas histórias, preservar suas memórias e, inclusive, tentar encontrar familiares para que elas pudessem ganhar alta. Este foi, sem dúvida, um resultado importante da exposição no Paço Imperial. Aquele subterrâneo foi, portanto, novamente emergido, aquelas mulheres receberam atenção preconizando não apenas o levantamento mais atencioso sobre suas trajetórias de vida, como também a possibilidade de receberem alta médica, caso algum familiar fosse encontrado.

A partir do acesso a esse documento, pude descobrir quem eram aquelas mulheres cujos sobrenomes foram ocultados no encarte da exposição no Museu do Paço Imperial, na Praça VX: Stella<sup>106</sup> do Patrocínio (2ª seção – versos); Iracema Conceição dos Santos (3ª seção – instalação); Maria Hortência Bandeira da Costa (3ª seção – bonecas); Maria José (3ª seção – desenhos); Neusa Ferreira Gomes (3ª seção – roupas); Tereza de Jesus (3ª seção – desenhos); Carolina Vieira Machado (4ª seção – desenhos); Januária Marta de Souza (4ª seção – desenhos); Simone Faria Maciel (4ª seção – desenhos). Os dados desse documento foram colhidos nos prontuários do SAME-NTB (Seção de Arquivo Médico e Estatístico do Núcleo Teixeira Brandão) e SAME da Sede (IMASJM), ambos no prédio do Arquivo Geral<sup>107</sup>:

Demos início à pesquisa com bastante dificuldade pois os prontuários continham insuficiência de dados ou mesmo contraditórios, entre outras dificuldades que encontramos, mas apesar disto, conseguimos organizar alguma coisa. À esta pesquisa nos arquivos, anexamos entrevistas individuais com as respectivas pacientes visando completar os dados que faltavam ao prontuário e pesquisar a relação das pacientes com seu trabalho artístico, além de procurar saber se o despertar de seus dotes artísticos estavam vinculados à institucionalização. (SOUZA, 1991, p. 3).

Ou seja, quem realizou verdadeiras buscas dos parentes e de moradia daquelas dez mulheres que expuseram seus trabalhos no Museu do Paço, incluindo Stella do Patrocínio, foi uma estagiária voluntária, não os responsáveis pelo processo de desinstitucionalização. Ribeiro de Souza utilizou seus próprios recursos financeiros para percorrer as ruas do Rio de Janeiro. Mesmo depois de todas as suas tentativas de buscas, os dados continuavam escassos.

<sup>106</sup> Essa grafia é utilizada por Mônica Ribeiro de Souza e repetida em uma matéria jornalística que será comentada adiante. Nos demais documentos analisados, incluindo o livro de poemas por Viviane Mosé, o nome da poeta é escrito com apenas um “l”.

<sup>107</sup> O acervo do IMASJM é dividido em três conjuntos documentais: fundo Colônia Juliano Moreira (CJM), que possui os livros de entrada daqueles pacientes vindos das Colônias de Alienados da Ilha do Governador; fundo Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM), com documentos de várias instituições psiquiátricas brasileiras; e fundo IMAS Juliano Moreira, cujo conteúdo são os documentos a partir da municipalização, ocorrida em 1996, como prontuários, ofícios, mapas, plantas, documentos da administração e registros fotográficos do espaço físico e de pacientes.

No caso de Stella do Patrocínio, a psicóloga registrou em um diário de campo todo o desenvolvimento de sua busca: em janeiro de 1991, Ribeiro de Souza iniciou a pesquisa sobre os dados de Do Patrocínio. Em 4 de janeiro de 1991, a psicóloga foi ao CPPII, primeira instituição de internação da autora, para buscar o seu prontuário. Lá, encontrou registros médicos datados de 04 de janeiro de 1980 a 23 de janeiro de 1980, ocasião em que Stella do Patrocínio realizou cirurgia de mastite na mama direita. Mônica abriu nova solicitação, pretendendo encontrar o número do prontuário médico contendo dados sobre sua primeira internação, em 1962. Segundo seu relatório, este foi encontrado, mas a psicóloga não chegou a escrever sobre ele. Hoje, a ficha de internação de Stella do Patrocínio no CPPII em 15 de agosto de 1962 está nos arquivos do IMASJM.

Dez dias depois de abrir a solicitação documental no CPPII, Mônica Ribeiro de Souza foi ao mesmo endereço que procurei durante o campo, fornecido por Stella do Patrocínio como sendo seu, e ainda um outro, registrado nos arquivos médicos da CJM, em busca de algum parente vivo.

[...] a questão da busca pelos parentes de Stella foi uma iniciativa minha, de comum acordo com minha supervisora, Denise Correa, *porque nós tínhamos a pretensão de tentar dar um passado para quem não tem passado*. Nós, até onde eu me lembre – já tem um certo tempo, e eu posso estar equivocada – não chegamos a falar com ela para que não criasse uma expectativa que depois poderia se reverter em uma frustração. Como, de fato, a gente não encontrou nenhuma informação. Eu tinha, na época, um endereço que constava na ficha dela, na comunidade da Rocinha, e eu fui até lá, umas duas ou três vezes. Fiz várias buscas, perguntei a várias pessoas: associação de moradores, moradores antigos, pessoas que moravam há 40 anos na Rocinha, e ninguém sabia dar nenhum tipo de informação, nem sobre ela, nem sobre algum familiar, nada. Constava também o endereço de um local onde ela teria trabalhado como doméstica, no Humaitá, rua Maria Eugênia, se não me engano. Mesma coisa: fui até lá, procurei, perguntei aos moradores antigos da rua, se tinham algum tipo de lembrança, e ninguém tinha. Então é assim. Stella é uma pessoa sem passado, e a nossa intenção é poder dar um passado pra ela, mas infelizmente isso eu fiquei devendo. (Mônica Ribeiro de Souza, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias. [grifos meus]).

Há, contudo, uma grande diferença entre minha iniciativa de buscas e as de Mônica Ribeiro de Souza. À época de Mônica, Stella do Patrocínio estava viva. O intuito da psicóloga era localizar parentes para que a autora os reencontrasse e, quem sabe, pudesse sair da CJM – o que não ocorreu.

Mônica Ribeiro de Souza terminou o estágio no NTB em 1991, na ocasião em que se formou. Como não pôde continuar estagiando na CJM, visto que seu trabalho era de cunho voluntário e a instituição não estava apta para contratação, a psicóloga datilografou seu relatório final e o entregou ao Museu Nise da Silveira. Ela acreditava que esses levantamentos e registros pudessem ser

importantes no futuro. À época, Denise Correa, sua supervisora durante todo o período de estágio, também era diretora do Museu.

Os processos de internação e os aprisionamentos pelos quais Stella do Patrocínio passou tiveram, evidentemente, forte influência para o entendimento sobre o seu falatório. De fato, quando entrevistei Carla Guagliardi, Mônica Ribeiro de Souza e Denise Correa, a resposta delas foi semelhante em relação ao modo como os outros o entendiam: tratava-se, para os funcionários do NTB, de um discurso da loucura, e os registros de atendimento assinados por enfermeiros e médicos na época confirmam. As transcrições de enfermeiros e médicos das falas de Stella em consulta estão grafadas em itálico:

28/12/1981

Paciente delirante. Bem orientada

*“durante o tempo que eu vivo eu morro. Já estou cansada de tanto viver”*

11/8/1986

Fala delirante. *“Fui agarrada metro dentro da terra. Vim trazida com os viajantes”*  
Sabe informar o dia, mês e ano.

Nome: refere vários fatos e diz que é Stella

Ana Maria

Idade: 500 milhões e 500 mil 9/1/1941

22/1/1988

*Paciente diz que fizeram sua cabeça, seus braços e não foi ela que fez. Não queria nascer, não queria pular, não crescer. Queria ser nada e nada ser, porque não sabe fazer nada. Só passa fome se os outros transmitirem para ela que estão com fome, essas pessoas que a acompanham na sua vida e na morte.*

*Pergunto quem. Declarou que tem que receber espíritos. Pessoas do terreiro de espírito, porque é médium de centro.*

1990

Paciente com quadro psiquiátrico inalterado. Afetividade preservada, pensamento delirante.

Quanto a queixas clínicas, a paciente começa a delirar em relação ao assunto.

Espelho: *“tom forte, completamente forte”*. Reconhece sua imagem. *“Estou bem velha”*

(Dados do Prontuário n. 00694, IMASJM).

Mônica Ribeiro de Souza contou que outros funcionários chegavam a rir quando a viam com o gravador nas mãos conversando com Do Patrocínio no NTB, em 1991, como se aquele ato fosse uma espécie de insanidade. Ela foi a única profissional da saúde a anotar, nos prontuários de Stella Do Patrocínio, que a autora cita poesias, contrariando as outras anotações de profissionais da saúde (médicos e enfermeiros) que restringiam-se a remeter sua fala como um “delírio”. Em 7 de abril de 1991, sua anotação de atendimento, que reproduzo aqui:

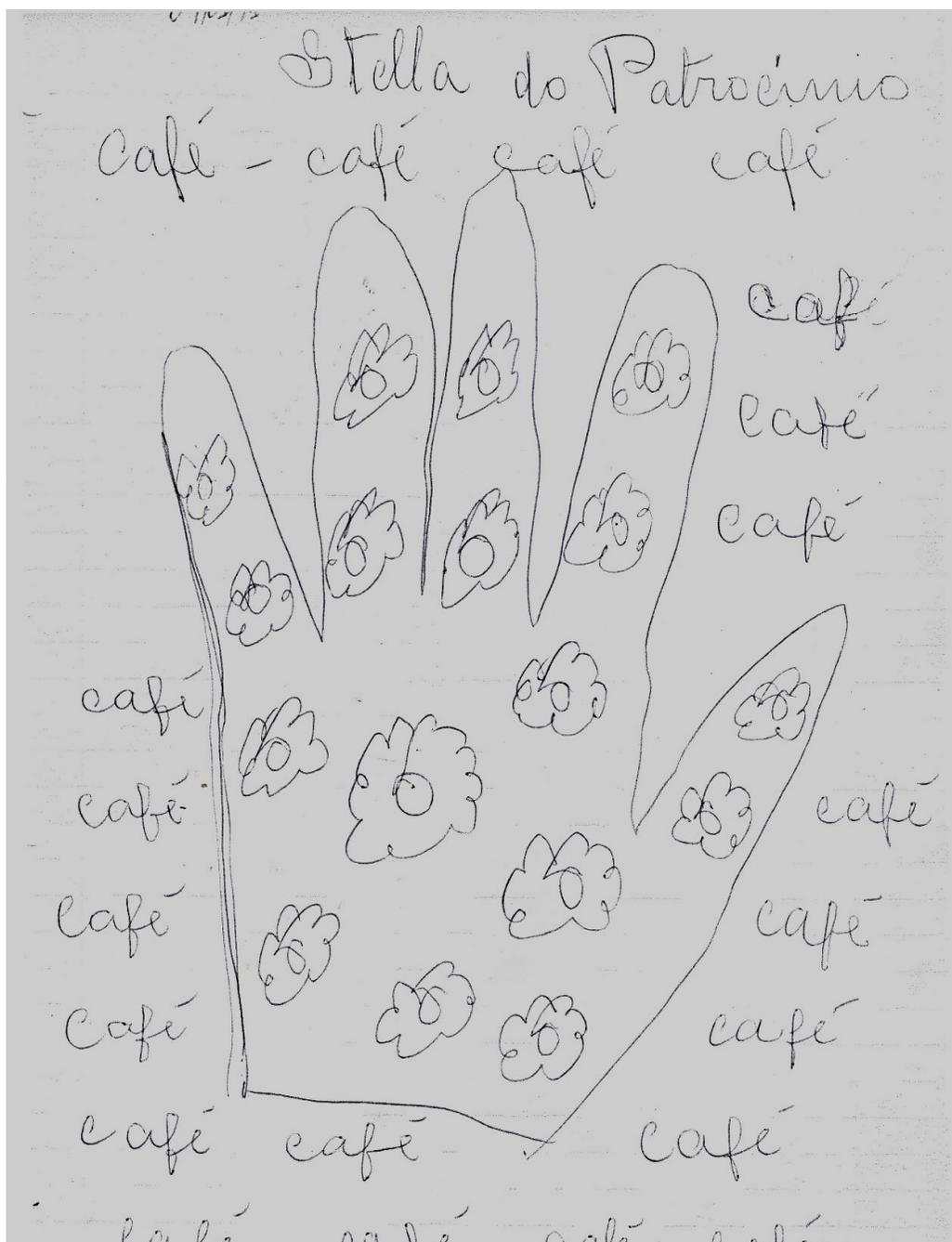
[...] Fala com entusiasmo da importância da divisão com colegas menos favorecidas. Não tem família. O convívio com a família baseia-se na relação de trabalho de seus membros. Estes, trabalham para sustento da família. Sua tarefa é executada na cozinha. Sua mãe lhe ensinou a cozinhar. Entendemos que também trabalhou junto com a geradora em tarefas relacionadas a costuras (a esclarecer). Que em relação ao endereço Rua Maria Eugênia n. 50 apt. 401, Botafogo, fala de seus sobrinhos pequenos, do cunhado e de Olívia, sua irmã. Quando nos interessamos em saber da convivência de Stella com essas pessoas, Stella paralisa com expressão pensativa. Continua muda. Retornamos tentando ajudá-la. Esta demonstra que nos entendeu. Caracterizamos um bloqueio em seu pensamento, que é sinalizado através de *dois poemas que cita e, em seguida, põe-se de pé e sai*. Apesar de nosso chamado, não retorna. (Mônica Ribeiro de Souza, anotação de atendimento em 7 de abril de 1991, presente no prontuário n. 00694 do IMASJM [grifos meus]).

Desse modo, percebemos como a nomeação de Stella do Patrocínio como poeta, agora por Mônica Ribeiro de Souza, se difere das outras. Tanto o entendimento de Carla, quanto o de Mônica, conseguiram trazer efeitos práticos na vida de Stella do Patrocínio. A primeira, como dissemos, institui poder artístico a alguém que, por muitas décadas, havia sido reduzida à sua situação manicomial. A segunda, através do olhar da saúde, instaura um novo modo de compreender o falatório inclusive para a elaboração de documentos profissionais, como a anotação de enfermagem. A partir de diferentes lugares profissionais, ambas acabaram possibilitando e alargando as discussões sobre despatologização de pacientes psiquiátricos e sobre a necessidade de compreendermos os discursos de Do Patrocínio para além da possibilidade de delírio como linguagem que não comunica ou despossuída de valor.

Junto a essas anotações, a psicóloga também guardou um caderno de desenhos produzidos por Stella do Patrocínio. Mônica conversa com Do Patrocínio e diz a ela que guardaria o caderno<sup>108</sup>: “Mostrei-lhe o seu caderno e disse que este ficaria comigo por ela ter dito que não tem um lugar onde possa guardar as suas coisas, pedi-lhe que escrevesse algo, a paciente produziu o que consta no caderno com data de 20 de janeiro de 1991”.

---

<sup>108</sup> Anexeí, neste trabalho, algumas páginas desse caderno (Anexo 5).



**Figura 25.** Página do caderno de desenhos de Stella do Patrocínio, entregue por Ribeiro de Souza em 20 de jan. de 1990. Fonte: acervo de Mônica Ribeiro de Souza.

Nesse caderno, Do Patrocínio fez contornos de suas mãos, ora preenchendo-os com flores, ora com jogos da velha, escrevendo ou não nas margens das folhas; anotou números sequencialmente; escreveu algumas palavras, como “laranja”, “leite condensado”, “queijo de minas”, “café”, “casa-mundo-terra-terreiro-prédio” – esta última, parecendo alguns exercícios para produção de escrita criativa, como o “palavra-puxa-palavra”. Ao vê-lo, recordei do que Viviane Mosé (2001) afirma, no prefácio à obra: “Hoje sei que Stella do Patrocínio escreveu de seu próprio punho

algumas coisas. Ela gostava de escrever em papelão. Mas estes escritos não foram encontrados.” (p. 25).

Toquei nesse assunto com todos os entrevistados, perguntando se alguma vez a viram desenhar em papelão, mas nenhum deles se recordou. Como Mosé não chegou a conhecer Mônica Ribeiro de Souza, uma vez que afirma valer-se do material produzido pela psicóloga a partir do Museu Bispo do Rosário, a filósofa não conheceu esse caderno. Ele não foi anexado ao relatório final de estágio, mas ficou guardado com Mônica.

Em entrevista, conversamos sobre a concepção da loucura e de como os parâmetros de normalização e racionalidade são perigosos quando levam à institucionalização e ao rompimento de socialização dos pacientes com as ruas. Nós duas priorizamos refletir aquela concepção da loucura que não inaugura uma marcação identitária, mas social, assim como o são os efeitos da marginalização e da exclusão sociais:

[...] Acho que é isso, eu olho para a Stella e acho que ela é louca, aí a Stella olha pra mim e pensa “A Mônica é louca”. Entendeu? É questão de perspectiva, qual é o ângulo pelo qual você está olhando. Quantas Stellas têm por aí? Quantos Bispo do Rosário? Quantos Fernando Diniz<sup>109</sup>? De todo o universo da loucura, eles são os “tops”, digamos assim; as celebridades que nós conseguimos perceber e pensar. Mas quantos estão nas calçadas agora, debaixo das marquises? Quantos estão na cracolândia? Ou foram mortos. Então, nós precisamos, a cada dia, repensar, reavaliar o que é a loucura, em linhas gerais. Loucura pra mim é o contraponto da razão, aí eu decido que a razão é o certo, e a loucura é o errado. É uma decisão arbitrária, essa de que o lado racional é o certo, que o certo é ser racional, civilizado e tudo mais. Agora pouco eu te disse que você tem planejamento do seu trabalho. Tudo o que você faz, como estar aqui conversando comigo, eu falando coisas que nem tinha planejado falar, mas você vai ouvir, transcrever, filtrar aquilo que é útil para o seu trabalho e o que não é. Seu trabalho é racional. Stella não estava nem aí pra isso. Ela era ela e pronto [...] e aí nós, que estamos de fora, precisamos do hospital pra aqueles que não se encaixam no nosso perfil de civilidade, digamos assim, e a gente pega e joga lá, no Hospital, no Bangu, que são as instituições totais, o manicômio, o presídio, porque são pessoas que não se afinam com o nosso modo de viver, e são jogadas nesses espaços, que viram um depósito de gente. E a gente fala tanto da luta antimanicomial, de acabar com os manicômios, mas a gente acaba criando outros, com outros nomes, outros rótulos [...] os que eu conheci na minha experiência no manicômio, não era nenhum filho de rico, de pessoa de classe social alta. Eles estão nas clínicas psiquiátricas particulares, pagando uma fortuna por mês. A maioria dos casos, e aí nesse trabalho que te falei sobre a relação da escravidão com a loucura, era a população pobre, sem família, sem recursos, sem nada, é que foi parar nesses lugares.

Essa entrevista foi o meu primeiro contato presencial com Ribeiro de Souza. O nosso

---

<sup>109</sup> Artista plástico frequentador do ateliê de Nise da Silveira na década de 1950. Muitas de suas obras compõem o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente.

segundo encontro também ocorreu no prédio onde a psicóloga faz seus atendimentos clínicos. Ali, ela me mostrou todo o material que tinha guardado e que poderia me interessar. Eram duas pastas verdes repletas de material datilografado.

Com esse material em mãos, descobri que, em 1º de agosto de 1991, uma matéria sobre Stella do Patrocínio foi publicada em jornal, intitulada “A veia poética da interna Stella do Patrocínio”<sup>110</sup>. Distinguindo Do Patrocínio das outras mulheres do Núcleo Teixeira Brandão pelas suas “ideias inquietantes”, a redação afirma que “À primeira vista, Stella do Patrocínio não difere muito das outras pacientes do pavilhão feminino Teixeira Brandão, na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá<sup>111</sup>. Basta ouvi-la falar por alguns minutos, porém, para perceber que se trata de alguém especial”. Segundo a matéria, suas “ideias inquietantes”, carregadas “do que há de mais cruel e profundo”, são resultado dos anos de internação em instituições psiquiátricas, e resultaram em forte impacto na mostra “O ar do subterrâneo”.

A redação exemplifica essa afirmação com dois trechos do falatório registrados pela psicóloga mais um inédito, que não encontrei nos materiais de Carla Guagliardi ou de Mônica Ribeiro de Souza: “Eu vim para ficar. Aqui vou assistir ao fim do Mundo”.

Outra informação presente na matéria é o fato de seu passado ser absolutamente desconhecido até a pesquisa da psicóloga: “Detalhes sobre o passado dela eram desconhecidos da direção da Colônia Juliano Moreira (CJM) até pouco tempo. A data de nascimento só foi descoberta depois de levantamento feito pela estagiária de psicologia Mônica Ribeiro de Souza”. Afirma, ainda, que “existem dúvidas sobre o motivo pelo qual foi parar na 4ª D.P., de onde foi encaminhada, em 1962, para o Centro Psiquiátrico Nacional. Alcoolismo? Vadiagem? Não se sabe. Stella se nega a falar”.

Por fim, sinaliza: “Atualmente, ela já não quer mais fazer poesia. Carrega uma bolsa, na qual diz estar a morte. É um mistério tão grande quanto os poemas que diz, fingindo não saber”. Bem, mais uma vez, a inserção de Stella do Patrocínio como poeta parte de sua situação manicomial, produz uma diferenciação em relação às outras pacientes e, graças à falta de informações sobre sua vida, torna-a um objeto de interesse pelo mistério.

Essa matéria foi assinada poucos meses antes do encerramento do contrato de estágio de

---

<sup>110</sup> Como dissemos em n.r. anterior, o material está anexado a este trabalho (Anexo 4).

<sup>111</sup> Há, na matéria, um erro referencial em relação à organização do espaço: Teixeira Brandão era o Núcleo feminino. Dentro dele, havia os prédios que dividiam as pacientes em diferentes seções. Ainda, essa marca de diferenciação expressa no jornal, que, de certo modo, afirma que Stella só se fazia perceber quando falava, pois sua fisionomia era parecida com as das outras internas. Essa afirmação diverge daquela feita por Viviane Mosé (2001), em que a autora afirma justamente o contrário, marcando Stella do Patrocínio racialmente: “Impossível era não vê-la: negra, alta, com muita dignidade no porte, algumas vezes enrolada em um cobertor com o rosto e os braços pintados de branco” (MOSÉ, 2001, p. 20).

Mônica Ribeiro de Souza, em dezembro de 1991. As últimas gravações do falatório de Stella do Patrocínio foram também encerradas, pois depois desse período, não houve mais nenhuma iniciativa que buscasse gravar ou transcrever as enunciações da autora. Nesse sentido, Do Patrocínio voltou a ser uma paciente manicomial como as outras, sem o destaque dado pelo grupo de artes e pela psicóloga, ambos sob a supervisão de Denise Correa e Marlene Sá Freire, psicólogas antimanicomiais. Do Patrocínio morreu no ano seguinte, em 1992, em decorrência de uma hiperglicemia grave.

Os próximos capítulos serão, portanto, destinados a analisar movimentações póstumas, compreendendo como a instituição literária, ao mesmo tempo que insere a poeta no mercado literário brasileiro via editora, também se apropria de uma fala que, desde os primeiros registros dos anos 1986, acusa, denuncia e reflete sobre questões que essa mesma literatura ignora. Minha hipótese é que a instituição literária não foi capaz de quebrar os paradigmas impostos pela situação manicomial, e apresenta a poeta do mesmo modo como a matéria de jornal referida acima: a partir da diferenciação entre Do Patrocínio e outras pacientes, tornando-a figura de destaque dentro do espaço hospitalar. Essa inserção não foi capaz de transportá-la “para fora dos muros do manicômio”, como afirma Viviane Mosé. Seu falatório ainda está completamente atrelado à situação manicomial, o que nos leva a refletir sobre a possibilidade de os muros do manicômio terem sido transportados para e pela instituição artística. Não se tratam mais de muros concretos, mas simbólicos.

## PARTE II

### 3. “PODE PARAR COM ESSA IDEIA DE REPRESENTAÇÃO”: VIVIANE MOSÉ E A PUBLICAÇÃO DE *REINO DOS BICHOS E DOS ANIMAIS É O MEU NOME* (2001)

[...] não quero incorrer num pluralismo liberal de lugar-comum que abraça generosamente a diversidade para melhor apagar os desequilíbrios de poder que arbitram a diferença.

– Anne McClintock.

Neste capítulo, introduzo uma série de discussões sobre a organização e publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. A partir de tudo o que sabemos sobre o processo de internação de Stella do Patrocínio e da constatação de que reverter processos de exclusão e apagamentos de histórias é uma tarefa bastante árdua, não provoca nenhum espanto supormos que a introdução da poeta no domínio literário foi marcada por uma série de problemas, lacunas e estereótipos que já tinham sido identificados na documentação produzida sobre ela no hospício.

Para tratar dessa temática, dividi o capítulo em três tópicos. No primeiro deles, buscarei sustentar como podemos aproximar a instituição literária daquela manicomial ao examinarmos a cronologia e os direitos comerciais do livro. No segundo, procurei identificar dissonâncias e contradições entre a apresentação de Stella do Patrocínio, realizada por Viviane Mosé no livro, e duas das prerrogativas da reforma psiquiátrica brasileira, reforma que, como mostramos até aqui, tornou possível a gravação do falatório. Por fim, examinarei o processo de edição do falatório, comparando-o tanto com os áudios originais gravados por Carla Guagliardi, quanto com o livro datilografado por Mônica Ribeiro de Souza<sup>112</sup>. Ao realizar esta análise, também farei uma breve comparação entre o trabalho de organização e apresentação de Viviané Mosé e aquele efetuado pelo jornalista Audálio Dantas, responsável em grande parte pela introdução de Carolina Maria de Jesus na nossa literatura.

Antes de iniciar as discussões, gostaria de informar que, infelizmente, Viviane Mosé não chegou a ser entrevistada para a elaboração deste capítulo. Nós chegamos a estabelecer alguns contatos devido às minhas insistentes tentativas de aproximação. A primeira vez que entrei em contato com ela, fui assisti-la na ocasião de sua palestra no programa “Café Filosófico” da TV

---

<sup>112</sup> As comparações completas estão anexadas neste trabalho.

Cultura, em março de 2019, em Campinas/SP. No final do programa, fui até ela para me apresentar como pesquisadora de Stella e para pedir que marcássemos uma entrevista. Mosé concordou e pediu para que eu escrevesse a ela em sua página oficial do facebook. Como ali eu não obtive resposta, segui tentando outros meios de contato. Após conseguir o seu telefone, conseguimos marcar uma sequência de entrevistas, na ocasião em que eu estava no Rio de Janeiro para dar continuidade ao meu trabalho de campo. Contudo, Mosé precisou desmarcá-las de última hora devido a contratempos pessoais e profissionais.

Sergio Cohn, diretor da Azougue editorial, também não foi entrevistado por motivos semelhantes. Também chegamos a estabelecer pequenos contatos por e-mail e telefone, mas não consegui, de fato, marcar alguma data para entrevistá-lo, pois acabei ficando sem resposta.

### 3.1. Aproximações entre as instituições manicomial e literária

Dentre os visitantes da exposição que finalizou o Projeto de Livre Criação Artística – “O ar do subterrâneo” no Museu do Paço Imperial –, um deles merece nossa atenção, pois foi o responsável por apresentar o falatório de Do Patrocínio a Viviane Mosé e por colocá-la em contato com a artista plástica Carla Guagliardi.

Estou me referindo a Rodrigo Saad (vulgo Cabelo), um artista plástico, músico, compositor que frequentou, assim como Guagliardi, aulas de artes visuais no Parque Lage. Cabelo conta que, ao visitar a exposição, sentiu-se impactado ao ler os textos de Stella, o que o levou a registrá-los e, posteriormente, sugerir sua declamação nas apresentações de sua banda:

O que me impressionou foram esses textos [...] a contundência, a força poética deles. Peguei uma cadernetinha e fui anotando vários deles, copiando um por um, por tê-los achado muito potentes. Também tinha um vídeo em que ela aparecia falando um pouco. Eu me lembro que ouvi algumas coisas dela falando sobre os óculos. Como eu tinha uma banda, chamada O Boato, eu sugeri que nas apresentações a gente colocasse alguns desses textos. Até porque tínhamos relação com instituições psiquiátricas, volta e meia fazíamos apresentações no Alcântara, no Engenho de Dentro, no Pinel. O Chacal, poeta que criou o CEP 20.000<sup>113</sup>, e o Cazé (Peçanha)

<sup>113</sup> Autodenominado “Centro de Experimentação Poética”, o CEP 20.000 surgiu em 1990 sob a coordenação dos escritores brasileiros Chacal e Guilherme Zarvos no Rio de Janeiro com formato de saraus. Logo na sua primeira edição, o grupo O Boato já participava dos encontros. Por ocasião do seu aniversário de 20 anos, o CEP 20.000 publicou, em seu endereço eletrônico, seus “fundamentos”: “Entre a hermenêutica da academia e o mais do mesmo da cultura de massa, o CEP, há 20 anos, cavou sua trincheira volátil. CEP 20.000: o que as escolas não conseguem ser, por medo ou acomodação dos mestres desse mundo em suspensão. CEP 20.000: ponte sobre campo minado, de muros, guetos e redutos de poder. CEP 20.000: incubadora de indivíduos inquietos, que insistem em se comunicar ao vivo e a cores nesse mundo digital. CEP 20.000: celeiro de poetas, viveiro de artistas e músicos, turbilhão de inventores. CEP 20.000: experimentação de outro projeto educacional onde o não dá lugar ao sim. Incluindo, incluindo, incluindo. CEP 20.000: em 20 anos são 3, 4 gerações

também participavam e o nosso grupo ia junto. Eram apresentações bem livres e improvisadas. Com esse histórico, resolvemos declamar esses textos de Stella como intervenção no meio das músicas. Nós fizemos essas apresentações no CEP 20.000 [...] onde a Viviane Mosé também participava. Em um desses eventos, ela ouviu e se interessou. Esse foi o primeiro contato dela com os textos de Stella: a partir da nossa banda. (Cabelo, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Cabelo não se recorda em que ano realizou esse show com Mosé na plateia, mas lembra-se que, não muito tempo depois, a banda O Boato fez outra apresentação musical com declamações dos trechos de Stella do Patrocínio. Quem os assistia, dessa vez, era uma amiga a seu convite: Carla Guagliardi. Após ouvir O Boato declamando o falatório, ela o procurou pra contar como aqueles textos tinham sido concebidos, mencionando que ainda tinha as fitas cassete com as gravações das conversas entre ela e Do Patrocínio. Como Cabelo sabia do interesse de Mosé por aqueles versos, ele colocou a artista plástica e a filósofa em contato.

Esse contato permitiu não apenas o acesso de Viviane Mosé aos áudios de Stella do Patrocínio, mas possibilitou que a filósofa continuasse suas buscas para tentar contextualizar aquela enunciação, visto que Cabelo apenas dispunha das informações da exposição. Lembramos o leitor que o encarte de “O ar do subterrâneo” não informava nem os sobrenomes das pacientes, nem o nome de Stella do Patrocínio. Tudo o que Cabelo poderia saber, então, era que aquelas tiras em datilografia eram transcrições de falas de uma paciente da Colônia Juliano Moreira.

O resultado do encontro entre Guagliardi e Mosé foi a publicação do livro de poemas intitulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* pela editora Azougue em 2001. Entretanto, para organizar a obra, Mosé precisou realizar uma pesquisa na CJM, onde teve acesso aos prontuários médicos de Do Patrocínio, levantou outras informações sobre ela e consultou, no Museu Bispo do Rosário, o relatório de estágio de Mônica Ribeiro de Souza, aquele no qual o livro datilografado, *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...*, (1991) foi anexado.

Quatro anos antes do lançamento de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* por Viviane Mosé, o jornal Opinião (1997) publicou uma matéria divulgando o Museu Nise da Silveira<sup>114</sup>, assinada pelo psiquiatra Julius Teixeira. Julius trabalhou no NTB e, nessa ocasião, era diretor Museu Bispo do Rosário. Na matéria, ele anuncia a publicação de um livro de Stella do Patrocínio (Anexo

---

de artistas, que lá, vão buscar o que não há nas escolas, na televisão ou no google. CEP 20.000: beijo de língua na língua, um brinde a todos os que fazem de sua arte uma investigação para sintonizar a melhor maneira de ver, ouvir e escrever esse mundo mutante vertigem. O CEP faz 20 anos. *voilà!*” Disponível em: <cepvintemil.wordpress.com>. Acesso em: 10 mar. 2019.

<sup>114</sup> TEIXEIRA, Julius M. *Museu Nise da Silveira*. OPINIÃO. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&PagFis=218442&Pesq=%22Stella%20do%20Patrocínio%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=218442&Pesq=%22Stella%20do%20Patrocínio%22). Acesso em: 14 mar. 2019. [Acervo digital da Biblioteca Nacional].

1). Não chega, porém, a fornecer mais nenhuma informação, nem mesmo o nome do responsável pela publicação.

Não podemos afirmar se esse anúncio foi uma precipitação de algum projeto que não deu certo ou se, a essa altura, Mosé já havia entrado em contato com o médico para pedir as transcrições de Ribeiro de Souza. De todo modo, o que nos interessa aqui discutir, a partir da análise da obra organizada pela filósofa, é como a instituição literária pode aproximar-se da instituição manicomial no caso de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Iniciemos esse debate examinando a justificativa apresentada por Mosé para a publicação:

A fala de Stella do Patrocínio é valiosa antes de tudo pelo que diz: ela registra um lugar, uma condição, a da internação em regime fechado, que já desaparece de nossa cultura. Mas é muito mais valiosa pelo caráter vitorioso de sua conquista da exterioridade: ler e ouvir Stella é integrá-la no discurso que um dia a excluiu. (MOSÉ, 2001, p. 43).

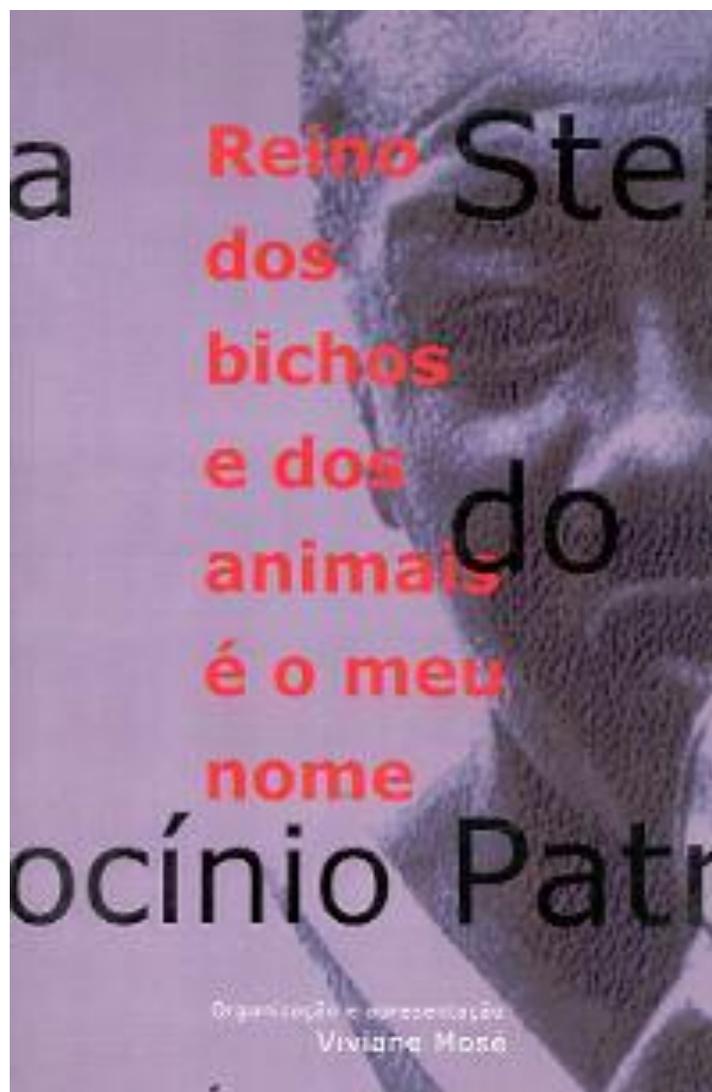
Assim como o Projeto de Livre Criação Artística e a exposição “O ar do subterrâneo”, Mosé parte de um reconhecimento social do percurso de Stella do Patrocínio, a partir da constatação de que a autora era diferente das outras internas, pois sua fala se destacava. O “discurso que um dia a excluiu” não é o do campo literário, mas parece ser o discurso da racionalidade, sustentado pelo saber psiquiátrico, na leitura de Mosé<sup>115</sup>.

A partir da questão levantada por Mosé sobre inclusão e exclusão, questiono, neste capítulo, se realmente é possível integrá-la no discurso que um dia a excluiu, analisando o modo como essa tentativa de integração foi consolidada na obra.

Essa publicação, realizada em 2001 em parceria com Museu Bispo do Rosário e Azougue editorial, foi intitulada *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, um livro catalogado como poesia brasileira. Ao organizar o conteúdo, Mosé utilizou duas fontes: (1) os arquivos de áudio da artista plástica Carla Guagliardi, que realizou gravações das conversas com a poeta no período entre 1986 e 1988 enquanto era estagiária do “Projeto de Livre Criação Artística” no NTB; (2) o livro datilografado por Mônica Ribeiro de Souza, intitulado *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* (1991), entregue ao Museu Bispo do Rosário como um dos componentes do relatório final de estágio em psicologia.

---

<sup>115</sup> Afirmo isso porque veremos logo adiante como a filósofa apresenta a autora. Seu aparato teórico é a discussão de Nietzsche sobre a racionalidade.



**Figura 26.** Capa de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, feita pela artista plástica Carla Guagliardi.

Publicado em uma das sociedades mais desiguais do mundo, *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* foi o segundo livro de literatura brasileira cuja autoria feminina está associada à internação manicomial.

O primeiro, *Hospício é Deus*<sup>116</sup>, foi publicado pela jornalista Maura Lopes Cançado (1929 – 1993). Não trataremos sobre Cançado neste trabalho, mas é importante destacar que a autoria feminina já havia emergido do hospício para inserir-se na literatura brasileira. Descendente de personagens que exerceram grande influência na história de Minas Gerais – como José Maria Lopes Cançado, um dos parlamentares participantes da Constituinte de 1946, e a fazendeira e senhora de escravizados Joaquina de Pompeu, sua bisavó – Maura escrevia contos e crônicas no *Correio da*

<sup>116</sup> CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

*Manhã* e no *Jornal do Brasil*. Seu primeiro livro publicado integralmente, *Hospício é deus*, foi escrito entre os anos 1959 e 1960 no CPPII durante sua terceira internação manicomial, de cunho voluntário. O livro, escrito em formato de diário, reflete seu cotidiano asilar e os motivos de sua internação.

As condições de classe de Do Patrocínio e de Caçado, no entanto, contrastam enormemente e Do Patrocínio não circulava nos meios intelectuais com os quais Maura estava habituada, embora frequentemente relatasse desprezá-los. Além disso, as circunstâncias de internação de ambas também eram discrepantes, pois Caçado havia se internado por iniciativa pessoal. Do Patrocínio, por sua vez, havia sido “agarrada andando na rua”, como ela própria relata, para involuntariamente tornar-se paciente psiquiátrica.

É mister considerar, além disso, que não temos nenhum registro que comprove alguma intenção literária de Stella, tendo sido publicada por decorrência de uma série de mediações, desde a policial, em parceria com a médico-clínica – responsável por sua internação involuntária –, passando pelas gravações com as estagiárias de artes e psicologia, até a póstuma seleção, organização e editoração por Viviane Mosé, que acabou realizando a tarefa de recuperar a memória de Do Patrocínio ao passo que reconhecia a paciente como uma poeta.

Nesse sentido, a mediação de Viviane Mosé é, então, uma oportunidade valiosa de fazer com que esse falatório seja divulgado como uma produção cultural e intelectual brasileira – o que, por si só, já indica uma certa desmistificação da loucura, visto que a pecha de “doente mental” automaticamente reduzia o discurso do louco a mero delírio, como vimos no capítulo 1. Mas diante de tantos apagamentos e violências sofridas por mais de 30 anos desde a internação involuntária até sua morte<sup>117</sup>, Mosé realmente teve um grande desafio a percorrer até a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

Ela própria menciona a dimensão desse desafio, no prefácio desse livro, quando explica que havia sido convidada pelo IMAS Juliano Moreira para realizar um trabalho, de cunho voluntário, que

[...] tinha dois objetivos: organizar o material escrito pelos pacientes em uma publicação, e realizar oficinas literárias com os internos. Infelizmente, por uma série de razões, este trabalho não pôde ser concluído. E uma destas razões foi, sem dúvida, a dimensão que os textos de Stela adquiriram no trabalho como um todo. (MOSE, 2001, p. 23).

Resultado de um trabalho coletivo, os registros intermitentes do falatório tornaram-se

---

<sup>117</sup> Ainda que a reforma psiquiátrica tenha, de fato, tentado reverter os tais apagamentos, vimos que, no caso de Stella, isso não pôde ser consolidado. Seus familiares não foram encontrados e a autora morreu em situação de internação.

possíveis graças a iniciativas pessoais das estagiárias que tiveram contato com a autora e que a nomearam poeta e filósofa. De outra maneira – já que conheceu Do Patrocínio apenas pelo falatório – Mosé se tornou parte dessa rede de iniciativas pessoais que pretendia construir alguma memória sobre Stella do Patrocínio.

O prólogo de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, redigido pelo psiquiatra e antigo diretor do Museu Bispo do Rosário, também reflete essa necessidade de conservar a produção de Do Patrocínio e de inseri-la no circuito cultural quando afirma:

*Queremos preservar a obra da autora e inseri-la no circuito cultural, abrindo-a à discussão e reflexão. Importa chamar a atenção para as relações entre linguagem, loucura e cultura. O embate da Reforma Psiquiátrica se passa na cultura, no olhar sobre a diferença e como a sociedade lida com o Outro. É uma luta maior por cidadania e se soma à luta dos deserdados, dos excluídos e dos marginalizados. Neste contexto, é importante o depoimento do que se passa(va) entre os muros do asilo, distante do olhar de todos, em nome de nossa cumplicidade. Queremos, de alguma forma, resgatar a dívida que a instituição, parte da sociedade, tem para com Stela [sic]. Teremos nossos objetivos alcançados se esta iniciativa servir para multiplicar a voz de Stela do Patrocínio e sermos iluminados pelo seu brilho, pois, em suas palavras, “quem passa somos nós”. (AQUINO, 2001, pp. 16-17).*

Gostaria de destacar três pontos expressos nesse fragmento: o primeiro deles é a necessidade de a luta antimanicomial pautar seus debates alinhando-se às demandas das camadas sociais marginalizadas. Como vimos no tópico 1.3, essa é uma prerrogativa da luta antimanicomial desde o seu primeiro documento oficial, a Carta de Bauru, que pretende se aliar aos trabalhadores, aos movimentos negros, feministas, lgbtqia+ e outros. Em segundo lugar, o entendimento de que o depoimento de Stella é valioso porque traduz o que os pacientes manicomial passavam na CJM, “distantes do olhar de todos”. Essa percepção necessariamente leva-nos a perceber que o seu discurso está sendo levado em consideração. Por fim, o reconhecimento de que há uma dívida social com Stella do Patrocínio.

A inserção de Stella do Patrocínio na literatura brasileira ainda possui muitas questões a serem melhor trabalhadas e exploradas, visto que todo o seu percurso foi de violências e a autora não gozou dos benefícios de sua nomeação como poeta – embora devamos perceber que alguma fronteira da não escuta começou a ser desfeita desde a realização do trabalho de Guagliardi e Ribeiro de Souza. Do Patrocínio, que anteriormente era reduzida à sua condição de internação, vivendo 30 anos como paciente, passou a compor oficialmente o cenário literário brasileiro.

Neste tópico, refletiremos como a entrada de Stella do Patrocínio no domínio literário foi consolidada por *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. O livro foi estruturado em oito partes,

cujos títulos são enunciações da poeta: I, “Um homem chamado cavalo é o meu nome”; II, “Eu sou Stella do Patrocínio, bem patrocinada”; III, “Nos gases eu me formei, eu tomei cor”; IV, “Eu enxergo o mundo”; V, “A parede ainda não era pintada de azul”; VI, “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”; VII, “Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum”; VIII, “Procurando falatório”. Essas oito partes apresentam o falatório de Stella do Patrocínio em formato versificado. Já no último capítulo, intitulado “Stella por Stella”, o falatório ganha outra edição. Nele, Viviane Mosé transcreveu não somente as respostas de Do Patrocínio em versos, mas inseriu trechos das conversas entre ela e Carla Guagliardi.

Para analisar a composição do livro, destaco o primeiro elemento que aproxima literatura de instituição manicomial, os copyrights, para, em seguida, comentar a cronologia escrita por Viviane Mosé no final do livro, pretendendo comentar os principais dados fornecidos no livro sobre a poeta.

Ao verificar os copyrights, percebi que estes pertencem a Viviane Mosé, Museu Bispo do Rosário e Azougue editorial. Bem, no “Levantamento Psico-socio-econômico” realizado na CJM em 1973 e assinado por Miguel dos Santos, corre que Do Patrocínio era de responsabilidade da Justiça/Polícia, tal como reproduzo a seguir:

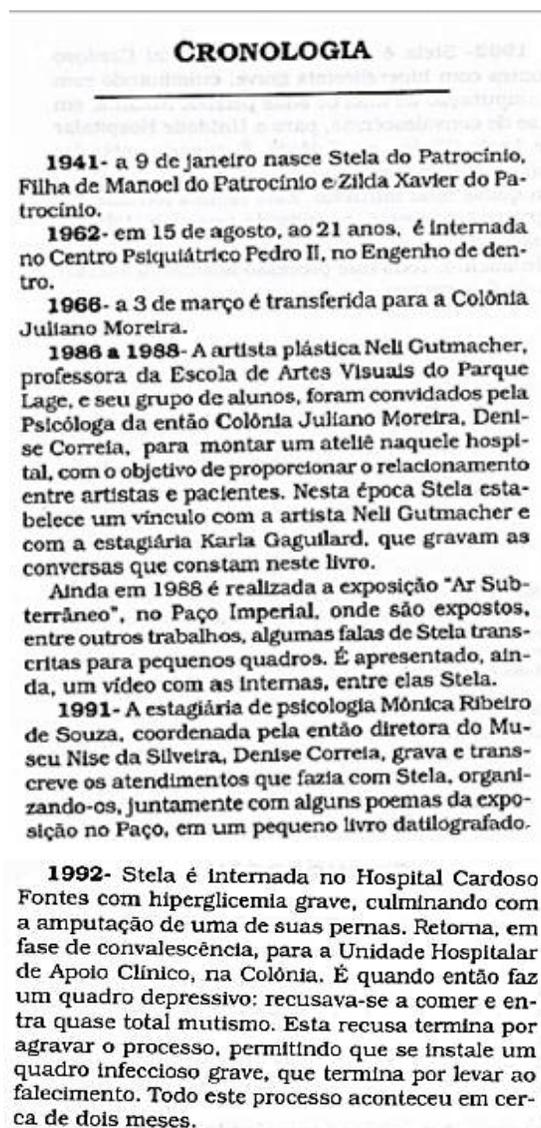
Stela do Patrocínio – 922TB2.7  
Pesquisador: Miguel dos Santos

Identificação: Stela do Patrocínio  
Filiação: Manoel do Patrocínio  
Izilda Xavier do Patrocínio  
Nascimento: 9/1/1941  
Instrução: secundário  
Profissão: doméstica  
Procedência: Rua Voluntários da Pátria, 75  
Endereço da residência: disse ter vindo direto da residência, Rua Voluntários da Pátria, 73  
Nome do esposo: \_\_\_\_\_  
Responsável: Justiça (?) Polícia  
Endereço do responsável: \_\_\_\_\_  
Grau de parentesco: \_\_\_\_\_  
Religião: católica  
Entrada: 3/3/1966  
(Levantamento psico-socio-econômico de Stella do Patrocínio. Fonte: IMAS Juliano Moreira).

Apesar de não ser, de fato, a mesma coisa, Mosé só pôde ser detentora dos direitos autorais – sendo entendida como autora da obra – porque Do Patrocínio morreu como indigente depois de uma internação que a tornou responsabilidade da Justiça/Polícia e por ter perdido os tais

laços familiares depois da ação da polícia civil<sup>118</sup>. A internação involuntária de Stella do Patrocínio também foi o que permitiu que os direitos autorais da obra fossem destinados ao Museu Bispo do Rosário, na Colônia Juliano Moreira. Como vimos no tópico 2.1, é bastante comum que as instituições asilares tenham os direitos autorais dos trabalhos artísticos produzidos dentro de suas instalações. A Colônia Juliano Moreira detém os direitos de Stella do Patrocínio e também de Arthur Bispo do Rosário, Antônio Pedro Bragança, Raimundo Camillo e outros.

Dito isto, seguimos para a cronologia:



**Figura 27.** Cronologia. In: *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (MOSÉ, 2001, pp. 79-80).

<sup>118</sup> Pela 4ª delegacia de polícia do Rio de Janeiro, tal como vimos no capítulo 1. Ver: figura 03, p. 30.

Antes de tudo, gostaria de destacar que Mosé informa que Nelly Gutmacher teria gravado Do Patrocínio. Entretanto, na ocasião em que fui entrevistá-la (em maio de 2018), a professora de artes plásticas disse não ter, em nenhum momento, realizado as gravações, pois essa era uma iniciativa pessoal de Carla Guagliardi. Outra informação sobre essas gravações que merece destaque diz respeito à intenção das gravações realizadas por Ribeiro de Souza. Na Cronologia de Mosé, a filósofa afirma que não eram exatamente conversas entre as duas, mas atendimentos psicológicos. Entretanto, na ocasião de minha entrevista com Ribeiro de Souza, pedi a ela que me contasse sobre o trabalho que ela desenvolvia com Stella do Patrocínio, e ela me respondeu que seu incentivo para gravar o falatório foi ver nele muitos elementos poéticos, como no hip hop ou mesmo um repente:

Eu chegava pra ela, dava bom dia, e daquele bom dia ela saía falando tudo em rima, como se fosse um repente, como se fosse um hip hop hoje, pra gente ficar mais atualizada. E eu achei aquilo tudo muito interessante, eu senti vontade de gravar. Não era algo que se poderia deixar passar. Então eu consegui um gravadorzinho pequeno, naquela época era fita cassete [...] eu ligava aquele gravador e saía gravando. Começava uma conversa com ela e ia gravando tudo. E depois eu passei um bom tempo transcrevendo, e foi o trabalho que ficou, que immortalizou, digamos assim, a Stella. [...] Deve ter sido de 6 a 8 fitas, aproximadamente, mas não foi algo contínuo. Houveram interrupções, porque ela era muito autônoma. Se ela queria conversar, ela conversava. Mas se ela não queria, então não queria, ninguém a convencia. Às vezes eu queria gravar, mas ela não queria e pronto. Ou, ainda, no meio da conversa, ela se levantava, saía, ia embora, “chega por hoje, não quero mais”, e eu respeitava. (Mônica Ribeiro de Souza, em entrevista. Rio de Janeiro, 2018. Acervo de Anna Carolina Vicentini Zacharias).

Tendo comentado mais pormenorizadamente esses pequenos pontos, gostaria de partir para o relato dessa cronologia sobre a morte de Stella do Patrocínio. A cronologia<sup>119</sup> afirma que Do Patrocínio entrou em um “quadro depressivo: recusava-se a comer e entra quase total mutismo”, sendo essa a justificativa do agravamento do estado infeccioso que culminaria em sua morte.

Ao ler, entretanto, os prontuários e as anotações médicas referentes a esse período, não há, com uma única exceção, algum diagnóstico de depressão.

De fato, o único local em que a informação sobre uma possível depressão aparece é em uma anotação de enfermagem datada de 11 de outubro de 1992, em que a enfermeira se limita a dizer “paciente depressiva”. Logo no dia seguinte, uma outra anotação anuncia “queda do nível de consciência, passando a não reagir às solicitações verbais”, seguidas de muitas outras diagnosticando estado de torpor. Esse torpor fez com que a equipe médica optasse pela sonda nasogástrica.

---

<sup>119</sup> Gostaria de destacar, contudo, que a cronologia da obra não é o único texto dedicado à biografia da poeta no livro. A Apresentação à obra também insere algumas informações sobre Stella do Patrocínio e informa brevemente como foi o processo de gravação e transcrição do falatório, bem como os seus parâmetros de editoração.

Embora não possamos saber de fato se Stella sofreu ou não uma depressão, é possível afirmar, examinando os seus prontuários, que o seu quadro clínico não deve ser limitado a esse diagnóstico. Apresentemos, para corroborar a minha afirmação, as anotações médicas de Stella desde o início, quando ela sofreu uma queda na Colônia.

Com efeito, a sequência de acontecimentos que culminou na amputação da perna esquerda de Stella do Patrocínio nos revela que as suas condições de saúde eram demasiado graves. Não se tratava, assim, somente de uma “recusa a falar” ou de uma “tristeza”, como afirma Viviane Mosé no prefácio de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*: “[...] ficou muito triste, parou de falar e de comer. A ferida não cicatrizou. Stella morreu de infecção generalizada” (MOSÉ, 2001, p. 21). Vamos à sequência dos fatos.

Em 30 de julho de 1992, Do Patrocínio passa por intervenções médico-cirúrgicas após sofrer uma queda. Uma anotação cuja assinatura é ilegível menciona uma lesão no pé esquerdo com odor fétido em 18 de agosto, sendo internada no Hospital Geral de Jacarepaguá no dia seguinte:

Hospital Geral de Jacarepaguá  
 Stella do Patrocínio                      Prontuário nº 68858  
 7 dias internada, 7 dias de tratamento  
 Internação: 19/8/1992                      Alta:26/08/1992                      Retorno: 02/09/1992

CID 44024  
 Diagnóstico definitivo principal: gangrena MIEAEO  
 CID 25062  
 Diabetes mellitus com transtorno circulatório periférico

19/08/1992: Tratamento ou operação realizada: Amputação do MIE  
 Necessita de complementação de tratamento? [ ] não    [x] sim  
 Nesta unidade  
 Outras recomendações: retornar para a retirada de pontos em 02/09/1992, quarta-feira, 10h30 na sala 65 – Ambulatório de cirurgia vascular  
 (Dados do Relatório do Hospital Geral de Jacarepaguá. Fonte: IMAS Juliano Moreira).

A amputação da perna esquerda teve uma série de complicações médicas. A sequência de acontecimentos registrados nos prontuários médicos foi a seguinte: a queda da própria altura, a ferida aberta proveniente dessa queda, o odor fétido, a área de necrose aumentando – do pé aos grandes lábios. A cirurgia foi realizada e, aparentando complicações e quadro infeccioso, Do Patrocínio é novamente encaminhada ao hospital.

Crise convulsiva várias vezes  
 Diarreia de cor escura e odor fétido

Diurese no leito

Curativo com secreção purulenta de cor amarelo escura. Odor fétido.

Estado febril

(Dados de Anotação de enfermagem, 12/10/1992. Fonte: IMAS Juliano Moreira).

Em 30 de setembro, um registro de enfermagem sem assinatura afirma que a “Paciente portadora de diabetes mellitus tipo II em uso de insulina NPH apresentou rebaixamento do nível de consciência”. Essa sequência de relatos de torpor prossegue até o dia 16 de outubro, data em que ela entrou em coma. Stella do Patrocínio morreu dia 20 de outubro de 1992 às 1h10min. “*Causa mortis*: parada cardiorrespiratória, carcinoma mamário e diabetes *mellitus*”.

Esses acontecimentos são bastante diferentes de uma simples recusa a falar e a comer. Foram duas feridas que não cicatrizaram e infeccionaram: primeiro, aquela que ocasionou a amputação da perna; depois, as complicações referentes à cicatrização da amputação. Nesse sentido, Mosé parece repetir alguns padrões de responsabilização analisados no prontuário de Do Patrocínio no capítulo 1 (como o “Questionário I – Enfermagem”, que a apontou como negligente em relação à própria higiene). Destacamos que não localizamos, em nenhum documento médico, a informação sobre um quadro depressivo que teria intensificado a infecção.

Ainda na cronologia, há um salto temporal desde a data de nascimento de Stella do Patrocínio, em 1941, até a sua primeira internação, em 1962. A escassez de informações sobre a vida de Do Patrocínio no período entre essas datas é resultado daqueles apagamentos provocados pela longa internação manicomial de que falamos no capítulo 1. Como discutimos, o manicômio não tinha a pretensão de realizar um levantamento histórico dos pacientes até a reforma psiquiátrica. O saber médico-clínico priorizava – antes da década de 1980 e das transformações propiciadas pela luta antimanicomial – as informações que julgava importantes para que o corpo biológico fosse tratado. A publicação de Viviane Mosé acabou por reproduzir as lacunas e os apagamentos realizados pela instituição manicomial na instituição literária. A inserção do falatório via mercado editorial não foi, portanto, capaz de reverter as exclusões anteriores sofridas por Stella do Patrocínio.

Além disso, mesmo as principais informações de internação registradas na cronologia – de 1986 a 1991 – dizem respeito às iniciativas das estagiárias da CJM na gravação e transcrição do falatório de Stella do Patrocínio. Carla Guagliardi, Denise Correa, Nelly Gutmacher e Mônica Ribeiro de Souza são, portanto, os sujeitos ativos dos projetos de arte e das gravações de Stella do Patrocínio, que ainda se mantém como sujeito passivo ou objeto de intervenção, o que nos lembra a falta de agência dos sujeitos psiquiatrizados. Esse é outro resquício dos manicômios, o qual a instituição literária não seria capaz de solucionar – porque, realmente, foi desse modo que o falatório foi

concebido.

Sendo assim, a cronologia divulgada por Viviane Mosé acaba por reproduzir as lacunas e os apagamentos da história de vida de Stella do Patrocínio, resumindo sua trajetória pessoal aos 30 anos de internação manicomial em regime fechado. Essa cronologia lembrou-me de um formulário realizado pela própria Colônia Juliano Moreira, intitulado “História do Paciente”, datado de 11 de dezembro de 1973. Em ambos os casos, tanto o da cronologia como o da “História do Paciente”, não temos dados biográficos de Stella do Patrocínio. Na primeira, apenas informações relevantes para a instituição literária, que pretende explicar como o falatório foi concebido e quem foram as responsáveis por sua gravação – além, evidentemente, de dados elementares sobre o nascimento e a morte da poeta. Na “História do Paciente”, apenas informações relevantes para que a medicina avalie as condições psíquicas dos internos para, então, concluir se eles têm ou não possibilidade de reabilitação. Em ambos os casos, Do Patrocínio é objeto de investigação. Para Mosé, uma investigação de interesse filosófico-literário. Para o manicômio, o médico-científico. A reprodução a seguir é do questionário aplicado para a paciente Stella do Patrocínio:

2.1.3. Consciência:

lúcido     confuso     comatoso

2.1.4 Orientação:

Autopsíquica:  sim     não

[este tópico, ao que me pareceu, teve sua resposta alterada. Em um primeiro momento, o aplicador marcou a opção “não”. Depois, o “não” foi rabiscado e marcado com “sim”].

Alopsíquica:  sim     não

2.1.5

Pensamento:  curso normal     anormal

Conteúdo:  normal     anormal

2.1.6 Senso percepção:  com distúrbio

Tipo: alucinação auditiva e visual

2.1.7 Humor:  eufórico     alegre     triste     deprimido

2.1.8 Linguagem:  normal     anormal

Tipo: desconexa e amaneirada

2.1.9 Inteligência:  normal     deficitária leve     deficitária médio  
 deficitária grave

## 2.1.10 Atenção:

- a. Vigilância:  aumentada  normal  diminuída  
 b. Tenacidade:  aumentada  normal  diminuída

2.1.11 Pragmatismo:  conservado  deficitário  ausente

2.1.12 Atividade:  normal  aumentada  diminuída  nula

2.1.13 Memória: A. De fixação:  conservada  aumentada  diminuída  
 B. De evocação:  conservada  aumentada  diminuída

2.1.14 Juízo de consciência: A. Consciência do Eu:  presente  ausente  
 B. Consciência de Realidade Externa:  presente  ausente

## 2.1.15 Descrição de 24h do paciente (atuais):

A que horas acorda? Não tem hora certa

O que faz pela manhã? Nada, “só rezo”

Almoça? Sim

A que horas? Meio dia

O que faz à tarde? Nada

Janta? Sim

A que horas? Mais tarde

O que faz à noite? Nada

A que horas dorme? “Durmo quando o cemitério já está cheio”

2.1.16 Descrição de elementos patológicos ocorridos com frequência (crises epiléticas, crises de agitação, crises de choro, etc.): Paciente delirante dizendo que é [ilegível] também. Incoerente.

[...]

## 5.2.0 Em condições de reabilitação: sim

Em hospital de agudo

Em hospital de ressocialização

Dependente de tratamento de reabilitação

Sem condição de reabilitação

(Dados do Arquivo CJM. Fonte: IMAS Juliano Moreira).

Como vemos, a “História do Paciente” não pretende levantar dados biográficos de Do Patrocínio, pois ela se resume a registrar sua evolução médica. Por isso, não buscou informações sobre a vida de Stella do Patrocínio, enxugando a sua vida institucional ao corpo doente. Esse é um funcionamento recorrente do discurso médico, sendo traduzido pela medicina como neutralidade científica<sup>120</sup>.

<sup>120</sup> Obras da antropologia da saúde têm reivindicado que a saúde e a doença sejam entendidas também como um processo social. Ver: CARVALHO, M. Dilemas na/da Reforma Psiquiátrica: notas etnográficas sobre o cotidiano de um Centro de Atenção Psicossocial. In: Etnografias em serviço de saúde. Org. Jacqueline Ferreira; Soraya Fleischer. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. Formas terapêuticas e reformulações dos programas de saúde deveriam ser pensados a partir dos universos socioculturais: CANESQUI, A. M. Os estudos de antropologia da saúde/ doença no Brasil na década de 1990. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, 2003. V.8, n.1, p.109-124; LANGDON, E.J. A doença como experiência: o

Mas os prontuários médicos não foram a única fonte de informação de Viviane Mosé para a organização de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e de sua cronologia. Como vimos no início deste capítulo, o artista plástico Cabelo havia colocado a filósofa em contato com Carla Guagliardi, com quem conversou sobre o Projeto de Livre Criação Artística. Além dos relatos de Guagliardi, a filósofa afirma que outra fonte da obra foi um livro datilografado que compunha um relatório final de estágio em psicologia. Eram, evidentemente, os registros de Mônica Ribeiro de Souza, entregues ao Museu Bispo do Rosário. Graças ao acesso a este livro, Mosé pôde relatar os acontecimentos de 1991 na cronologia da obra.

Sendo assim, seu contato com Carla Guagliardi lhe deu condições de incluir o período de 1986-1988 na cronologia. Carla lhe emprestou os áudios, o que lhe garantiu acesso a parte do falatório. Portanto, a leitura do livro de Ribeiro de Souza teria tornado possível a reconstituição do ano de 1991 e a recuperação de uma parte do falatório, gravado por Mônica e transcrito em um livro datilografado. Esses acontecimentos não estão nos prontuários médicos de Stella do Patrocínio arquivados no IMAS Juliano Moreira, mas puderam ser levantados pelos depoimentos de Guagliardi e pelos documentos de Ribeiro de Souza.

Entretanto, a filósofa não menciona, em nenhum momento, as buscas por informações sobre Stella do Patrocínio realizadas por Ribeiro de Souza. Como vimos no tópico 2.3, um dos componentes do relatório de estágio é justamente o diário de campo relatando todo o percurso da estagiária à procura de dados e de familiares de Stella. Mesmo a data de nascimento de Do Patrocínio só pôde ser confirmada a partir desse trabalho de Ribeiro de Souza.

Há, contudo, outra fonte de informação que poderia ter sido usada por Mosé na redação da cronologia e da apresentação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Essa outra fonte a que me refiro é o próprio falatório de Do Patrocínio, gravado por Carla Guagliardi e transcrito por Ribeiro de Souza, pois o falatório narra e expõe dados de grande interesse para compreendermos o seu percurso: os motivos de sua internação; as críticas ao modelo asilar; o adoecimento causado pelos remédios; o eletrochoque; alguns relatos de abuso sexual<sup>121</sup>; o trabalho como doméstica; entre

---

papel da narrativa na construção sociocultural da doença. *Etnografica*, 2001. V(2): p. 241-260. UCHÔA, E; VIDAL, J. *Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença*. Cad. Saúde Pública vol.10 no. 4 Rio de Janeiro. Dez. 1994.

<sup>121</sup> Cito dois exemplos: (1) “[...] eu fiquei debaixo daquelas duas pedreira ali [referindo-se, provavelmente, ao morro dois irmãos, visto do NTB na CJM]. Tinha terra preta, no chão, um homem foi lá e disse deita no chão pra mim te foder. Eu disse não, vamo embora daqui” (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista);

(2) [...] aprendi quando eu fui agarrada pra relação sexual e quando eu fui fodida  
E como foi isso? Como é que isso aconteceu?

outros. Mesmo assim, apenas informações registradas em documentos oficiais e aquelas fornecidas pelos entrevistados de Mosé foram empregadas na organização da obra.

Além disso, como o próprio Ricardo Aquino pontuou no prefácio já aqui citado, o discurso de Stella do Patrocínio pode reforçar a luta por cidadania, a luta dos marginalizados e a reforma psiquiátrica. O seu falatório toca, pois, em uma série de importantes elementos defendidos desde as prerrogativas da Carta de Bauru, marco na luta antimanicomial do qual já falamos aqui. Estou me referindo àquelas demandas de estabelecer um vínculo entre o movimento em defesa dos direitos dos pacientes internos em hospícios e outros movimentos sociais, como os étnico-raciais, de gênero e sexualidade. No próximo tópico, debateremos brevemente sobre esse tema.

Por enquanto, interessa-nos frisar aqui o privilégio concedido por Mosé aos documentos oficiais do manicômio (em detrimento do falatório) como fonte de informação para o relato da vida de Stella do Patrocínio. A poeta, assim, emerge na literatura brasileira sem que seu falatório possua poder de verdade para contar sua própria vida.

### **3.2. Alguma dissonância entre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e a luta antimanicomial brasileira**

Neste tópico, refletiremos sobre a inserção de Stella do Patrocínio na instituição literária, levando em consideração duas prerrogativas da luta antimanicomial brasileira, ambas discutidas no capítulo 1. São elas: (1) a abertura de espaços para que os pacientes psiquiátricos pudessem ter suas falas levadas em consideração, sem que suas enunciações fossem entendidas como mero delírio; (2) as alianças da luta antimanicomial com outros movimentos sociais, como os de raça, gênero e classe.

Como o falatório só pôde ser gravado graças à abertura manicomial na CJM – abertura que possibilitou a chegada das estagiárias Guagliardi e Ribeiro de Souza na Colônia – acredito que seja importante examinar *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* a partir das duas prerrogativas da luta antimanicomial citadas acima (a relevância da escuta dos pacientes e a aliança da reforma psiquiátrica com outros movimentos sociais).

Nesse contexto, discuto duas dissonâncias entre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e a luta antimanicomial brasileira. Parto da constatação de que o livro acabou se afastando da abertura dos tais canais de escuta dos pacientes psiquiátricos ao atribuir valoração poética do falatório

---

*Quando eu tava sozinha, não conhecia nada, não conhecia ninguém... tem que contar minha vida toda pra você, né? Você tá interessada em saber da MINHA vida, né?* (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

de Stella do Patrocínio sem que esse falatório pudesse, de fato, ser um registro utilizado para apresentá-la. A segunda dissonância do livro em relação à luta antimanicomial é consequência da primeira, pelo fato de o livro desconsiderar justamente os debates propostos por Stella do Patrocínio em relação à sua raça, gênero e classe.

Desse modo, ao mesmo tempo em que Mosé percebe a necessidade de integrar Stella do Patrocínio, como já apontamos no tópico anterior, ela também retira a possibilidade de a autora se representar. Tomar o falatório como um material que auxiliaria a compreensão de seu percurso seria, de fato, não reificar a ideia de que seu discurso é inteiramente delirante e abriria espaço para que sua fala pudesse ser valorada como uma possibilidade de autorrepresentação. Isso seria possível concebendo uma escuta para o que Do Patrocínio tem a dizer – e, desse modo, dando continuidade às discussões que Mosé propõe a partir da constatação, como afirmou Ricardo Aquino no prefácio à obra, de que seu discurso é valioso, antes de tudo, pelo que diz.

Para citar um exemplo, lembro que as explicações fornecidas por Do Patrocínio sobre os motivos e as condições de sua internação não foram incluídas no prefácio de Mosé à obra. Dos quatro trechos reproduzidos a seguir, apenas o primeiro foi selecionado pela filósofa para integrar *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001):

[...] na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão [...] aí veio uma dona, me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro[...] e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”, ela achou que tinha o direito de me governar na hora, né?, me viu sozinha, e Luiz não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi [...] aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”, deu ordem, “carreguem ela”, na ambulância, “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital. (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, pp. 5-6 [grifos meus]).

Quem que trouxe você pra cá pra Colônia?

*Foi quando a Ana, essa que tava na vigilância aqui (inaudível). Foi quando a Ana me descobriu que eu tava na rua com o Luiz. Eu nega preta crioula, Luiz nego preto crioulo ao meu lado, quando me abandonou um pouquinho pra ir no bar pra se alimentar e eu fiquei sem alimentação, ele sentou na cadeira e procurou mesa e tomou uma coca-cola, e comeu um pão de sal com salsicha e eu fiquei em pé lá no bar sem alimentação, e saí, ele também saiu eu perdi o óculos, ele ficou com o óculos, e era Botafogo, praia de Botafogo* (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da

artista).

Eu sou Stella do Patrocínio  
 Bem patrocinada.  
 Estou sentada numa cadeira  
 Pegada numa mesa nêga preta e crioula  
 E eu sou uma nêga preta e crioula  
 Que a Ana me disse.  
 (VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais..., 1991, p. 13).

A Ana é minha coleguinha,  
 Não dorme na mesma cama e na mesma sessão que eu, não,  
 Mas é minha coleguinha devido ao eletrochoque,  
 Ela me acompanhou no Pronto Socorro  
 Transmitindo autoridade autoritária  
 E fazendo parto quando eu nasci;  
 Me acompanhou de viagem, vim parar aqui,  
 Ela veio me acompanhando na viagem  
 E está vivendo aqui no Pronto Socorro do Rio de Janeiro,  
 Engenho de Dentro e São Paulo.  
 (VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais..., 1991, p. 39).

A figura de Ana aparece nos momentos em que Do Patrocínio conta como foi parar no manicômio. Aqui, Ana é retratada como a responsável por retirar Stella do Patrocínio das ruas: “Foi quando a Ana me descobriu que eu tava na rua com o Luiz. Eu nega preta crioula, Luiz nego preto crioulo ao meu lado”. Desse modo, Ana a encaminhou a uma unidade de pronto socorro e realizou a primeira descarga de eletrochoque em seu corpo. “Carreguem ela” são os comandos emitidos pela mesma pessoa que a chamou de “nega, preta e crioula”, “transmitindo autoridade autoritária”. Stella do Patrocínio afirma que Ana achou que tinha o direito de governá-la ao vê-la sozinha na rua.

A figura de Ana aparece, pois, em vários momentos: quando Do Patrocínio fala de sua internação, do primeiro eletrochoque e também se refere a ela como uma coleguinha, mas podemos ver que a relação não é amistosa ou horizontalizada quando a autora prossegue dizendo que essa colega “transmite autoridade autoritária”. Do Patrocínio afirma que está internada no manicômio como indigente depois da intervenção de Ana, que a autora aponta como a responsável por sua institucionalização.

Como podemos perceber, esses trechos deixam evidente a relação entre raça, gênero e classe para a internação de Stella do Patrocínio.

Mesmo que a marcação racial de Stella do Patrocínio ganhe grande relevância para que ela explique sua internação, a apresentação de Mosé não nos permite refletir sobre a relação entre raça, gênero, classe e internação psiquiátrica do caso de Do Patrocínio, pois o aparato teórico de Viviane Mosé não parece ser suficiente para tratar das questões levantadas pela paciente que ela

insere no mercado literário. Para discutir o falatório, Mosé se apoia na obra de Friedrich Nietzsche. Com efeito, no prefácio à obra, a filósofa declara que a razão pretende “produzir um mundo de identidades e verdades, um mundo previsível e claro. Em consequência, tudo o que é escuro, imprevisto, móvel, múltiplo, é excluído, transposto para o lugar do erro, da ilusão, do mal” (Mosé, 2001, p. 22). Ela afirma ainda que, segundo Nietzsche, é nesse espaço de imprevisibilidade que a loucura e também a arte, muitas vezes, se inserem. Assim, sua proposta – e também a de Nietzsche – é “pensar o estatuto da razão e da linguagem, como instâncias de produção e sustentação do niilismo, que é a negação da vida, por ser a negação da dor, do tempo, da loucura e da morte” (Mosé, 2001, p. 23). Nietzsche não poderia tê-la ajudado a considerar (e não excluir) o discurso da loucura enunciado por Stella. Pois, sendo delírio ou não, esse discurso é legítimo e tem o seu valor, as suas verdades. Tenho consciência da importância da crítica de Nietzsche, inclusive porque ela é responsável em boa parte por todo o trabalho que Foucault fará depois em sua *História da loucura* (2014)<sup>122</sup> e outros textos. Além disso, ao criticar a exclusão da loucura em nome da razão, Nietzsche torna possível, por exemplo, que critiquemos o discurso psiquiátrico que, em nome da razão, ignora o discurso do sujeito psiquiatrizado, não o escuta.

Entretanto, embora essa crítica seja também necessária para debatermos a loucura, ela explica pouco ou nada do perfil dos pacientes nas instituições públicas no Brasil pois, como vimos no capítulo 1, a maioria desses internos é negra e pobre, como Stella. Além disso, esse aparato teórico não permite que Mosé dialogue com a narrativa de Stella do Patrocínio sobre a sua própria internação; nessa narrativa, como podemos concluir facilmente a partir da leitura dos trechos citados acima, a poeta traça vínculos estreitos entre sua raça e seu gênero e seu confinamento involuntário no manicômio. Nesse sentido, a opção teórica de Viviane Mosé não é suficiente para incluir em sua leitura do falatório os processos sociais e econômicos que são fundamentais para compreender tanto a loucura, quanto como ela é gerida historicamente em instituições.

Desse modo, ao discutir a loucura, Viviane Mosé estabelece outros parâmetros de análise da loucura, bastante diferentes daqueles indicados por Do Patrocínio:

Ao excluir a loucura do discurso, o que a racionalidade clássica parece querer é não somente a exclusão, mas a eliminação mesma da loucura da face de nossa cultura, o que implica em eliminar tudo que seja desconhecimento, instabilidade, escuridão, representados na figura do louco (MOSÉ, 2001, p. 40).

Levando em consideração o discurso de Do Patrocínio sobre sua internação, diríamos que

---

<sup>122</sup> FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

a exclusão, nesse caso, não seria somente da loucura, mas, antes, do “nego, preto e crioulo”. Considerando tanto o falatório quanto os debates que temos sobre o perfil dos internos no Brasil, é preciso, pois, entender que a própria concepção da loucura como algo construído, que não pode ser entendido de forma isolada de uma série de marcadores sociais (de raça, gênero, classe). Assim, o que Do Patrocínio pontua é o problema da loucura, não a eliminação da loucura da face de nossa cultura. Trata-se de outro projeto, embora ambos coexistam. Se, por um lado, a loucura é vista como algo a ser eliminado e “curado” – e a crítica a esse modo de concepção da loucura é necessária – por outro, o perfil das pessoas institucionalizadas em manicômios está sinalizando que a loucura não é um mero jogo de “racionalidade” *versus* “irracionalidade”, mas a própria concepção sobre o que é a loucura não pode ser entendida isoladamente desses marcadores sociais. Assim, é preciso que a realidade sócio-política seja levada em consideração, como já discutimos no capítulo 1 e também como expusemos no tópico 2.1, quando vimos o motivo de internação do artista plástico Raimundo Camillo<sup>123</sup>. O que esses exemplos nos mostram é que pensar a loucura confinada no Brasil exige o exame da nossa realidade sócio-política.

Assim, apresentar o livro desabonando o contexto de internação de Stella do Patrocínio – informado pela própria autora – e as suas reflexões a esse respeito acaba, a meu ver, por reforçar o processo de apagamento de sua história provocado pela instituição manicomial. Desse modo, a apresentação de Mosé invoca um tipo de neutralidade semelhante àquela da CJM quando traça a História do Paciente, inserindo a poeta no campo literário brasileiro sem questionar ou problematizar os motivos de sua exclusão.

Mas a questão racial não é absolutamente descartada em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Como já dissemos, Viviane Mosé apresenta Stella do Patrocínio como uma mulher negra, ao diferenciá-la das outras internas. Retomemos a passagem:

Stela do Patrocínio chamou atenção por sua singularidade, naquele lugar uniforme. Parecia uma rainha, não se portando como as outras, que se aglomeravam, pedindo sempre. Diferenciava, em um silêncio agudo, a sua forma própria de se colocar no espaço. Impossível era não vê-la: negra, alta, com muita dignidade no porte, algumas vezes enrolada em um cobertor com o rosto e os braços pintados de branco<sup>124</sup>.

<sup>123</sup> Tivemos que nos limitar nos exemplos dados naquele tópico, mas eles não faltam, mesmo voltando nossa análise somente aos artistas plásticos. Temos Fernando Diniz, paciente no CPPII, artista encaminhado ao manicômio sob a alegação de estar nadando despido na praia de Copacabana. Também gostaria de lembrar de Adelina Gomes, internada aos 21 anos no CPPII, em 1937, chegando a morrer no local e deixando uma produção artística bastante extensa, somando 17 mil e 500 obras.

<sup>124</sup> Ao perguntar a Carla Guagliardi se Stella do Patrocínio costumava “se pintar de branco”, percebi que a informação de Viviane Mosé não é muito precisa: a poeta não coloria simplesmente sua pele negra com tinta branca, como faz parecer, mas fazia alguns desenhos no rosto e nos braços com a tinta.

(MOSE, 2001, p. 20).

O fator racial registrado pela filósofa aparece como uma característica física, uma categorização, não como uma questão social que aponta para uma operação institucional a ser investigada. Afirmar que se trata de uma autora negra não garante que esse perfil social esteja sendo devidamente entendido dentro dos mecanismos de estruturação dos manicômios.

Sua apresentação de *Do Patrocínio* se torna ainda problemática quando a filósofa afirma que Stella, ao conhecer “o pessoal do ateliê, tinha 45 anos e nenhum dente na boca” (ibidem, p. 21). Esse registro solto, do modo como é expresso na apresentação da obra, a aproxima a uma estética associada à condição de pobreza. Como sabemos, a extração dentária é, em muitos casos, a primeira medida dos dentistas que trabalham em serviços públicos de saúde, visando a redução de gastos para o Estado quando o tratamento é demasiado oneroso. Além disso, já discutimos sobre as condições de higiene das pacientes do NTB nas décadas de 1960 a 1980, que apenas tinham sabão para se lavar. Sendo assim, questiono-me sobre a relevância de um livro de poesia destacar que os dentes de uma poeta faltavam em sua boca.

Vale destacar, nesse contexto, que a própria Stella do *Patrocínio* contou sobre as extrações de seus dentes em suas conversas com Carla Guagliardi:

*Dr. Silvio dentista. Que me agarrou pra... arrancar meus dente*

É?

É

Por quê?

*Que achava que eu devia... arrancar dente. Me levou, quem me levou foi Adalberto, quem arrancou foi o Dr. Silvio.* (Conversa entre Stella do *Patrocínio* e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

A documentação de algumas dessas extrações também está prontuários médicos de Stella do *Patrocínio*, arquivados no IMAS Juliano Moreira:

UNIDADE NÚCLEO TEIXEIRA BRANDÃO

Estela Patrocínio

Enfermaria 2ª sec.

Exame buco-dentário

[imagens com quadros dentários]

A paciente tem a fazer diversas extrações. Higiene em dentes restantes.

As extrações foram dia 4/5/1982

Extração T3

22/5/1982 recusou

7/5/1984 extrações L45

(Dados do Prontuário n. 00694, IMASJM).

As suas extrações dentárias ocorreram, portanto, dentro do hospício devido à precariedade das condições de higiene oferecidas pelo NTB ao longo dos 30 anos de internação de Stella do Patrocínio. Até porque não ter dentes na boca remete à pobreza devido à precarização dos serviços públicos em saúde. A dificuldade de acesso a tratamentos e a condições básicas de higiene no manicômio são condições que acabam fazendo com que essas pessoas sofram consequências, como a necessidade de, em serviços públicos, extrair dentes.

Tanto a instituição manicomial, como vimos, quanto a literária, partem do pressuposto de ceder uma escuta a quem anteriormente tinha sua fala entendida como delírio. Interpreto a intenção de Mosé de reintegrar Stella do Patrocínio como uma possibilidade que ela abre para que os seus leitores cedam essa escuta sem, no entanto, que a filósofa tenha, de fato, realizado essa tarefa. A ausência dessa escuta pode ser comprovada, a meu ver, a partir da descrição de Stella sem “nenhum dente na boca” ou da falta de atenção dada à narrativa de Stella sobre a sua internação compulsória, relacionada à sua condição racial e ao seu gênero.

O problema da escuta pode ser identificado ainda na parte II de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, intitulada “Eu sou Stela do Patrocínio, bem patrocinada”. Nessa parte, Viviane Mosé insere o seguinte poema, atribuído a Stella do Patrocínio:

Nasci louca  
 Meus pais queriam que eu fosse louca  
 Os normais tinham inveja de mim  
 Que era louca  
 (MOSE, 2001, p. 68).

Como este trabalho vem defendendo, Stella do Patrocínio foi internada por ser “nega, preta e crioula”. De acordo com o seu relato, ela “estava com saúde” e a adoeceram, tendo só então passado a viver no hospital como doente. Não há, pois, em seu falatório nenhum elogio à loucura, nenhuma afirmação dessa condição, com exceção desse poema transcrito logo acima, publicado em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Essa fala, supostamente de Stella do Patrocínio, não foi localizada nos materiais coletados por mim, os quais constituem a mesma fonte de Viviane Mosé, como a filósofa admite no prefácio à obra: as quatro fitas das gravações realizadas por Carla Guagliardi e o livro de poemas, transcrito e editado por Mônica Ribeiro de Souza, intitulado *VERSOS*,

*REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* (1991). Será que essa fala foi mesmo enunciada por Stella? Qual será a sua fonte?

Em uma das fases de pesquisa, assisti a uma sequência de documentários sobre a Colônia Juliana Moreira. Um deles foi o curta-documentário de 38 minutos gravado na Colônia Juliana Moreira, intitulado “Stultifera Navis” (1987) e dirigido por Clodoaldo Lino. Ele reúne entrevistas com o filósofo e dramaturgo Carlos Henrique Escobar, com os psicanalistas Joel Birman e Jurandir Freire Costa, com o psiquiatra Pedro Gabriel Delgado e com internos na instituição, cujos nomes não aparecem. Um pouco antes da metade do curta (dos 15’45’’ aos 17’04’’), assistimos ao depoimento de uma mulher institucionalizada. Reproduzo a declaração parcialmente:

*Nasci louca, sabe? Meus pais queria que eu vivesse louca assim mesmo, sabe? Meus pais queria que eu vivesse louca [...] elas tem inveja de mim, elas toda normalidade, e eu louca e elas tem inveja de mim. Aí criava briga, né. Criava até briga. Os normais tinha inveja de uma louca, os normais tinha até inveja de mim que era louca”. [Grifo nosso].<sup>125</sup>*

Portanto, a mulher que enunciou o poema presente no livro de Mosé é, possivelmente, essa paciente da CJM, entrevistada para um curta-documentário gravado no mesmo período em que acontecia o Projeto de Livre Criação Artística.



**Figura 28.** Paciente do Núcleo Teixeira Brandão em entrevista para o documentário “Stultifera Navis” (1987).

Faz sentido que esse excerto não seja uma fala de Do Patrocínio, pois sempre que a autora

<sup>125</sup> LINO, Clodoaldo. *Stultifera navis*. Curta-documentário. 38 minutos. Rio de Janeiro, 1987.

faz quaisquer afirmações sobre sua institucionalização, sua reflexão traz o adoecimento como um processo forçado pela instituição manicomial, que a categoriza como “doente mental”, como podemos perceber nas passagens já tantas vezes aqui transcritas.

De fato, ao analisar todo o falatório de Stella do Patrocínio a que tive acesso, pude notar que a poeta jamais se refere à loucura dessa maneira elogiosa, mas antes acusa uma loucura produzida em seu corpo, anteriormente sadio. Relembrando os trechos reproduzidos anteriormente, Do Patrocínio assinala que estava com saúde antes da internação e que a instituição a adoeceu e a manteve internada como doente; que os remédios a forçavam a ser “doente mental”. Essa colocação inclusive mostra um processo reflexivo da autora acerca dos saberes médico-clínicos e mesmo da instituição.

Stella do Patrocínio menciona diversas vezes esse adoecimento. Vejamos, por exemplo, no excerto abaixo, que compõe o capítulo “Stela por Stela”:

**Você passa muito mal aqui?**

Passo mal porque eu tomo constantemente  
injeções

Injeções para homem e o líquido desce

**Quem é que te dá essas injeções?**

O invisível polícia secreta o sem cor

**E pra que servem essas injeções?**

Pra forçar a ser doente mental

**No dia que você parar essas injeções você fica curada?**

Fico completamente curada se eu não tomar remédio

Não tomar injeção não tomar eletrochoque

Eu não fico carregada de veneno

Envenenada

**Você toma eletrochoque?**

Eu tomei no pronto socorro do Rio de Janeiro e  
continuo tomando aqui

**E quem dá eletrochoque aqui?**

Os que trabalham com a falange falanginha falangeta

Os que trabalham com a voz ativa média e reflexiva

Refletindo bem no que está falando (MOSÉ, 2001, pp. 149-150).

Mosé realizou um corte nesse trecho. Nos originais, após dizer que continua tomando eletrochoque na CJM, Stella prossegue: “disseram que não dá mais, mas dá sim”. (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

Portanto, o poema que compõe a página 68 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e que faz um elogio – quase uma apologia – à loucura, ao que tudo indica, é de outra autoria. O resultado de integrá-lo ao livro junto a outros fragmentos de Stella do Patrocínio, que é veemente em suas críticas ao ambiente manicomial, faz crer que a mesma pessoa que denuncia o processo de

adoecimento ocasionado pelo manicômio, também faz um ocultamento em relação às medidas de internação vigentes nos anos 1960 e que foram responsáveis por sua situação como interna de um hospício – afinal, a enunciação da paciente em “Strultifera navis” não nos permite pensar a relação entre loucura, raça, gênero e classe. A atribuição do tal poema a Stella do Patrocínio pode produzir o efeito de reificar a loucura como delírio, devido à contradição entre as diferentes narrativas de Stella do Patrocínio. Além disso, a inserção do poema em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* parece contradizer a importância da escuta de que falamos desde o início deste tópico.

Mas, se o seu falatório só pôde passar por tantas instâncias de mediação devido a alguma abertura institucional na CJM, e se Stella do Patrocínio realiza tantas críticas ao modelo asilar, aos parâmetros de internação e ao cotidiano manicomial, como seria possível que a literatura desconsiderasse sua enunciação para apresentá-la? Quais são os resultados do modo como Stella do Patrocínio foi apresentada aos críticos e leitores de poesia no Brasil?

Em relação a esse modo como Do Patrocínio foi apresentada ao público leitor, ainda mais uma consideração bastante relevante em relação ao distanciamento entre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e a reforma psiquiátrica. Esse distanciamento está refletido logo na capa do livro. Eu não poderia deixar de comentar o impacto de, ao apresentar uma mulher negra com metade do seu rosto, segurando uma lata de alumínio, as inscrições do título serem “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”. Lembrando os apontamentos presentes no clássico *Os delírios da razão*, de Magali Gouveia Engel<sup>126</sup>,

[...] como na era clássica, a oposição entre razão e loucura remetia o louco à condição de animalidade, despojando-o do que nele houvesse de humano “para estabelecê-lo no grau zero de sua própria natureza” (Foucault, 1978:151). (ENGEL, 2001, p. 120).

Somado ao fato de Mosé apresentar a poeta como alguém que já não tinha nenhum dente na boca, e que inclusive reivindicava a condição da loucura para si, como seria possível que realmente Do Patrocínio fosse inserida no cenário literário brasileiro?

Faço essas perguntas porque a filósofa teve autonomia para representar Do Patrocínio. E o próprio fato de ela representar Stella já denota um universo de forças e relações de poder sobre o qual precisamos refletir. Além disso, essa representação acabou influenciando diretamente os trabalhos acadêmicos sobre Stella do Patrocínio (como veremos no capítulo 4) e as reportagens sobre a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Cito como exemplo a matéria

<sup>126</sup> ENGEL, Magali. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios*: Rio de Janeiro, 1830-1930. RJ: FIOCRUZ, 2001.

publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em novembro de 2001, assinada por Armando Antenore:

*Era uma negra alta, sem nenhum dente na boca, que costumava zanzar, tagarela, pelo maior hospital psiquiátrico do Rio. Parecia uma máquina de falar. Enrolada em um cobertor, com o rosto às vezes pintado de branco, disparava uma sucessão de frases desconcertantes. [...] Diagnósticos médicos a apontavam como dona de uma "personalidade psicopática", acrescida de "esquizofrenia hebefrênica". Doida, enfim. Mas uma doida que insistia em se preservar "consciente". Rejeitava, um a um, os psicotrópicos que lhe ministravam. Cuspia comprimidos na mesma proporção em que gritava coisas mágicas [...] "Nasci louca. Meus pais queriam que eu fosse louca. Os normais tinham inveja de mim, que era louca." Em 1986, contudo, as artistas plásticas Neli Gutmacher e Carla Guagliardi, que tocavam um ateliê dentro da Colônia, farejaram poesia naquele blablablá desvairado. Resolveram, então, gravar os tais delírios, tarefa que só concluíram dois anos depois. Mais tarde, em 1991, Mônica Ribeiro (à época, estagiária de psicologia) transcreveu as sessões terapêuticas que dividia com a inusitada paciente. À semelhança de Neli e Carla, suspeitava que existia arte sob a maluquice de Stela. Estavam, as três, certíssimas, como demonstra "Reino dos Bichos e dos Animais É o Meu Nome", que a editora Azougue lança na próxima semana. Trata-se de um livro assombroso – pela beleza e pelos sobressaltos que provoca. Um século de psicanálise já deixou bem claro o quão tênues podem ser os limites entre razão e loucura. Ainda assim, flagrar lucidez na verborragia aparentemente caótica de Stela desperta profunda inquietação [...] Solitária, morreu em 1992, nas dependências da Colônia – hoje, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, que abriga cerca de 950 internos. Foi um fim trágico. Primeiro, perdeu a perna por causa de uma hiperglicemia grave. Deprimida, emudeceu e se negou a comer, o que a empurrou para um quadro infeccioso fatal [...] Daí Viviane defender que Stela é sobretudo uma artista ("louca, mas artista") [...] <sup>127</sup> [grifos meus].*

Como podemos concluir, a apresentação da poeta por Antenore no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*, é quase idêntica à de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* escrita por Viviane Mosé. Os mesmos elementos aparecem: o fato de Stella ser “negra, alta”, não ter “nenhum dente na boca”, a identificação da causa de sua morte na depressão e recusa a se alimentar e, principalmente, a inserção no universo literário a partir da pecha da loucura – mais especificamente, da esquizofrenia.

Mais uma vez, o jornalista se ampara em um dado anterior, e tudo indica que seu texto se apoia exclusivamente na apresentação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. No trecho a seguir, percebemos como Viviane Mosé concebe a importância do falatório de Stella do Patrocínio. Ao comparar a poeta com outros internos – não com outros poetas –, a filósofa reflete sobre o motivo pelo qual Stella do Patrocínio é diferente das outras pacientes manicomiais. Devo frisar que o

<sup>127</sup> ANTENORE, Armando. *ARTE E LOUCURA: O falatório que virou poesia*. Folha Ilustrada: São Paulo, 17 de novembro de 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1711200121.htm>. Acesso em: 04 abr. 2018.

problema não é perceber algum delírio na enunciação de Do Patrocínio, em absoluto, porque é possível que ele realmente exista sendo consistente – e, então, temos a obrigação de escutá-lo. O problema que destaco aqui é de outra ordem, porque o delírio e o tipo de organização na fala de Do Patrocínio foi o que justificou a publicação da obra. Ainda que Mosé tenha refletido sobre a necessidade de escuta desse discurso, essa escuta não chegou a, de fato, ser executada. Mais do que isso, pois Do Patrocínio é inserida na literatura brasileira sem, no entanto, seu conteúdo poético ter sido justificado.

Essa inserção do falatório na literatura a partir da sua compreensão como um discurso produzido pela loucura aparece também de modo bem claro na apresentação de Mosé. Na passagem que cito logo abaixo, a filósofa busca identificar os aspectos que valoriza no falatório de Stella do Patrocínio:

Ousaria dizer que Stela se sustentava em uma ordenação delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação. A palavra lhe parecia muito íntima, muito próxima, não a palavra da comunicação, do “rebanho”, como diria Nietzsche, mas uma palavra deslocada da interioridade e da subjetividade cotidianas. (MOSÉ, 2001, p. 24).

De acordo com o trecho acima, podemos perceber que Mosé se interessa e atribuiu valor especialmente à organização particular da fala de Stella. Importava mais o modo como Stella do Patrocínio se organizava em seu discurso do que, propriamente, o que dizia sobre os temas que iam surgindo nas conversas com suas interlocutoras.

Agora, na instituição literária – e veremos melhor no capítulo 4 –, trata-se de poesia, mas de poesia de uma “mulher louca” ou, no melhor dos casos, “diagnosticada com esquizofrenia”, relegando o falatório a outra prisão: a loucura dentro do campo literário, embora Mosé tenha defendido que ele seja a saída dos tais muros do manicômio. Podemos perceber, ainda, que a grande dissonância entre o que Stella do Patrocínio fala sobre si e o modo como foi apresentada talvez aponte que, na realidade, as leituras sobre Stella do Patrocínio que não exercem aquela escuta de que tratamos anteriormente, estão mais atreladas à instituição manicomial do que à própria Stella, que em nenhum momento mostrou estar de acordo com seu aprisionamento.

Os problemas advindos desse tipo de mediação literária não são tão novos na nossa historiografia literária. Para examinarmos essa questão, buscaremos comparar no próximo tópico o trabalho de Viviane Mosé com aquele do jornalista Audálio Dantas, responsável pela inserção de Carolina Maria de Jesus na literatura brasileira.

### 3.3. Breves aproximações entre Do Patrocínio e De Jesus / Mosé e Dantas

Eu disse: o meu sonho é escrever!  
 Responde o branco: ela é louca.  
 O que as negras devem fazer...  
 É ir pro tanque lavar roupa.  
 – Carolina Maria de Jesus

“Quem é o escritor? É aquele que escreve ou aquele que publica? Várias pessoas escrevem e não conseguiram publicar ainda”, pergunta e, ao mesmo tempo, ensaia a resposta a escritora Conceição Evaristo<sup>128</sup>, no início do depoimento que concedeu sobre a sua própria trajetória, em evento organizado pelo Itaú Cultural em 2015. Tendo publicado seu primeiro livro com quase 60 anos, Evaristo introduz com frequência o debate sobre a dificuldade de inserção do domínio literário e, de modo geral, as dificuldades de ascensão social das mulheres negras. Em entrevista à repórter Júlia Dias Carneiro<sup>129</sup>, da BBC News, por exemplo, ela retoma esse tema:

Acho que são 130 anos de uma abolição inconclusa [...] A sociedade brasileira ainda tem essa dívida histórica para com a população negra, e mais ainda para com as mulheres negras. [...] Há uma voz hegemônica que quer ser paradigma de tudo. Mas isso não significa que o povo não criou, ou não cria, as suas vozes, as suas utopias. Essas vozes, essas utopias, essas formas de reação, essas táticas, elas sempre existiram. [...] Na música, na poesia, na literatura, nas religiões afro-brasileiras, em sindicatos, em associações de moradores, essas vozes sempre se pronunciaram. Mas por mais que uma voz hegemônica queira comandar, a água escapole entre os dedos. Você não segura. Não retém a força da água. Então o povo também encontra maneiras de se afirmar, de falar, de dizer. Em todas as áreas, os poucos negros que conseguem uma ascensão social são vistos como histórias de exceção. Mas as histórias de exceção devem ser lidas para se pensar a regra. [...] Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos? Enquanto você vê outras expoentes na literatura que às vezes são meninas com idade para serem minha neta, mas como vêm de um grupo social diferenciado do meu, são mais jovens, são brancas, têm sua competência logo revelada? Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida? [...] É preciso questionar essas regras e dinâmicas sociais, culturais e econômicas que tornam tudo muito mais difícil para as pessoas negras. Se a minha história desperta curiosidade de leitores, do público, da crítica literária, da mídia, tenho insistido também para que busquem outras autoras negras que estão produzindo. Podemos

<sup>128</sup> Entrevista de Conceição Evaristo ao Itaú Cultural, em 2015, intitulada “Encontros de Interrogação”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I&pbjreload=10>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

<sup>129</sup> CARNEIRO, Julia Dias (repórter). ““É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora”. BBC News. 09 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

citar várias, como a Lívia Natália, a Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, a Geni Guimarães e muitas outras.<sup>130</sup>

Essas questões levantadas por Conceição Evaristo podem ser estendidas a outras escritoras de nossa história literária recente, como Carolina Maria de Jesus e Stella do Patrocínio – duas mulheres negras e pobres, com pouca escolaridade, cujo ingresso tardio na literatura brasileira só foi possível pela mediação de um jornalista (Audálio Dantas), no primeiro caso, e de (1) estagiárias da CJM; (2) uma poeta e filósofa (Viviane Mosé), no segundo. Neste tópico, buscaremos tanto confrontar o trabalho realizado por Mosé e Dantas de introdução dessas autoras no domínio literário quanto comparar brevemente a trajetória das duas escritoras.

Já acompanhamos até aqui todo o processo de publicação do falatório de Stella do Patrocínio, desde as suas gravações até a sua publicação em livro, organizado por Viviane Mosé. Para comparar sua entrada no mercado editorial brasileiro com aquela de Carolina Maria de Jesus, cerca de 40 anos antes, precisamos resumir a inserção da autora de *Quarto de despejo* na nossa literatura. Como, pois, Carolina Maria de Jesus entrou no domínio literário?

Como sabemos, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi o seu livro de estreia. A obra chegou às livrarias graças ao auxílio do jornalista paulistano Audálio Dantas, responsável pela edição da obra. Mas não apenas por isso, como veremos.

Em 1958, Dantas foi à antiga favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na zona norte de São Paulo – onde Carolina morava com seus três filhos –, para fazer uma reportagem. Logo no primeiro dia de reportagem, ele conheceu De Jesus, que se manifestava ameaçando escrever em seu livro o nome daqueles adultos que usavam um *playground* destinado às crianças da favela. Ao saber que ela escrevia um livro, o jornalista ficou interessado em saber o que era esse livro. Dirigindo-se à casa de Carolina, Dantas encontrou os cadernos nos quais Carolina redigia seu diário e outros textos literários. Nessa ocasião, ela já havia tentado se lançar como escritora, mas não havia obtido sucesso.

Bastou passar os olhos no diário de De Jesus para que Dantas decidisse focar a sua matéria na própria escritora e em seus escritos. O jornalista justifica o seu interesse pelo diário de De Jesus, em *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*<sup>131</sup>:

Bastou eu ler uma página para entender que era algo muito importante. Primeiro, como depoimento. O depoimento de alguém que, vivendo em um mundo marginal, podia contar o que era aquele meio melhor do que qualquer um que fosse de fora. Segundo, porque este contar das coisas da favela possuía uma inegável expressão

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: editora UERJ, 1991.

literária. Não chegava a ser uma obra literária propriamente dita, mas possuía momentos de grande força descritiva, de criação de imagens. O primeiro resultado disso foi que eu, ao invés de fazer uma reportagem sobre a favela, fiz uma matéria sobre Carolina Maria de Jesus e transcrevi alguns trechos do diário. Isso foi em 1958. Eu era então um iniciante na profissão e trabalhava na *Folha da noite*, que naquela época tinha uma edição vespertina. A partir daí, ela me passou os cadernos e comecei a examiná-los atentamente, já pensando em um trabalho, em um livro. Depois saí da *Folha* e fui para a revista *O Cruzeiro*, onde publiquei outra matéria sobre o assunto. Como a revista era de grande circulação nacional, a repercussão foi enorme e a partir daí, conseqüentemente, à edição do livro foi um passo (LEVINE; MEIHY, 1991, p. 72).

O tal livro, intitulado *Quarto de despejo*, foi lançado em 1960 pela editora Francisco Alves, com o subtítulo escolhido por Audálio Dantas: “diário de uma favelada”. O jornalista também selecionou os trechos daquele longo material escrito em formato de diário.

Chama a atenção o fato de tanto Dantas quanto Mosé terem afirmado, em prefácios às obras de sua própria edição, que muito pouco alteraram o conteúdo das fontes originais. Mosé valeu-se, como dissemos, dos áudios coletados por Carla Guagliardi e do livro datilografado por Mônica Ribeiro de Souza, ambas mediadoras do falatório de Do Patrocínio. Já Dantas pegou emprestado circunstancialmente todo o material contido nos cadernos de De Jesus. Já discutimos os critérios expostos por Viviane Mosé para a seleção, edição e organização de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* no tópico anterior. Audálio Dantas, por sua vez, explica:

No tratamento que dei ao original, muitas vezes, por excessiva presença, a Amarela<sup>132</sup> saiu de cena, mas não de modo a diminuir a sua importância na tragédia favelada. Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha. (JESUS, 1960, p. 3).

No entanto, segundo a pesquisadora Elzira Perpétua<sup>133</sup>, que comparou os cadernos de Carolina Maria de Jesus com a obra publicada pela editora Francisco Alves em 1960, são vários os exemplos de alterações realizadas por Dantas. O jornalista fez, pois, acréscimos, supressões e até substituições, como podemos conferir no exemplo abaixo, que expressa aparentemente a preocupação de tornar a linguagem de De Jesus mais “popular”<sup>134</sup>:

<sup>132</sup> Dantas se refere à imagem da fome.

<sup>133</sup> PERPÉTUA, Elzira. *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).

<sup>134</sup> “As citações do manuscrito serão acompanhadas das datas a que se refere o registro. Adotamos o tipo itálico, entre colchetes, para marcar o que foi suprimido na transposição para o livro; o que foi transposto está grafado com tipo comum; os acréscimos e substituições estão referidos entre os sinais gráficos de inclusão < >. Nas exemplificações privilegiaremos, sempre que possível, as transcrições do manuscrito, mesmo que seja de trecho publicado, salvo se for necessário compararmos as modificações operadas no trecho em questão. Para nossos próprios e eventuais acréscimos,

O José Carlos esta mais calmo depois que [*expeliu*] <botou> os vermes, 21 vermes. (11 de junho de 1958)

Recordei imediatamente da Lêila porque eu [*havia*] <tinha> dito so para ela. (15 de junho de 1958)

O que dêixou-me preocupada foi o predio ter 82 andar. Ainda não li que [*em*] São Paulo [*existe*] <tem> predio tão elevado assim (4 de julho de 1958)

As mulheres estavam comentando que os [*notivagós*] <homens> beberam 14 livros de pinga (8 de julho de 1958)

Ao redór da torneira, amanhece chêio de [*excrementos*] <bosta>. (11 de julho de 1958). (PERPÉTUA, 2010, p. 148).

Ao confrontar os cadernos de Carolina com a obra publicada, Elzira Perpétua<sup>135</sup> conclui:

Os exemplos demonstram que as substituições ajudam a construir o estereótipo de uma personagem do povo, com pouca escolaridade, e ocorrem em vista de ter o editor suprimido grande parte do que a escritora possui de diferente das pessoas de seu meio, ou seja, o interesse pelos livros em geral e por tudo o que diz respeito à educação formal, pelo que ela considera um mundo de “cultura”. Porém as transformações mais comprometedoras no que tange à construção de uma imagem da narradora de *Quarto de despejo* na transposição do manuscrito para o livro referem-se às supressões, que acabam por subtrair informações importantes à coerência do discurso de Carolina e sobretudo à construção de sua imagem. As supressões vão desde a omissão de partículas como pronomes, até vocábulos, orações, parágrafos, páginas que registram dias inteiros, semanas, meses, e podem abranger até um caderno inteiro, como é o caso do Caderno 21, com 400 páginas manuscritas inéditas. Não há caderno que tenha sido publicado integralmente. A tendência observada é a de restringir cada vez mais os trechos para publicação, à proporção que os cadernos se acumulam. Isso certamente se explica pela organização adotada na montagem do livro, segundo uma ordem temporal na seleção: para se compor a personagem principal, foi necessário manter uma estrutura sequencial na montagem inicial dos diários. (PERPÉTUA, 2003, pp. 65-66).

Portanto, assim como Mosé, Dantas tornou-se uma espécie de coautor do livro para que a figura literária de De Jesus nascesse. Mas o que levaria um coautor – ao recorrer ao “erro” e à simplificação do vocabulário de Carolina Maria de Jesus?

Já Mosé, também entra em contradição com o que afirmou – ao explicar que poucas alterações gramaticais foram realizadas no livro, porque Do Patrocínio “raramente cometia erros” (MOSÉ, 2001, p. 27) – também parece ter empregado o mesmo recurso de Dantas. Cito um exemplo, resultado da comparação que fiz entre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e suas fontes originais – áudios gravados por Carla Guagliardi e livro datilografado por Mônica Ribeiro de Souza:

---

efetuados para referências anafóricas, adotamos o sinal { }.” (PERPÉTUA, 2010, p. 148).

<sup>135</sup> PERPÉTUA, Elzira Divina. “Aquém do *Quarto de despejo*: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 22. Brasília, janeiro/junho de 2003, pp. 63-83.

Eu tenho muito mal pensamento  
 Mas não sou eu que faço mal pensamento  
 Eu não sei quem é  
 Mas não sou eu que faço mal pensamento  
 (MOSEÉ, 2001, p. 132).

Esse poema foi retirado dos áudios de Carla Guagliardi. Stella do Patrocínio, portanto, não escreve de próprio punho, mas a fala é gravada pela estagiária. O que justifica, então, a escolha de Mosé para transcrever sua fala utilizando um advérbio de modo, “mal”, se o substantivo “pensamento” demanda um adjetivo, “mau”?

Esse trecho ainda faz um corte interno, como podemos perceber ao recorrer à sequência de conversa entre Do Patrocínio e Carla Guagliardi:

*Eu tenho muito mau pensamento mas não sou eu que faço mau pensamento  
 Quem é?  
 Eu não sei quem é mas não sou eu que faço mau pensamento. Eu sei que não sou eu  
 que faço mau pensamento. Eu penso assim: se eu pegar a família toda de cabeça  
 pra baixo e perna pra cima, meter tudo dentro da lata do lixo, e fazer um aborto,  
 será que acontece alguma coisa comigo? Não me fazer alguma coisa? Se eu pegar  
 durante a noite novamente a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima,  
 jogar lá de dentro pra fora, lá de cima cá pra baixo, será que ainda vai continuar  
 acontecendo alguma coisa comigo? (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla  
 Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação  
 artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).*

O recurso da repetição inserido por Viviane Mosé só pôde ser percebido como uma construção quando, de fato, estamos diante das gravações das conversas entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi.

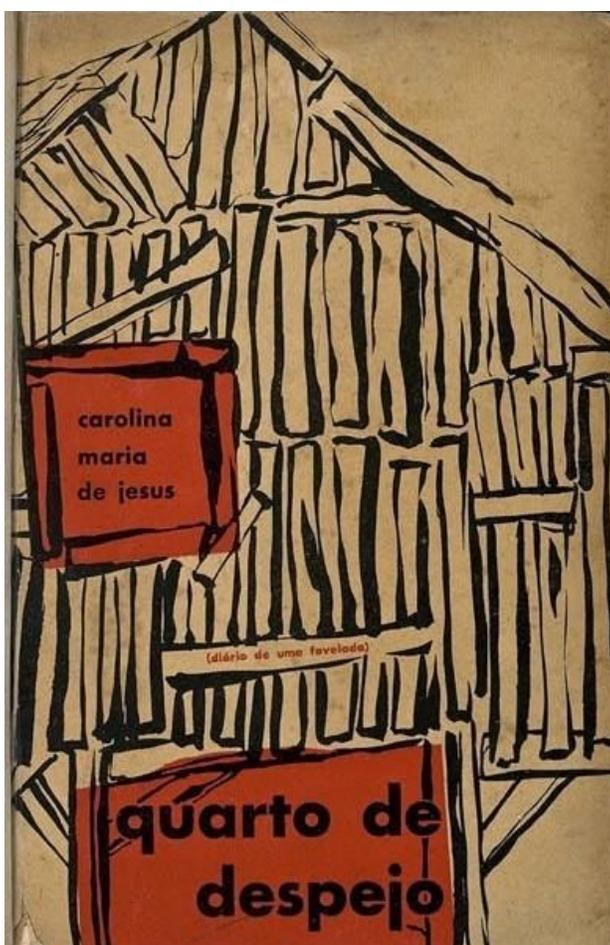
Mas, no caso de Dantas, há ainda um outro ponto a ser considerado, e ele é apresentado por Cyro del Neto, responsável pela produção da capa da primeira edição de *Quarto de despejo*. Quem o entrevistou foi o professor e sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva, em *A descoberta do insólito*<sup>136</sup>:

*Audálio me procurou porque ele havia descoberto uma negra... que parecia uma  
 negra daquelas tribos africanas, que pulam e são altíssimos. [...] E aí ele me levou  
 à editora. A editora era a Francisco Alves, na rua Líbero Badaró. [...] Eu comecei a  
 ilustrar, fazer capas para a Livraria Francisco Alves. E eles me passaram duas  
 tarefas. Uma era Carolina Maria de Jesus. Outra era Clarice Lispector. Veja que  
 honra. [...] E, então, eu procurei um estilo para a favela. O cinza sujo da favela. [...]*

<sup>136</sup> SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas/SP: UNICAMP, 2011. 448p.

[O lançamento] Foi aqui, na Livraria, havia uma balcão... e Maria Carolina [sic] assinando, como você está vendo aí... Isso é tudo do lançamento do livro, né? E a imprensa toda... muito interessada. Muito interessada. *Agora, o que eu quero dizer para você: Interessada pelo sucesso de uma negra. Era isso. Pelo insólito desse sucesso. Pelo raro. Uma negra favelada escrevendo um livro, era notícia.* Então, é sob esse aspecto. [...] não do valor social, não dos crimes sociais que revelava o livro... Não, não: é que era uma favelada que havia escrito um livro. Era isso. (SILVA, 2011, p. 259 [grifos do autor]).

O destaque da imagem de Carolina Maria de Jesus – uma negra que escrevia, uma catadora de papel, favelada, mãe solo – fez com que Cyro del Neto optasse por trabalhar com o que ele chamou de estética da favela. Ele justificou sua escolha pelo cinza porque essa cor remetia à sujeira. Mas o mais alardeante desse excerto é a constatação de Del Neto: o insólito que seria o sucesso de uma negra era, na realidade, a busca pelo exótico. Eis a capa de *Quarto de despejo*, por Cyro del Neto:



**Figura 29.** Capa da primeira edição de *Quarto de despejo*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960 por Audálio Dantas via editora Francisco Alves.

Entretanto, o professor Mário Medeiros da Silva (2011) propõe que, embora a motivação da publicação de *Quarto* fosse a busca pelo exótico, o seu conteúdo permitiu que algo importante acontecesse com a inserção de Carolina Maria de Jesus no cenário literário:

De toda forma, se a busca pelo exótico foi o que motivou o consumo de *Quarto* a partir de seu lançamento, ele aparece nos diários e na sua compilação com a potência de crítica social ou de protesto. *É o povo emergindo na História*, parafraseando Florestan Fernandes. Mas não apenas analiticamente. É o povo, vestido com seus andrajos, marcado por sua pobreza e falando com sua voz (mesmo que impulsionada). Dada a potência, o que foi feito disso é o que cabe discutir a seguir (SILVA, 2011, p. 260).

Realmente, tanto a inserção de Carolina Maria de Jesus como autora, quanto a de Stella do Patrocínio, foram essenciais para que suas produções fossem conhecidas – ou seja, conseguissem, de fato, emergir. À parte o exotismo que parece ter fundamentado a publicação de ambas, as reflexões trazidas tanto por Do Patrocínio quanto por De Jesus finalmente puderam ficar para a posteridade, sendo, elas mesmas, as intelectuais a tecer críticas sobre suas condições sociais e políticas.

Obviamente, os textos de De Jesus e o falatório de Do Patrocínio não são resumidos apenas a críticas de cunho político-social, autobiografias ou autorrepresentações, mas eu gostaria de destacar que, como são narrativas que provocam aquelas construídas acerca da pobreza, loucura, entre outros, e das pessoas atravessadas por eles, mostram as fragilidades de uma epistemologia baseada na exclusão pela diferença. Nesse sentido, podemos pensá-las como produtoras de textos de contraliteratura:

Os textos de contraliteratura quase sempre se afastam de uma tradição de construção eufórica ou ufanista que encobrem a realidade. Organizando-se como uma *contradição* a esse tipo de retórica grandiloquente, que camufla os aspectos deprimentes da sociedade como miséria, guerra, racismo, subdesenvolvimento, etc., ela abre uma brecha para o aparecimento da realidade oculta, permitindo ao mesmo tempo o resgate da imagem real do homem e a emergência de um discurso de resistência à opressão. (BERND, 1988, pp. 43-44)<sup>137</sup>.

De fato, ainda em *Quarto de despejo*, De Jesus relata que um sapateiro perguntou a ela se seu livro era comunista. A escritora responde que é realista e ouve do sapateiro que não é bom escrever sobre a realidade. E que realidade é essa? Da pobreza, fome, miséria, mas também da estruturação dada pelo modo de produção capitalista, que gera pobreza, fome e miséria, e que transfere para as favelas uma população desassistida pelo Estado.

<sup>137</sup> BERND, Z. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

A publicação de *Quarto* permitiu que Carolina Maria de Jesus deixasse a favela do Canindé. Seu livro foi um sucesso de vendas, atingindo os mais de cem mil exemplares em menos de um ano. Isso chamou a atenção do mercado editorial, e De Jesus foi traduzida em muitos idiomas. Porém, assim como o professor Mário Medeiros da Silva (2011), não entendo a saída de Carolina Maria de Jesus da favela como uma mudança de lugar social, mas somente físico (do Canindé para o bairro de Santana). Carolina Maria de Jesus chegou, assim, a se mudar da favela e a frequentar eventos culturais e literários, mas isso não significou uma mudança em sua posição social e em seu capital simbólico. Exemplos dessa imobilidade e desse lugar problemático que ela ocupa no domínio literário podem ser verificados até os dias de hoje, momento em que já identificamos um esforço em valorizar a dimensão literária de sua obra – e não apenas a sua relevância enquanto documento. Cito um único exemplo aqui.



**Figura 30.** As escritoras Clarice Lispector e Carolina de Jesus durante o lançamento do livro de Lispector. (Foto: Acervo de divulgação/ Editora Rocco).

Ao lançar sua biografia de Clarice Lispector, *Why This World: A Biography of Clarice Lispector* (2009), o escritor e historiador americano Benjamin Moser incluiu na obra uma fotografia do encontro de sua biografada com Carolina Maria de Jesus, no lançamento de um livro de Clarice. Cito o trecho em que Moser comenta o registro:

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse

arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (MOSER, 2011, p. 25).

Parece evidente, lendo a passagem acima, que o escritor e historiador descreve Carolina Maria de Jesus de forma absolutamente racista, ao descrevê-la ao lado da autora de *A hora da estrela*: “Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro”. Sua biografia, contudo, não sofreu grandes retaliações. Houve alguns protestos, como a carta aberta dirigida à Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), escrita pela historiadora Giovana Xavier em 2016, na qual a pesquisadora critica o livro e a própria FLIP, pela ausência de escritores negros convidados para aquela edição<sup>138</sup>.

Gostaria de chamar a atenção ainda para a proximidade discursiva entre o que vimos sobre Stella do Patrocínio, inclusive nos jornais – negra, alta, sem nenhum dente na boca – e o início da citação do biógrafo: “ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira”. Trata-se de uma marcação identitária que afirma uma diferenciação racial. À Clarice, apenas um adjetivo e, como se espera, este não é “branca”, mas “linda”. Nem tão sutilmente assim, Moser constrói as ideias de beleza e de feiura para legitimar sua prática racista – em uma tragédia discursiva.

A passagem citada da biografia reitera, portanto, a afirmação do sociólogo Mário Medeiros da Silva: a publicação de *Quarto de Despejo* permitiu que Carolina Maria de Jesus saísse da favela do Canindé para morar em uma casa de alvenaria em Santana, mas a mudança de lugar físico não garantiu sua mudança de posição social.

Carolina Maria de Jesus e Stella do Patrocínio chegam a ter ainda mais proximidade quando consideramos o fim da vida de Carolina Maria de Jesus. Acusada de deixar a fama subir-lhe à cabeça, e mantendo um discurso que se contrapunha a figuras políticas, como Lacerda ou o governador Abreu Sodré, a sua imagem foi sendo associada a alguém cuja personalidade era difícil, incoerente, chegando ao ponto de, em 1976, receber também, assim como Do Patrocínio, a pecha de “doente mental” em uma reportagem da Folha de São Paulo que questionava se Carolina seria vítima ou, na realidade, louca.

---

<sup>138</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-carta-aberta-professoras-da-ufrj-acusam-flip-de-promover-arraia-da-branquidade-19600181>>. Acesso em: 14 jan. 2020.



**Figura 31.** Reportagem “Carolina, vítima ou louca?” 01/12/1976. Folha de São Paulo.

Como vimos neste tópico, podemos, portanto, estabelecer algum parentesco entre Stella do Patrocínio e Carolina Maria de Jesus, escritoras negras e pobres que produziram conteúdos críticos sobre a favela e sobre o manicômio, dois espaços destinados em grande medida às populações femininas, pobres e negras desse país, visto que essas são maioria neles. Além disso, a inserção das duas no mercado editorial não chegou a lhes conferir autoridade no domínio literário – vide o modo como foram apresentadas e editadas por Dantas e Mosé.

Contudo, as narrativas de Do Patrocínio e De Jesus têm potência reivindicatória e são, por si só, um evidente contraponto ao modo como seus mediadores as apresentam e editam. Se, por um lado, houve exotização de ambas para que suas obras fossem vendidas, por outro, elas assumem a própria fala e o mercado editorial leva-as adiante, ainda que não tenha sido da melhor maneira possível. A divergência das representações de Mosé e Dantas a respeito das autoras com a sua própria autorrepresentação é bastante nítida. E esses contrastes geram tanto novas representações discriminatórias, como aquela de Moser, quanto reações e combates a esses estereótipos.

Isso porque as representações da história são, como afirma McClintock, um evento histórico contestado, visto que “o registro da história é tanto o resultado de uma luta quanto o lugar da própria luta” (MCCLINTOCK, 2010, p. 449). Mais que uma disputa de narrativas, portanto, e sim o próprio lugar onde essa luta se consolida e se atualiza.

No caso de Do Patrocínio, veremos no próximo capítulo que uma série de problemas já aqui discutidos reaparecerão na recepção da obra. Eu me refiro aqui a problemas relacionados à sua internação manicomial e/ou ligados à apresentação e organização do seu livro por Mosé. Segundo sustentaremos, a recepção da poeta será marcada pela dificuldade de escuta de seu falatório, pelos apagamentos em sua biografia produzidos pelos seus 30 anos de confinamento e pela leitura conduzida e orientada pelo seu diagnóstico como esquizofrênica.

#### 4. “QUEM VENCE O NORMAL É OUTRO NORMAL”<sup>139</sup>: FORTUNA CRÍTICA DE STELLA DO PATROCÍNIO

É difícil falar de uma política de interpretação sem a noção operacional de ideologia [como um conceito] maior do que os conceitos de consciência e vontade individuais<sup>140</sup>.  
– Gayatri C. Spivak, 2006, p. 161.

Diante das análises realizadas anteriormente, o ponto positivo desde a abertura manicomial na CJM diz respeito à constatação da importância de se estabelecer uma maior atenção para os discursos de pacientes psiquiátricos. No capítulo 1, essa necessidade foi detectada pela equipe de profissionais da CJM através da criação do grupo de escuta; no capítulo 2, pelas estagiárias que gravaram *Do Patrocínio*; no capítulo 3, por Viviane Mosé, ao inserir Stella no cenário literário brasileiro. Agora, neste capítulo, discutiremos a recepção crítica do falatório, tendo como base os principais estudos sobre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001).

Antes de iniciar a análise da recepção crítica, acredito ser importante destacar um ponto sobre a consolidação da historiografia literária no Brasil, já ratificado por estudiosos das ditas “literaturas menores”, “literaturas adjetivadas” ou “literaturas das margens” – aquelas produzidas por segmentos considerados marginalizados na sociedade. Esse ponto diz respeito ao fato que a produção literária brasileira expressa uma limitação de perspectiva, tanto do ponto de vista temático quanto daquele dos autores de obras literárias. A professora de teoria literária da UnB, Regina Dalcastagnè<sup>141</sup>, embora priorize discutir a literatura brasileira *contemporânea* nesse excerto, mostra-nos que

Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende também às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não

<sup>139</sup> PATROCÍNIO, Stella. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001, p. 143. O poema, na íntegra, está registrado por Mônica Ribeiro de Souza. Seguem os versos completos: “Me transformei com esse falatório todinho/ Num homem feio/ Mas tão feio/ Que não me aguento mais de tanta feiúra/ Porque quem vence o belo é o belo/ Quem vence a saúde é outra saúde/ Quem vence o normal é outro normal/ Quem vence o cientista é outro cientista”.

<sup>140</sup> It is difficult to speak of a politics of interpretation without a working notion of ideology as larger than the concepts of individual consciousness and will [tradução minha].

<sup>141</sup> DALCASTAGNÈ, Regina. *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, pp. 33-77, 2002.

possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas com uma notável limitação de perspectiva. Por que ocorre essa ausência? Não se trata, na verdade, de algo exclusivo do campo literário. As classes populares possuem menor capacidade de acesso a todas as esferas de produção discursiva: estão sub-representadas no parlamento (e na política como um todo), na mídia, no ambiente acadêmico. O que não é uma coincidência, mas um índice poderoso de sua subalternidade. (DALCASTAGNÈ, 2002, pp. 35-36).

Apenas gostaria de complementar a colocação de Dalcastagnè no tocante à capacidade das classes pobres ao acesso às esferas de produção, circulação e divulgação discursiva, porque essa é uma impossibilidade que, como vimos, passa por diferentes instâncias sociais, estruturais e políticas. Sendo assim, o índice de subalternidade seria mais a produção de subalternidade, pois essa não é uma condição *a priori*, mas resultado de práticas e estruturas político-sociais subalternizantes. Além disso, como veremos, há muita produção literária não hegemônica. O que questiono, entretanto, é a dificuldade de publicação, acesso, aceitação nas recepções críticas e outros.

Considerando esse ponto, julgo ser fundamental pensar outras possibilidades de concepções sobre a literatura, o que necessariamente requer a abertura de espaços para produções não-hegemônicas. Mais do que isso, é preciso repensar os pressupostos que permitem que haja esse entendimento do que é hegemônico e inclusive a sustentação da presença de uma hegemonia no circuito literário.

Diante desse cenário literário, o falatório de Stella do Patrocínio inaugura uma nova ordem de representação na poesia brasileira<sup>142</sup>, principalmente por ter partido de iniciativas pessoais de estagiárias dentro de um ambiente de clausura, que gravaram Stella do Patrocínio em comum acordo com a paciente que seria, postumamente – então, não mais em comum acordo –, inserida no mercado editorial como poeta.

Afirmo que existiu um pacto entre estagiárias e Do Patrocínio porque ela sabia das gravações. Por exemplo: nos áudios de Carla Guagliardi, Do Patrocínio chega a fazer perguntas como “esse gravador está gravando?”, com a seguida resposta positiva de Carla. Em outro momento, a artista plástica comunica a Stella sua intenção de transcrever algumas das suas falas para uma exposição em museu – que, ao que tudo indica, seria aquela “O ar do subterrâneo” no Paço Imperial, da qual tratamos no tópico 2.2. Por se tratar de uma obra tão evidentemente controversa pelos modos de concepção, o falatório acaba desafiando a teoria e a crítica literárias brasileiras. Além disso, o falatório, como também vimos, põe à prova algumas noções sobre doença mental, espaço asilar e

---

<sup>142</sup> Trata-se de um caso único mas, como vimos, relacionado a uma série de outros acontecimentos: reforma manicomial, demanda por autorrepresentação de movimentos sociais, valorização da poesia oral – como o slam e o rap –, entre outros.

permite refletir sobre a própria literatura.

Por isso, defendo que, de alguma maneira, podemos pensar o falatório como uma produção que se alia à “literatura menor”, tomando emprestada a concepção de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977)<sup>143</sup>, que a definem como aquela com predisposição revolucionária em relação à literatura hegemônica, a grande literatura – ou à “alta” literatura, como classifica a crítica literária brasileira Leyla Perrone-Moisés (1998)<sup>144</sup>.

De acordo com minha leitura, o falatório de *Do Patrocínio* se insere na concepção de “literatura menor” porque põe “[...] em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores de poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante” (COUTINHO, 1996, p. 70).

A publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* representa, portanto, um importante marco político e também literário na nossa historiografia por, ao menos, duas razões. Em primeiro lugar, porque é a primeira vez que, de fato, uma mulher negra, pobre e internada involuntariamente em um hospício ingressa no nosso cenário literário. Penso essa inserção como uma possibilidade de conferir-lhe autoridade discursiva e intelectual.

Além disso, um segundo ponto bastante válido é o contexto em que o livro foi lançado por Viviane Mosé: trata-se de um momento marcado pelo lançamento de um grande número de obras sobre o encarceramento prisional; pelo surgimento da chamada literatura marginal contemporânea, representada por nomes como Ferréz, Sérgio Vaz e outros; e, de modo mais amplo, pelo crescimento da demanda por autorrepresentação de movimentos sociais, como os de raça, gênero e classe.

Logo na passagem do século, nos anos 2000/2001, temos, portanto, um *boom* da escrita carcerária e marginalizada no Brasil (BIRMAN, 2017)<sup>145</sup>. Esses sujeitos marginalizados passaram, assim, a ocupar progressivamente o domínio literário. Desse modo, os intelectuais não seriam mais os únicos a produzir narrativas sobre a pobreza ou a prisão, mas também os moradores de periferia e os “presos comuns” – que nos mostram que toda prisão é política, ao demonstrarem a seletividade penal pela qual o Estado opera, tendo como alvo pessoas negras e pobres<sup>146</sup>.

Nesse contexto, Birman nos mostra que o campo literário passou a abrigar novas produções – ainda que haja resistência de aceitação dessas obras e muita polêmica envolvendo essas

<sup>143</sup> DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura Menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>144</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>145</sup> BIRMAN, Daniela. “Notas sobre a marginalidade: o periférico, o agregado e o louco no campo literário contemporâneo”. *Tip. Domograf - TUTTAMERICA*, nn. 161-162 - 02/05/2017. Pp. 19-41.

<sup>146</sup> Gostaria de lembrar que o álbum “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais Mc’s, foi lançado em 1997 e a temática de todo o disco é a chacina do Carandiru, ocorrida em 1992.

produções, como vimos com o exemplo de Carolina Maria de Jesus e veremos, agora, com Stella do Patrocínio. Ela ressalta ainda que:

[...] a cada reconfiguração do campo literário, novas linhas historiográficas se esboçam, com valorizações e apagamento de certos autores. Pois, se as concepções do literário e as divisões do campo se modificam, os valores de juízo mudam, propiciando outras leituras do nosso passado. Com efeito, de acordo com esse movimento, acompanhamos atualmente o resgate de uma série de escritores, um maior destaque a nomes que não chegaram a ser esquecidos, mas ocupavam um lugar secundário em nossa história e mesmo a estreia de figuras que nunca tinham sido publicadas. Entre estes, destacamos: Lima Barreto, Maura Lopes Cançado, Carolina Maria de Jesus, Stela do Patrocínio, João Antônio, Plínio Marcos. Escritores bastante diversos, eles podem ser abarcados na ampla noção de marginalidade, em seus diferentes empregos na nossa história literária (indicando obras em oposição ao cânone literário; o destaque dado em certas produções a indivíduos e setores marginalizados social e economicamente, entre outros sentidos mais específicos). (BIRMAN, 2017, p. 25).

No próximo tópico, discutirei a recepção acadêmico-crítica de Stella do Patrocínio e *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, mostrando como esses textos apresentam disparidades no modo como concebem e classificam o falatório. Alguns o consideram poesia e outros entendem que se trata de mero delírio, constituindo uma “verborragia”.

Apesar das disparidades, a maior parte deles, segundo buscarei defender, se apoia bem mais na apresentação do falatório realizada por Viviane Mosé do que na própria narrativa de Stella do Patrocínio. Isso indicaria, a meu ver, um problema na escuta da fala da poeta, problema que se colocou como fundamental desde o início da reforma psiquiátrica e, no entanto, ainda persiste fortemente.

#### 4.1. Recepções acadêmicas

Os trabalhos acadêmicos sobre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* apresentam algumas tensões que podemos organizar em dois eixos: (1) estudos que tomam o falatório como mero delírio, apoiando sua análise da linguagem de Stella do Patrocínio em uma perspectiva psicanalítica da obra; (2) os que reforçam a necessidade de escuta e concluem que o falatório deve ganhar visibilidade nos meios literário e acadêmico. Essa tensão entra em consonância com os apontamentos da cientista social Telma Beiser de Melo Zara<sup>147</sup> sobre a fortuna crítica de Stella do Patrocínio:

---

<sup>147</sup> ZARA, Telma Beiser de Melo. *"Me transformei com esse 'falatório' todinho": cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio*. Toledo/PR: UNIOESTE, 2014. Dissertação de mestrado.

No decorrer deste capítulo foram citados os trabalhos que surgiram a partir do contato de pessoas de diferentes campos do saber com o “falatório” de Stela do Patrocínio. Apesar de todos, aparentemente, falarem do mesmo assunto é visível o contraste e a heterogeneidade desses discursos, os quais caracterizam o que Foucault (1977) chamou de "batalhas discursivas". Aclamada por uns e questionada por outros, o fato é que muito do que se conhece sobre ela são discursos indicadores das concepções sobre loucura, gênero, arte e tantos outros conceitos que permeiam a complexidade humana que emana desta mulher, partilhados ou não por diferentes autores. Dessas falas – que ora se cruzam, complementam-se ou chocam-se – emergem diferentes mulheres, embora todas sejam chamadas pelo nome *Stela do Patrocínio*. (ZARA, 2014, p. 58).

Em meio a essa tensão, Zara ainda afirma que não há um sujeito, mas vários sujeitos Stella nos estudos sobre o falatório, e que, colocados em contraposição, participam de uma batalha discursiva. O que difere o ponto de vista defendido por Zara e a argumentação deste trabalho é o fato de sustentarmos que, nessa recepção crítica, mesmo quando os autores se dispõem a discutir o falatório, eles não chegam a estabelecer uma escuta àquilo que o falatório comunica.

Todos os trabalhos consultados por mim destacam-se pela utilização de, no máximo, duas fontes de informação sobre Stella do Patrocínio: a apresentação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, por Viviane Mosé e, em alguns casos, os arquivos médicos do IMAS Juliano Moreira. O falatório de Do Patrocínio, em raríssimas vezes, orienta de algum modo os exames realizados nesses estudos. O que sobressai, portanto, são as interpretações sobre a autora, e não o seu discurso. Diante dessa pontuação, cabe analisarmos as produções acadêmicas que atrelam o falatório ao delírio, entendendo-o como uma linguagem desprovida de razão.

A articulação do livro de Stella do Patrocínio com o seu diagnóstico psiquiátrico chega a atingir o limite do imaginável na resenha assinada por Salete Oliveira<sup>148</sup> sobre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, publicada ainda em 2002, pela revista *Verve*. Após afirmar que a poesia brasileira foi presenteada com a publicação desse livro, Oliveira tece o seguinte comentário sobre a obra e a autora:

O leitor é arremessado para dentro da boca banguela da artista repleta de seu “falatório”, como ela prefere dizer. A boca insubmissa que cospe psicotrópicos e ignorâncias. (OLIVEIRA, 2002, p. 3).

Salete Oliveira afirma que “a boca banguela da artista” cospe “psicotrópicos e ignorâncias”. Segundo podemos concluir, a apresentação de Viviane Mosé, em que ela afirma que

---

<sup>148</sup> OLIVEIRA, Salete. “Estrela de vestido azul e óculos escuros”. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol*. V. 1, ISSN: 1676-9090(2002). Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/issue/view/340/showToc>>. Acesso em: 05 Jan. 2020.

Stella não tinha mais nenhum dente na boca aos 45 anos, é retomada aqui numa espécie de exotização da autora e da linguagem esquizofrênica. Pois, ao que parece, Oliveira busca explicar em seu próprio texto uma linguagem similar àquela que julga ser própria da esquizofrenia. A resenha apresenta uma análise superficial do livro, uma vez que, mais do que em um exame, procura uma espécie de mimese. Vejamos alguns exemplos: “a sensibilidade do editor e poeta Sérgio Cohn<sup>149</sup> foi tomada pela palavra-invenção da estrela-salso-argento. Stela-Baía da Guanabara.” (OLIVEIRA, 2002, p. 2); “Stela-inventa-corpo. De gestos precisos faz nascer língua, pernas, cabeça, pés, estômago. *Milbichos* reinventados” (Ibidem, p. 2); “Repleta no vazio transbordante da guerra incessante contra paredes brancas, paredes pintadas de azul. Seu gesto-força sofisticada a crueldade. Coragem audaz na ultrapassagem do gozo. Instante átimo no vácuo de sua boca antropofágica.” (Ibidem, p. 4).

Oliveira expressa o que parece julgar ser uma fala esquizofrênica: desordenada, delirante e sem sentido. Essa concepção acerca da esquizofrenia, contudo, foi questionada pela luta antimanicomial, sendo posta em cheque desde os anos 1980.

Essa resenha reforça algo preciso: ao atrelar fortemente a imagem da autora a um texto sem sentido, informando inclusive que ela “cospe ignorâncias”, Oliveira retira a possibilidade de Stella do Patrocínio ter autoridade discursiva.

O conteúdo escrito nessa resenha entra em grande contradição com o discurso produzido pela autora apresentada. Em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, temos a transcrição da seguinte afirmação de Stella do Patrocínio: “Não trabalho com a inteligência/ Nem com o pensamento/ Mas também não uso a ignorância” (MOSÉ, 2001, p. 62). Essa contradição só passa impune porque diz respeito a uma autora que, devido aos processos institucionais discutidos ao longo do trabalho, foi tutelada pelo Estado; seu falatório foi publicado com os direitos reservados ao museu do hospício e ela está morta.

Além de Oliveira, outros quatro autores veem no falatório uma manifestação da esquizofrenia de Stella. Comento aqui, inicialmente, os trabalhos de Radomski (2009)<sup>150</sup> e Moreira (2008)<sup>151</sup>.

Radomski, em sua dissertação de mestrado na área de língua portuguesa, discorre sobre aproximações entre as falas de Stella do Patrocínio e a linguagem do delírio, que ele chama de

<sup>149</sup> Sérgio Cohn é fundador e diretor da Azougue editorial. A Azougue foi fundada em 1994.

<sup>150</sup> RADOMSKI, A. M. *Leituras da desrazão: entre a poesia e a loucura*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. Dissertação de Mestrado em Letras. 89p.

<sup>151</sup> MOREIRA, R. “Entre palavras, cores e brinquedos - pensando a arte a partir de Arthur Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio”. In: COUTINHO, F. (org). *A vida ao rés-do-chão: artes de Bispo do rosário*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. Pp. 11-25.

“verborreia”. Ele tece críticas pertinentes à nomeação de Stella do Patrocínio como poeta, das quais muitas delas eu concordo. Realmente, a nomeação de Do Patrocínio como poeta à sua revelia tem, como consequência, o fato de o princípio de autoria se impor como uma prática de controle e delimitação do discurso: “[...] o princípio da autoria faz parte, segundo Foucault (1971), dos processos internos de controle e delimitação do discurso. São processos que vão domesticar (disciplinar) a dimensão do acontecimento e do acaso do discurso (ORLANDI, 1988, p. 81).” (RADOMSKI, 2009, p. 97).

Nomeá-la poeta acaba sendo, assim, uma domesticação de sua enunciação, segundo Radomski – o que também estou de acordo. Ele considera problemático o fato de essa denominação “poeta” não partir da autora, mas de pessoas que a entendiam dessa maneira. Considerando, pois, que Do Patrocínio não se reivindicou como poeta, haveria toda uma rede de relações de poder que operaram para a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

Apesar de concordar com esses apontamentos, não estou de acordo com a conclusão de Radomski:

[...] poder-se-ia gerar um confronto discursivo sobre a denominação desse acontecimento improvável que é a fala de Stela. O rótulo de autora não entraria no discurso psicanalítico a menos que houvesse uma intenção de escrita e publicação de suas falas por parte de Stela, como houve, por exemplo, com Schreber, paranoico que escreveu e publicou suas memórias delirantes em *Memórias de um doente de nervos*. (RADOMSKI, 2009, p. 53).

A comparação realizada por Radomski revela, a meu ver, outro caso em que o autor não escutou – ou escutou bem parcialmente – o falatório estudado. O alemão Paul Schreber (1842 – 1911), lembro, estudou direito, foi presidente do Senado no Tribunal Regional Superior de Dresden, era filho do intelectual – educador, escritor e cirurgião ortopédico – Moritz Schreber. Quando adoeceu, escreveu as *Memórias de um doente dos nervos* (1903). Seu livro foi objeto do famoso *Caso Schreber*, de Freud, em 1911. Aqui, mais uma vez – de forma similar a Cançado –, notamos que Schreber evoca o seu diagnóstico psiquiátrico para escrever suas memórias. A intenção e o posicionamento face ao diagnóstico de Schreber foi bastante diferente, portanto, do de Stella do Patrocínio. O caso, então, não seria a impossibilidade de Do Patrocínio entrar no discurso psicanalítico tal como ocorreu com Schreber, porque ela nunca reiterou o discurso médico-clínico responsável pelo seu diagnóstico. Pelo contrário, o hospital, lembramos, é entendido por ela como responsável pelo seu adoecimento.

Moreira é outra autora que não concorda com a nomeação de Stella do Patrocínio como poeta, mas sua argumentação não propõe uma análise psicanalítica como propõe Radomski. Ela

argumenta que, apesar de o falatório poder ser comparado a obras de outros escritores da mesma época, não há nenhuma evidência que permita-nos inferir que Stella do Patrocínio estava a par das discussões literárias nos anos 1980.

Como disse anteriormente, Stela esteve ausente de uma discussão sobre a poesia do período, ainda que produzisse – sob outro enfoque – material poético. Excluída do dizer e também do ouvir, alijada que estava do convívio social, não pôde, como também já dissemos, realizar em palavras um conceito próprio daquilo que, porventura, encarasse como arte. (MOREIRA, 2008, p. 18).

Sendo assim, tanto Radomski, quanto Moreira, negam o valor literário do falatório de Stella do Patrocínio, ainda que afirmem ver nele alguns elementos poéticos – sem, no entanto, especificá-los.

Contudo, há muitos trabalhos que entendem o falatório como poesia. Louise Bastos Corrêia<sup>152</sup>, pesquisadora que concluiu recentemente o doutorado na UFRJ sobre Stella do Patrocínio, Maura Lopes Cançado e Rodrigo de Souza Leão, considera o falatório um importante aliado da luta antimanicomial por refletir a instituição nos anos 1980. Corrêia também traz, em seu aparato teórico, as aproximações realizadas por Monique Plaza (das quais tratamos na apresentação deste capítulo) entre loucura e escrita. Cito Corrêia:

[...] trazendo à tona uma autora que não é muito conhecida na historiografia literária - Stela do Patrocínio - e que faz essa possível ponte entre a literatura e a loucura, investigaremos o tratamento literário que a loucura e sua linguagem recebeu. O discurso do louco se mantém em sua fragmentação delirante, e escorre como um líquido derramado, pois o que temos é uma fala atravessada por outras falas. Nesses discursos o “autor-louco” fala de sua condição como quem se vê de fora, o que quer dizer se desdobrar. De acordo com a pesquisa, pretendemos fazer um estudo crítico da obra de Stela do Patrocínio – *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* – mostrando como ela desenvolveu a sua própria linguagem. A comunicação pretende, assim, trazer para debate aqueles que sempre foram excluídos e colocar em voga a voz abafada e muitas vezes sufocada daqueles que só conheceram a dor e o preconceito, pois seu discurso nunca foi legitimado. (CORRÊIA, s/d, p. 1).

Esse excerto mostra-nos que sua principal referência para pensar o falatório é a apresentação de Viviane Mosé. Sendo assim, ela se refere, como Mosé, à “fala delirante, escorrendo como um líquido derramado”. Trata-se da mesma estruturação frasal da filósofa quando apresenta a autora em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. A ideia do atravessamento entre-falas, bem como a de desdobramento, entram em consonância com a apresentação de Mosé.

<sup>152</sup> CORRÊIA, Louise Bastos. “Do Caos à Criação: uma leitura da obra de Stela do Patrocínio”. *Revista do SELL*. V. 5, No. 4 ISSN: 1983-3873, s/d.

Corrêia expressa qual a intenção do seu trabalho ao pretender analisar o falatório de Stella do Patrocínio: trazer para o debate aqueles que sempre foram excluídos. Entretanto, a autora adota uma perspectiva que não leva em consideração dois fatores que julgo fundamentais. Ao aproximar *Do Patrocínio*, *Cançado e Leão*<sup>153</sup>, ela não dá a devida importância ao fato que, diferentemente desses dois autores, *Do Patrocínio* nunca reivindicou a condição de loucura em seus escritos literários, chegando mesmo a negar essa condição<sup>154</sup>. Seu lançamento, como afirmamos, representa o primeiro de uma mulher negra internada involuntariamente que nunca expressou o desejo de se afirmar como autora. Além disso, como temos repetido, a pesquisadora também não dá o devido peso ao fator raça (na internação e no falatório de Stella do Patrocínio).

Considerando o primeiro fator aqui apresentado, julgo que as análises de Plaza<sup>155</sup>, propostas por Corrêia e por outros autores<sup>156</sup>, não são apropriadas para embasar teoricamente a leitura do falatório. Com efeito, segundo Plaza,

[...] um autor tem duas possibilidades para produzir um texto sobre a loucura que não seja julgado louco: pode testemunhar a sua própria loucura, dar conta, de forma crítica, das divagações e dos prazeres que ela lhe trouxe, ou construir uma ficção literária onde a aventura da loucura se instala e se desenrola. (PLAZA, 1986, p.113).

Definitivamente, não há divagação e prazer advindos da loucura em toda a produção narrativa de Stella do Patrocínio. A loucura não é, para a autora, uma aventura, mas um cárcere do qual ela frequentemente demonstrava querer sair – e, no entanto, nunca pôde.

Uma de minhas hipóteses para o apoio em Plaza como aparato teórico para pensar a produção de *Do Patrocínio* é o fato de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* apresentar um poema que, grosso modo, contradiz a percepção da autora sobre si mesma, sua saúde e seu processo de internação. Relembrando, estou me referindo ao poema que compõe a parte I do livro, intitulada “Um homem chamado cavalo é o meu nome”:

Nasci louca  
Meus pais queriam que eu fosse louca  
Os normais tinham inveja de mim

<sup>153</sup> Também diagnosticado com esquizofrenia, Rodrigo de Souza Leão foi um escritor que emergiu no cenário literário a partir da publicação de *Todos os cachorros são azuis* (2010), livro no qual versa sobre sua internação e cotidiano asilar. Assim como Cançado, Leão escreveu o livro pretendendo publicá-lo, e antes, também escrevia em jornais e inclusive alimentava um blog intitulado “Lowcura”.

<sup>154</sup> Stella do Patrocínio nem sequer usa o termo “loucura” em seu falatório, mas “doença mental”, como algo construído devido à internação.

<sup>155</sup> PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Coleção margens. Lisboa: editorial Stampa, 1989.

<sup>156</sup> Como, por exemplo: ANDRADE, Marcos Roberto Teixeira. “Loucura e Literatura: o discurso poético de Stela do Patrocínio”. *Revista GATILHO*. Ano III. V. 5. Jul/2007.

Que era louca (MOSEÉ, 2001, p. 68).

Segundo sustentamos no capítulo anterior, este poema é, na realidade, a enunciação de outra paciente do Núcleo Teixeira Brandão, filmada no documentário “Strultifera navis” (1987). Se esse fragmento fosse realmente de Stella do Patrocínio, teríamos um elemento de reivindicação da loucura na elaboração do seu falatório. Contudo, o que a autora reivindica é que seu adoecimento é exterior a ela, tendo sido resultado da clausura a que foi submetida por três décadas.

Desse modo, o falatório *per se* mostra-nos outras concepções acerca da internação e do adoecimento psíquico que não são alcançadas pelas aproximações realizadas entre escrita e loucura, ou mesmo literatura e loucura. Se a própria Stella articula o seu perfil social (sua raça, gênero) a sua internação, os exames sobre loucura que vislumbram o estado mental e seus desdobramentos na escrita – como aqueles realizados por Monique Plaza – deixam escapar as análises de Do Patrocínio, tornando-se insuficientes para compreendermos o falatório.

As teorias de Plaza serviriam, mais, para Maura Lopes Cançado – que, como vimos, defende o *status* da loucura na escrita de *Hospício é deus*. Vale lembrar que Cançado distinguiu a loucura da doença mental: “O número de doentes é grande e poucos são os loucos” (CANÇADO, 1991, p. 27) foi sua descrição dos pacientes do CPPII durante sua terceira internação, de 1959 a 1960 – dois anos antes da internação de Stella do Patrocínio no mesmo hospício. Segundo Cançado, sua loucura provinha de uma inadaptabilidade, pois essa loucura manifestava um estado divino, eterno, livre e distante, enquanto as doentes mentais eram aquelas mulheres com quem tinha repulsa de conviver e, ao mesmo tempo, necessitava defender, devido às suas condições precárias de existência e às violências a que eram submetidas. Cançado faz, então, uma elegia à loucura, como afirma a historiadora Yonissa Wadi (2017)<sup>157</sup>.

Entretanto, se de fato escutamos o falatório de Stella do Patrocínio, podemos deduzir que seu adoecimento foi em decorrência de fatores exteriores a ela. Acredito que a aproximação cabível para o falatório seria entre a literatura e o manicômio, já que a autora acusa a instituição de tê-la forçado a permanecer como “doente mental”.

---

<sup>157</sup> WADI, Yonissa, ““Estou no Hospício, deus”: problematizações sobre a loucura, o hospício e a psiquiatria no diário de Maura Lopes Cançado (Brasil, 1959-1960)”, 2017. *Asclepio*, 69 (2): p196. doi: <http://dx.doi.org/10.3989/asclepio.2017.19>.

Outro trabalho que analisa o falatório como poesia é o de Gislene Barral da Silva<sup>158</sup>. A pesquisadora contrapõe o discurso de Stella sobre a loucura da mulher àquele produzido pela psiquiatrização. Cito:

“Reino dos bichos e dos animais é meu nome” apresenta a perspectiva feminina sobre a insanidade e encontra-se à margem do padrão literário oficial. Essa obra, em que a mulher louca se autorrepresenta, tem mais a nos dizer sobre a experiência da loucura da mulher que o clássico discurso psiquiátrico masculino-universal que tendia a considerá-la como efeito da hereditariedade e da degeneração. Insistindo na insanidade como decorrência de uma causa física, o aparelho reprodutivo era apontado como principal fonte da loucura da mulher. Os textos de Stela do Patrocínio confirmam que o conceito da loucura feminina, tantas vezes romanticamente estereotipada, está bem próximo daquilo que propõe Michel Foucault, é mais cultural e histórico, que propriamente médico. (SILVA, 2011, p. 254).

Concordo com Silva em sua conclusão sobre a contribuição do falatório ao nos ajudar a pensar sobre como a loucura é mais cultural e histórica do que propriamente uma patologia. Contudo, como tenho aqui sustentado, poderíamos adicionar a essa leitura que considera o gênero no exame do confinamento manicomial feminino, a relevância de também se analisar o fator racial nessa produção cultural e histórica da loucura. Soares (2017)<sup>159</sup> auxilia-nos a articular gênero e raça ao discutir a psiquiatria dos fins do século XIX e início do XX:

No interior do hospício, ocupando a posição mais radical de aniquilamento da condição humana, encontram-se as mulheres negras. Portadoras da dupla condição de degeneração, ser mulher e ser negra, são concebidas, pela psiquiatria, em uma condição de dupla inferioridade. Nos diagnósticos e prontuários, tal figura aparece mais próxima da natureza que da qualidade humana: no prontuário de Martha C., 38 anos, o diagnóstico que equivaleu a uma condenação perpétua de vida asilar – “Estigmas físicos de degeneração muito acentuados: é um perfeito tipo de símio” (Cunha, 1986, p. 124). (SOARES, 2017, p. 278).

Gislene Barral Silva menciona o fato de Do Patrocínio ser uma mulher negra em apenas um período. Reproduzo-o aqui porque as possibilidades de análise do discurso de Silva sobre Stella são extensas:

---

<sup>158</sup> Cf. SILVA, Gislene Maria Barral. “Loucura, mulher e representação: fronteiras da linguagem em Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 22. Brasília, janeiro/junho de 2003, pp. 95-111. Idem. *Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea*. DF: Universidade de Brasília, 2008. Tese de Doutorado.

<sup>159</sup> SOARES, Silvio de Azevedo. “Raça e psiquiatria: uma análise genealógica da questão racial na psiquiatria brasileira”. *Século XXI, Revista de Ciências Sociais*, v.7, no 2, p.252-283, jul./dez. 2017 ISSN: 2236-6725, pp. 252-283.

A vaidade acentuada que tanto preocupa a narradora de *Hospício é Deus*, característica própria de sua origem social, não é motivo de orgulho e reflexão para Stela do Patrocínio. Quando se refere a seu aspecto físico, representa-se de forma negativa, sob o reconhecimento do Outro, como "nega, preta e feia/Que a Ana me disse" (RBA, 66). O desprezo e até mesmo repulsa pela própria existência vem junto a um desejo de auto-aniquilamento, também exteriorizado pela narradora de *Hospício é Deus*, ou apenas de não-ser [...] Imersa na experiência existencial, a palavra de Stela parece querer guardar os mínimos resquícios da cultura. A natureza primitiva, "o reino dos bichos e dos animais", materializa-se em sua linguagem instintiva, em que forma e conteúdo se irmanam. Assim, em seu discurso telúrico, meio selvagem, infantil e primitivo, os temas mais caros são alimentação, sexo, maternidade, animais, instintos, natureza. Em uma dicção em que são raras as referências aos elementos da cultura (SILVA, 2011, pp. 191-192).

Silva apenas discute a raça de Stella do Patrocínio no fragmento acima, trecho em que inclusive comete um pequeno equívoco no conteúdo do poema. Originalmente, *Do Patrocínio* fala que é "nega, preta e crioula, que a Ana me disse" (MOSÉ, 2001, p. 66).

Mas esse equívoco de Silva ao elaborar uma argumentação que vê na ideia de feiura do negro<sup>160</sup> um desejo de auto-aniquilamento constitui, a meu ver, um problema. Lembramos que Frantz Fanon afirma, em *Peles negras, máscaras brancas* (2008)<sup>161</sup>, que quem inventou o negro foi o branco. O que podemos depreender dessa afirmação de Fanon é que a nomeação foi dada por um outro que, ao mesmo tempo que nomeia, também estabelece uma hierarquia de poder, porque essa nomeação "negro", dada pelo outro "branco", introduz consigo uma série de elementos que hierarquizam as duas raças com argumentos que se inscrevem na compreensão do branco sobre suas ideias de natureza e cultura.

Explico essa teoria com o próprio Fanon, quando ele discute o negro e a relação com a linguagem: "Falar é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização" (FANON, 2008, p. 35). Não podemos nos esquecer de que assumir essa cultura é, então, retirar a carga primitiva da concepção do branco sobre o negro.

Além disso, essa natureza primitiva de que fala Silva é não apenas uma marcação de algo que está atrasado no nosso espaço-tempo, mas inclusive animalizado: "a natureza primitiva, 'o reino dos bichos e dos animais', materializa-se em sua linguagem instintiva [...] discurso telúrico,

---

<sup>160</sup> Gostaria de lembrar o leitor da passagem que discutimos quando analisamos o discurso de Moser, biógrafo de Clarice Lispector, ao analisar a fotografia do encontro entre Lispector e De Jesus. Ao descrever De Jesus como uma "empregada" que parece ter sido arrastada para a fotografia e, logo em seguida, afirmar a beleza de Lispector, o autor automaticamente relega De Jesus à feiúra, em uma prática não somente racista – como se isso fosse pouco – mas também desautorizadora de De Jesus. O pertencimento à esfera literária não foi concedido a De Jesus por Moser, pois a marcação "doméstica" que foi "arrastada" faz-nos pensar que o seu lugar não era aquele do circuito literário.

<sup>161</sup> FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

selvagem, infantil e primitivo [...]”. A argumentação finaliza com a afirmação de que os temas mais caros a Stella do Patrocínio são alimentação, sexo, maternidade, animais, instintos, natureza. Para Silva, os elementos de cultura são raros, pois ela se refere a cultura como produções artísticas.

Sua ideia sobre cultura fica evidente quando ela exemplifica que o único caso em que há uma referência cultural em todo o falatório é um filme intitulado “Um homem chamado cavalo”<sup>162</sup>.

Gostaria de pontuar uma vez mais a questão sobre os debates que relacionam natureza e cultura, pois acredito que essa relação esteja imbricada na conclusão de Silva sobre os temas “não culturais” provenientes do falatório de Stella do Patrocínio. A maioria das temáticas do falatório foram introduzidas pelas interlocutoras de Do Patrocínio, ou seja, Carla Guagliardi (entre 1986 e 1988) e Mônica Ribeiro de Souza (em 1991). Além disso, segundo a antropóloga Sherry Ortner<sup>163</sup>, as mulheres são historicamente aproximadas a um estado mais primitivo, alinhado à natureza, enquanto os homens, à ideia de cultura. Ortner e várias vertentes feministas já criticaram os pressupostos dessa separação (natureza *versus* cultura no debate de gênero).

Pergunto-me, ainda: não são elementos culturais o sexo, a maternidade, a alimentação, as ideias de “instinto” e também de “natureza”? Sendo assim, podemos pensar o excerto de Silva como uma outra dissonância a respeito da relevância da escuta, prerrogativa da luta antimanicomial da qual tão incansavelmente temos tratado ao longo deste trabalho. A fala de Do Patrocínio está, para Silva, atrelada à sua figura: mulher, negra, diagnosticada com esquizofrenia. Historicamente, esses perfis sociais – mulheres, negros, loucos – foram excluídos da possibilidade de autoridade discursiva, ainda que não tenham se mantido sempre iguais.

De todo modo, ao mesmo tempo que Silva parece retirar a legitimidade da fala de Do Patrocínio, ela também reconhece no falatório uma potência crítica:

Em sua autorrepresentação, o eu lírico se reconhece como uma consciência que fala da margem da sociedade, do ponto de vista do indivíduo recluso e desamparado que *enxerga na própria sociedade a origem de sua loucura, em cuja cronificação o hospital tem importância crucial. Revela as proibições de se manifestar livremente, circular com naturalidade pelos espaços e o constrangimento da privação de liberdade, expressando-se como condenada a cumprir uma sentença penal, submetida à convivência inevitável com outros indivíduos psicologicamente arruinados*. Também é curiosa a forma de Stela pensar na sua posição e articular esses pensamentos *em um texto que contém indagações ontológicas, onde sua origem humana, o ser e o estar no mundo, e o estranhamento diante da complexidade da existência constituem temas centrais*. (SILVA, 2008, p. 15 [grifos meus]).

<sup>162</sup> SILVERSTEIN, Elliot. “Um homem chamado cavalo”. Estados Unidos, 1970. Longa-metragem. Gênero: Drama.

<sup>163</sup> ORTNER, Sherry B. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (org.). 1979.

Esse trecho indica que Silva admite que o falatório é uma importante ferramenta que ajuda a compreender as relações no interior da instituição onde ela viveu como interna na Colônia Juliano Moreira. Argumento, contudo, que ouvir a autora seria olhar para onde ela direciona nossa atenção a partir do que comunica e informa. Obviamente, perceber que o discurso delirante pode – e deve – ser entendido como uma fala consistente que deve ser escutada é, por si só, um grande passo, mas o que ainda não ocorreu foi uma reflexão *com* Stella do Patrocínio, não somente *sobre* ela.

Como vimos, as associações entre “loucura e literatura” não são pertinentes para compreendermos o que a autora comunica. Sendo assim, acredito que uma aproximação mais plausível seja, justamente, entre manicômio e literatura no caso do falatório. Justamente porque o que Do Patrocínio coloca como prioridade é o adoecimento institucional, não a loucura.

Além disso, como dissemos, sua obra não é exatamente uma obra; seu falatório não é exatamente poesia; sua condição de interna não é exatamente a loucura como pura patologia.

Por fim, gostaria de destacar o trabalho de Almeida (2012)<sup>164</sup>, pesquisadora na área de literatura brasileira que, ao mesmo tempo em que afirma ser possível demandar a entrada de Stella do Patrocínio em nosso cânone literário, problematiza o processo de canonização literário:

Seria possível reivindicar para Stela uma posição no cânone literário com base na originalidade de seu falatório. No entanto, Stela seria subjugada a outra instituição: a instituição literária que, ao estabelecer um local específico para o imaginário, encontra uma forma privilegiada e detentora de seus próprios dispositivos para exercer poder sobre os discursos. Escritora, poeta, canonizada seriam apenas rótulos como aqueles ligados à definição de sua loucura. Por isso, escolho chamar o falatório de performance de Stela: uma performance que provém de um corpo preso, sem me dedicar ao discurso da psicanálise sobre esquizofrenia. É o desempenho que excede a instituição para encontrar outra. (ALMEIDA, 2012, p. 9 [tradução minha])<sup>165</sup>.

De fato, se nossos esforços se concentrassem em tentar reivindicar um lugar no cânone literário a Stella do Patrocínio, é provável que a autora continuasse subjugada, como defende Almeida. Por esse motivo, acredito ser de grande importância ponderarmos que a “inclusão”, pura e

---

<sup>164</sup> ALMEIDA, T.V. “Corporeidad y experiencia del límite en la performance vocal de Stela do Patrocinio”. *Primeras Jornadas de Estudios de la Performance*. Facultad de Filosofía y Humanidades y Facultad de Artes de la Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba, p. 1-10, mayo 2012.

<sup>165</sup> “Sería posible reivindicar para Stela una posición en el canon literario con base en la originalidad de sus palabras. No obstante, Stela estaría así subyugada a otra institución: la institución literaria que al configurar un lugar específico para el imaginario encuentra una forma privilegiada y detentora de dispositivos propios para ejercitar el poder sobre los discursos. Escritora, poeta, canonizada serían solamente rótulos como aquellos ligados a la definición su locura. Por eso, escojo llamar la palabra de Stela de performática: una performance que proviene de un cuerpo aprisionado, sin dedicarme al discurso del psicoanálisis acerca de la esquizofrenia. Es de la performance que ultrapasa la institución para encontrar otra.”

simplesmente, não garante a democratização do circuito literário. A “inclusão”, no limite, é entendida como algo positivo quando naturalizamos – ou deixamos de questionar – o processo pelo qual esses indivíduos e seus discursos se transformaram em literatura e obra literária.

Com Stella do Patrocínio, como tentamos mostrar neste capítulo, não chegamos a realmente praticar uma escuta do seu falatório. Assim, a dificuldade de “inclusão” de Stella do Patrocínio na literatura liga-se a fatores que se relacionam tal como um efeito de causa e consequência: historicamente, mulheres, negros e entendidos como loucos não têm ou não tiveram acesso ao mercado editorial – ou não têm oportunidade de se inserir nesse mercado. Quando são inseridos, não são ouvidos, ou têm sua escuta marcada por lacunas.

Podemos pensar essa dificuldade de “inclusão” de Stella do Patrocínio na literatura brasileira, então, com o auxílio de Grada Kilomba<sup>166</sup>, quando ela reflete o ato de fala e a consequente necessidade de escuta:

Falar torna-se, assim, virtualmente impossível, pois, quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida. Tal impossibilidade ilustra como o falar e o silenciar emergem como um projeto análogo. O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutoras/es (Castro Varela e Dhawan, 2003). Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que “pertencem”. E aquelas/es que *não* são ouvidas/os se tornam aquelas/es que *não* pertencem. (KILOMBA, 2009, p. 42).

Por isso, argumento que o lugar do falatório na recepção crítica de Stella do Patrocínio precisa ser resituado – no sentido de, realmente, nos propormos a olhar para a direção para onde o falatório aponta.

Temos, então, um problema ainda em aberto: como situar o falatório de Stella do Patrocínio? Apesar de não fornecer respostas, o próximo capítulo empenha-se em levantar alguns caminhos para a análise dessa produção. Por isso, apresento novos elementos sobre a vida de Stella do Patrocínio, resultado do meu trabalho de campo ao longo dos anos de 2018 e 2019 no Rio de Janeiro. Além disso, defendo o uso dos materiais originais – utilizados por Mosé para a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* – para realmente podermos tratar com o devido pormenor o falatório de Stella do Patrocínio. São eles: os áudios de Carla Guagliardi (entre os anos 1986 e 1988) e livro datilografado de Mônica Ribeiro de Souza (em 1991).

---

<sup>166</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

## 5. “O AVESSE DO MESMO LUGAR”: NOVOS DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE STELLA DO PATROCÍNIO

Restam tantos silêncios para romper.  
– Audre Lorde

Restam silêncios a romper a partir de um falatório que é, ele próprio, uma valiosa ruptura. As narrativas que acabam por desconsiderar – ou não levar, a rigor, em consideração – o falatório de Stella do Patrocínio, são silenciosas, sim, embora façam ainda bastante barulho. Acontece que esse barulho não encontra a poeta, mas compõe uma construção coletiva de uma personagem, como vimos, pois não corresponde ao modo como ela se representa.

Considerando ainda que o apagamento de histórias de negros é uma prática histórica no Brasil, defendo a importância de tentarmos, de algum modo, restituir a memória de Stella do Patrocínio – mesmo que brevemente, pois sabemos como reverter processos de apagamento constitui uma tarefa difícil.

O obituário e o atestado de óbito da autora nos fornecem um exemplo contundente das muitas lacunas que temos da sua história. Stella do Patrocínio, lembramos, foi enterrada como indigente no Cemitério de Inhaúma:

Stella do Patrocínio veio a óbito em 20 de outubro de 1992. Seu atestado de óbito, redigido em 23 de outubro de 1992 sob o nº 42.023, está no prontuário nº 00694 do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira: “Atestado de Óbito firmado pelo médico Maurício Lougon. Declarou que no dia 20 de outubro de 1992, à 1h10 da manhã, na Colônia Juliano Moreira, Jacarepaguá, faleceu Stella do Patrocínio, do sexo feminino, com \_\_\_ de idade, natural do Rio de Janeiro, profissão \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, residente no local do óbito. Filhos \_\_\_\_\_, causa mortis: parada cardiorrespiratória, carcinoma mamário e diabetes mellitus. O finado deixou bens? \_\_\_\_\_. Fez tratamento? \_\_\_\_\_. Era eleitor? \_\_\_\_\_. Deixou filhos? \_\_\_\_\_. Carteira nº \_\_\_\_\_. CIC: \_\_\_\_\_. Benef. Prev.: \_\_\_\_\_. Titular: \_\_\_\_\_. O sepultamento será feito no Cemitério Inhaúma.”. *Seu corpo foi sepultado como indigente. Cinco anos depois de sua morte, teve os restos cremados e dispensados, pois é política da direção do cemitério descartar os corpos cujos parentes não procuraram, retirando-os das gavetas e cremando-os para abrir espaço.* (Reprodução do obituário de Stella do Patrocínio. Fonte: Arquivo IMAS Juliano Moreira. [grifos meus]).

Seu atestado de óbito está disponível na plataforma Family Search:

**DÉCIMA SEGUNDA CIRCUNSCRIÇÃO - 6ª ZONA**  
**REGISTRO CIVIL E TABELIONATO**  
 FREGUESIAS DE IRAJÁ E JACAREPAGUÁ  
 COMARCA DA CAPITAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
**DANTE ALIGHIERI CAMPOS SEIXAS**  
 OFICIAL e TABELIÃO

AVENIDA ERNANI CARDOSO, 21-D - CASCADURA - TEL: 593-7189  
 AVENIDA GEREMÁRIO DANTAS, 142-A - JACAREPAGUÁ - TEL: 392-1588  
 AVENIDA BRAZ DE PINA, 110-B - PENHA - TEL:

**ÓBITO** 42.023.- LIVRO 165 SC 2.- FOLHA 23

Aos vinte e três.- dia(s) de outubro.- de mil novecentos e noventa e dois.- nesta cidade e em meu Cantão, compareceu: José Oemar Ferreira da Silva.- nacionalidade brasileira.- com 34.- anos de idade, profissão funcionário público federal.- identidade I.F.Pacheco 05548873-8.- estado civil casado.- residente à Estrada Rodrigues Caldas, nº 3.400 - Jacarepaguá.- exibindo atestado de óbito firmado pelo médico Maurício Lugo.- declarou que no dia vinte.- de outubro.-, de mil novecentos e noventa e dois.-, às 1,10.- horas, na(o) Colônia Juliano Moreira - Jacarepaguá.- FALECEU "STELA DO PATROCÍNIO".- do sexo feminino.- com ignora.- de idade, natural Rio de Janeiro.- profissão .- estado civil ignora.- residente na no local do óbito.- filho ignorados.-

CAUSA MORTIS parada cardio respiratória - carcinoma mamariã - Diabetes melitus.-

O finado deixou bens? ignora.- Fez testamento? ignora.-  
 Era eleitor? ignora.- Deixou filhos? ignora.-

Cart. nº ignora.- CIC nº ignora.- Benef. Prev. nº ignora.- Titular: ignora.-

O sepultamento será feito no cemitério de: Inhaúma.-

Observações: .-

Para constar lavro este termo, que lido e achado conforme assino.

Eu, [assinatura]  
 E eu, [assinatura] Oficial do Registro Civil, o subscrevo.

**TABELA IV**  
**LETRA A**  
**ATO Nº 1**  
**Art.º 30**

[assinatura]  
 O DECLARANTE

Mod. DACS - 005

Figura 32. Registro de óbito de Stella do Patrocínio. Fonte: Family Search. Óbitos (Sucursal Jacarepaguá) vol. 160 (pag. 100) - 166 e 2/1 - 2/10 (pág. 70) (Jul.) 1992 - (Jul.) 1993.

Esses registros nos mostram, assim, que se os documentos integram a elaboração de identidades (DAS, 2004)<sup>167</sup>, eles também podem atuar em processos de destruição identitária, como nesse caso. Pois, como vimos no capítulo 1, o saber médico-psiquiátrico e a instituição manicomial não se preocupavam, de modo geral, em preservar a história e a memória dos internos, dedicando-se apenas à anotação de suas evoluções médicas, suas anamneses, seu comportamento no hospício, etc.

Dessa forma, na pesquisa de campo que realizei no Rio de Janeiro, procurei levantar outras fontes documentais sobre a autora (além daquelas guardadas pela instituição psiquiátrica) e possíveis parentes vivos dela. Além disso, foi por meio dessa pesquisa que tive acesso ao falatório, em sua materialidade original – refiro-me aos arquivos de áudio de Carla Guagliardi e o livro datilografado de Mônica Ribeiro de Souza. Este último, embora já faça parte de um grande processo de transformação do falatório – pois não se trata da transcrição fiel da dinâmica de conversas entre Ribeiro de Souza e Do Patrocínio, mas de um recorte do falatório em formato versificado –, conserva as respostas da autora da forma mais fidedigna possível, como me assegurou Ribeiro de Souza, em entrevista a mim concedida, em 2018.

No próximo tópico, apresentarei minhas tentativas de restituir a história de Stella do Patrocínio e de entender a sua internação, de cunho involuntário. No tópico seguinte, discutirei algumas possibilidades de estudos depois das discussões trazidas neste trabalho de dissertação, as quais iniciarei ainda este ano, no doutorado.

## 5.1. Resultados de campo

Em maio de 2019, na ocasião em que concluía a pesquisa de campo realizada para este estudo, finalmente conheci um dos sobrinhos de Stella do Patrocínio<sup>168</sup>. Nascido em 1955, ele tinha sete anos quando a autora foi internada, de forma que pouco se lembra da tia em liberdade.

Eu já tinha tentado localizá-lo<sup>169</sup> diversas vezes ao longo de 2018 e sabia que a viagem de maio de 2019 seria minha última chance, devido aos prazos do programa e ao financiamento de minha pesquisa, que terminaria no mês seguinte. Então, decidi arriscar, vendo naquela viagem minha última oportunidade de conhecê-lo.

Minha insistência em encontrá-lo tinha ainda um outro interesse. Eu gostaria de informá-lo que a tia era poeta, e que ele poderia reivindicar os direitos autorais do trabalho realizado em

<sup>167</sup> DAS, Veena; POOLE, Deborah. *Anthropology in the Margins of the State*. School of American Research, New Mexico, 2000.

<sup>168</sup> Mantenho o nome em sigilo por razões éticas.

<sup>169</sup> Também mantenho o endereço residencial em sigilo por razões éticas.

parceria entre Viviane Mosé, Museu Bispo do Rosário e Azogue editorial. Acredito que essa seria uma contribuição mínima que as pesquisas na área de estudos literários poderiam oferecer: comunicar aos sobrinhos de Stella do Patrocínio sobre seu direito de receberem algum benefício pela publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. No momento do nosso encontro, o sobrinho estava trabalhando e quase se atrasava para chegar no segundo serviço, em um condomínio próximo. Era fim de tarde.

Apenas nos apresentamos naquele dia pois, devido ao compromisso de trabalho, ele precisou partir. Era uma sexta-feira. Combinamos que eu voltaria para conversarmos no domingo, no horário de almoço. E assim o fiz.

Não o gravei, e o que relato aqui se apoia em minhas memórias. No domingo, conseguimos conversar bastante enquanto almoçamos, tomamos café, caminhamos pelas ruas. Quando mostrei as gravações de Guagliardi a ele, seu semblante se tornou mais alegre: “É ela mesmo! É Stella. Se precisava de confirmação, eu mesmo confirmo, é minha tia”. Ele me contou que sabia da publicação em livro da tia, pois tem o hábito de ler jornais e chegou a se lembrar de ter visto uma matéria que a apresentava, embora não soubesse precisar o ano ou o jornal.

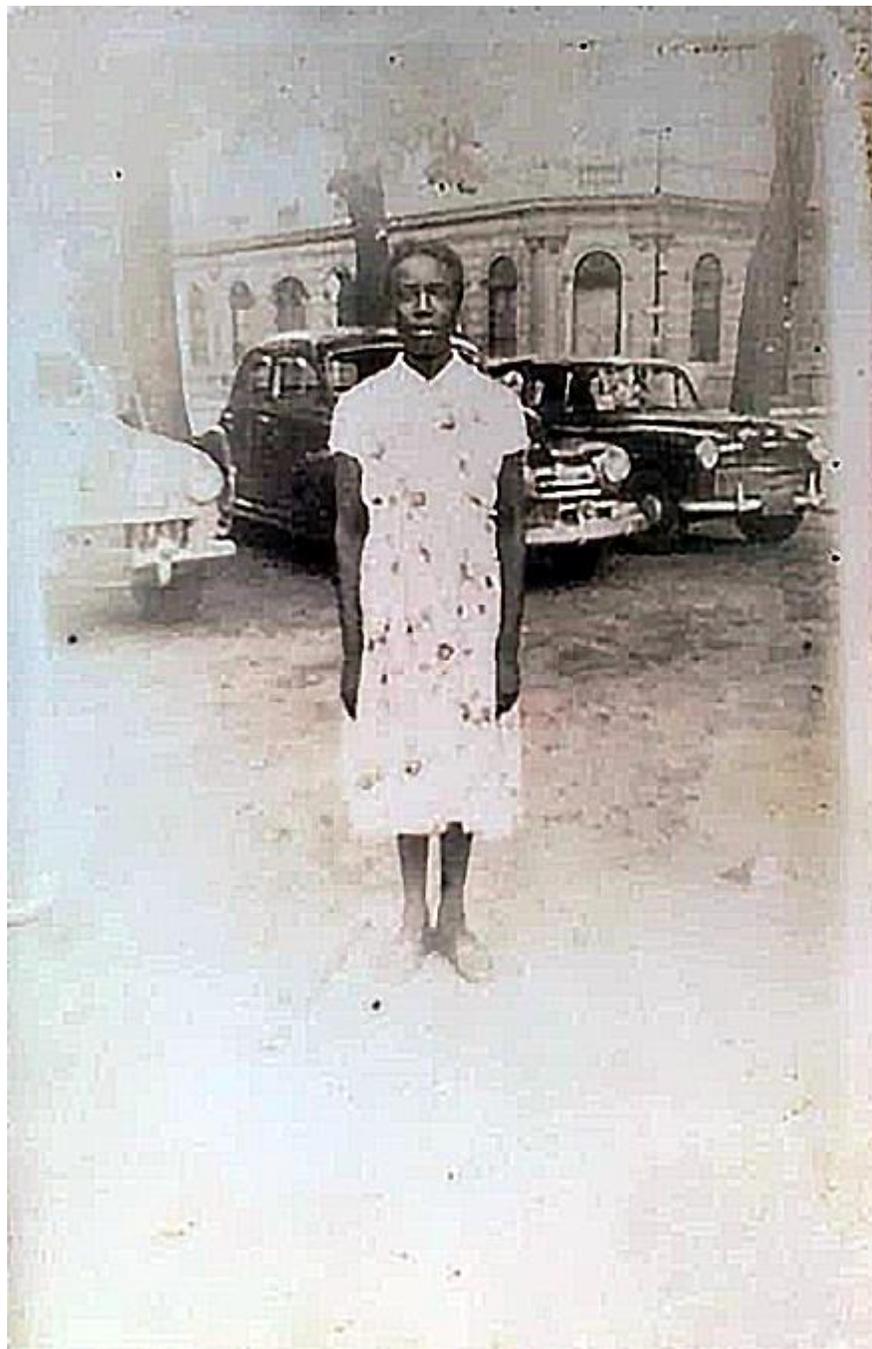
Durante essa conversa, esse sobrinho me contou que, desde menino, morava com a tia e com seus pais. De acordo com ele, Stella do Patrocínio era uma mulher bastante inteligente e dedicada. A autora escrevia assiduamente em um caderno, mas ele não se recorda se suas anotações eram estudos, processos criativos ou se eram cartas. De todo modo, segundo ele, a tia escrevia com bastante frequência e muito bem.

Em suas recordações, Stella era uma boa tia, bastante carinhosa. Às vezes o levava à Escola Municipal México, localizada na Rua da Matriz, 101. Essa rua é transversal à Voluntários da Pátria, recebendo esse nome por iniciar bem em frente à Igreja Matriz de Botafogo. Caminhar desde a antiga casa de Stella até a escola leva cerca de 15 minutos.

Ele ainda se lembra que a tia tentava, através dos estudos, ocupar outras funções empregatícias além daquela que exercia, como doméstica, o que nunca chegou a acontecer. As portas estavam fechadas para Stella do Patrocínio quando ela tentava outra fonte de renda. Segundo ele, essa dificuldade de, mesmo estudando, conseguir se desvencilhar dos serviços domésticos em casa de família, pode ter sido um fator desencadeador do que ele denominou “surto”. “Racismo, né?”, perguntei a ele. Olhando meio de esguio, ele acenou com a cabeça que sim, em resposta.

O sobrinho de Stella carregava uma bolsa estilo carteiro e, antes mesmo de escolhermos o que almoçaríamos, sacou dela algumas fotografias que guardava em sua casa. A imagem a seguir é

uma delas: o registro fotográfico de Stella do Patrocínio antes da data de sua primeira internação. Estimo que ela tivesse entre 19 e 20 anos, época em que estudava, costumava a andar com cadernos “pra cima e pra baixo”, como o sobrinho se recordou, e morava no bairro de Botafogo:



**Figura 33.** Stella do Patrocínio, s/d, Rio de Janeiro. Fonte: acervo pessoal de seu sobrinho.

Do Patrocínio tinha família, fazia planos, circulava livremente pelas ruas e inclusive frequentava espaços religiosos. Segundo anotações de enfermagem disponíveis nos arquivos do IMAS Juliano Moreira, ela afirmou que era médium de centro antes da internação. Não sabemos qual terreiro ou centro kardecista frequentava<sup>170</sup>.

Quando relata seu último dia em liberdade, a autora afirma que estava caminhando pela Rua Voluntários da Pátria próximo à praia de Botafogo, ou seja, provavelmente no último quarteirão da rua, onde, hoje, há um viaduto e muitos bares com arquitetura do período colonial. Esse quarteirão fica a cerca de 2km da casa onde ela morava. No falatório, Stella do Patrocínio narra que estava acompanhada de Luiz<sup>171</sup> e pretendia tomar um ônibus que a levasse à Central do Brasil, de onde saem trens para diversas regiões do Rio de Janeiro. Hoje em dia, esse trajeto de ônibus leva cerca de 20 minutos em horários sem picos de trânsito na cidade. Entretanto, algo aconteceu e Do Patrocínio não embarcou no ônibus, nem tampouco chegou à Central do Brasil.

A autora conta que uma viatura a parou e a encaminhou ao Pronto Socorro da Praia de Botafogo. Lá, recebeu seu primeiro eletrochoque. Dias depois, em 15 de agosto de 1962 – como sabemos de acordo com os documentos apresentados no capítulo 1 – Stella do Patrocínio chegou ao CPPII para, em 3 de março de 1966 (quinta-feira), receber a transferência definitiva para o NTB da CJM. Esse processo culminou, como vimos, em várias perdas de informações sobre a sua biografia.

Buscando dar continuidade ao já citado trabalho de Mônica Ribeiro de Souza, que visava “conferir um passado para quem não tem passado”, busquei incansavelmente documentações de Do Patrocínio e de seus irmãos. Nesse processo, encontrei algumas das certidões de nascimento dos irmãos de Stella, documentos por meio dos quais descobri o nome de seus avós maternos e paternos e o nome de alguns irmãos que não foram citados nos registros produzidos pela Colônia ou nos estudos sobre ela.

Segundo podemos concluir, a autora tinha família, certidão de nascimento e chegou inclusive a ser inscrita pelo registro geral (RG número 17608837), em 1963 – provavelmente a pedido do CPPII, o que era comum à época. É provável que, depois da ação da polícia civil que a encaminhou ao pronto socorro, Stella não estivesse com a sua documentação, ou que ela tenha sido perdida no processo de internação, necessitando solicitar outra. Esse documento está arquivado no DETRAN-RJ, órgão que hoje é responsável pelo armazenamento arquivístico dos registros gerais. No

---

<sup>170</sup> O único espaço religioso de todo o espaço da CJM é uma capela da Nossa Senhora dos Remédios. Os não-católicos não tinham como manter suas práticas religiosas.

<sup>171</sup> Luiz era um amigo de Stella do Patrocínio. Ela relata isso a Mônica Ribeiro de Souza, que transcreveu essa explicação sobre quem ele era. Está disponível para consulta no Anexo 6, na parte em que separei os textos de Mônica Ribeiro de Souza que não entraram em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

DETRAN, fui informada que esse RG só possui dados básicos de Stella do Patrocínio. Ao consultar o documento digitalizado, confirmei novamente<sup>172</sup> a grafia de seu primeiro nome – Stella, com dois “l” –, e verifiquei que a autora não assinou seu nome no registro, mas carimbou o polegar. Importante relatar esse fato, visto que Do Patrocínio sabia escrever e o carimbo do polegar é utilizado no RG de analfabetos.

Quanto à família de Stella, reproduzo a seguir as certidões de nascimento de Germiniano, Carlos Chagas, Olívia e Antônio, seus irmãos. Infelizmente, as certidões de nascimento de Stella e de Ruth do Patrocínio, a irmã caçula, não puderam ser localizadas, pois os processos de digitalização do Arquivo Nacional foram interrompidos devido a cortes orçamentários. Desse modo, alguns dos cartórios do Rio de Janeiro não tiveram seu arquivo disponibilizado para consulta depois dos anos 1940. Cheguei a ir pessoalmente nas zonas cartorárias das regiões norte e oeste do Rio de Janeiro – onde os irmãos da autora nasceram – com o objetivo de procurar os documentos de Stella e Ruth, mas nada foi encontrado.

Vamos às certidões encontradas:

---

<sup>172</sup> A primeira confirmação dessa grafia foi possível devido ao acesso dos materiais de Mônica Ribeiro de Souza. Como disse no tópico 2.3, a psicóloga havia deixado um caderno para Stella do Patrocínio, cujas folhas ela preencheu com jogos da velha, contornos das mãos, escrita de palavras e inclusive do seu nome, com dois “l”.

Talão N.º 133A BR AN, RIO N4.FMA.LTN 109, n.º 44 Pag. 44

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

CAPITAL FEDERAL

OITAVA PRETORIA CIVEL

FREGUEZIAS DE MADUREIRA E CAMPO GRANDE

NASCIMENTO N.º 22176

Nicanor Queiroz Nascimento, Serventuario vitalicio do officio de escrivão e official do Registro Civil da Oitava Pretoria Civel, freguezias de Madureira e Campo Grande do Distrito Federal, Capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Certifico que o fl. 113 do livro n.º 71A do registro de nascimentos foi feito  
 feito o assentamento de Germiniano do Patrocínio

nascido aos 12 de Junho de 1934 às 3 horas e 45 minutos, no caso n.º 185 do  
 meu Botella, em Madureira

de sexo masculino, de cor branca, filho legítimo  
 de Francisco do Patrocínio  
 e de Wilda Francisco do Patrocínio  
 sendo avós paternos José do Patrocínio e  
Sebastiana Francisca de  
Jesus  
 e maternos Germiniano Francisco Xavier  
e Guilhermina Francisca  
Xavier

Foi declarado Opae

e serviram de testemunhas Benedita de Oliveira e  
Guilherme Antonio Souto

Observações 3.710  
POV.  
de 1931

O referido é verdade e dou fé.  
 Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1934

OFFICIAL  
Benedita de Oliveira  
Guilherme Antonio Souto

Figura 34. Certidão de nascimento de Germiniano do Patrocínio, irmão de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: N4.FMA.LTN.109/f.044.

Talão N.º 160-A BRAN, RIO N.º FMA, LTN 1337/89 Pag. 59

REPUBLICA DOS ESTADOS  UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

CAPITAL FEDERAL

OITAVA PRETORIA CIVEL

FREGUEZIAS DE MADUREIRA E CAMPO GRANDE

NASCIMENTO N.º 22025

**Nicanor Queiroz Nascimento, Serventuario vitalicio do officio de escrivão e official do Registro Civil da Oitava Pretoria Civil, freguezias de Madureira e Campo Grande do Districto Federal, Capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil.**

Certifico que a filha do livro n.º 83-A do registro de nascimentos foi feita  
 feita o assentamento de Olivia do Patrocínio

nascida aos 11 de Junho de 1935 de 3 horas e 20 minutos, no caso n.º 88 da  
 sua matrícula este Assentamento

do sexo feminino de cor branca, filha legítima  
 de Manoel do Patrocínio  
 e de Stella do Patrocínio  
 sendo seus pais Jose do Patrocínio e Sebastiani  
Bara de Jesus

e witnesses Emiliano Francisco Xavier e Guilher-  
me do Xavier

Foi declarado o pai  
 e witnesses de testemunhas Incluídos de Oliveira e Guilherme  
pele pio dos Santos

Observações

O referido é verdade e assim se  
 Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1935  
 O OFFICIAL  
Gaspar do B. Barbosa

Figura 35. Certidão de nascimento de Olívia do Patrocínio, irmã de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: N4.FMA.LTN.137/f.089.

N3.IRJS.LTN.66/1.29

Título N. .... pag. 22

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

DISTRICTO FEDERAL

FREGUEZIAS DE IRAJÁ E JACARÉPAGUÁ

7ª. PRETORIA CIVEL

NASCIMENTO (Nº 985)

O Bacharel Oay Fonseca, Escrivão successor, Tabelião e Oficial do Registro Civil da Setima Pretoria Civil, Freguezias de Irajá e Jacarépaguá do Distrito Federal.

Certifico que a fls. 173 do livro n. 210 de registro de nascimentos da Freguezia de Irajá, foi feito hoje o assento de Carlos Chagas do Patrocínio nascido ao 3 de Setembro de 1934, às 6.00 horas, em a rua General Saraget, n.º 167 do sexo masculino de cor preta, filho legítimo de Manoel do Patrocínio e de Rilda do Patrocínio

sendo pais paternos José do Patrocínio e Sebastião Maria de Jesus ambos falecidos e maternos Ambrósio Francisco e Luítherina Francisco

Foi declarante Manoel de Oliveira Santos e serviram de testemunhas Ambrósio Vilvaca Cunha e Acélio Manoel Silva

Observações

O referido é verdade e dou fé. Rio de Janeiro, 11 de Setembro de 1934

O OFFICIAL, *Luís C. de O. Rodrigues*  
*Luís C. de O. Rodrigues*

Figura 36. Certidão de nascimento de Carlos Chagas do Patrocínio, irmão de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: N3.IRJS.LTN.099/f.029.

Tabela N.º 100 — BRAN, RIO 65.FSC.LTN 96.M.133 Pag. N.º 173 —

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

SEXTA PRETORIA CIVEL  
REGISTRO CIVIL DE S. CRISTOVÃO  
"CARTORIO CLETO"

**CERTIDÃO DE NASCIMENTO N.º 19958**

Paulo Cleto Bezerra de Freitas, *escrito sucessor do ofício da Sexta Pretoria Civil e oficial do Registro Civil de S. Cristovão, na Cidade do Rio de Janeiro.*

CERTIFICO que no livro n.º 230 — do Registro de Nascimentos, a folhas 215 — sob o n.º 19958 — consta o de *Antonio do Patrocínio* do sexo *masculino* de cor *preta* nascido às *5<sup>as</sup> 30<sup>as</sup>* horas de *10* de *Janeiro* de *1938* na casa n.º *60* da *Rua José Christino "maturidade"* filho *legítimo* de *Manoel do Patrocínio e Hilda Francisca do Patrocínio*

seus pais *José do Patrocínio - falecido*  
*Sebastiana Maria de Jesus - falecida*  
e maternos *Emiliano Francisco Noril*  
*Guilhermina Francisca Xavier*

Foram testemunhas *Evandro Teixeira e Frederico Correia*

Foi declarante *(pae)*  
O referido é verdade e ao proprio livro me reporto e dou fé.

Rio de Janeiro, *17* de *Junho* de *1938*  
O Escrição  
*Paulo Cleto Bezerra de Freitas*

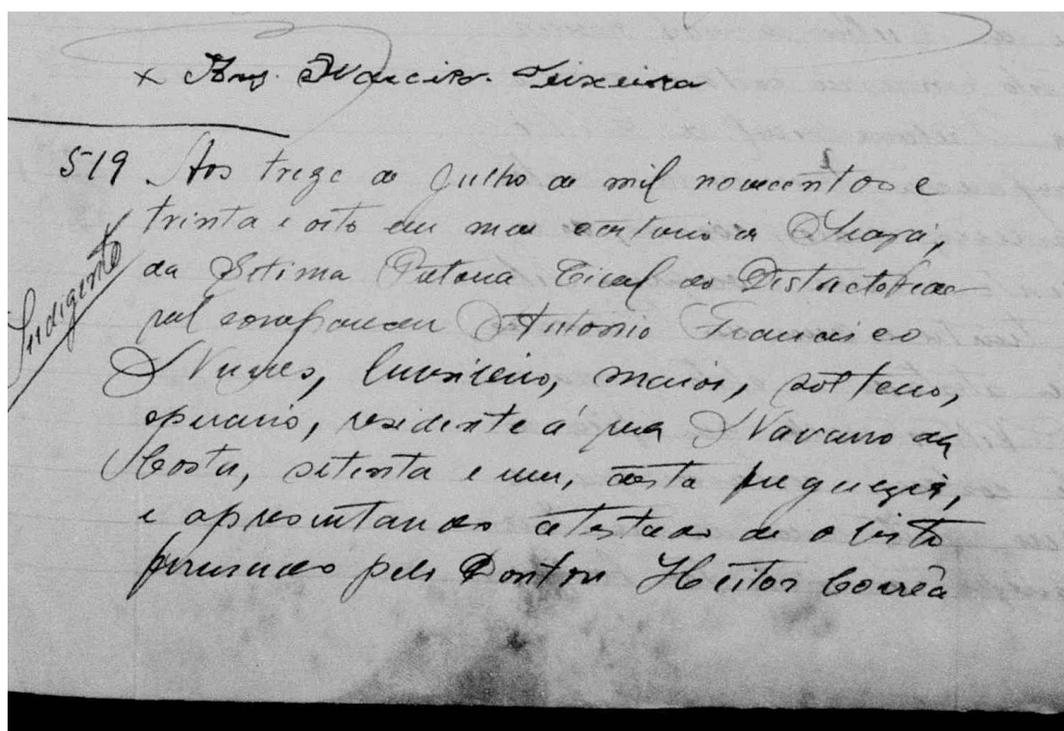
Foto do Tabelião  
LUIZ SIMÕES LOPES  
Antiga Carteira RACHE  
Rua do Recife, 156 — RIO

Figura 37. Certidão de nascimento de Antonio do Patrocínio, irmão de Stella. Disponível em: SIAN, Arquivo Nacional. Livros de Nascimento. Base de dados: 65.FSC.LTN.096/f.173.

Outra informação que considero relevante foi a confirmação, por meio do sobrinho de Stella, de que sua mãe, Zilda Francisca do Patrocínio, também se encontrava internada na colônia quando a autora foi transferida para lá.

De acordo com um dos entrevistados, que pediu para não ser identificado<sup>173</sup>, Zilda deu entrada no CPPII em meados dos anos 1940, ocasião em que Stella e Ruth eram ainda pequenas. Ela foi transferida para o Núcleo Teixeira Brandão.

Zilda trabalhava como doméstica antes de sua internação. O diagnóstico dado no ato da internação foi “psicose maníaco depressiva”. Nessa ocasião, ao menos um de seus filhos já tinha morrido, como pude confirmar ao encontrar a certidão óbito de Antônio, aos sete meses de idade e entendido como indigente:



<sup>173</sup> Este foi o único entrevistado que não teve o seu nome divulgado neste trabalho.

Corria Velho, que fica aquiiva do nos-  
 te e contra, declarou que na casa do  
 numero duzentos e vinte sete, da rua  
 Comandante, desta freguesia, ás  
 quatorze horas de ontem, faleceu ni-  
 tiona de um chos pneumonia, com os  
 pais, Antonio do Patrocínio, filho  
 de Manoel do Patrocínio e de Lúcia  
 Francisca do Patrocínio, de seis me-  
 cules, de ed. preta, natural desta  
 Capital, com sete meses de idade, ven-  
 dante no local do óbito. O pai se aficou  
 falecido e natural do Estado de Minas,  
 trabalha no local e sua mãe dona  
 tica, natural desta Capital, residente  
 no local do óbito. O cadáver não se  
 reportou no cemiterio de Fieiras  
 de Itaquaquecetuba, em indigente  
 atestado pela Delegacia do Vigésimo  
 Quarto Distrito Policial. E para constar lavrei este termo  
 que lido assina e rubrica. De Antonio  
 Otávio do Vasconcelos Velho, escrivão  
 da Comarca.

X Antonio Francisco escrivão

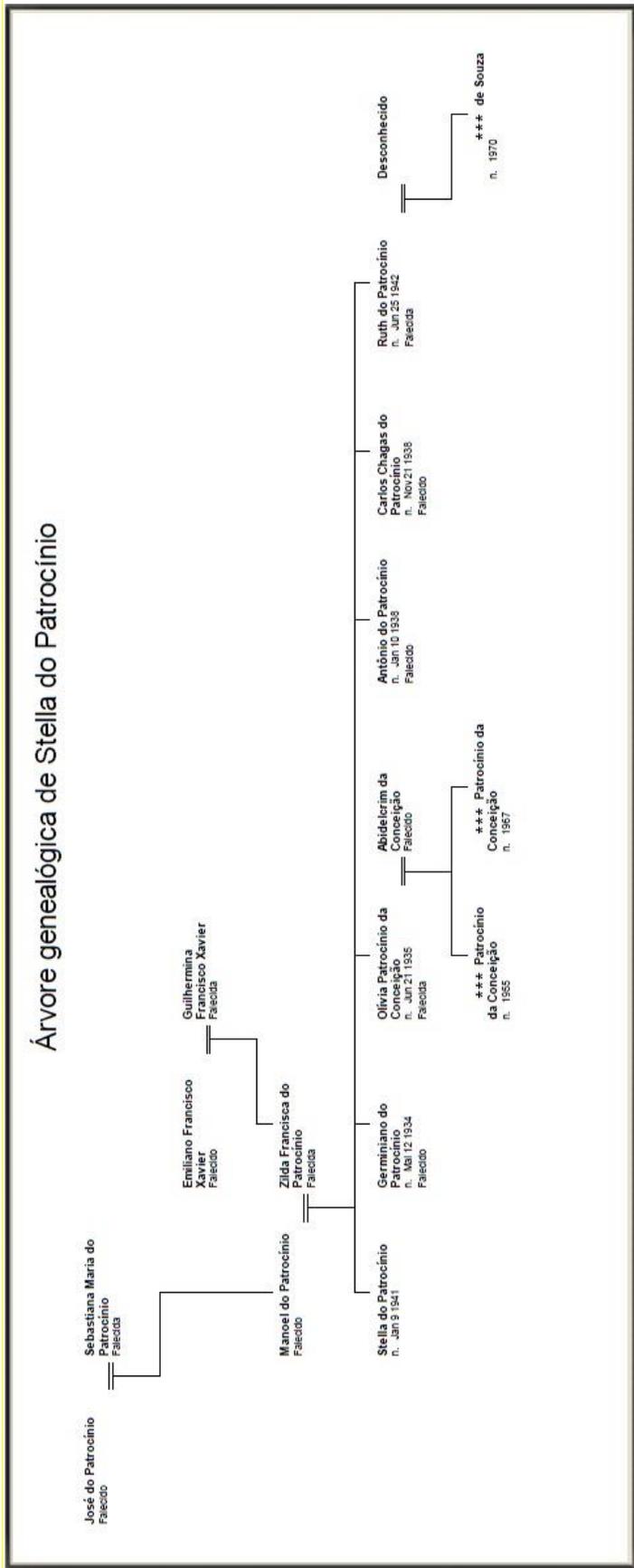
Figura 38. Registro de óbito de Antônio do Patrocínio, irmão de Stella, aos sete meses de idade. Fonte: Family Search.

O sobrinho de Stella não se lembra de nenhum dos tios homens, não tendo nem demonstrado ter tomado conhecimento de seu nascimento. Sua mãe não comentou sobre os irmãos, nem Antônio, que morreu no mesmo ano em que nasceu, nem Germiniano ou Carlos Chagas, de quem nada sabemos. É provável que também tenham morrido antes do nascimento do sobrinho, nos anos 1950, o que indica que morreram jovens.

Mas algo que ele se recorda eram as visitas que realizava à tia e à avó na CJM, em companhia de sua mãe e, às vezes, de seu irmão, ainda bem criança. O irmão mais novo nasceu em 1967, portanto, cinco anos depois da primeira internação de Stella. Segundo soube por essa entrevista, nas visitas, os familiares não subiam até o NTB, núcleo onde Stella e Zilda tinham sido internadas, mas permaneciam em frente ao prédio da administração.

O sobrinho também relata que, embora não saiba precisar a data, Zilda morreu sem que a instituição avisasse os familiares. Sendo assim, quando ele, já adolescente, chegou com a mãe para as visitas cotidianas, ambos souberam da morte de Zilda. Na ocasião, ela já havia sido enterrada, não se sabe onde, mas provavelmente no cemitério de Inhaúma ou Pechincha, por serem os cemitérios que mais receberam corpos de internos da CJM.

Apresento, então, a árvore genealógica de Stella do Patrocínio com as novas informações. Os três sobrinhos de Stella estão vivos e mantivemos seus nomes em sigilo. Todas as suas irmãs e irmãos já morreram.



Tendo descoberto os nomes dos avós de Stella do Patrocínio nas certidões de nascimento de seus irmãos, foi possível realizar uma nova busca na plataforma digital do FamilySearch. Lá, encontrei outros registros civis, como os que seguem, a começar pela certidão de óbito de sua avó materna, Guilhermina Francisca Xavier, nascida em 1881. Ela morreu em 02 de outubro de 1948, era dona de casa e, na ocasião, deixou 13 filhos.

Um dos treze filhos de Guilhermina, irmão de Zilda Francisca do Patrocínio, era Zuth Xavier. A partir de sua certidão de nascimento, pude colher a única informação que consegui a respeito do pai de Stella, Manoel do Patrocínio: ele era natural do Sergipe.

141

**CASAMENTOS**

Nº 8867

Aos vinte e quatro de Junho de mil novecentos e quarenta e seis às onze horas, nesta cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal, na sala dos casamentos, perante o juiz, Doutor Jedro Maria da Cunha

comigo Jedro Paulo de Souza Porto - escrevente juramentado do cartório da Parque - Circunscrição do Registro Civil, na presença das testemunhas Leardini Gu sepe com quarenta e seis anos, natural da Itália, casado, residente de a rua Lago da Bola Preta e nº 10, Waldemar Oliveira e Silva, com quinze e seis anos, natural de esta Capital, casado, juiz de paz público, residente à rua Parafiteira nº 381 - receberam-se por marido e mulher, na forma do regime da comunhão de bens, os seguintes:

"Antônio Xavier com Maria Jureia Maurício Henriques"

Ele, nascido nesta Capital Federal aos vinte e um (21) do mês de Abril do ano de mil novecentos e vinte e um estado civil solteiro

profissão ajudante de caminhão residente à rua Honrada de Souza nº 116 filho de legítimo de Emílio Francisco nascido no Estado de Sergipe residente e de Guilhermina Xavier nascida nesta Capital residente com o militante Ela, nascida São João Nepomuceno - Estado de Minas Gerais aos quinze (15) do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e vinte e um (1921) estado civil solteira

profissão doméstica

**Figura 39.** Certidão de óbito de Guilhermina Francisca Xavier, avó materna de Stella, aos 03/10/1948. Fonte: base de dados do Family Search: Óbitos vol. F20-F30 (pag. 200) 1947 - (Nov.) 1950.

Os registros civis referentes aos avós, tios e primos paternos de Stella do Patrocínio não foram localizados. Uma das possíveis explicações – em relação aos avós paternos, no caso, José do Patrocínio e Sebastiana Maria de Jesus –, é o fato de que apenas durante o Segundo Império esses documentos começaram a ser registrados pelo Estado, iniciativa de D. Pedro II. Anteriormente, as instituições responsáveis por esses registros eram as igrejas católicas, e muito desse material se perdeu ou ainda não foi digitalizado para consulta pública.

Esse foi o levantamento que consegui fazer sobre a família com quem Do Patrocínio foi furtada de conviver, devido à sua internação involuntária que, como vimos, foi fonte de distanciamento familiar de muitas daquelas pessoas psiquiatrizadas na CJM por razões das mais diversas. Impossível não remeter-me à própria narrativa da autora ao lembrar a perda de laços familiares:

E sua família nunca veio te procurar?

*A família Monteiro continua aqui, veio de longe pra cá. Mudou de nome. A família Brito Cunha mudou de nome, veio do Rio de Janeiro pra cá, mas mudou o nome. Família Brito Cunha, família Monteiro, família Lafayette.*

Essas famílias são as famílias que você trabalhou?

*É...*

Mas a SUA família, seu pai, sua mãe, seus irmãos, você não tem ninguém?

*Eu sou indigente, eu não tenho ninguém.* (Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

Considero, portanto, o encontro com esse sobrinho de Stella do Patrocínio fundamental para a pesquisa. Quando conversei com ele, eu ainda pude ver mais algumas fotografias que ele tinha trazido para me mostrar. Pedi licença para fotografá-las, pois não havia nenhum lugar aberto onde eu pudesse digitalizá-las. A qualidade das imagens não está boa – nem nas reproduções a seguir, nem nas originais.

Na fotografia abaixo, estão, em ordem: Stella do Patrocínio e Zilda Francisca do Patrocínio:



**Figura 40.** Stella do Patrocínio e Zilda Francisca do Patrocínio, s/d. Colônia Juliano Moreira. Fonte: acervo pessoal de seu sobrinho.



**Figura 41.** Stella do Patrocínio, s/d. Colônia Juliano Moreira. Fonte: acervo pessoal de seu sobrinho.

Contudo, apesar dos cuidados e dos levantamentos realizados, as lacunas e os silenciamentos ainda integram o nosso imaginário sobre Stella do Patrocínio. Este tópico constitui, pois, uma tentativa de desmistificar sua figura, tentativa que guiou nosso estudo.

Na próxima seção, na qual exporei as minhas conclusões, apresentarei, ainda de modo resumido, como buscarei dar continuidade a essa desmistificação e a esses estudos no doutorado.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Queria mandar um salve pra comunidade do outro lado  
dos muros. As grades nunca vão prender nosso  
pensamento.

– Racionais Mc's<sup>174</sup>

Ao longo deste trabalho, analisamos os percursos institucionais de Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira. Em cada capítulo, percebemos que sua vida e obra passaram por uma série de mediações e representações que não consideraram, de fato, a autonomia discursiva de Stella do Patrocínio, nem tampouco sua agência em relação à própria vida.

Como vimos, sua internação, em 1962, quando tinha 21 anos, desencadeou um processo de apagamento da sua história de vida, pois o saber psiquiátrico se limitava a registrar informações que servissem de parâmetro e análise para a compreensão da doença dos sujeitos psiquiatrizados, não se interessando em saber quem eram esses sujeitos, de onde vinham e/ou quais eram seus laços familiares. Os discursos dos pacientes não eram fonte de informação sobre eles, mas material de análise médico-clínica para o ato do seu diagnóstico e acompanhamento da evolução de sua suposta doença mental.

No capítulo 1, discutimos esses parâmetros de avaliação diagnóstica com base nas críticas realizadas pela reforma psiquiátrica, que resultaram no processo de abertura da Colônia Juliano Moreira, em meados dos anos 1980. Ainda no mesmo capítulo, mostramos como o movimento antimanicomial pretendeu reverter esses apagamentos da história dos sujeitos psiquiatrizados e abrir canais de comunicação entre profissionais da saúde e pacientes. Argumentamos que a luta antimanicomial brasileira preconizava aliar-se a outros movimentos sociais, como os de raça, gênero e classe, bem como aos usuários de serviços de saúde de modo geral, por perceber que as discussões sobre saúde mental necessitavam ser pensadas de modo articulado a fatores sociais.

Já no capítulo 2, como consequência das mudanças institucionais implementadas pela abertura manicomial, apresentamos, num primeiro momento, outros exemplos de produções artísticas realizadas em espaços de confinamento manicomial. Nosso objetivo, ao trazer artistas plásticos como Lobão, Raimundo Camillo e Arthur Bispo do Rosário foi perceber que as discussões sobre arte que partem de produções de pacientes e ex-pacientes tendem a delimitar um percurso excludente que

---

<sup>174</sup> RACIONAIS MC'S. "Salve". Faixa disponível no disco: "Sobrevivendo no Inferno". Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

muitas vezes se repete. Assim, no tópico seguinte, passamos a discutir a realização do Projeto de Livre Criação Artística, por meio do qual a estagiária Carla Guagliardi chegou ao Núcleo Teixeira Brandão. Segundo vimos, Guagliardi foi responsável pelas primeiras gravações do falatório de Stella do Patrocínio e foi sua interlocutora nas conversas. Sendo assim, o falatório foi uma construção a duas vozes e, desse modo, podemos pensar Guagliardi como coautora da produção intelectual de Do Patrocínio. Ao final do Projeto de Livre Criação Artística, em 1988, trechos do falatório da autora e trabalhos de artes plásticas de outras internas foram expostos na mostra “O ar do subterrâneo”, no Paço Imperial.

Por quase três anos, nenhuma outra gravação de Stella do Patrocínio foi realizada. Isso até a chegada de outra estagiária, em 1991: Mônica Ribeiro de Souza, que então iniciava o estágio em psicologia no Núcleo Teixeira Brandão, onde ficou apenas um ano. Além de dar continuidade às gravações do falatório, Ribeiro de Souza se empenhou em reverter os apagamentos da história das mulheres que expuseram suas produções no Museu do Paço, incluindo Stella do Patrocínio, chegando a percorrer as ruas do Rio de Janeiro em busca de parentes vivos – sem, no entanto, ter seu objetivo alcançado. Ao final de seu estágio, a psicóloga relatou todas as suas tentativas em um diário e organizou um livro em que reuniu transcrições do falatório. Ela entregou os dois documentos – diário de campo e transcrições em formato de livro de poemas – como parte do relatório final de estágio à sua supervisora, Denise Correa, à época diretora do Museu Bispo do Rosário. Esse material integra hoje o acervo do Museu.

Stella do Patrocínio morreu no ano seguinte, em 1992. Os próximos dois capítulos da dissertação dedicaram-se, dessa forma, a examinar os discursos produzidos sobre ela depois de sua morte.

No capítulo 3, acompanhamos a organização e publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, livro responsável pela nomeação formalizada de Do Patrocínio como poeta brasileira. Ao discutir a inserção de Do Patrocínio na literatura, analisei a edição do livro – comparando-o com os áudios gravados por Guagliardi e com o volume datilografado por Ribeiro de Souza – e a apresentação realizada por Mosé sobre a autora. Além disso, ao identificar uma série de lacunas e estereótipos sobre Stella do Patrocínio e sua história que se repetiram na publicação da obra, procurei perceber as aproximações entre a instituição literária e a manicomial.

Ainda no capítulo 3, também preconizei perceber que o trabalho de Mosé pode ser comparado àquele realizado por Audálio Dantas, editor e publicador de *Quarto de despejo*, obra escrita por Carolina Maria de Jesus. Ainda que entre De Jesus e Do Patrocínio existam muitas

diferenças, a começar pela intenção literária, pudemos observar que tratam-se de duas mulheres negras pobres, moradoras de grandes centros urbanos e cujos trabalhos passaram por mediações incomuns no campo da literatura.

No capítulo 4, analisei a recepção crítica do livro organizado por Mosé. Ao tratar dessa problemática, destaquei a existência de muitas discrepâncias nas concepções e interpretações sobre o falatório. Enquanto certos autores identificaram na produção de Stella do Patrocínio uma estratégia e um efeito da sua sobrevivência ao ambiente de clausura, outros leram no falatório uma contribuição relevante para a luta antimanicomial brasileira – sem, no entanto, trazer grandes reflexões ou justificativas para essa afirmação. Além disso, há trabalhos que apenas entendem seu discurso como um delírio que nada ou pouco comunica, em oposição a outros que sustentam a existência do emprego recursos poéticos.

O capítulo 5 compila os principais resultados do trabalho de campo que realizei no Rio de Janeiro, em 2018 e 2019. Segundo conto no capítulo, consegui localizar e conversar com um dos sobrinhos de Stella, com quem confirmei dados sobre a biografia da autora e por meio do qual tive acesso a fotografias dela, antes e durante a sua internação. Além disso, consultei e/ou reproduzi documentos produzidos fora do manicômio, relativos à Stella e à sua família.

Em cada um dos capítulos da dissertação, discutimos a representação de Stella do Patrocínio por diferentes discursos, com ênfase naquele produzido no manicômio, que se desdobrará naqueles divulgados fora do hospício. Assim, ainda que o exercício de escuta dos pacientes tenha sido defendido desde a criação dos grupos de escuta (capítulo 1), durante o processo de abertura manicomial da Colônia, essa escuta não foi, de fato, consolidada em nenhum dos momentos analisados neste estudo – nem no manicômio, nem na literatura (incluindo a organização do seu livro e a recepção dele).

Ao sustentar a importância dessa escuta, defendo ainda que o falatório deve ser considerado uma valiosa fonte documental sobre Stella do Patrocínio – o que, infelizmente, ainda não foi feito. Ao trabalharmos com esse material, insisto ainda na importância de examiná-lo em sua materialidade original (sempre que possível, claro): a oralidade. Nesse contexto, defendo que levemos a cabo a escuta de Stella do Patrocínio por meio dos áudios gravados por Carla Guagliardi e, na ausência deles, através da leitura integral do livro datilografado por Ribeiro de Souza.

Esta será, pois, a pesquisa a qual darei continuidade ao longo do doutorado, buscando avançar nos resultados aqui alcançados. Proponho, assim, que o falatório de Stella seja entendido como uma demanda de autorrepresentação que merece ser levada a sério, visto que sua enunciação

entra, muitas vezes, em disputa com as representações que as instituições manicomial e literária fizeram sobre ela.

Defendo ainda que o falatório seja entendido como uma fonte documental legítima, tendo inclusive o poder de narrar a história da autora. Em última instância, trata-se de conferir ao falatório credibilidade epistêmica. Ao invés de falarmos *sobre* Stella do Patrocínio, estamos nos propondo a falar *com* Stella do Patrocínio, na medida do possível.

Como vimos, Stella do Patrocínio conta que foi internada por ser “nega, preta e crioula” e que a internação foi responsável pelo seu processo de adoecimento. Por isso, a autora afirma que está cumprindo prisão perpétua em um presídio de mulheres, identificando-se como uma escrava do tempo do cativo. Ela conclui que “o tempo não passa, quem passa somos nós”. Essa frase nos permite associar o tempo do cativo ao tempo do racismo, temática bastante discutida por ela.

Além de considerar a versão de Stella sobre sua trajetória e interação, a escuta e análise dos áudios gravados por Carla Guagliardi nos permitirá ler o falatório como uma enunciação produzida a partir do diálogo entre a interna e uma estagiária da Colônia. Esta dimensão foi excluída da edição do livro, que publica e seleciona apenas as falas de Stella do Patrocínio, descolando o falatório do enquadramento que permitiu a sua enunciação.

Desse modo, contextualizar o falatório é uma das tarefas necessárias ao exercício de sua escuta. Só assim poderemos entender as condições de produção das enunciações de Stella, as relações hierárquicas que perpassam o seu diálogo com Guagliardi e as dinâmicas dessas conversas.

Acredito que o exercício de escuta que tome como material de análise e compreensão o falatório de Stella em sua materialidade original seja uma valiosa ferramenta para que Do Patrocínio possa ser mais lembrada do que interpretada; por isso insisto que devemos pensar *com* ela, não somente *sobre* ela.

Não apenas para que o falatório de Stella do Patrocínio seja respeitado, assim como sua memória e o espaço que conquistou na literatura brasileira contemporânea, mas para o que discurso de Stella possa realmente se tornar um aliado de peso na luta antimanicomial brasileira. Para isso, ele precisa, pois, ser entendido como um relato sobre o cotidiano asilar desde antes da abertura manicomial. Além disso, apenas dessa forma respeitaremos a demanda de autorrepresentação da autora.

Nossa conclusão se opõe, nesse ponto, àquela de Mosé: estamos ainda visceralmente atrelados aos muros manicomiais. Muito mais os estudos literários, como vimos, do que a própria autora do falatório, que reiteradamente negou seu pertencimento àquele ambiente de clausura.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, T.V. “Corporeidad y experiencia del límite en la performance vocal de Stela do Patrocínio”. *Primeras Jornadas de Estudios de la Performance*. Facultad de Filosofía y Humanidades y Facultad de Artes de la Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba, p. 1-10, mayo 2012.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Graal, 2007.
- AMARANTE, Paulo (org.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1995.
- ANDRADE, Marcos Roberto Teixeira. “Loucura e Literatura: o discurso poético de Stela do Patrocínio”. *Revista GATILHO*. Ano III. V. 5. Jul/2007.
- ANTENORE, Armando. *ARTE E LOUCURA: O falatório que virou poesia*. Folha Ilustrada: São Paulo, 17 de novembro de 2001. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1711200121.htm>. Acesso em: 04 abr. 2018.
- AQUINO, Ricardo. Estrela. In: PATROCÍNIO, Stella do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001.
- ARAÚJO, João Henrique Queiroz de; JACÓ-VILELA, Ana Maria. A experiência com arte na Colônia Juliano Moreira na década de 1950. *História, Ciências, Saúde– Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.2, abr.-jun. 2018, p.321-334.
- ARQUIVO NACIONAL – SIAN – livros-talões de nascimento. Em “Pesquisa livre”, as certidões e seus respectivos códigos e páginas: Carlos Chagas do Patrocínio (código N3.IRJ.LTN.066 – folha número 29); Olívia do Patrocínio (código N4.FMA.LTN.137 – folha número 89); Germiniano do Patrocínio (código N4.FMA.LTN.109 – folha número 44); Antônio do Patrocínio (6S.FSC.LTN.096 – folha número 173). Os códigos e respectivas páginas foram encontrados na “pesquisa livre” da Base de dados do Acervo Judiciário do Arquivo Nacional, também em consulta online.
- ASSIS, Machado de. *O alienista*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites no séc. XIX*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: editora brasiliense s.a., 1988.
- BERTOLUCCI, Rodrigo. Não quero ser mais louco. Nunca mais! Rio de Janeiro, 25 abr. 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/nao-queiro-mais-ser-louco-nunca-mais->

12596185.html. Acesso em: 05 dez. 2018.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998.

BIRMAN, Daniela. “Notas sobre a marginalidade: o periférico, o agregado e o louco no campo literário contemporâneo”. *Tip. Domograf - TUTTAMERICA*, nn. 161-162 - 02/05/2017. Pp. 19-41.

BITTENCOURT, Julinho. “Atriz branca acusada de fazer papel de negra concorda e faz lindo manifesto”. Portal Geledés, 07 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/atriz-branca-acusada-de-fazer-papel-de-negra-concorda-e-faz-lindo-manifesto>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

BORGES, Pompeu Accioly. *Migrações internas no Brasil*. Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Política Agrária, 1995.

CANO, Wilson. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1998.

PÁVOA, Helion N. “A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil”. *Revista Travessia*, n. 19, 1991, p. 20.

BORGES, Viviane Trindade. *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. Tese de doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

BRAGA, André Luiz Carvalho. *Campanha Nacional de Saúde Mental: a higiene mental como método de alcance da saúde mental*. Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT. Belo Horizonte, Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. 08 a 11 de outubro de 2014 | ISBN: 978-85-62707-62-9.

BRAH, Avtar. *Cartografias de la diáspora*. Traficantes de sueños, 2011.

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade e diferenciação*. Campinas: Cadernos Pagu, n.26, p. 329-376, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1991.

CANESQUI, A. M. *Os estudos de antropologia da saúde/ doença no Brasil na década de 1990*. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, 2003. V.8, n.1, p.109-124.

CARNEIRO, Julia Dias (repórter). ““É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora”. BBC News. 09 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CARTA DE BAURU. Bauru, dezembro de 1987 – II Congresso Nacional de Trabalhadores em

Saúde Mental. Disponível em: <<https://antimanicomialsp.wordpress.com/cartas-da-luta-antimanicomial/carta-de-bauru>>.

CARVALHO, M. “Dilemas na/da Reforma Psiquiátrica: notas etnográficas sobre o cotidiano de um Centro de Atenção Psicossocial”. In: *Etnografias em serviço de saúde*. FERREIRA, Jacqueline; FLEISCHER, Soraya (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CANESQUI, A. M. Os estudos de antropologia da saúde/ doença no Brasil na década de 1990. Rio de Janeiro: Ciência & Saúde Coletiva, 2003. V.8, n.1, p.109-124

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1978. 1ª ed. Tradução: Noémia de Sousa.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Tortura do Brasil como herança cultural dos períodos autoritários*. R. CEJ, Brasília, n. 14, pp. 5-13, mai/ago 2001.

CORRÊIA, Louise Bastos. “Do Caos à Criação: uma leitura da obra de Stela do Patrocínio”. Revista do SELL. V. 5, No. 4 ISSN: 1983-3873, s/d.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COSTA, Renato Gama-Rosa; GONÇALVES, Ana Paula Casassola. “Evolução urbana da Colônia Juliano Moreira”. In: VENÂNCIO, Ana Teresa A.; POTENGY, Gisélia Franco (org.). *O asilo e a cidade: histórias da Colônia Juliano Moreira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone*. Revista brasileira de literatura comparada, Rio de Janeiro, n. 3, 1996.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÉ, Regina (org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

DALCASTAGNÉ, Regina. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 20, pp. 33-77, 2002.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. *Anthropology in the Margins of the State*. School of American Research, New Mexico, 2000.

DAS, Veena. *Life and words: violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2006.

DELEUZE; GUATTARI. *Kafka: por uma literatura Menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DÍAZ, Fernando Sobhie. *Os Movimentos Sociais na Reforma Psiquiátrica: o “Novo” na História da Psiquiatria do Brasil*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

ENGEL, M. G.: “As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social”. *História, Ciências, Saúde* — Manguinhos, V(3): 547-63, nov. 1998-fev. 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701999000100001&fbclid=IwAR1AIzqwKYT1VfV5muxcl5Hik7Xx2bN-u25ChGJI0Dk85gXSz9bGnj13H64](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100001&fbclid=IwAR1AIzqwKYT1VfV5muxcl5Hik7Xx2bN-u25ChGJI0Dk85gXSz9bGnj13H64)>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ENGEL, M.G., *Os delírios da razão: Médicos, Loucos e Hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

EVARISTO, Conceição. Entrevista ao Itaú Cultural, “Encontros de Interrogação”, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I&pbjreload=10>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

EXTRA – O globo. *Não quero ser mais louco. Nunca mais!* Publicado em 25 de maio de 2014. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/nao-querer-mais-ser-louco-nunca-mais-12596185.html>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

FACCHINETTI, Cristiana et al. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.733-768, do qual tratarei adiante.

FADEL, G.; ANTONIO, L.; AMARAL, J. “Entrevista com Stela do Patrocínio”. Disponível em: <<https://entrevistacomstela.wordpress.com>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

FANON, Frantz. “Racismo e cultura”. In: *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980, pp. 35-48.

FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: livraria Sá da Costa, 1980.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal Ltda, 2010. 28ª reimpressão.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attick*. Yale University Press, 1979. Second edition.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOGAN, Jessica; PUCU, Izabela; STIRLING, Alison; GRAY, Kate. “Cuidado como método”. Documentário, 2017.

- GOLDMAN, Marcio. *Segmentariedades e Movimentos Negros nas eleições de Ilhéus*. MANA, 7(2):57-93, 2001.
- GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, 1984, pp. 223-244.
- GREGORI, Maria Filomena. *Viração: experiências de meninos nas ruas*. São Paulo: editora Schwarcz Ltda., 2000.
- HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário - O senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LANGDON, E.J. *A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença*. Etnografica, 2001. V(2): p. 241-260.
- LEÃO, Rodrigo Souza. *Todos os cachorros são azuis*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: editora UERJ, 1991.
- LINO, Clodoaldo. *Stultifera navis*. Curta-documentário. 38 minutos. Rio de Janeiro, 1987.
- LOUGON, Maurício. *Desinstitucionalização da Assistência Psiquiátrica: Uma Perspectiva Crítica*. PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva, Vol. 3, Número 2, 1993, pp. 137-164.
- LUNA, Ive. *A maravilhosa expedição do falatório de Stella*. Moringa, João Pessoa, Vol. 1, n. 1, 45-53, janeiro de 2010.
- MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURICY, K. (org.). *Danação da Norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1978.
- MARTELLI, Celina M. T.; DUARTE, César V.; LIMA, Luis Carlos W.; SARDINHA, Marisa de F. M. “Colônia Juliano Moreira: o resgate de um compromisso com a dignidade humana”. *Rev. Adm. Pública*. 19(2): 78-97. Rio de Janeiro: abr/jun 1985.
- MBEMBE, Achille. *As sociedades contemporâneas sonham com o apartheid*. Entrevista. Revista Mutamba – Sociedade, Cultura e Lazer. Novo Jornal, Janeiro, 2014.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. São Paulo: editora UNICAMP, 2010.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. “Notas sobre o romance brasileiro de autoras negras”. *Revista Opiniões* (USP). 2010.

MISSE, Michel. *Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Civitas - Revista de Ciências Sociais 2008, 8 (Setembro-Dezembro) ISSN 1519-6089, pp. 371-385.

MOREIRA, Juliano. “Assistência aos Epilépticos - Colônia para Eles”. In: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, ano I, nº 2. 1905. Rio de Janeiro.

MOREIRA, R. “Entre palavras, cores e brinquedos - pensando a arte a partir de Arthur Bispo do Rosário e Stela do Patrocínio”. In: COUTINHO, F. (org). *A vida ao rés-do-chão: artes de Bispo do rosário*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. Pp. 11-25.

MOSÉ, Viviane. Apresentação. In: PATROCÍNIO, Stella do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001.

MUNANGA, Kabengele. *Um intérprete africano do Brasil: Kabenguele Munanga* (entrevista). In: DANTAS, Sylvia et al. *Revista USP*. São Paulo, n. 114, p. 31-44.

OLIVEIRA, Marcela Albo. *A EXPERIÊNCIA DAS PSICOSES: Um olhar teórico-clínico da Gestalt-Terapia*. Dissertação de mestrado. Brasília, UnB, 2015.

OLIVEIRA, Salete. “Estrela de vestido azul e óculos escuros”. *Verve: revista semestral autogestionária do Nu-Sol*. V. 1, ISSN: 1676-90902002). Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/issue/view/340/showToc>>. Acesso em: 05 Jan. 2020.

ORTNER, Sherry B. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (org.). 1979.

PATROCÍNIO, Stella do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001.

PENNA, João Camillo. *Escritos da sobrevivência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (Org.). *Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (Org.). *Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

PERPÉTUA, Elzira Divina. “Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 22. Brasília, janeiro/junho de 2003, pp. 63-83.

PERPÉTUA, Elzira. *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2000. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PHILLIPS, Anne. *The politics of presence*. USA: Oxford University Press, 1995.

PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Coleção margens. Lisboa: editorial Stampa, 1989.

QUEIRÓZ, Cleide. Palavra de Stela no programa “Em Cartaz”. TV Aberta. Apresentação de Atilio Bari. São Paulo, 06 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ajbv1RVvv8>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

RADOMSKI, A. M. *Leituras da desrazão: entre a poesia e a loucura*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009. Dissertação de Mestrado em Letras. 89p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n.79, pp. 71-94, Nov. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 set. 2019.

SAYERS, R.S. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SCHMIDT, Benito Bisso; GOMES, Ângela (orgs.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SCOTT, Joan. *A invisibilidade da experiência*. Tradução: Lúcia Haddad; Revisão Técnica: Marina Maluf. Proj. História, São Paulo, (16), fev. 1998. Pp. 297-325.

SERRA, Antonio A. *A psiquiatria como discurso político*. Rio de Janeiro: Achiamé Ltda., 1979.

PEREIRA, Cristina Rauter. *Os carreiristas da indisciplina*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SILVA, Gislene Maria Barral. “Loucura, mulher e representação: fronteiras da linguagem em Maura Lopes Caçado e Stela do Patrocínio”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 22. Brasília, janeiro/junho de 2003, pp. 95-111.

SILVA, Gislene Maria Barral. *Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea*. Tese de doutorado. Brasília, UnB, 2008.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2011. Tese de doutorado.

SILVERSTEIN, Elliot. “Um homem chamado cavalo”. Estados Unidos, 1970. Longa-metragem. Gênero: Drama.

SOARES, Silvio de Azevedo. “Raça e psiquiatria: uma análise genealógica da questão racial na

psiquiatria brasileira”. Século XXI, *Revista de Ciências Sociais*, v.7, no 2, p.252-283, jul./dez. 2017  
ISSN: 2236-6725, pp. 252-283.

SPIVAK, Gayatri C. *In other worlds*. Nova Iorque: Routledge, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Minas Gerais: editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Julius M. Museu Nise da Silveira. *OPINIÃO*. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&PagFis=218442&Pesq=%22Stella%20do%20Patrocinio%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=218442&Pesq=%22Stella%20do%20Patrocinio%22). Acesso em: 14 mar. 2019. [Acervo digital da Biblioteca Nacional].

UCHÔA, E; VIDAL, J. “Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença”. *Cad. Saúde Pública* vol.10 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 1994.

WADI, Yonissa, “‘Estou no Hospício, deus’: problematizações sobre a loucura, o hospício e a psiquiatria no diário de Maura Lopes Cançado’. (Brasil, 1959-1960)”, 2017. *Asclepio*, 69 (2): p196.  
doi: <http://dx.doi.org/10.3989/asclepio.2017.19>.

ZARA, Telma Beiser de Melo. *"Me transformei com esse 'falatório' todinho": cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stella do Patrocínio*. Dissertação de mestrado. Toledo, PR, 2014.

## REFERÊNCIAS DE ÁUDIO

CRIOLO, “Sucrilhos”. In: “Nó na Orelha”. São Paulo: Oloko Records, 2011.

DA MATA, André. “Filhos da Mata”. In: “Filhos da Mata”. 2018. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/album/7hGFLsZ10q2KY18pmLrwgk>>. Acesso em: 02 Jan. 2020.

EMICIDA, MAJUR, PABLO VITTAR. “AmarElo”. Laboratório Fantasma, 2019.

O RAPP. “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. In: “Navio negreiro”, Warner Music Brazil Ltda., 1994. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kVmOD1CtcPM>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

RACIONAIS MC’s, “Da ponte pra cá”. In: “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

RACIONAIS MC’S. “Salve”. In: “Sobrevivendo no Inferno”. Cosa Nostra Fonográfica, 1997.

SIMONE, Nina. “I Wish I Knew How It Would Feel To Be Free”. In: “Silk & Soul”. RCA Victor, 1967.

## JORNAIS, REVISTAS E OUTROS ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva). “Nota Pública contra a nomeação de Valencius Wurch Duarte Filho para a CGMAD/MS”, 2015. Disponível em:

<<https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/institucional/nota-publica-cgmadms/15248/>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CARNEIRO, Julia Dias (repórter). ““É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora””. BBC News. 09 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CARTA CAPITAL. Sem assinatura. “Comunidades terapêuticas: a violência no lugar da cura”, 2015. Disponível em: <[https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comunidades-terapeuticas-a-violencia-no-lugar-da-cura/amp/?\\_\\_twitter\\_impression=true&fbclid=IwAR1HB5nVJGGNa5d3EXwt9Bkn61N3ELG7rO1TrddCuEk\\_XzQaWI31ftJ\\_ZHg](https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comunidades-terapeuticas-a-violencia-no-lugar-da-cura/amp/?__twitter_impression=true&fbclid=IwAR1HB5nVJGGNa5d3EXwt9Bkn61N3ELG7rO1TrddCuEk_XzQaWI31ftJ_ZHg)>. Acesso em: 04 ago. 2019.

CEP 20.000. Sem nome, sem data. Disponível em: <[cepvintemil.wordpress.com](http://cepvintemil.wordpress.com)>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CHRISTIAN BERST ART BRUT. “Raimundo Camillo”, sem data. Disponível em: <<https://www.christianberst.com/en/artist/camilo.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.

FILGUEIRAS, Mariana. “Arraiá da branquitude”. Jornal O Globo, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-carta-aberta-professoras-da-ufrj-acusam-flip-de-promover-arraia-da-branquitude-19600181>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

GOVERNO FEDERAL. “Base de dados História e Loucura”. Disponível em: <<http://historiaeloucura.gov.br/index.php/instituto-municipal-de-assistencia-saude-nise-da-silveira>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ITAÚ CULTURAL. Entrevista de Conceição Evaristo ao Itaú Cultural, em 2015, intitulada “Encontros de Interrogação”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I&pbjreload=10>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO. “Cela”, sobre Bispo do Rosário e o Núcleo Ulisses Viana. Museu Bispo do Rosário. Disponível em: <<http://museubispodorosario.com/colonia/cela/>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO. “História”, sem data. Disponível em: <<http://museubispodorosario.com/museu/o-museu>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

TEIXEIRA, Julius M. Museu Nise da Silveira. OPINIÃO. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_11&PagFis=218442&Pesq=%22Stella%20do%20Patrocinio%22](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=218442&Pesq=%22Stella%20do%20Patrocinio%22). Acesso em: 14 mar. 2019. [Acervo digital da Biblioteca Nacional].

## **FONTES DOCUMENTAIS**

Base de dados do Acervo Judiciário do Arquivo Nacional;

Base de dados da plataforma FamilySearch;

Museu Bispo do Rosário (IMAS Juliano Moreira);

Museu de Imagens do Inconsciente (IMAS Nise da Silveira);

Prontuário n. 00694 do Instituto Municipal de Assistência à Saúde "Juliano Moreira";

Setor de Microfilmagens da Polícia Civil da Cidade do Rio de Janeiro (Jacarezinho/RJ);

Registros gerais do DETRAN/RJ.

### **ENTREVISTADOS**

Carla Guagliardi;

Denise Correa;

Julius Teixeira Martins;

Marcio Rolo;

Mônica Ribeiro de Souza;

Nelly Gutmacher;

Paulo Sergio Duarte;

Pedro Silva;

Ricardo Aquino;

Sobrinho de Stella do Patrocínio.

### **ACERVOS PESSOAIS CONSULTADOS**

Carla Guagliardi;

Denise Correa;

Mônica Ribeiro de Souza;

Sobrinho de Stella do Patrocínio.

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1. TEIXEIRA, Julius Martins. “Museu Nise da Silveira”. Colina Opinião, Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 nov. 1997.

# Museu Nise da Silveira

JULIUS MARTINS TEIXEIRA\*

*“A loucura é um momento difícil, porém essencial, na obra da razão. É sua força viva e secreta”*  
(Michel Foucault)

Lembro-me, ainda criança, durante minhas passagens pelo bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio, de inusitadas cenas daquelas estranhas figuras envolvidas em seus surrados e esfarrapados macacões azuis perambulando a esmo pelas ruas, imersos em suas misteriosas fantasias. Ainda hoje, durante as rápidas escapadas ou licenças, aproveitam para curtir uma fugaz liberdade, seja para mendigarem ou, tão somente, reciclarem seus tênues vínculos com o mundo externo ao asilo, a Colônia Juliano Moreira, hoje Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Comumente rotulados de esquizofrênicos – muitos não o são –, costuma-se atribuir à doença todo e qualquer comportamento ou idéias que manifestam, sendo-lhes, em geral, negado expressarem-se com liberdade através de seus peculiares códigos de comunicação e de sua intrigante simbologia. Inúmeras são as polêmicas científicas em torno dos fatores envolvidos na sua etiologia. A verdade é que a esquizofrenia, esta esquisita maneira de viver e de sentir o mundo, continua sendo o símbolo sagrado da psiquiatria e um desconcertante desafio para os profissionais de saúde mental neste final de milênio.

Há 15 anos trabalho na Colônia e convivo com prazer entre os internos. Não teria dúvidas em opinar favoravelmente sobre o valor moral dos loucos comparando-os com aqueles considerados normais. Assim como Jessen, psiquiatra do século 19, estou convencido de que é mais

uma honra do que uma vergonha adoecer afetivamente, pois, “só quem dispõe de afeto profundo pode cair, em geral, na doença afetiva”.

O medo e o preconceito em relação à doença mental tem sido um grande obstáculo para a sociedade compreender a loucura como uma força criativa na construção de nossa própria cultura. Neste sentido, entendo que o resgate da cidadania dos loucos passa necessariamente pelo esforço da sociedade em decifrar sua linguagem verbal, corporal ou plástica eivada de símbolos e metáforas que habitualmente utilizam nas relações que estabelecem com as pessoas, as palavras e as coisas que compõem seu universo.

O pioneiro trabalho desenvolvido pela doutora Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro, especialmente no âmbito da arte pictórica, abriu uma infindável perspectiva para o aprofundamento e desenvolvimento de inovadoras idéias no campo da relação arte/psiquiatria. Daí a justa homenagem prestada a ela pela Colônia Juliano Moreira ao rebatizar com o seu nome, em 1982, o museu que, desde a década de 50, levava o nome do neuropsiquiatra Egas Muniz, o inventor da lobotomia.

O Museu Nise da Silveira, através do projeto Memória da Loucura, vem ampliando suas atividades e aumentando a participação dos internos nas diversas oficinas com finalidade terapêutica e de ressocialização. Os carimbos, ofícios e as máquinas de escrever da viciada burocracia institucional – num ato de saúde – cedem espaço à poética e alegre obra de um Gilmar Ferreira, à pintura de um talentoso Leonardo Lobão e às ricas cores da nova revelação, a interna Patrícia, que terá sua exposição em janeiro no Museu Nacional de Belas Artes do Rio. Nesta ocasião, será lançado o livro da interna, já falecida, Stela do Patrocínio

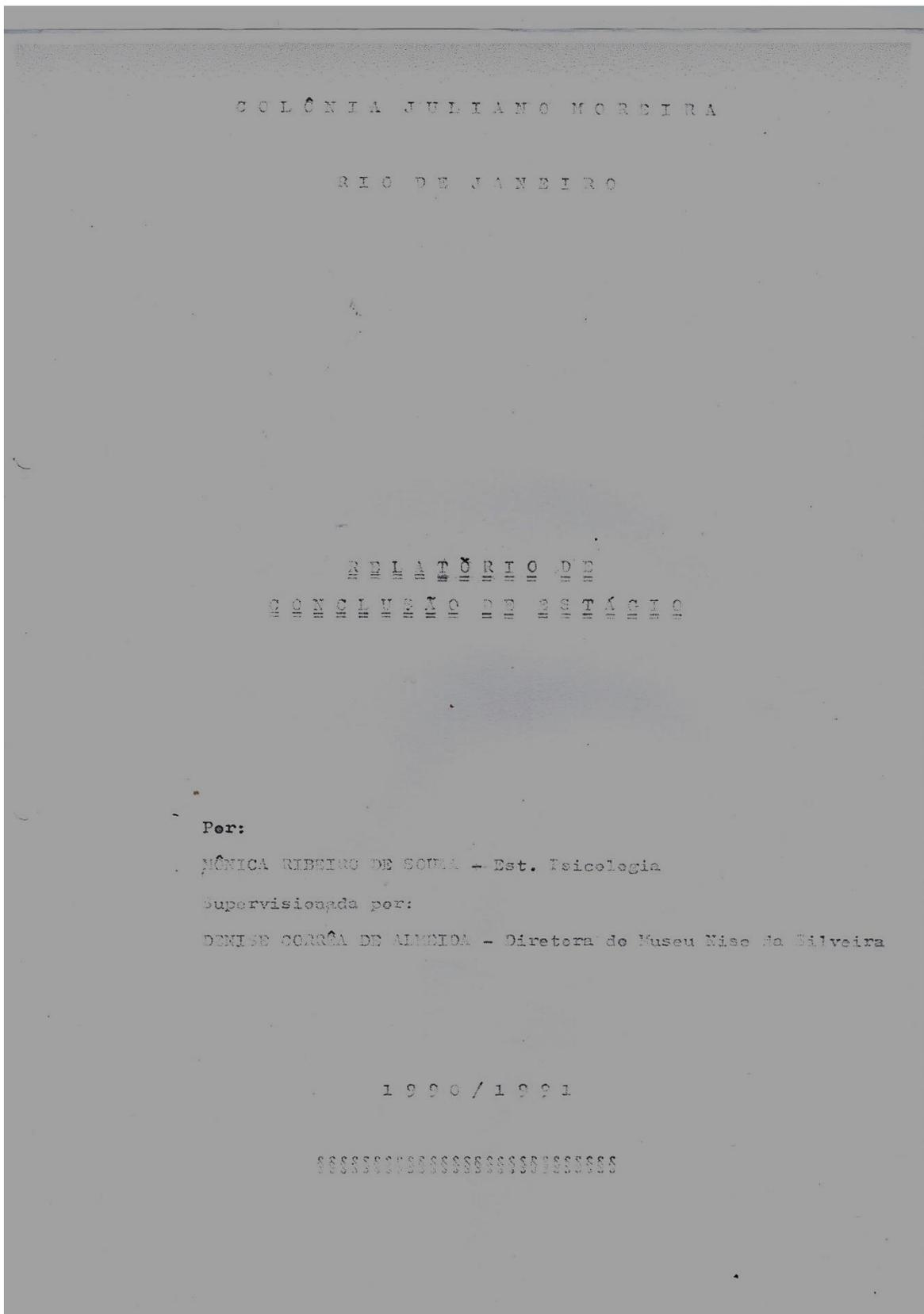
– a qual eu tive a honra de conhecer – com suas sábias e poéticas reflexões sobre a vida e a existência humana. Ainda como parte do referido projeto foi recentemente inaugurada a reserva técnica para abrigar a pujante obra do artista-louco ou louco-artista Arthur Bispo do Rosário.

Um dos maiores fenômenos no âmbito das artes contemporâneas, admirado e respeitado no mundo das artes, Bispo, um negro, diagnosticado como esquizofrênico paranoide, já teve sua obra exposta em vários países da Europa e, neste momento, está sendo mostrada, com muito sucesso, no México. Através da estetização do lixo manicomial, com sua genialidade, deu um sentido humano às quinquilharias e objetos de uso pessoal dos internos, expondo as chagas do sistema psiquiátrico que transforma pobres e negros em lixo descartável, produto de um modelo econômico-social que leva à impiedosa exclusão de seres humanos.

O sucesso do Museu, até aqui, dependeu, em grande parte, da dedicação da sua equipe coordenada pelo diretor, o psicanalista Jorge Gomes, com seu contagiante entusiasmo e espírito empreendedor, além do estimulante apoio de importantes setores da sociedade. No entanto, a continuidade do projeto que inclui, entre outras metas, a criação do Centro Cultural Bispo do Rosário (um centro de referência da memória da psiquiatria), na Praça 15, dependerá muito do compromisso social dos governantes e da sensibilidade humana dos empresários. Afinal, a memória da loucura precisa de seu espaço na sociedade como mais um importante instrumento na luta pela tão sonhada reintegração social dos nossos loucos.

\*Psiquiatra e membro da equipe do Museu Nise da Silveira

**ANEXO 2.** Capa e Introdução do Relatório de Conclusão de Estágio de Mônica Ribeiro de Souza para o levantamento biográfico das artistas do Museu do Paço Imperial

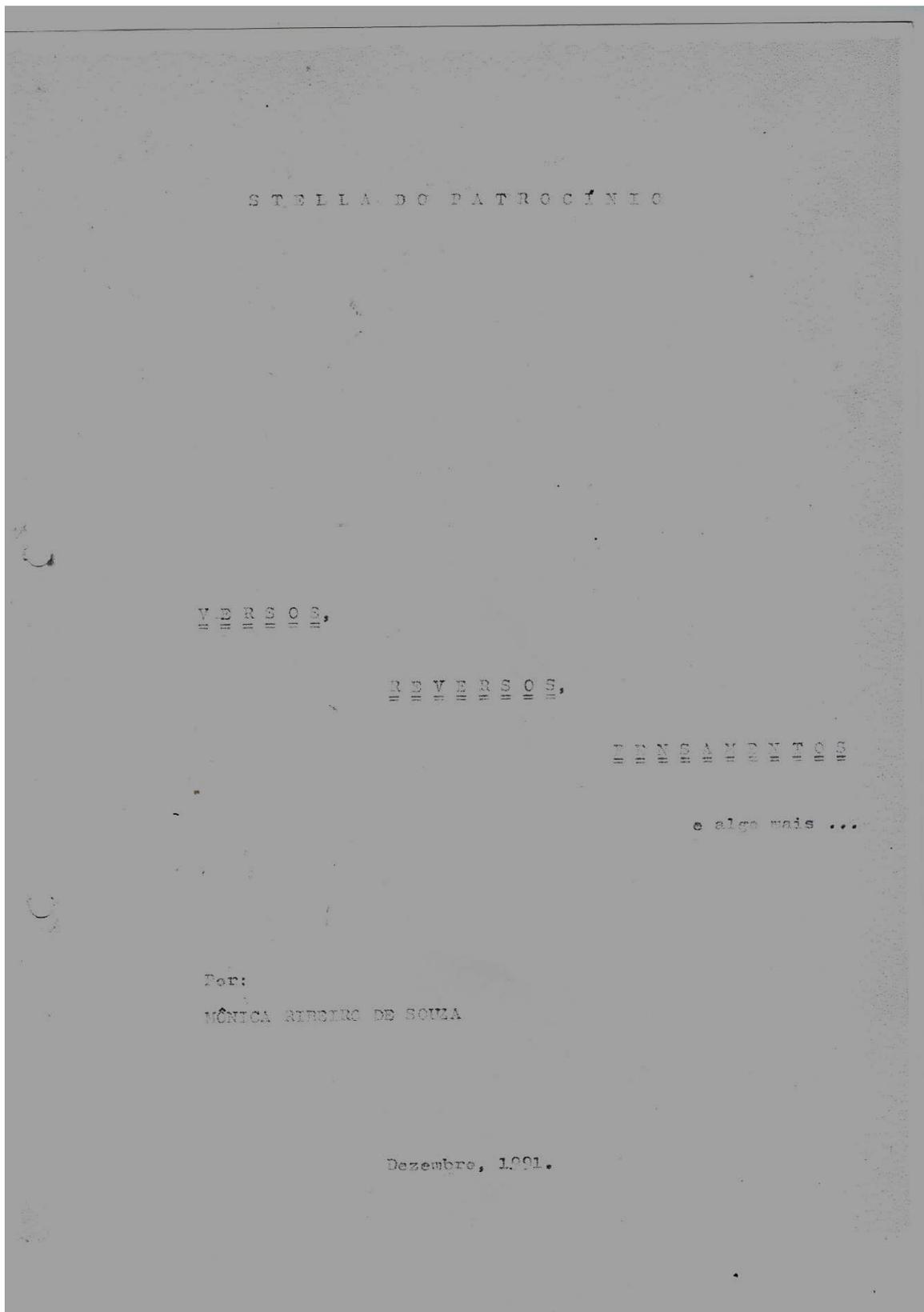




## INTRODUÇÃO

As pacientes que nos dispomos a pesquisar foram selecionadas de um grupo de aproximadamente 40 (quarenta) pacientes que participaram do Projeto Livre Criação Artística realizado no galpão do Núcleo Teixeira Brandão, tendo o trabalho destas pacientes que pesquisamos obtido os melhores apreços da equipe coordenadora do evento e, posteriormente sido exibidos no Paço Imperial, na Praça XV de Novembro, no Centro do Rio de Janeiro, na Exposição "O Ar do Subterrâneo". As pacientes são: Stella do Patrocínio, da 2a. Sessão, que apresentou versos; Iracema Conceição dos Santos, da 3a. Sessão, que apresentou instalação; Maria Hortênciana Bandeira da Costa, da 3a. Sessão, que apresentou desenhos; Maria José de Almeida Costa, da 3a. Sessão, que apresentou bonecas; Maria Jove, da 3a. Sessão, que apresentou desenhos; Neusa Ferreira Gomes, da 3a. Sessão, que apresentou roupas; Tereza de Jesus, da 3a. Sessão, que apresentou desenhos; Carolina Vieira Machado, da 4a. Sessão, que apresentou desenhos; Januária Marta de Souza, da 4a. Sessão, que apresentou desenhos e Simone Faria Maciel, da 4a. Sessão, que apresentou desenhos. Os dados que se seguem foram colhidos nos prontuários das Sessões, do SAME-NTB e no SAME da Sede (Tereza de Jesus, falecida nove meses antes da época em que a pesquisa foi realizada.

**ANEXO 3.** Primeiras páginas de *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...*, de Mônica Ribeiro de Souza



01.

## INTRODUÇÃO:

O presente trabalho é uma tentativa de organizar os principais pensamentos da paciente STÉLLIA DO PATROCÍNIO, internada no Núcleo Teixeira Brandão, na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro.

Institucionalizada desde 15 de Agosto de 1962, quando deu entrada no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, foi transferida para a Colônia Juliano Moreira em 03 de Março de 1966, onde vive até o presente momento. Sua vida cotidiana é determinada pela Instituição e é esta vida que a poeta sa exhibe em seus versos e seus pensamentos.

Este trabalho destina-se ao acervo do Museu Nise da Silveira, situado na Colônia e sob a direção de DENISE DE ALMEIDA CORRÊA, que supervisionou o mesmo.

M. R. S.

PRELÍCIO EM FORMA DE CARTA:

Stella:

Fei sob grande emoção que percebi e carinho que me possibilitou organizar este trabalho, me sinto honrada por participar da confecção do mesmo e, quanto ao seu desejo de que as entrevistas ficassem só na gravação, que você não achava bem escrever, porque perderia muito tempo escrevendo, eu te peço permissão para não atendê-la, pois não poderia escutar do mundo e que de tão belo você tem a oferecer, além de dar uma resposta àqueles que consideram o leuço como um detrito da sociedade, um não-humano cujo lugar é transpassado como as feras de campo.

Quem olhar para você e atentar apenas na sua exterioridade e se prender ao rótulo da leucura, perderá a oportunidade e a chance de se defrontar com a genialidade de alguns poucos privilegiados a quem a Arte e a Filosofia, dois dos detes mais elevados dos seres humanos, saturaram com seus atributos. Fico a conjecturar se os grandes vultos da humanidade nas artes, na ciência, na música, na literatura, tivessem, quando ainda no anonimato, sido encontrados pela viatura de alguma delegacia policial, cumprindo seu dever de receber das suas esvadias, se não os teria sequestrado e trancado num hospício, com a sigla da instituição no uniforme, de onde, talvez, já mais saíssem.

Você, com sua simplicidade e humildade tão comuns às pessoas especiais, sabe expressar num estilo poético-filosófico a amargura de sua vida, que não é só sua, mas como autêntica porta-voz dos leucos psiquiatrizados ou institucionalizados em geral, verbaliza sofrimentos e tristezas de quem vivencia a dor da perda total, inclusive do próprio Eu, em tamanha intensidade, que nem externar de maneira compreensível consegue. Sua história, Stella, é a história dos

03.

sequestrados da Sociedade como você, confinados nas instituições psiquiátricas, que usurparam para si o direito de determinar quem pode e tem condições de conviver na sociedade capitalista produtivista e quem não pode; estes últimos são as Stellas que, enquanto eram forças produtivas de trabalho, tinham o direito de ir e vir, mas que, após serem confinadas nos asilos, só podem passar pelo portão se e quando a Instituição deixar, devidamente autorizadas.

Considero mais interessante deixarmos de delongas, porque quem pode entrar e sair de asilo quando quiser, não usa uniforme de hospício, não é a pessoa mais capacitada para falar da sua dor e dos seus colegas de interação.

Fica aqui, de mim para você, meu afeto, a gratidão em saber que fui importante para você e a recíproca é verdadeira quando você diz que vai sentir saudades de mim e a minha falta.

Passo para você a palavra, pois você tem muito a dizer e eu, muito a ouvir e a aprender.

M. R. S.



"Eu sou STELLA PATROCÍNIO

bem patrocínada"

ANEXO 4. "A veia poética da interna Stella do Patrocínio". Matéria de jornal sem assinatura, sem data, recortada por Mônica Ribeiro de Souza. Rio de Janeiro, 1º de ago. de 1991.

Quinta-feira, 1 de agosto de 1991

## A veia poética da interna Stella do Patrocínio

A primeira vista, Stella do Patrocínio não difere muito das outras pacientes do pavilhão feminino Teixeira Brandão, na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Basta ouvi-la falar por alguns minutos, porém, para perceber que se trata de alguém especial. Poetisa sem palavras escritas, Stella só declama. Há quem não entenda e também as que se surpreendem com suas idéias inquietantes.

"Meu nome verdadeiro é caixão, enterro cemitério, defunto, cadáver, esqueleto humano, asilo de velhos, hospital de tudo quanto é doença, hospício, mundo dos bichos e dos animais. Dinossauro, camelo, onça, tigre, leão, dinossauro, macacos, girafas, tartarugas, reino dos bichos e dos animais é o meu nome. Um verdadeiro jardim zoológico, Quinta da Boa Vista".

O texto, por vezes absurdo, outras vezes, carregado do que há de mais cruel e profundo, é resultado de 29 anos de internação em instituições psiquiátricas — quatro no Hospital Odilon Galotti e 25 na Colônia Juliano Moreira. É consequência também



Foto de Elisa Franco  
Poetisa Stella do Patrocínio

de um caminho sem volta.

— Eu vim para ficar. Aqui vou assistir ao fim do Mundo — sentença a poetisa.

Em dezembro de 1988, seus poemas causaram impacto na mostra "Ar do subterrâneo", realizada no Paço Imperial, que reunia obras de artistas-pacientes da Colônia.

"Eu sonho quando estou dormindo, acordada não sonho não. Estou na realidade, não lembro de nada, de nenhum sonho que eu sonhe. A realidade é esta folha, este banco, esta árvore, esta terra, este prédio de dois andares, estas roupas estendidas na muralha. Faço força para lembrar o que aconteceu comigo durante o sono, mas não consigo".

### Alguns detalhes de seu passado foram descobertos há pouco tempo

Detalhes sobre o passado dela eram desconhecidos da direção da Colônia Juliano Moreira (CJM) até pouco tempo. A data de nascimento só foi descoberta depois de levantamento feito pela estagiária de psicologia Mônica Ribeiro de Souza.

— Ela insistia que seu aniversário era no dia nove de janeiro. Quando descobrimos, vimos que dizia a verdade — conta Denise Corrêa, da direção da CJM.

Existem dúvidas sobre o motivo pelo qual ela foi parar na 4ª DP, de onde foi encaminhada, em 1962, para o Centro Psiquiátrico Nacional. Alcoolismo? Vadiagem? Não se sabe. Stella se nega a falar.

— Já disse tudo o que tinha para dizer da mi-

nha vida. Agora, as palavras acabaram — diz ela, que é semi-analfabeta e conta com a ajuda das assistentes sociais para anotar suas poesias instantâneas.

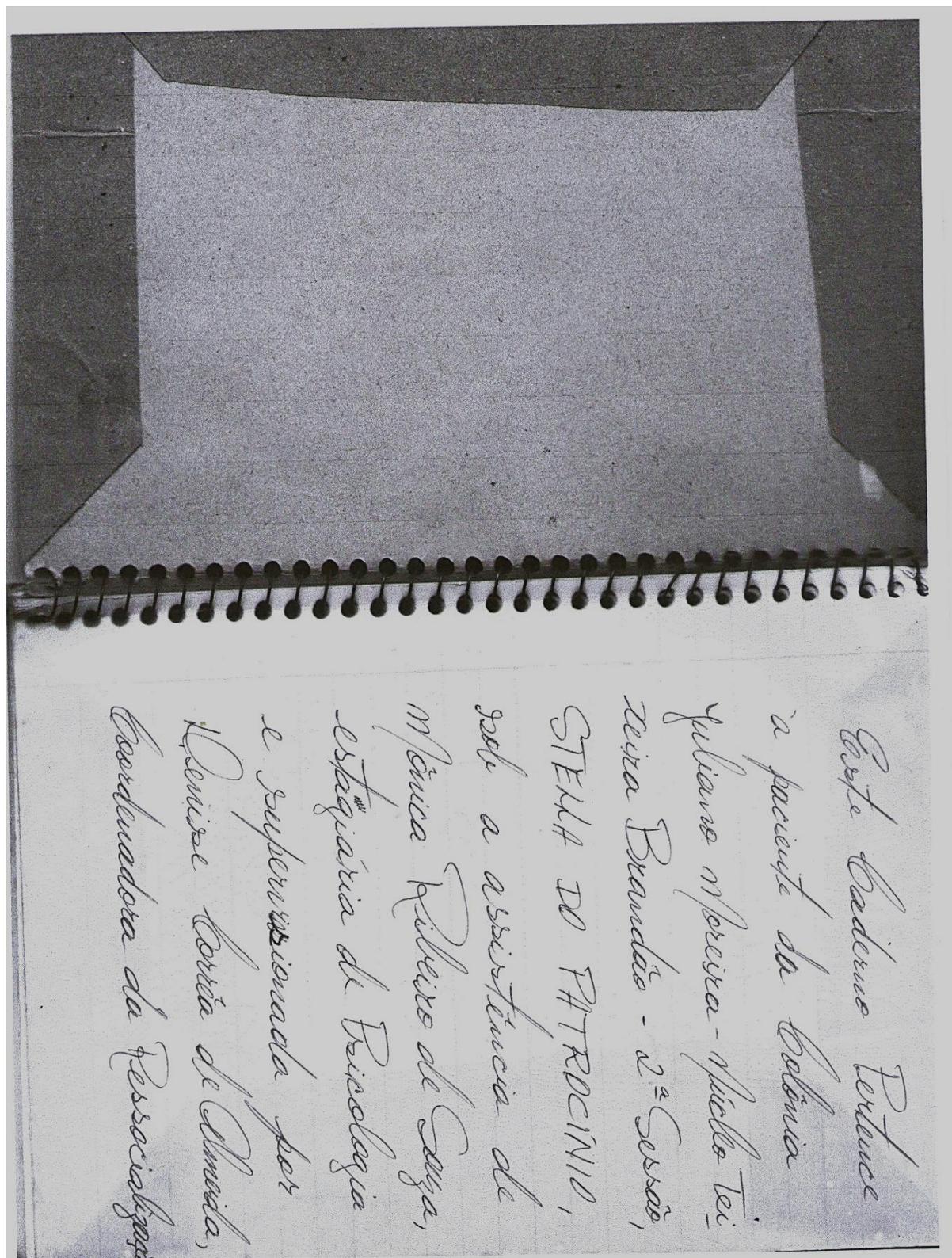
Aos 50 anos, Stella não tem muitas esperanças em relação ao futuro.

"Sobrevivi do nada, do nada. Eu não existia, não tinha matéria. Comecei a existir com 500 milhões e 500 mil anos logo de uma vez. Eu não nasci criança, nasci já velha. Depois é que eu virei criança e agora, continuei velha (...)".

Atualmente, ela já não quer mais fazer poesia. Carrega uma bolsa, na qual diz estar a morte. É um mistério tão grande quanto os poemas que diz, fingindo não saber.

**ANEXO 5.** Caderno de desenho de Stella do Patrocínio, entregue por Mônica Ribeiro de Souza em 20 de jan. de 1991.

Selecionamos apenas algumas páginas devido à qualidade de digitalização. Todas as imagens a seguir foram tratadas. (Este caderno é acervo de Ribeiro de Souza).

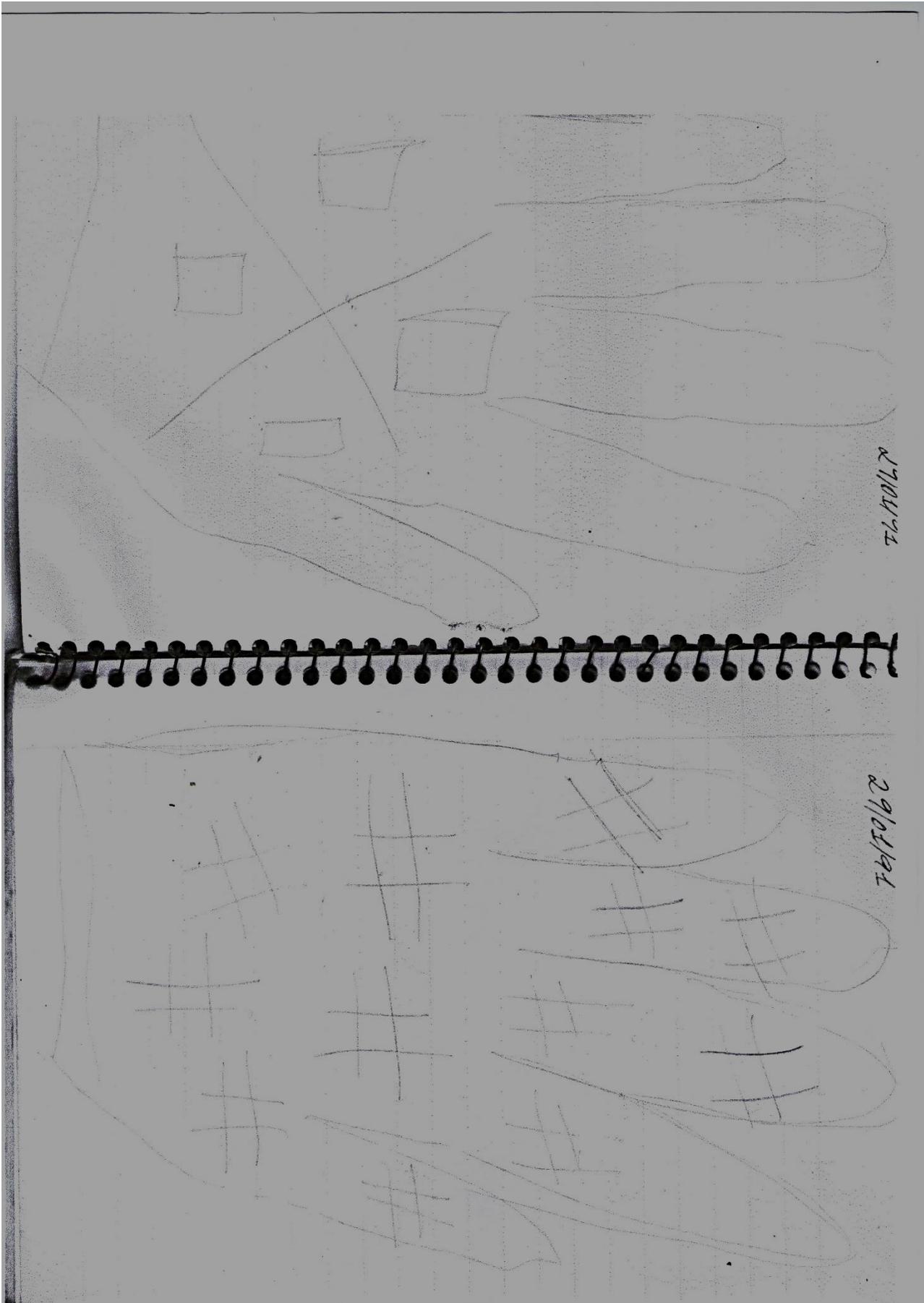




7/6/1917

7/6/1917

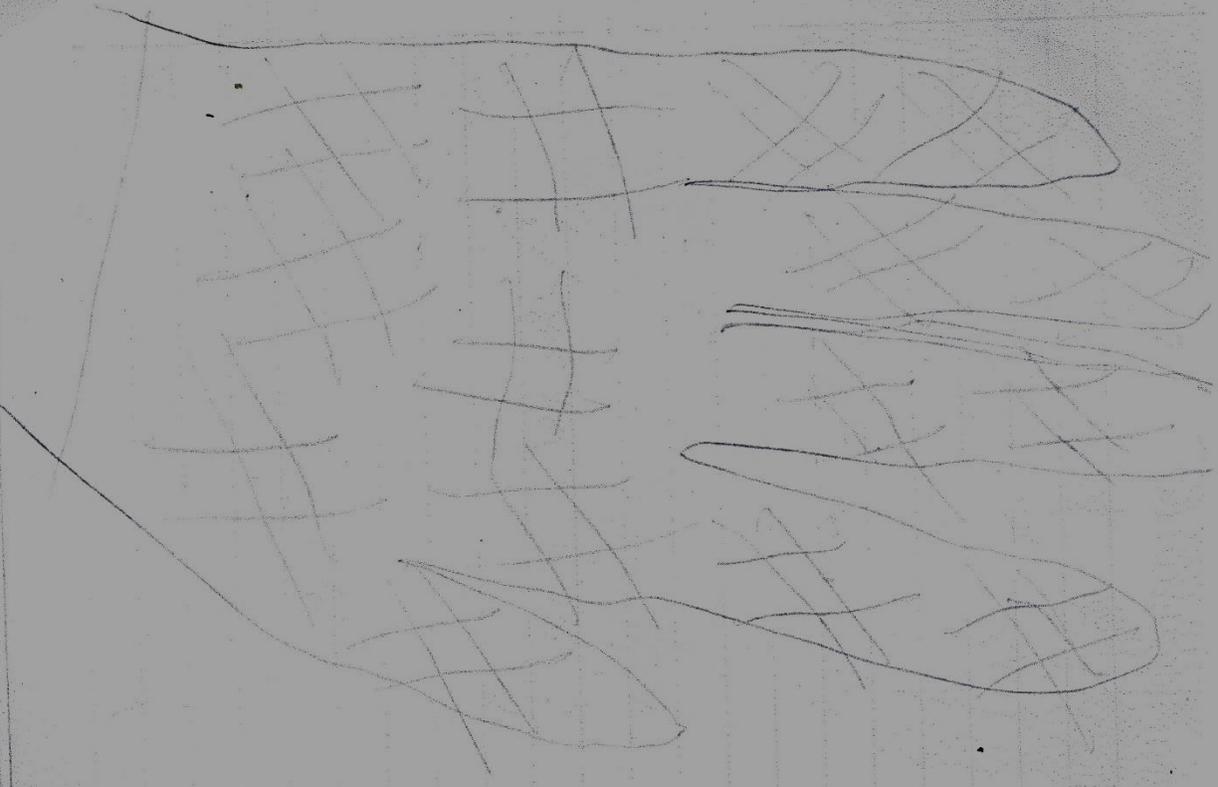
laranja - banana -  
 café - café - café - café  
 laranja - banana - café  
 laranja - banana - café  
 laranja - banana - café  
 leite condensado - queijo -  
 fruta - queijo de minas -  
 queijo catupiri - queijo -  
 milho verde - leite de coco  
 leite de leite  
 leite de leite

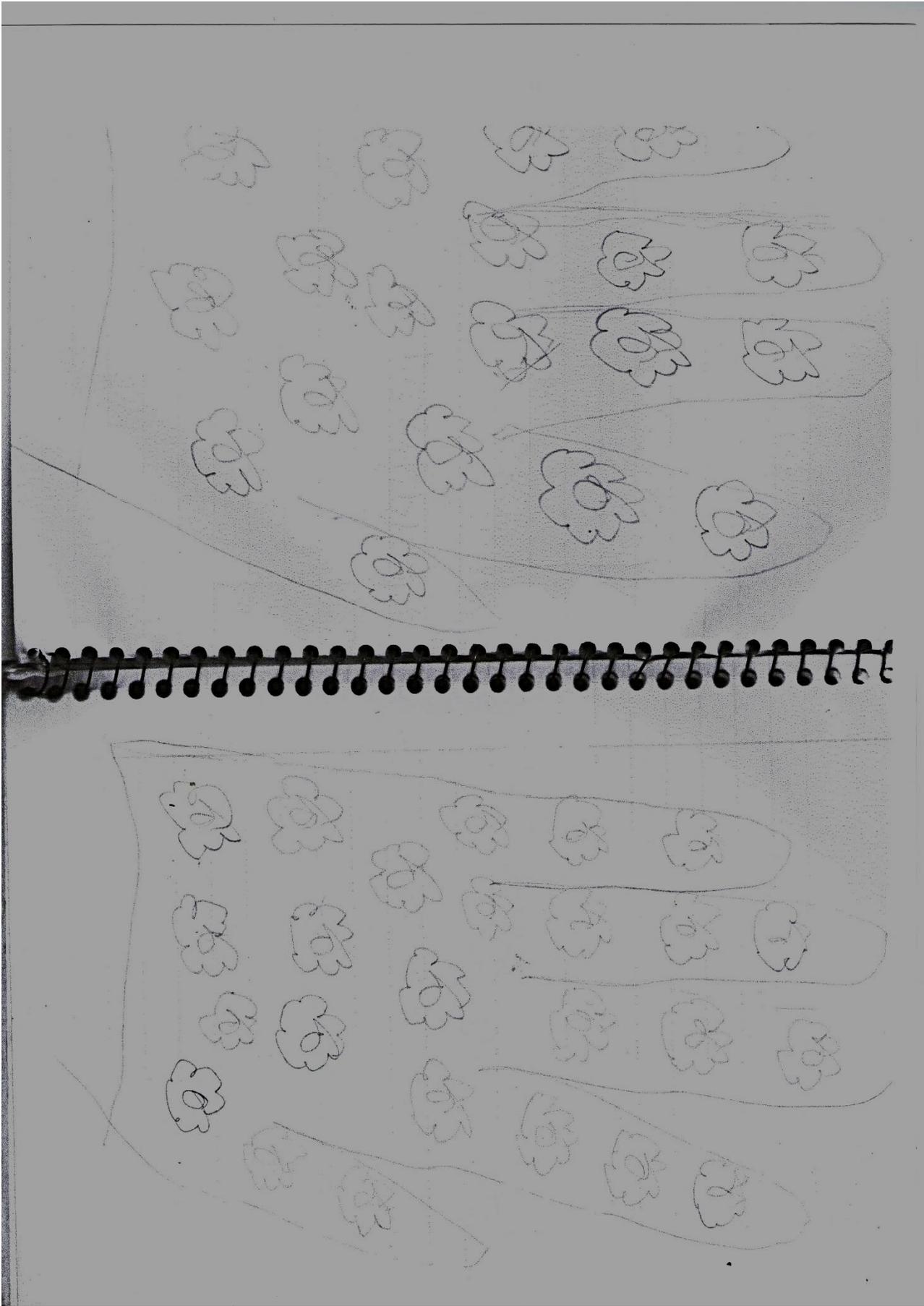


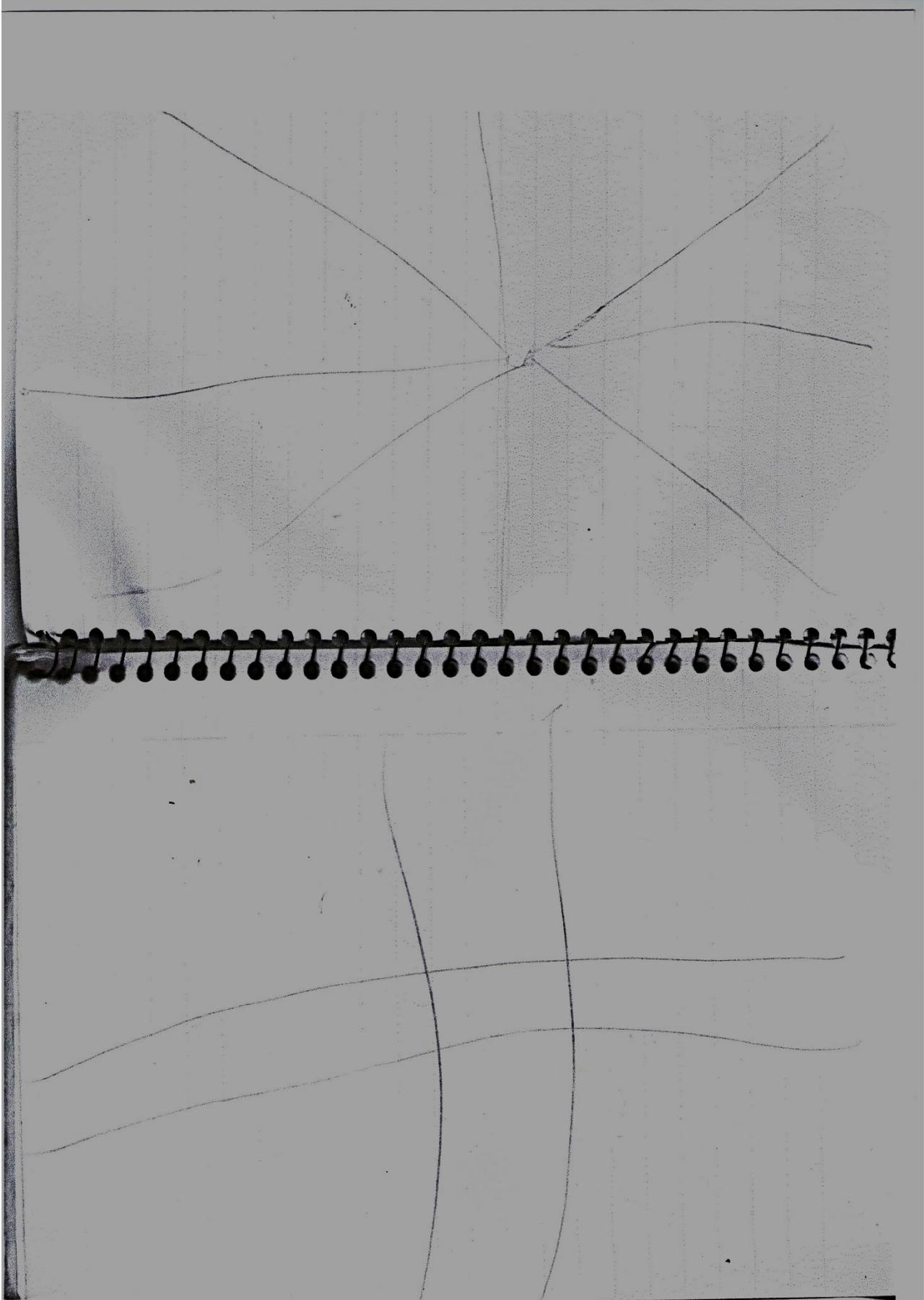
27/04/94

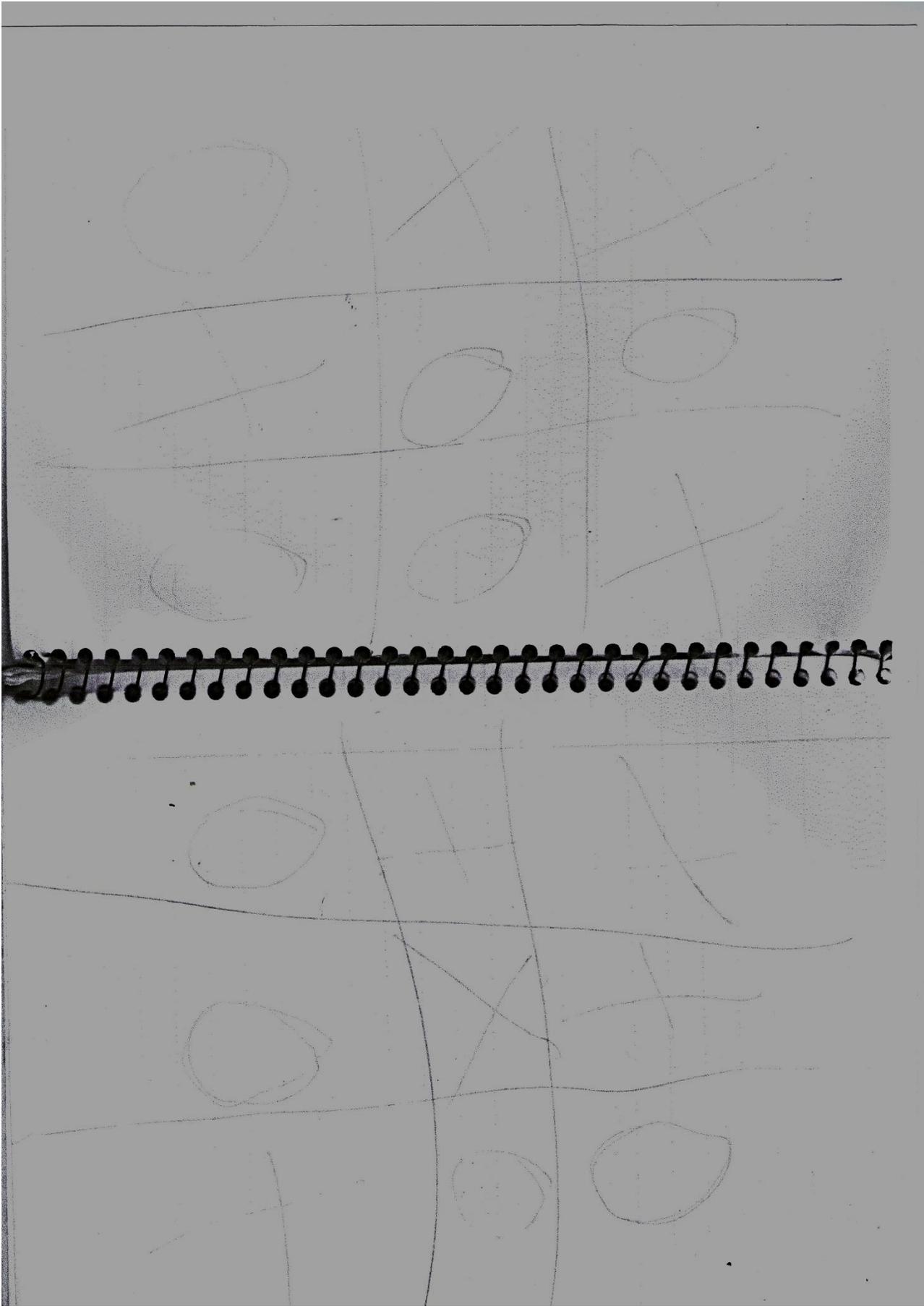
29/04/94

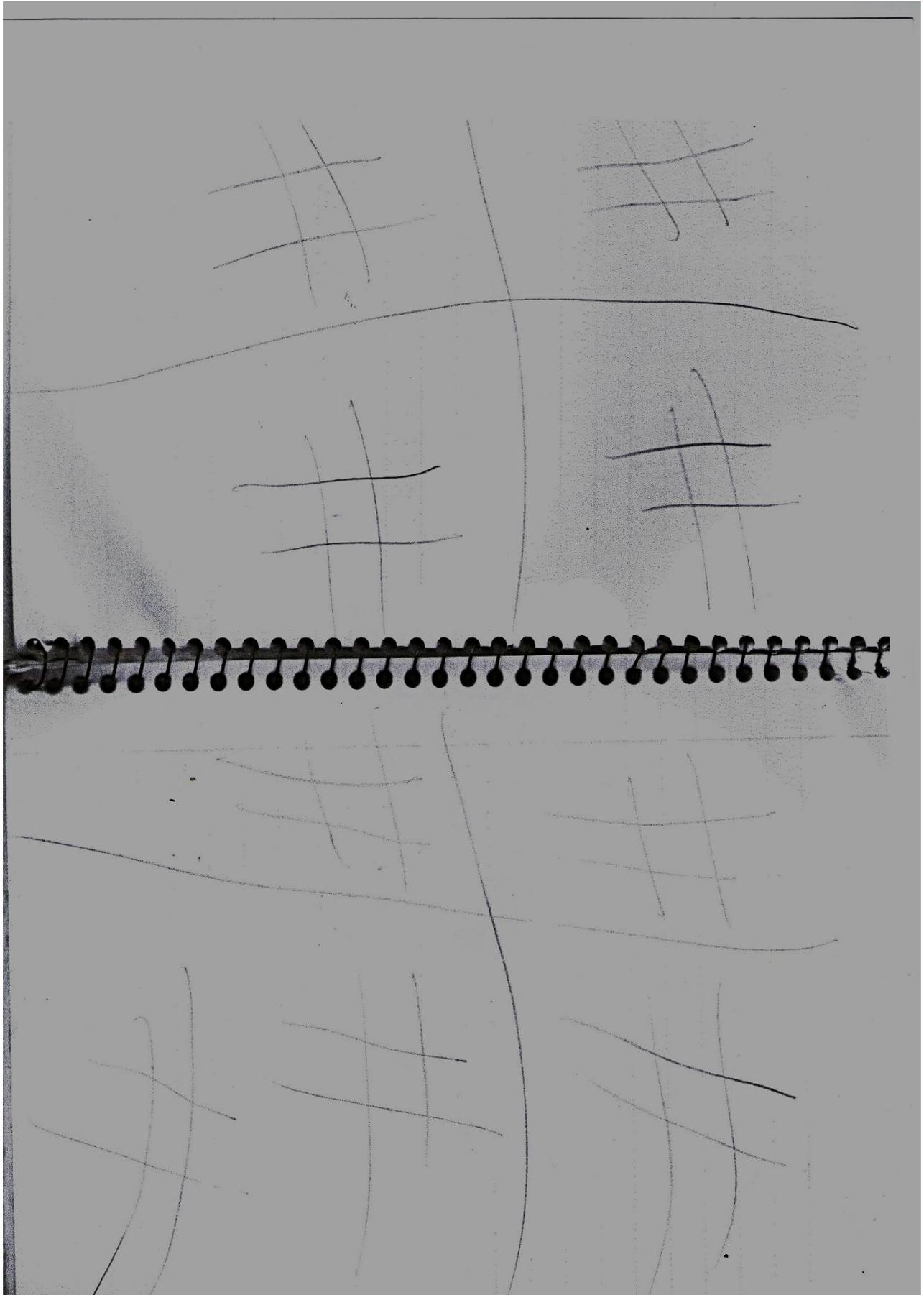
Larianya - Lanama  
 Larianya - Lanama

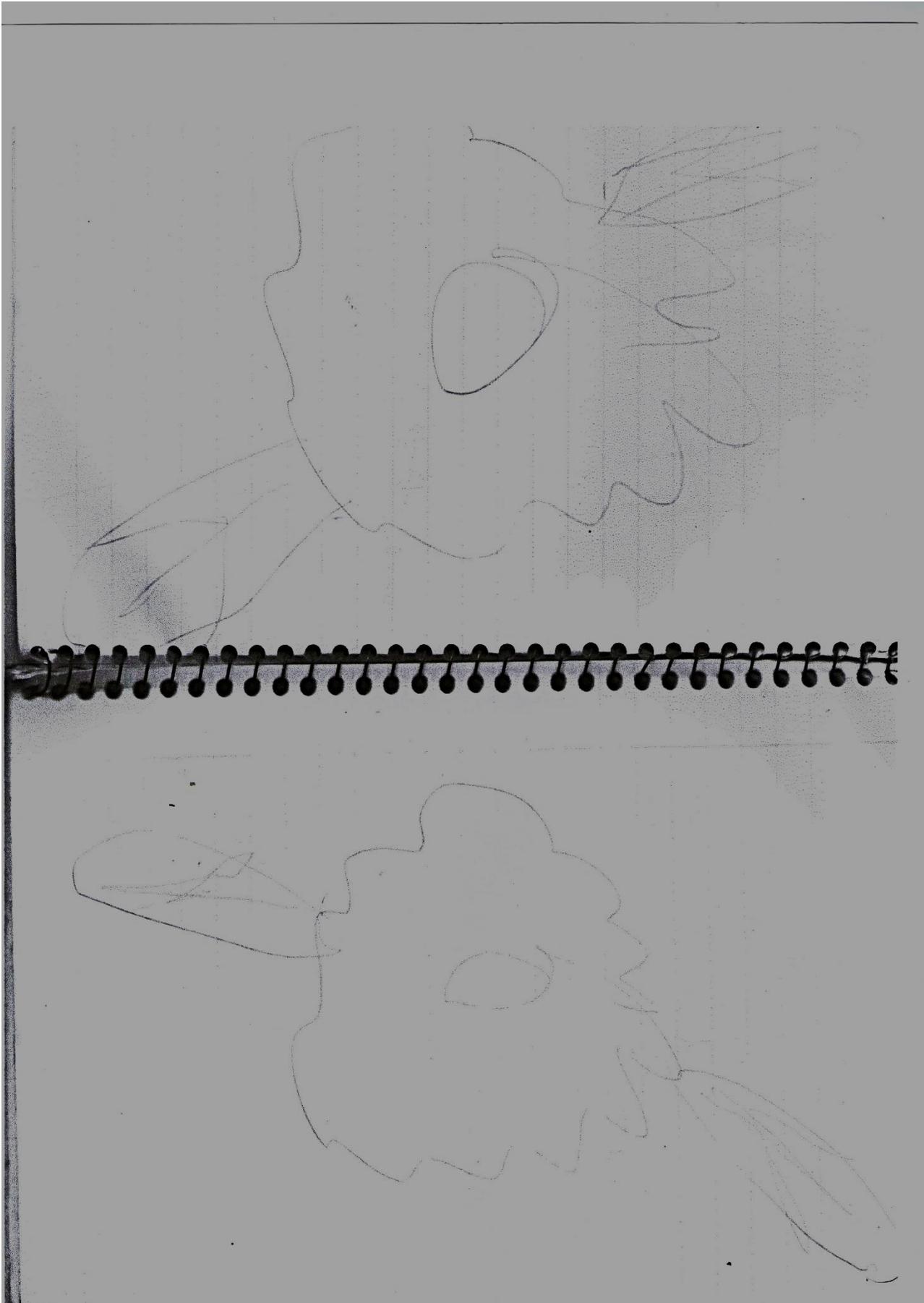






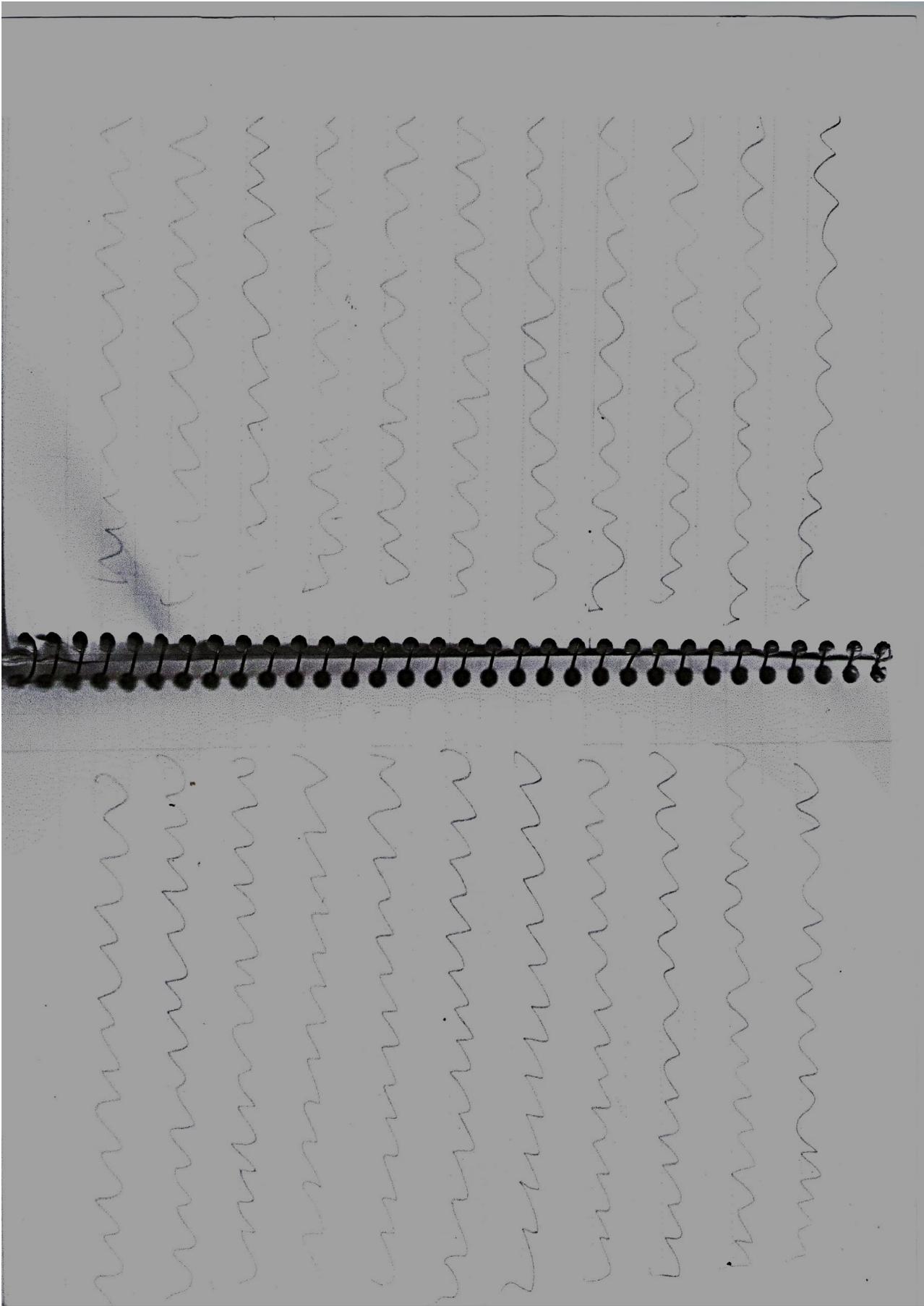


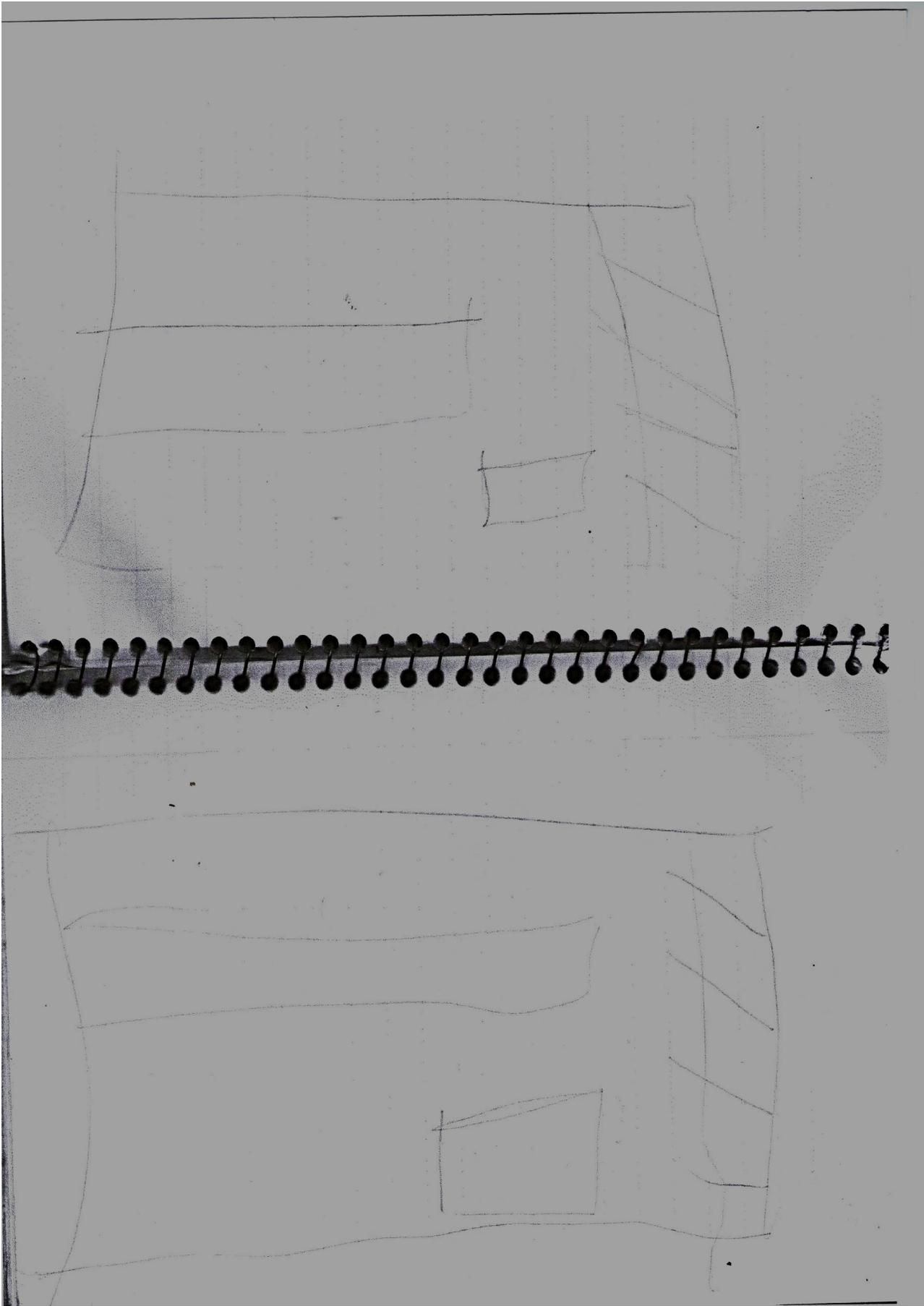


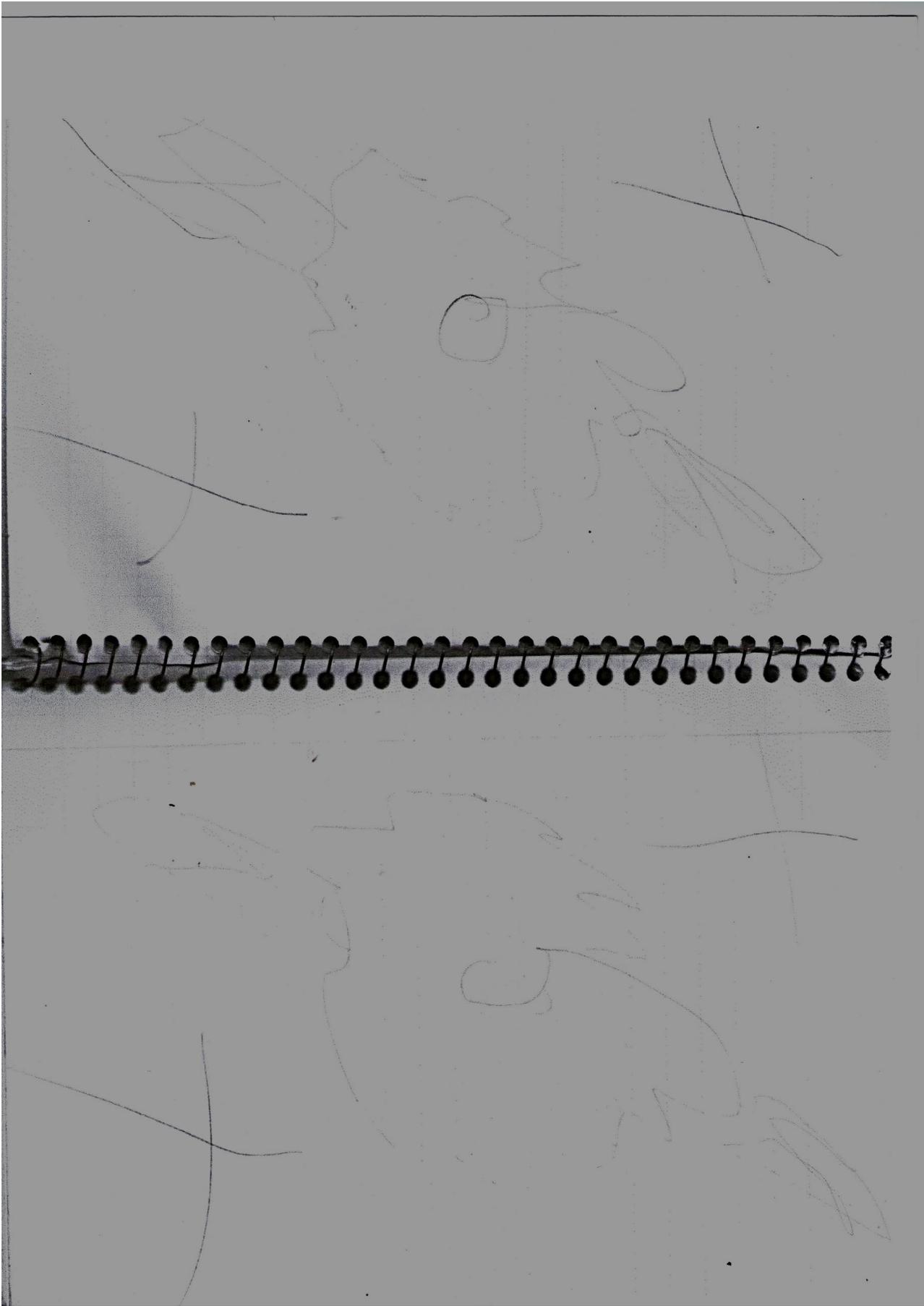


casa - mundo -  
 terra - terreno  
 predio - casa -  
 terra - terreno  
 terra - terra -  
 terra - terra -  
 terra - terra -  
 terreno - terreno  
 casa - casa - casa

casa - mundo  
 casa - mundo  
 casa - mundo -  
 terra - terra terra  
 terra - terra - terra  
 mundo - mundo  
 mundo - mundo  
 predio - predio  
 predio - predio  
 terreno - terreno

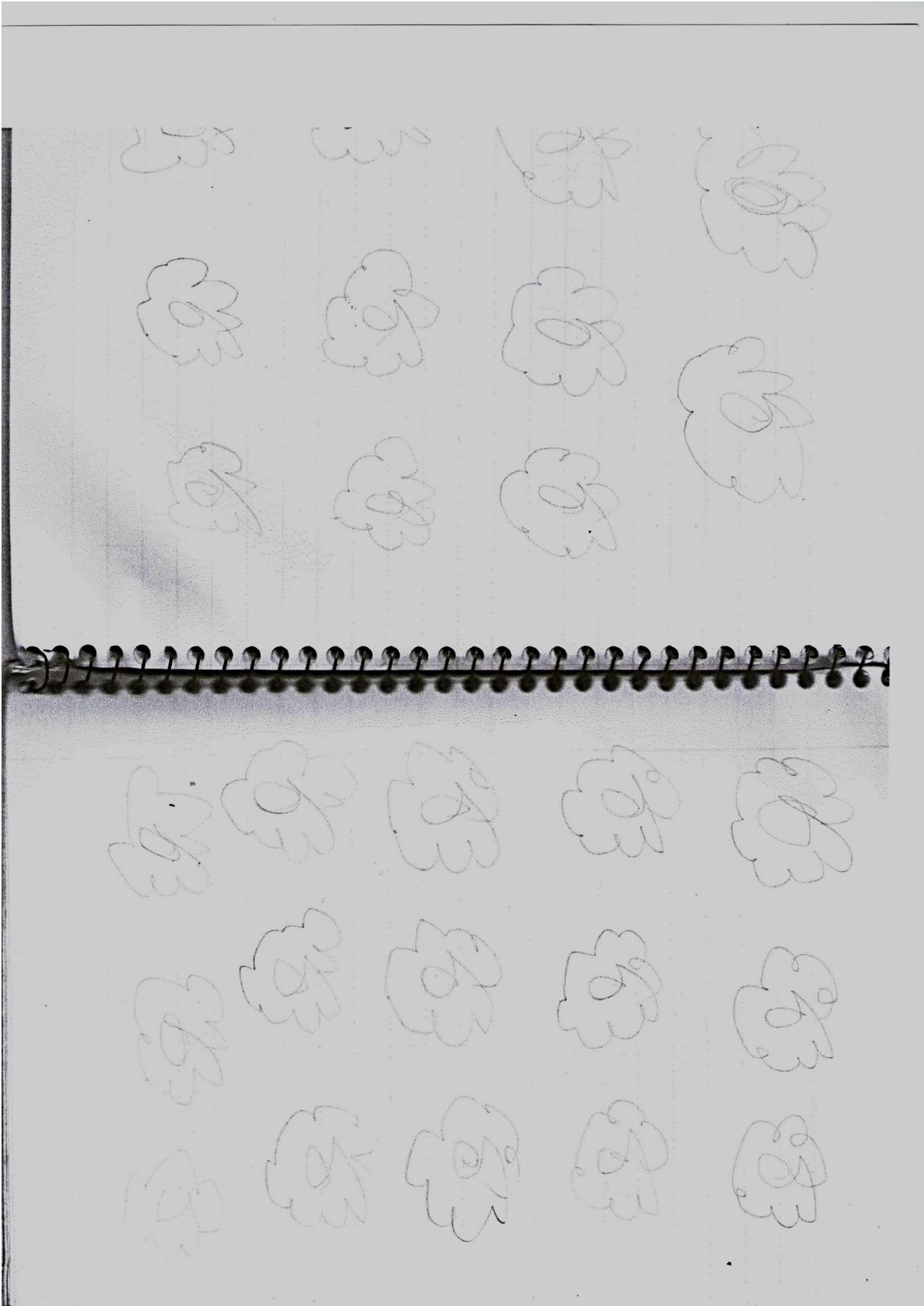




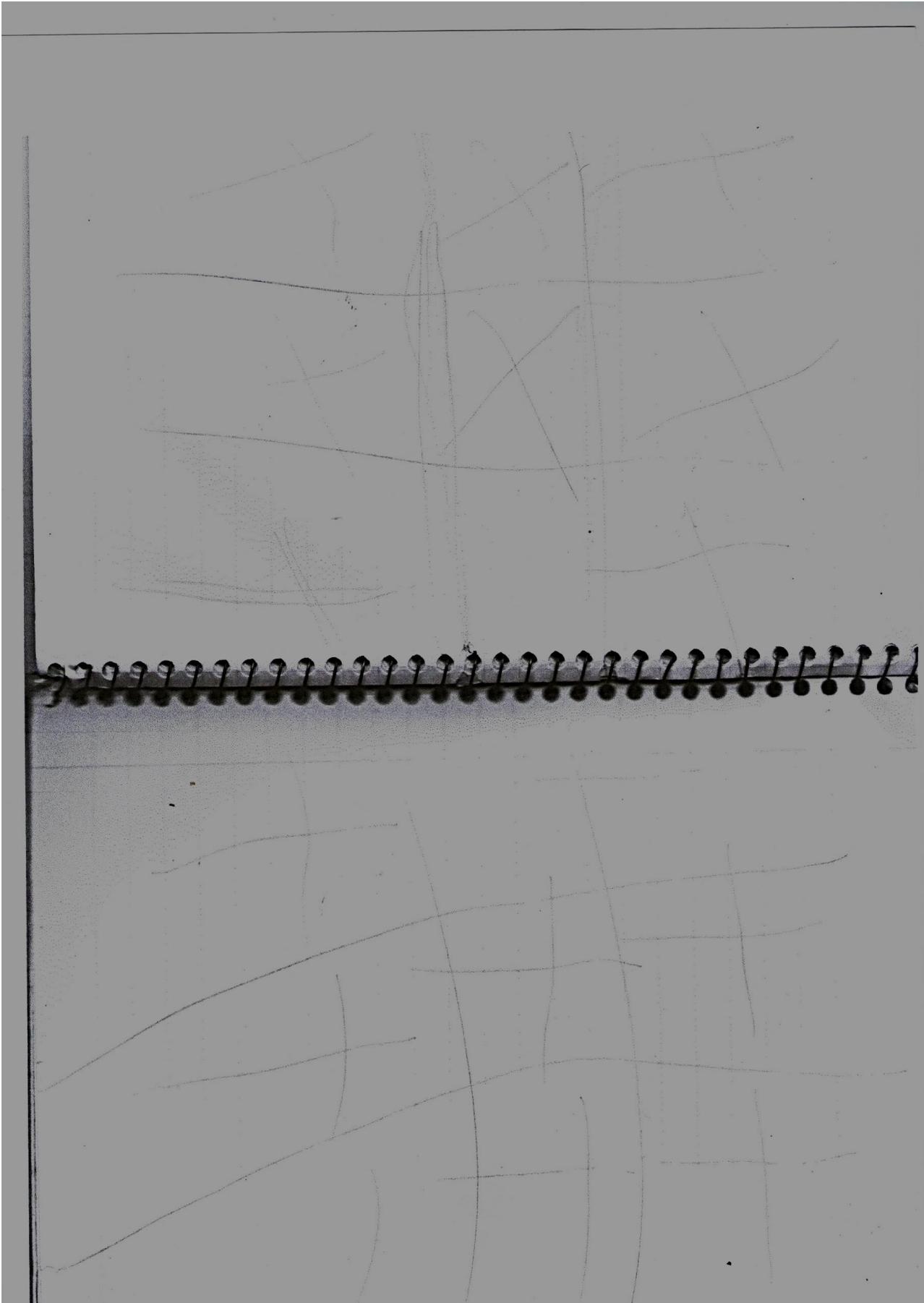


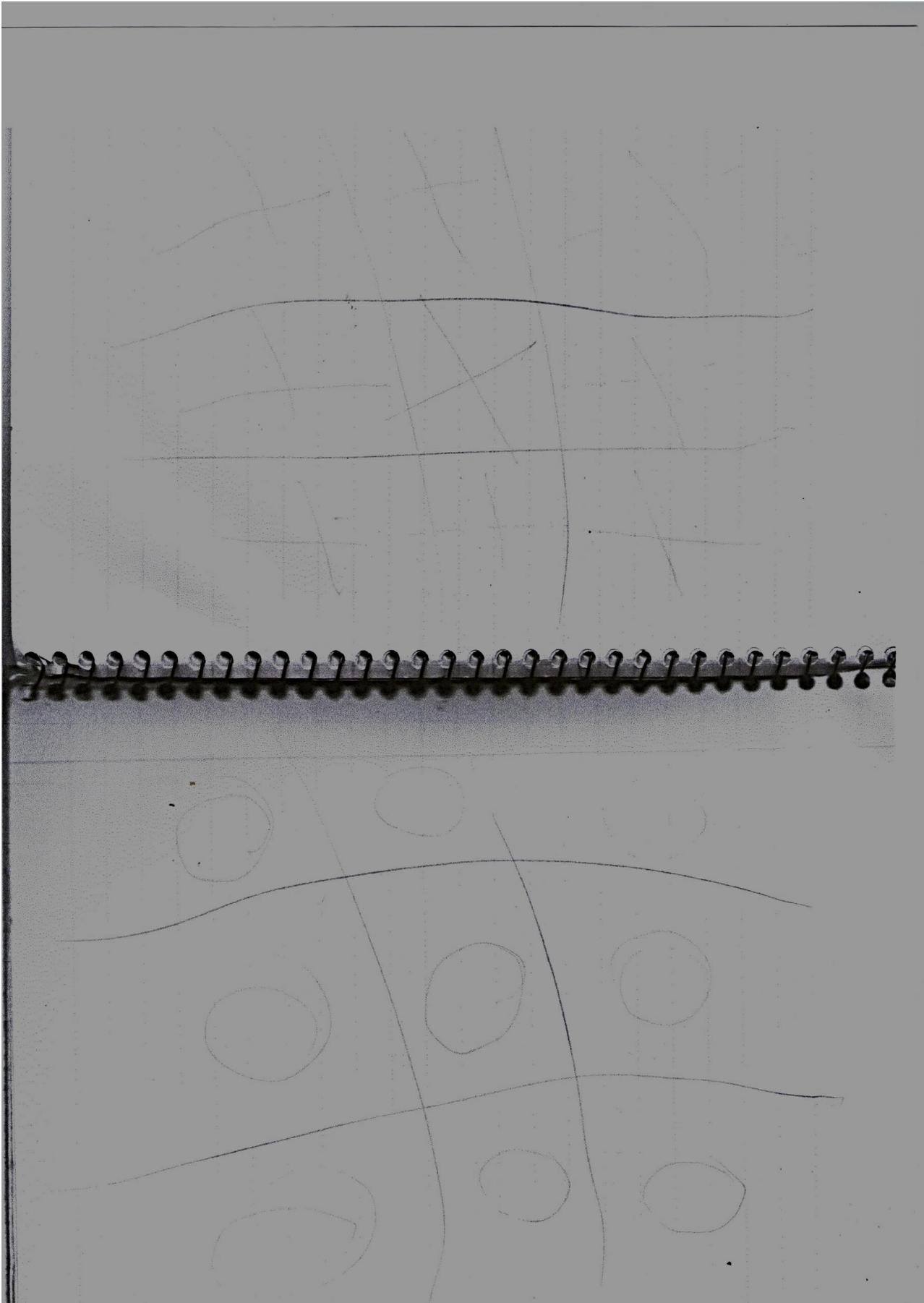
1-2-3-4-5-6  
 7-8-9-10-11  
 12-13-14-15  
 16-17-18-19-  
 20-21-22-23-  
 24-25-26-27-  
 28-29-30-31-  
 32-33-34-35-  
 36-37-38-39-  
 40-41-42-43-44-  
 45-46-47-48-49-

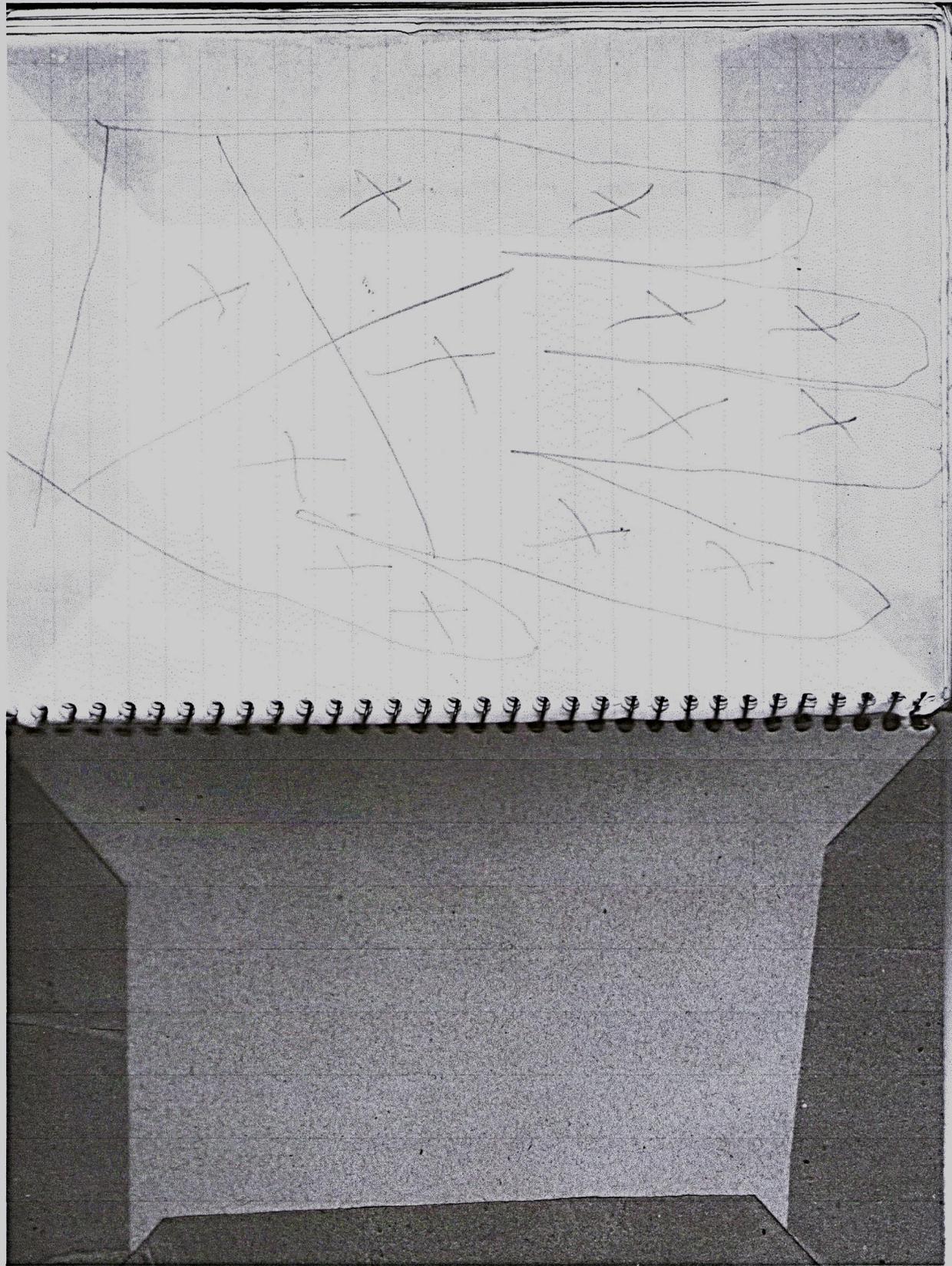
50-51-52-53-54-  
 55-56-57-58-59-  
 60-61-62-63-64-  
 65-66-67-68-69-  
 70-71-72-73-74-  
 75-76-77-78-79-80-  
 81-82-83-84-85-  
 86-87-88-89-90-  
 91-92-93-94-95-96-97-  
 98-99-100-101-102-  
 103-104-105-106-











**ANEXO 6.** Comparação entre *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e os materiais de Guagliardi e Ribeiro de Souza.

Apresento, aqui, o meu trabalho de comparação entre os três momentos distintos de gravação, transcrição e publicação do falatório de Stella do Patrocínio. São eles:

1. Gravações de conversas entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi (de 1986 a 1987), contendo 04 arquivos de áudio que totalizam 1 hora, 30 minutos e 49 segundos. Esses quatro arquivos são conversões em formato mp3 de duas fitas cassete. O primeiro, intitulado “01... tem mais de 12 anos...” (17’06’’); o segundo, “01 Peço, em acesso...” (29’56’’); terceiro, “01 só presto...” (22’48’’); e quarto, “02 Me ensinaram...” (29’39’’);<sup>175</sup>

2. O livro datilografado por Mônica Ribeiro de Souza, intitulado *VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...* (1991), resultado da transcrição do falatório de Stella do Patrocínio em conversas com Ribeiro de Souza entre 1990 e 1991, composto por: capa com o título; “Prefácio em forma de carta”; epígrafe “Eu sou STELLA DO PATROCÍNIO/ bem patrocinada” com a foto de Stella recortada da matéria de jornal (Anexo 1); 38 fragmentos do falatório em formato versificado; Índice em ordem alfabética. O livro totaliza 45 páginas;

3. A publicação do livro de poesia *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, por Viviane Mosé e Azougue editorial (2001), cuja fonte material foram as duas referências anteriores. O livro contém: capa; copyrights; dedicatória; agradecimentos; epígrafe; sumário; apresentação de Ricardo Aquino intitulada “Estrela”; Apresentação de Mosé, intitulada “Stela do Patrocínio – uma trajetória poética em uma instituição psiquiátrica”; 76 poemas organizados em 8 diferentes capítulos; um capítulo intitulado “Stela por Stela”, que consistiu em recortar e colar diferentes momentos de conversas entre Do Patrocínio e Carla Guagliardi; Cronologia.

Para facilitar a realização desta comparação, tomo como referência o livro publicado por Viviane Mosé. Isto para que fiquem evidentes as transformações realizadas para a edição e para a seleção de poemas na obra. Assim, a cada página desta comparação, primeiro reproduzo cada poema de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* para, em seguida, reproduzir as fontes utilizadas por Mosé em cada poema: ora os arquivos de áudio de Carla Guagliardi, ora o livro datilografado por Mônica Ribeiro de Souza, entendendo-os como fontes primárias – por terem sido o material de consulta da filósofa.

Ao fim da comparação, estão também anexados os poemas de *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* (1991) que não entraram na seleção de Viviane Mosé para a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001).

Há, nas duas últimas páginas, transcrições ou ao falatório de Stella do Patrocínio retiradas diretamente do Prontuário Médico n. 00694 do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Vale atentar às marcações de datas nessas reproduções e a maneira como os médicos e enfermeiros relatam o que ouviram.

Vamos à comparação:

<sup>175</sup> Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista.

***Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*****Parte I: “Um homem chamado cavalo é o meu nome”**

Eu estou num asilo de velhos  
 Num hospital de tudo que é doença  
 Num hospício, lugar de maluco louco doido  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 47).

Eu estou num asilo de velhos  
 Num hospital de tudo [quanto] <que> é doença  
 Num hospício, lugar de maluco louco doido<sup>176</sup>  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 09).

---

<sup>176</sup> Ao longo de todas estas páginas de comparação, vali-me de sinais gráficos que pudessem auxiliar a evidenciar as modificações feitas por Viviane Mosé em relação aos áudios de Carla Guagliardi ou às transcrições de Mônica Ribeiro de Souza. Os sinais gráficos utilizados são: [ ] quando Viviane Mosé suprime alguma fala ou texto em relação aos materiais recolhidos; < > quando Viviane Mosé insere algum elemento que não consta nos materiais originais, geralmente acentuações, pronomes pessoais ou algumas sentenças frasais; ( ) quando trago informações que julguei pertinentes para que compreendêssemos como foram feitas essas edições e como constam nos originais; ↓ para marcações de quebras de versos feitas por Viviane Mosé quando o material é comparado ao livro de Mônica Ribeiro de Souza; ↑ quando, ao comparar com os poemas transcritos por Mônica Ribeiro de Souza, houver alteração de Viviane Mosé no sentido de suprimir criações de versos; ¶ quando Mosé cria estrofes. Também utilizo o recurso da caixa alta para marcar sentenças ditas com mais ênfase nos áudios de Carla Guagliardi. Isto será importante para percebermos a dinâmica das conversas/entrevistas.

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Lu<ís> [z], com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana,[...] aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Lu<ís> [z], ao lado do Lu<ís> [z], o Lu<ís> [z] [foi ao bar, eu estava ao lado do Luiz, caminhando ao lado do Luiz na Rua Voluntários da Pátria, ... caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luiz, o Luiz] entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma <C>[c]oca-<C>[c]ola e um pão de sal com salsicha<,> [;] ele tomou a refeição[,] sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim<,> [;] aí ele tomou[.] <,> [Q] <q>uando ele acabou [que] nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que <es>tava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos[;] <,> o óculos pulou no chão, [eu caí, o óculos pulou no chão,] na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio [...] <,> aí veio uma velhinha<,> na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim parar de ficar chorando[;] <,> aí veio uma dona [,] me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da [P] <p>raia de Botafogo<,> e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletro[-]choque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, [mas não disse pra onde, “carreguem ela”, ...] ela achou que tinha o direito de me governar na hora [,né?], me viu sozinha, e Lu<ís> [z] não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi<,> porque eu fiquei<,> de repente, de repente<,> eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu<,> mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Lu<ís> [z] <,> [.] <o> [O] Lu<ís> [z] é meu amigo<,> [;] aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”<,> deu ordem, [“carreguem ela”, na ambulância], “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital. (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, pp. 48-49; *VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, pp. 5-6).<sup>177</sup>

<sup>177</sup> Um outro relato de Stella sobre a sua condição de internação está presente no arquivo de áudio n. 1, “01... tem mais de 12 anos...”:

“Quem que trouxe você pra cá pra Colônia?

*Foi quando a Ana, essa que tava na vigilância aqui (inaudível) foi quando a Ana me descobriu que eu tava na rua com o Luiz. Eu nega preta crioula, Luiz nego preto crioulo ao meu lado, quando me abandonou um pouquinho pra ir no bar pra se alimentar e eu fiquei sem alimentação, ele sentou na cadeira e procurou mesa e tomou uma coca-cola, e comeu um pão de sal com salsicha e eu fiquei em pé lá no bar sem alimentação, e sai, ele também saiu eu perdi o óculos, ele ficou com o óculos, e era Botafogo, praia de Botafogo, enquanto enquanto isso,... eu... enquanto isso, enquanto eu... eu fiquei sem alimentação e ele ficou com o óculos, essa troca de ideias, (risadas externas) essa troca de sabedoria, essa troca de esperteza, de an, de adiantamento, de sabedoria, de esperteza, de adiantamento, de... sabedoria, de esperteza, de adiantamento, de ideia, enquanto isso... enquanto isso, ele...”. (Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).*

Ainda era Rio de Janeiro, Botafogo  
 Eu me confundi comendo pão  
 Eu perdi o óculos  
 Ele ficou com o óculos  
 Passou a língua no óculos pra tratar o óculos  
 com a língua  
 Ela na vigilância do pão sem poder ter o pão  
 Essa troca de sabedoria de ideia de esperteza  
 Dia tarde noite janeiro fevereiro dezembro  
 Fico pastando no pasto à vontade  
 Um homem chamado cavalo é o meu nome  
 O bom pastor dá a vida pelas ovelhas  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 50).

[Mas a SUA família, seu pai, sua mãe, seus irmãos, você não tem?  
*Eu sou indigente não tenho ninguém por mim*  
 Não tem ninguém?

*Não, porque quando eu produzi, que eu pari, eu tava subindo a escada com uma criança. Eu ainda era clara, branca. Da noite pro dia eu fiquei branco, ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branco, eu fiquei preto. Eu sei que eu tomei cor. Nos gases eu me formei, tomei cor. Aí eu já produzi uma criança no colo, outra no... outra no corpo, sem saber... que eu tava produzindo uma criança... pequena de tamanho grande, e de saúde, eu também tava com saúde, eu ia pra subir sempre a escada com as duas crianças,... e deixar no apartamento.. e ir embora, ou então tornar a descer a escada com duas criança.] Era Rio de Janeiro, [ainda era] Botafogo[,] eu[...] me confundi[.] Comendo pão[, ganhando pão...]*

(Arquivo n. 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

*[...] [ele sentou na cadeira e procurou mesa e tomou uma coca-cola, e comeu um pão de sal com salsicha e eu fiquei em pé lá no bar sem alimentação, e saí, ele também saiu] eu perdi o óculos[, ele ficou com o óculos, e era Botafogo, praia de Botafogo, enquanto, enquanto isso,... eu... enquanto isso, enquanto eu... eu fiquei sem alimentação e] ele ficou com o óculos <pra tratar o óculos com a língua/ Ela na vigilância do pão sem poder ter o pão> essa troca de [ideias] <sabedoria>, [essa troca de sabedoria] <ideia> [, essa troca] de esperteza[, de an, de adiantamento, de sabedoria, de esperteza, de adiantamento, de... sabedoria, de esperteza, de adiantamento, de IDEIA, enquanto isso... enquanto isso, ele...]*

(Arquivo n. 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

[E aqui, o que cê faz aqui na Colônia? Como é, como é que é o teu dia a dia aqui na Colônia? Cê acorda de manhã, e faz o quê?

*[É.. segunda terça quarta quinta sexta sábado domingo janeiro fevereiro março abril maio junho julho agosto setembro outubro novembro dezembro,] dia tarde noite <janeiro fevereiro dezembro> [Eu fico co... eu fico... pastando à vontade. Só pasto.] Fico pastando no pasto à vontade[.]*

*Que nem cavalo.*

É?

É

E você go...?

*Ele já disse:] um homem chamado cavalo é o meu nome*

[É mesmo? Mas você gosta dessa vida, Tereza?

*Gosto.*

Gosta?

*Gosto de ficar pastando à vontade (risadas externas). Ficar só pastando.*

E você não tem vontade de fazer outra coisa?

*Não, não tenho vontade de fazer outra coisa a não ser ficar pastando, pastar pastar pastar pastar, ficar pastando à vontade (risadas externas).] O bom pastor dá a vida pelas [suas] ovelhas. [A lei é dura mas é lei. Dura led sed lex no cabelo só gumex. É,... Jesus cristo é o filho de deus feito homem. Jesus cristo morreu enquanto homem, porque enquanto deus... não podia sofrer nem morrer. Os pais de Jesus cristo e me... e menino Jesus, é José e Maria já velhos.]*

(Arquivo n. 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>178</sup>

---

<sup>178</sup> Nota-se, aqui, que, embora os trechos estejam no mesmo arquivo de áudio, tratam-se de diferentes momentos da conversa estabelecida entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi. No último trecho, houve várias inversões da sequência original da fala de Stella do Patrocínio para a composição do poema, além de Viviane Mosé aparentemente ter inserido dois versos que não encontrei em nenhum dos materiais que ela menciona serem suas únicas fontes, e que são os mesmos materiais de que disponho para fazer esta comparação. Os versos inseridos e que não estão presentes nessas fontes são: “Passou a língua no óculos para tratar o óculos com a língua/ Ela na vigilância do pão sem poder ter o pão”. Valendo-me da ferramenta de busca no arquivo Word, depois de transcritos os arquivos de áudio em sua totalidade, e de transcritas as cópias dos documentos cedidos por Mônica Ribeiro de Souza, ambas as tarefas realizadas muito atentamente, percebi que em nenhum deles há a aparição do substantivo “língua”. Pensando a sequência, temos, em relação aos arquivos de áudio: os dois primeiros versos do poema de Viviane Mosé são conversas aos 15’41”; terceiro e quarto versos, aos 2’30”; quinto e sexto versos não são parte de nenhum dos materiais; sétimo verso, aos 2’54”; oitavo e nono versos, aos 3’32; décimo verso, aos 3’53” e décimo primeiro verso, aos 4’18”. Trata-se de um grande reordenamento realizado para o livro.

Eu estava com saúde  
 Adoeci  
 Eu não ia adoecer sozinha não  
 Mas eu estava com saúde  
 Estava com muita saúde  
 Me adoeceram  
 Me internaram no hospital  
 E me deixaram internada  
 E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa  
 O hospital é um hospital  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 51).

Eu estava com saúde[,] ↓ [a] <A>doeci,  
 Eu não ia adoecer sozinha[,] não[,]  
 Mas eu estava com saúde[,] ↓[e] <E>stava com muita saúde[,]  
 Me adoeceram[,] ↓ [m] <M>e internaram no hospital  
 E me deixaram internada[,]  
 E agora eu vivo no hospital como doente[,]  
 ¶O hospital parece uma casa[,]  
 O hospital é um hospital[,]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 16).

É dito: pelo chão você não pode ficar  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo  
 Pelas paredes você também não pode  
 Pelas camas também você não vai poder ficar  
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 52).

É dito: pelo chão você não pode ficar[,]  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo[,]  
 Pelas paredes [também] você <também> não pode[,]  
 Pelas camas também você não vai poder ficar[,]  
 Pelo espaço vazio [também] você <também> não vai poder ficar[,]  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo[,]  
 [Eu sou Stella do Patrocínio  
 Bem patrocinada.  
 Estou sentada numa cadeira  
 Pegada numa mesa nêga preta e crioula  
 E eu sou uma nêga preta e crioula  
 Que a Ana me disse.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 13).

Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro  
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e  
remédio  
E era um banho de chuveiro, uma bandeja de  
alimentação  
E viagem sem eu saber para onde ia  
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 53).

Eu vim do Pronto Socorro do Rio de [J] <j>aneiro[,]  
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e ↓ remédio[,]  
E era um banho de chuveiro[,] uma bandeja de ↓ alimentação  
E viagem sem eu saber para onde ia[,]  
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova[,]  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 08).

O remédio que eu tomo me faz passar mal  
 E eu não gosto de tomar remédio pra ficar  
 passando mal  
 Eu ando um pouquinho, cambaleio, fico  
 cambaleando  
 Quase levo um tombo  
 E se eu levo um tombo eu levanto  
 Ando mais um pouquinho, torno a cair  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 54).

[Eu estou triste hoje porque eu tomei remédio e fiquei passando mal, eu não gosto de tomar remédio pra passar mal, porque] [o] <O> remédio que eu tomo me faz passar mal ↓ [e] <E> eu não gosto de tomar [o] remédio pra ficar ↓ passando mal[,] ↓ [e] <E>u ando um pouquinho, cambaleio, fico ↓ cambaleando[,] ↓ [q] <Q>uase levo um tombo[,] ↓ [e] <E> se eu levo um tombo eu levanto[,] ↓ [a] <A>ndo mais um pouquinho, torno a cair [, não entendo porque eu tomo remédio, não, é pra mim ficar doente, porque eu já fiquei com saúde boa, ele vê que eu melhorei um pouco, fiquei com a saúde boa, ele me pega, me dá o remédio pra mim ficar doente, o Dr. Pedro manda dar o remédio lá na farmácia, me chamam na hora do remédio. Ontem o Tião veio com um cacete de pau firme pra mim levantar da cama, lá dentro da sessão pra mim tomar o remédio. Tomei o remédio, o remédio ontem mesmo fez eu passar mal e hoje continuei passando mal do remédio, fiquei com a garganta seca, fiquei sufocada. Tião é o que trabalha aqui na Colônia todo domingo, é funcionário. O remédio é pra minha cabeça, é pra minha mente, pra eu melhorar da mente; é pra me matar, não é pra isso, não, é pra me matar.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 17).

Estar internada é ficar todo dia presa  
 Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo  
 portão  
 Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão  
 Seu Nelson também não deixa eu passar lá no  
 portão  
 Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 55).

Estar internada é ficar todo dia pres[o] <a>[,]  
 Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo ↓ portão[,]  
 Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão[,]  
 Seu Néilson também não deixa eu passar lá no ↓ portão[.]  
 Eu estou aqui há [25] <vinte e cinco> anos[,] ou mais[,]  
 [40, parece, ou mais, bastante tempo;  
 Eu penso que a Colônia é muito boa,  
 Fico presa todo dia, fico mesmo,  
 Mas a Colônia é boa, é boa mas eu fico presa todo dia.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 36).

Mais de quinhentos milhões e quinhentos mil  
 moradores  
 morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá  
 Núcleo Teixeira Brandão, Jacarepaguá.  
 E todo dia dá segunda terça quarta quinta...  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 56).

*[Peço, em acesso, falei muito, falei demais, falei tudo o que tinha que falar. Declarei, expliquei, esclareci tudo. Diz que quando o sol penetra no dia, dá dias de sol muito bonito, muito belo. Can....*

(barulhos externos seguidos de corte de gravação)

*dos vivo, depois do entre a vida e a morte, depois dos mortos, depois dos bicho, dos animais, se fica à vontade como bicho e como animal. Não tenho mais nada pra falar.*

(corte de gravação)

*espaço vazio e do tempo e dos gases, como ar, espaço vazio, tempo e gases. A família toda tá lá em cima, cá embaixo, lá dentro, cá fora, lá nos fundo e cá na frente,] [m] <M>ais de quinhentos milhões e quinhentos mil ↓ moradores[,] ↓ morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá[,] <.> ↓ Núcleo Teixeira Brandão, Jacarepaguá[,] ↓ [e...] <E> todo dia dá segunda terça quarta quin<ta>...*

(corte de gravação)

(retoma com Carla: “isso não gravou?” seguido de outro corte)

*[vim de importante família. Família de cientista, de aviadores, de criança precoce, prodígio, poderes, milagre, mistério. Pronto.]*

(corte)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Sinto muita sede muito sono muita preguiça  
 muito cansaço  
 Fico na malandragem na vagabundagem como  
 marginal  
 E como malandra como marginal como malandra  
 na malandragem  
 Na vagabundagem e na vadiagem como marginal  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 57).

[Hmm... cê não se sente bem aqui? Cê se sente perseguida?  
*Me sinto perseguida porque eu passo muita fome,*] [s] <S>into muita sede[,] muito  
 sono[,] muita preguiça[,] ↓ muito cansaço  
 [Não tem o que fazer né Stella?  
*Não tem,*] <f> <F>ico na malandragem na vagabundagem como ↓ marginal[,] ↓ [e]  
 <E> como malandra  
 [É, isso é que faz mal]  
 ↑ [C] <c>omo marginal[,] como malandra ↓ na malandragem ↓ [n] <N>a  
 vagabundagem <e> na vadiagem como marginal  
 (Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro,  
 gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre  
 Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo  
 da Artista).

*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome***Parte II: Eu sou Stella do Patrocínio, muito bem patrocinada**

Aqui no hospital ninguém pensa  
 Não tem nenhum que pense  
 Eles vivem sem pensar  
 Comem bebem fumam  
 No dia seguinte querem saber  
 de recontinuar o dia que passou  
 Mas não tem ninguém que pense  
 e trabalhe pela inteligência

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 61).

Aqui no hospital ninguém pensa[,]  
 Não tem nenhum que pens[a]<e> [,]  
 Eles vivem sem pensar[.]  
 Comem[,] bebem[,] fumam[,]  
 No dia seguinte querem saber  
 [D] <d>e recontinuar o dia que passou[.]  
 Mas não tem ninguém que pense  
 [E] <e> trabalhe pela inteligência.

(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 27).

*[Isso aqui é inteligente (parece bater no gravador, se referindo a ele). De quem pensa.]*  
*Aqui no hospital ninguém pensa[,] ↓ [n] <N>ão tem nenhum que pense*

*[Não?*

*Não.] ↓ Eles vivem sem pensar[.] ↓ Come<m>[,] bebe<m>[,] fuma<m>[,] ↓ <No> dia  
 seguinte quer<em> saber ↓ de recontinuar o dia que passou[,] ↓ [m] <M>as não tem ninguém que  
 pense ↓ e trabalhe pela inteligência*

*[Pensar pra quê?*

*Pra passar o tempo*

*Será que o tempo passa?*

*Quem passa somos nós*

*E a gente passa pra onde?*

*Passa da vida pra morte*

*E da morte pra onde?*

*Da morte pra bicho e pra animal*

*E depois?*

*Depois apodrece*

*E vira o quê?*

*Vira MERDA*

*E a merda vira o quê?*

*Continua sempre como merda]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Não trabalho com a inteligência  
 Nem com o pensamento  
 Mas também não uso a ignorância  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 62).

[Eu não sei o que falar,]  
 Não trabalho com a inteligência  
 Nem com o pensamento [...]  
 Mas também não uso a ignorância[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 23).

*[Tive na avenida Rio Branco, tive na avenida Presidente Vargas, tive na avenida Nilo Peçanha, tive na avenida Nossa Senhora de Copacabana, em Copacabana, tive muitos homens mesmo*

Você se lembra de algum?

*Me lembro de todos*

(silêncio)

Fala um pouco deles

*Não tem o que falar*

Não?

*Não... eles são, eram bons, são bons e eram bons, são bons, eu não sei mesmo o que falar.] Não trabalho com a inteligência ↓ [n] <N>em com o pensamento[...]* ↓ *Mas também não uso a ignorância*

(silêncio)

*[Trapo. Por causa que a gente antigamente acendia uma luz, não acendia? Agora não acende mais aquela luz, mas eu tinha medo daquela luz, tinha medo de ficar cega surda e muda de repente, sendo que eu já sou mesmo cega surda e muda, mas eu tinha medo de ficar cega surda e muda de repente*

(silêncio)

*Dá pra senhora me ver?]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu sou seguida acompanhada imitada  
 assemelhada  
 Tomada conta fiscalizada examinada revistada  
 Tem esses que são igualzinhos a mim  
 Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim  
 Mas que são diferentes da diferença entre nós  
 É tudo bom e nada presta

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 63).

*[Quebrou o óculos? Tá rachado! Tá rachado aí no vidro]*

(outras pessoas falam em volta, mas não se entende nada)

*Eu sou seguida acompanhada imitada ↓ assemelhada ↓ [t] <T>omada conta fiscalizada  
 examinada revistada[.] ↓ Tem esses que são iguaizinho<s> a mim ↓ [t] <T>em esses que se  
 veste<m> [que] <e> se calçam igual a mim ↓ [m] <M>as que são diferente<s> da diferença entre  
 nós[.] ↓ É tudo bom e nada presta. [Então cê traz meu maço de cigarro e caixa de fósforo, tá? Qual  
 cigarro você vai trazer? De filtro. Hollywood. Se não tiver hollywood é... Continental. Continental  
 não é de filtro não.... sexta-feira você vem?*

Só daqui quinze dias]

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Dias semanas meses o ano inteiro  
 Minuto segundo toda hora  
 Dia tarde a noite inteira  
 Querem me matar  
 Só querem me matar  
 Porque dizem que eu tenho vida fácil  
 Tenho vida difícil  
 Então porque eu tenho vida fácil eu tenho vida difícil  
 Eles querem saber como é que eu posso ficar  
 nascendo  
 Sem facilidade com dificuldade  
 Por isso é que eles querem me matar  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 64).

[... 'tá todo mundo querendo me matar no Teixeira Brandão,]  
 Dias[,] semanas[,] meses[,] o ano inteiro[,]  
 Minuto[,] segundo[,] toda hora[,]  
 Dia[,] tarde[,] a noite inteira  
 Querem me matar[.]  
 Só querem me matar  
 Porque dizem que eu tenho vida fácil ↓ [t] <T>enho vida difícil[,]  
 Então porque eu tenho vida fácil <eu> tenho vida difícil[,]  
 Eles querem saber como é que eu posso ficar ↓ nascendo  
 Sem facilidade com dificuldade[.]  
 Por isso é que eles querem me matar[,]  
 [Querem saber da minha vida.  
 Não é da vida deles, não, da minha vida.  
 Quando eles querem saber da minha vida,  
 Eu começo a contar minha vida pro mundo inteiro,  
 O mundo inteiro sabe onde eu estou  
 E sabe pra que que eu sirvo, pra que que eu presto;  
 Diz que eu sou açúcar neve, açúcar união, açúcar pérola,  
 Diz que eu sou sal, sou de açúcar,  
 Não tenho uma lata de goiabada pessegada marmelada  
 Até hoje.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 18).

Olha quantos estão comigo  
 Estão sozinhos  
 Estão fingindo que estão sozinhos  
 Pra poder estar comigo  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 65).

Olha quantos estão comigo[!]  
 Estão sozinhos[,]  
 Estão fingindo que estão sozinhos  
 Pra poder estar comigo[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 25).

*[Eu tenho muito mau pensamento mas não sou eu que faço mau pensamento  
 Quem é?*

*Eu não sei quem é mas não sou eu que faço mau pensamento. Eu sei que não sou eu que  
 faço mau pensamento. Eu penso assim: se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo e perna pra  
 cima, meter tudo dentro da lata do lixo, e fazer um aborto, será que acontece alguma coisa comigo?  
 Vão me fazer alguma coisa? Se eu pegar durante a noite novamente a família toda de cabeça pra  
 baixo e perna pra cima, jogar lá de dentro pra fora, lá de cima cá pra baixo, será que ainda vai  
 continuar acontecendo alguma coisa comigo?*

*Que que você tem medo de aconteça com você, quando você tem esses maus pensamentos?  
 Que eu vire um cavalo ou um cachorro*

*Não, não vai acontecer isso. Todo mundo tem esses maus pensamentos. O ser humano  
 sempre tem os bons pensamentos e os maus pensamentos. Isso faz parte da nossa fantasia. Não vai  
 acontecer nada. Pode pensar à vontade. É uma coisa que é toda tua é o teu pensamento, ninguém pode  
 invadir o teu pensamento. Ninguém. É toda te, é todo teu. É o teu arquivo, é a tua memória, é a tua  
 fantasia. Pode pensar o que você quiser*

*E eu ainda penso mais assim um malezinho. Se eu rasgar aquela pesada no meio de meio  
 a meio, der der der lambada no chão e na parede e jogar fora, no meio do mato ou do outro lado de  
 lá do muro, é um malezinho prazeres*

*É o quê?*

*Um malezinho prazeres*

*Anh.... você quer matar a família, né, Stella?*

*Matar a família toda, que passa um carro, bote tudo morto e vá pra longe*

*E quem é essa família, teu pai, tua mãe?*

*Não, é essa família que tá morando e me perseguindo aqui no Teixeira*

*Ah, tá. Quem é que tá te perseguindo aqui?]*

*Olha quantos estão comigo[.] ↓ [T]<Est>ão sozinhos[,] ↓ [e] <E>stão fingindo que  
 <es>tão sozinho<s> ↓ pra poder [tá] <estar> comigo*

*[Hmm... você não se sente bem aqui? Você se sente perseguida?*

*Me sinto perseguida porque eu passo muita fome, sinto muita sede, muito sono, muita  
 preguiça, muito cansaço]*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu sou Stella do Patrocínio  
 Bem patrocinada  
 Estou sentada numa cadeira  
 Pegada numa mesa nega preta e crioula  
 Eu sou uma nega preta e crioula  
 Que a Ana me disse  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 66).

[É dito: pelo chão você não pode ficar,  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo,  
 Pelas pareces também você não pode,  
 Pelas camas também você não vai poder ficar,  
 Pelo espaço vazio também você não vai poder ficar,  
 Porque lugar de cabeça é na cabeça  
 Lugar de corpo é no corpo.]  
 Eu sou Stel[l]a do Patrocínio  
 Bem patrocinada[.]  
 Estou sentada numa cadeira  
 Pegada numa mesa n[ê] <e>ga preta e crioula  
 E eu sou uma n[ê] <e>ga preta e crioula  
 Que a Ana me disse[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 13).<sup>179</sup>

---

<sup>179</sup> O poema da página 13 de *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* foi quebrado em dois por Viviane Mosé. O trecho que marcamos aqui como uma supressão realizada por Mosé acabou se tornando o poema que ilustra a página 52 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

Vim de importante família  
 Família de cientistas, de aviadores  
 De criança precoce prodígio poderes  
 Milagres mistério

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 67).

(corte)

*Vim de importante família[.] ↓ Família de cientista<s>, de aviadores[.] ↓ [d] <D>e  
 criança precoce[.] prodígio[.] poderes[.] ↓ [m] <M>ilagre<s>[.] mistério[. Pronto.]*

(corte)

*[Lá no portão e disse: quero... pastar à vontade que nem um camelo.*

*Que mais?*

*Pra mim é como fica o resultado da história da vida de cristo*

*E aquela história daquela criança que foi gerada, lembra? Que você disse que primeiro eram os gases, e aí a criança sugeriu que ela era branca, lembra disso? E depois pegou cor? Lembra dessa história?]*

(corte)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Nasci louca  
Meus pais queriam que eu fosse louca  
Os normais tinham inveja de mim  
Que era louca  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 68).<sup>180</sup>

---

<sup>180</sup> Essa fala, supostamente de Stella do Patrocínio, não está presente em nenhum dos materiais, nem de Carla Guagliardi, nem de Mônica Ribeiro de Souza. Contudo, ao assistir o curta-documentário “Stultifera Navis” (1987) gravado na Colônia Juliana Moreira, percebi imediatamente que a fala de uma paciente cujo nome não nos é informado, dos 15’45” aos 17’04” do documentário, é muito semelhante ao poema no livro de Mosé. Srgue o trecho da fala dessa paciente no documentário: “Nasci louca, sabe? Meus pais queria que eu vivesse louca assim mesmo, sabe? Meus pais queria que eu vivesse louca [...] elas tem inveja de mim, elas toda normalidade, e eu louca e elas tem inveja de mim. Aí criava briga, né. Criava até briga. Os normais tinha inveja de uma louca, os normais tinha até inveja de mim que era louca”.

Faz sentido que esse excerto não seja uma fala de Do Patrocínio pois, ao percebermos os contextos e os modos como a autora se remete à loucura, concluímos que sempre se trata de uma acusação de que o adoecimento foi causado pela instituição, como podemos perceber nos poemas das páginas 48-49, 51, 54, entre outras, em *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e mais outras tantas vezes nas outras fontes. Ainda é válido lembrar, como dissemos nesta dissertação, que Do Patrocínio sequer utiliza o termo “loucura” nos materiais de que dispomos. Quando a autora fala de seu adoecimento, ela usa o termo “doente mental”.

Eu já fui operada várias vezes  
 Fiz várias operações  
 Sou toda operada  
 Operei o cérebro principalmente

Eu pensei que ia acusar  
 Se eu tenho alguma coisa no cérebro  
 Não, acusou que eu tenho cérebro  
 Um aparelho que pensa bem pensado  
 Que pensa positivo  
 E que é ligado a outro que não pensa  
 Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar

Eles arrancaram o que está pensando  
 E o que está sem pensar  
 E foram examinar esse aparelho de pensar e não  
 pensar  
 Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu  
 cérebro  
 Estudar fora da cabeça  
 Funcionar em cima da mesa  
 Eles estudando fora da minha cabeça  
 Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 69).

Eu já fui operada várias vezes[,]  
 Fiz várias operações[,]  
 Sou toda operada[,] ↓ [o] <O>perei o cérebro<,> principalmente[,]  
 ¶ Eu pensei que ia acusar  
 Se eu tenho alguma coisa no cérebro[,] ↓ [n] <N>ão,  
 [A] <a>cusou que eu tenho [o] cérebro  
 Um aparelho que pensa bem pensado[,]  
 Que pensa positivo  
 E <que> é ligado a outro que não pensa[,]  
 Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar[,]  
 [É capaz de trabalhar então ligados;]  
 Eles arrancaram o que está pensando  
 E o que está sem pensar  
 E foram examinar esse aparelho de pensar e não ↓ pensar  
 Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu ↓ cérebro,  
 ¶ [Estudar fora da cabeça[,] ↓ [f] <F>uncionar em cima de uma mesa[,]  
 Eles estudando fora da minha cabeça[,]  
 Eu já estou nesse ponto de estudo, de categoria.  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 10).

Eu era viajante  
 Viajei no Rio de Janeiro São Paulo Petrópolis  
 Belo Horizonte Minas Gerais Engenho de Dentro  
 Sacra Família Itanhandu  
 E aqui no Teixeira eu já saí várias vezes  
 Fui à festa no Franco da Rocha  
 Ulisses Viana bloco médico administração ver  
 televisão

Eu não esperava vir parar aqui no Teixeira  
 Brandão  
 Porque eu tive dentro do trem elétrico  
 Andei nove vagões no trem elétrico  
 Porque eu tive num trem que tinha restaurante  
 dormitório e banheiro  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 70).

(barulhos de movimentações e conversas)

*[Eu viajei muito e a viagem que eu fiz eu gostei de viajar.] Eu era viajante[.] ↓ Viajei no Rio de Janeiro São Paulo Petrópolis ↓ Belo Horizonte Minas Gerais Engenho de Dentro ↓ Sacra Família Itanhandu ↓ [e...] <E> aqui [do] <no> Teixeira eu já saí várias vezes[.] ↓ [f] <F>ui à festa no Franco da Rocha[.] ↓ Ulisses Viana[.] bloco médico[, é...] administração ver ↓ televisão[, é... cris, campo, escola,] ↓ [e] <E>u não esperava vir parar aqui no Teixeira ↓ Brandão[.] ↓ [p] <P>orque eu tive dentro do trem elétrico[.] ↓ [a] <A>ndei nove vagões no trem elétrico[.] ↓ [p] <P>orque eu tive no trem que tinha[...] restaurante[.] ↓ dormitório[, e... restaurante, dormitório] e banheiro[.]*

(pausa, barulhos, conversas)

*[Primeiro veio o mundo dos vivos, depois do entre a vida e a morte, depois dos mortos, depois dos bichos, dos animais, se fica à vontade como bicho e como animal*

Você tá agora em que mundo?

*Tô no mundo dos bichos, dos animais*

Que bicho...?

*Do dinossauro*

Que bicho você é?

*Dinossauro*

Hm... você gosta de ser dinossauro?

*Gosto*

Que que ele faz?

*Não faz nada]*

(pausa)

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu estava em lugares grandes iguais a este  
 A serviço a trabalho e a estudo  
 Sou profissional: lavo passo  
 engomo encero cozinho  
 Estava em lugares grandes iguais a este  
 A serviço a trabalho e a estudo  
 Eu bacharelei no estudo  
 Estou aposentada de casa de família  
 Sou da Família  
 Sou familiar  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 71).

Eu estava em lugares grandes iguais a este[,]  
 A serviço[,] a trabalho e a estudo[,]  
 Sou profissional: lavo[,] passo[,]  
 [E] <e>ngomo[,] encero[,] cozinho[;]  
 Estava em lugares grandes iguais a este[,]  
 A serviço[,] a trabalho e a estudo[,]  
 Eu bacharelei no estudo[,]  
 Estou aposentada de casa de família[,]  
 Sou da [f] <F>amília[,] ↓ [s] <S>ou familiar[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 14).

Nessa família que eu estou não ganho pagamento  
 Não ganho ordenado  
 Não posso comprar um guaraná uma coca-cola  
 Um maço de cigarros  
 Uma caixa de fósforos  
 Porque eu não ganho pagamento  
 Não ganho ordenado de quinhentos milhões e  
 quinhentos mil cruzeiros  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 72).

(pausa com pessoas falando ao fundo)  
*[Boas festa, feliz aniversário pra você, tudo de bom que você desejar, seja feliz*  
 Vou fazer anos mesmo. Cê adivinhou  
*Quando?*  
 Dia 12 de agosto  
*Esse mês?*  
 Mês que vem  
*Tamos em julho? ...]* <N>essa família que eu [tô] <estou> não ganho pagamento[,] ↓  
 [n] <N>ão ganho ordenado[,] ↓ Não posso comprar um guaraná uma coca-cola[,] ↓ um maço de  
 cigarro<s>[,] ↓ [u] <U>ma caixa de fósforo<s>[,] ↓ [Que] <Porque> eu não ganho pagamento ↓  
 [n] <N>ão ganho ordenado[,] de quinhentos milhões e ↓ quinhentos mil cruzeiro<s>. [Então, um  
 dia eu saí fui na festa, eu ganhei quinhentos mil cruzeiro e gastei quatrocentos mil de ônibus, fiquei  
 com cem mil, gastei cem mil de bolinho. Todo dia ela vinha trazer bolinho, e eu gastava dez mil  
 cruzeiro de... dois bolinho  
 Quem te deu? Esse dinheiro?  
 Eu ganhei no carro  
 Hm, mas quem deu?  
 EU GANHEI NO CARRO!  
 Ah tá, tá bom]  
 (barulhos de movimentações e conversas)  
 (Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de  
 Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de  
 Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987.  
 Acervo da Artista).

Meu passado foi um passado de areia  
 Em mar de Copacabana  
 Cachoeira de Paulo Afonso  
 Bem dentro da Lagoa Rodrigo de Freitas  
 No Rio de Janeiro

O futuro eu queria  
 Ser feliz  
 E encontrar a felicidade sempre  
 E não perder nunca o gosto de estar gostando

O que eu penso em fazer da minha vida  
 É encontrar a felicidade, ser feliz  
 Ficar gostando e não perder o gosto  
 Ser feliz  
 Encontrar a felicidade  
 E não perder o gosto de estar gostando  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 73).

Meu passado foi um passado de areia  
 Em mar de Copacabana[,]  
 Cachoeira de Paulo Afonso[,]  
 Bem dento da Lagoa Rodrigo de Freitas[,]  
 No Rio de Janeiro[;]  
 ¶O futuro eu queria ↓ [s] <S>er feliz  
 [E encontrar a felicidade sempre  
 E não perder nunca o gosto de estar gostando;  
 O que eu penso em fazer da minha vida]  
 É encontrar a felicidade, ser feliz,  
 Ficar gostando e não perder o gosto[.]  
 Ser feliz[,] ↓ [e] <E>ncontrar a felicidade[,]  
 E não perder o gosto de estar gostando[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 42).

Eu sei que o meu passado  
Eu prestei bem atenção como foi  
O presente  
Eu continuo prestando atenção como é  
Mas o futuro  
Eu não sei como vai ser  
É difícil de eu descobrir  
Como vai ser o meu futuro  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 74).

Eu sei que o meu passado  
Eu prestei muita atenção como foi[,]  
O presente  
Eu continuo prestando atenção como é[,]  
Mas o futuro  
Eu não sei como vai ser[,]  
É difícil de eu descobrir  
Como vai ser o meu futuro[.]  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 41).

**(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome: Parte III: Nos gases eu me formei, eu tomei cor)**

Eu não queria me formar  
 Não queria nascer  
 Não queria tomar forma humana  
 Carne humana e matéria humana  
 Não queria saber de viver  
 Não queria saber da vida

Eu não tive querer  
 nem vontade pra essas coisas  
 E até hoje eu não tenho querer  
 nem vontade pra essas coisas

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 77).

(pessoas falando)

*Eu não queria me formar[.] ↓ Não queria nascer[.] ↓ [Num] <Não> queria tomar forma humana ↓ [c] <C>arne humana e matéria humana[.] [Num] <Não> queria saber de viver[.] [num] <Não> queria saber da vida[.] ¶ [e] <Eu> não tive querer ↓ nem vontade pra essas coisa<s>[.] ↓ [e] <E> até hoje eu [num] <não> tenho querer ↓ nem vontade pra essas coisa<s>[.] [Que se eu morro, eles me ressuscitam, eles me ressuscitam, eles passam muito tempo sem eu, de repente eles me formam novamente, porque ficam sentindo falta de saber aonde é que eu estou e pra onde é que eu fui.]*

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Me ensinaram a viver  
 Me ensinaram a fazer o bem e o mal  
 Escolher entre o bem e o mal  
 Estou começando a passar mal  
 Mal do cérebro?  
 Tô sim, tô começando a passar mal do cérebro  
 Da cabeça, tô me sentindo fodida  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 78).

[É muito difícil ter uma nova vida,  
 Não é fácil, não,  
 Eu já vivi muito, estou velha de tanto viver,  
 Conheço bem a vida, sei quanto custa a vida,  
 Me valorizaram muito  
 Porque eu mesma já não me dava mais valor,  
 E me valorizaram muito,]  
 Me ensinaram a viver[,]  
 Me ensinaram a fazer o bem e o mal[,]  
 Escolher entre o bem e o mal[;]  
 Estou começando a passar mal[?] ↓ Mal do cérebro?  
 [‘t] <T>ô sim, [‘]tô começando a passar mal do cérebro[,]  
 Da cabeça, [‘]tô me sentindo f[u]<o>dida[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 21).

Não sou eu que gosto de nascer  
 Eles é que me botam pra nascer todo dia  
 E sempre que eu morro me ressuscitam  
 Me encarnam me desencarnam me reencarnam  
 Me formam em menos de um segundo  
 Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde  
 eu estiver  
 Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto  
 Ou pra cabeça deles e pro corpo deles  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 79).

[E que que cê tá fazendo aqui?

*Eu não sei, eu mesmo não sei que que eu tô fazendo. Que] [n] <N>ão sou eu que[, que...]  
 gosto de nascer[.] ↓ [e] <E>les é que me botam pra nascer todo dia[.] ↓ [e] <E> sempre que eu  
 morro me ressuscitam[.] ↓ [m] <M>e encarnam me desencarnam me reencarnam ↓ [m] <M>e  
 formam em menos de um segundo[.] ↓ [s] <S>e eu sumir desaparecer[.] eles me procura<m> onde  
 ↓ eu <es>tiver[.] ↓ [p] <P>ra [tá] <estar> olhando pro gás[.] pras parede<s>[.] pro teto[...] ↓  
 [o] <O>u pra cabeça deles e pro corpo deles. [Não tem nada pra comer nem beber nem fumar até  
 agora.*

Eles quem?

*Os fiscais, os vigia*

Mas onde eles estão?

*Tão no mundo e na casa me vigiando e me fiscalizando*

(pausa)

Me mostra os fiscais

*Aí um fiscal te fiscalizando me fiscalizando. Um vigia. Chegou agora um vigia. Aí um  
 vigia*

E quando você nasceu?]

(continua)

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu sobrevivi do nada, do nada  
 Eu não existia  
 Não tinha uma existência  
 Não tinha uma matéria  
 Comecei a existir com quinhentos milhões  
 e quinhentos mil anos  
 Logo de uma vez, já velha  
 Eu não nasci criança, nasci já velha  
 Depois é que eu virei criança  
 E agora continuei velha  
 Me transformei novamente numa velha  
 Voltei ao que eu era, uma velha  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 80).

Eu sobrevivi do nada, do nada[.]  
 Eu não existia[.]  
 Não tinha uma existência[.]  
 Não tinha uma matéria[.]  
 Comecei a existir  
 ↑[C] <c>om quinhentos milhões e ↓ quinhentos mil anos[.]  
 Logo de uma vez, já velha[.]  
 Eu não nasci criança[.] nasci já velha[.]  
 Depois é que eu virei criança[.]  
 E agora continuei velha[.]  
 Me transformei novamente numa velha[.]  
 Voltei ao que eu era, uma velha[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 11).

[Mas você acha que desde que você nasceu até você conhecer esse homem você não sabia comer e nem beber?

*Não sabia*

Não? Como é que você sobreviveu?

<Eu sobrevivi> [D] <d>o nada<,>

[Como?]

↑ [D] <d>o nada

[Ficou esses anos todos sem comer e sem beber? E conseguiu sobreviver como? Como foi isso?

Viveu de quê?

*Eu não existia* ↓ [n] <N>ão tinha uma existência ↓ [n] <N>ão tinha uma matéria

[Ah, tá. Quer dizer, cê começou a existir com quantos anos?]

<Comecei a existir com> [Q] <q>uinhentos milhões ↓ e quinhentos mil <anos>[.] ↓ [l] <L>ogo de uma vez<,> já velha

[Tá...]

*Eu não nasci criança* [não], eu nasci já velha[.] ↓ [d] <D>epois é que eu virei criança

[Ah sei. E agora você é o quê?]

<E agora> [C] <c>ontinuei velha[.] ↓ [m] <M>e transformei novamente numa velha[.] ↓ [v] <V>oltei ao que era, uma velha.

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>181</sup>

<sup>181</sup> Das duas alternativas, ou uma, ou ambas: (1) Do Patrocínio pode ter repetido em diferentes momentos algumas sentenças, como se percebe com a recorrência de “botando o mundo pra gozar e sem gozo nenhum” (presente em dois

Quando eu produzi, que eu pari  
 Eu estava subindo a escada com uma criança  
 Eu ainda era clara, branca  
 Da noite pro dia eu fiquei branca  
 Ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branca  
 Eu fiquei preta  
 Eu sei que eu tomei cor  
 Nos gases eu me formei  
 Eu tomei cor  
 Aí eu já produzi uma criança no colo  
 Outra no corpo  
 Sem eu saber que estava produzindo uma criança  
 pequena  
 De tamanho grande e de saúde  
 Eu também estava com saúde  
 Eu ia subir sempre a escada com as duas crianças  
 E deixar no apartamento e ir embora  
 Ou então tornar a descer as escadas com duas  
 crianças

Era Rio de Janeiro

Ainda era Botafogo

Eu me confundi comendo pão ganhando pão

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 81).

[Mas como é que cê veio parar aqui? Se você trabalhava tanto, se sabe falar tão bem, como cê veio parar aqui e não saiu mais, Tereza?

*Eu vim parar aqui porque me trouxeram do Pronto Socorro do Rio de Janeiro, praia de Botafogo pra cá, enviada agarrada de repente andando na rua*

E sua família nunca veio te procurar?

*A família Monteiro continua aqui, veio de longe pra cá. Mudou de nome. A família Brito Cunha mudou de nome, veio do Rio de Janeiro pra cá, mas mudou o nome. Família Brito Cunha, família Monteiro, família Lafayette.*

Essas famílias são as famílias que você trabalhou?

É...

Mas a SUA família, seu pai, sua mãe, seus irmãos, você não tem ninguém?

*Eu sou indigente, eu não tenho ninguém por mim. Não, porque] [q] <Q>quando eu produzi, que eu pari[,] ↓ [e] <E>u <es>tava subindo a escada com uma criança[,] ↓ Eu ainda era clara, branca[,] ↓ Da noite pro dia eu fiquei branca[,] [o] <O>u se foi do dia pra noite que eu fiquei branca[,] ↓ [e] <E>u fiquei pret[o] <a>[,] ↓ Eu sei que eu tomei cor[,] ↓ Nos gases eu me formei[,] ↓ <Eu> tomei cor[,] ↓ Aí eu já produzi uma criança no colo[,] [outra no...] ↓ [o] <O>utra no corpo[,] ↓ [s] <S>em eu saber[...] que [eu] <es>tava produzindo uma criança[...] ↓ pequena ↓ [d] <D>e tamanho grande e de saúde[,] ↓ [e] <E>u também <es>tava com saúde[,] ↓ [e] <E>u ia*

---

diferentes momentos de gravação de Carla Guagliardi); (2) como afirmou Viviane Mosé na “Cronologia”, ao produzir o “pequeno livro datilografado” (p. 155), em 1991, Mônica Ribeiro de Souza organiza não apenas as gravações realizadas por ela, mas também alguns dos poemas expostos no Museu do Paço Imperial. De todo modo, como aqui se explicita, o poema presente em *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...* também consta no Arquivo de Carla Guagliardi e esta edição sofreu também consideráveis alterações, visto que complementações às falas de Stella são retiradas, na realidade, de perguntas introduzidas por Carla Guagliardi.

*[pra] subir sempre a escada com as duas crianças[...] ↓[e] <E> deixar no apartamento[...] e ir[-me] embora[,] ↓ [o] <O>u então tornar a descer a<s> escada<s> com duas criança<s>.[.] ↓ Era Rio de Janeiro[,] ↓ [a] <A>inda era Botafogo[,] ↓ [e] <E>u[...] me confundi[.] [C] <c>omendo pão[,] ganhando pão[...]*

[É difícil, né? Mas a gente precisa arranjar um jeito de você produzir... de você ganhar um dinheiro... não é? Pra você fazer o que você quer, né, Tereza? Quem sabe com o trabalho aí do galpão a gente consegue isso. Vamo tentar. Não é isso? Então, Terez...

*Eu gosto de escrever, de fazer número*

*Ah, então pronto,...*

*No papelão, continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia.*

Então tá bom, então vamo fazer isso. Sexta feira que vem, hoje a gente vai ver um filme. Você não quer ver, o filme sobre o Parque Lage, não quer ir com a gente?

*Onde vai ser?]*

(Arquivo n. 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo  
 Eu era ar, espaço vazio, tempo  
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó  
 Eu não tinha formação  
 Não tinha formatura  
 Não tinha onde fazer cabeça  
 Fazer braço, fazer corpo  
 Fazer orelha, fazer nariz  
 Fazer céu da boca, fazer falatório  
 Fazer músculo, fazer dente

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas  
 Fazer cabeça, pensar em alguma coisa  
 Ser útil, inteligente, ser raciocínio  
 Não tinha onde tirar nada disso  
 Eu era espaço vazio puro  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 82).

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo[,]  
 Eu era ar, espaço vazio, tempo  
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó[,]  
 Eu não tinha formação[,] ↓ [n] <N>ão tinha formatura[,]  
 Não tinha onde fazer cabeça[,] ↓ [f] <F>azer braço, fazer corpo[,]  
 [Fazer olho,] [f] <F>azer orelha, fazer nariz[,]  
 Fazer céu d[e]<a> boca, fazer falatório[,]  
 Fazer músculo, fazer dente[,]  
 ¶[Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas[,]  
 Fazer cabeça, pensar em alguma coisa[,]  
 Ser útil, inteligente, ser raciocínio[,]  
 Não tinha onde tirar nada disso[,]  
 Eu era espaço vazio puro[,]  
 [Tiveram o trabalho de fazer essa formatura toda  
 Na matéria em forma humana e carnal,  
 Me mostrar que eu não sou sozinha,  
 Que tem outras iguais, semelhantes a mim e diferentes,  
 E que nós não podemos se separar,  
 Temos que ficar sempre em comunidade.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 15).

Eu não sei como pode formar uma cabeça  
 Um olho enxergando, nariz respirando  
 Boca com dentes  
 Orelhas ouvindo vozes  
 Pele, carne, ossos  
 Altura, largura, força  
 Pra ter força  
 O que é preciso fazer?  
 É preciso tomar vitamina  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 83).

*[Só presto pra comer beber e fumar  
 Por que você disse isso?  
 Porque eu gosto, porque a minha vida é só comer beber e fumar  
 Mas você fala umas coisas  
 Eu APRENDI a beber comer e fumar, eu não sabia  
 Não sabia?  
 Não  
 E como é que você aprendeu?  
 Aprendi, quando eu fui agarrada pra relação sexual, e... quando eu fui fodida  
 E como foi isso? Como é que isso aconteceu?  
 Quando eu tava sozinha, não conhecia nada, não conhecia ninguém... tem que contar minha vida  
 toda pra você, né? Você tá interessada em saber da MINHA vida, né? Eu mesma não sei da minha vida direito.  
 Porque] [e] <E>u não sei como pode formar uma cabeça[,] ↓ [u] <U>m olho enxergando, nariz  
 respirando[,] ↓ [b] <B>oca com dentes[,] ↓ [o] <O>relha<s> ouvindo vozes[,] ↓ [p] <P>ele, carne, ossos[,]  
 ↓ [a] <A>ltura, largura, força[,] ↓ [p] <P>ra ter força ↓ [o] <O> que é [que é] preciso fazer? ↓ É preciso  
 tomar vitamina*

*[Mas como aconteceu isso? Como que você foi agarrada?  
 Eu fui agarrada quando eu tava sozinha, não conhecia ninguém, não conhecia nada, num via  
 ninguém, num via nada, nada de cabeças e corpos, nada de casa, nada de mundo, eu não conhecia nada, eu  
 era ignorante*

*Você só começou a conhecer depois que você foi agarrada?  
 Depois que eu fui agarrada pra relação sexual e pra... FUDer.  
 DEPOIS que você teve essa relação sexual que você começou a conhecer todas essas coisas?  
 Foi, depois, só depois que comecei a andar, ter noção e ficar sabendo  
 Antes, o que é que cê fazia?  
 Eu não fazia nada, não dependia nada, não fazia nada. Era como uma parasita, uma paralisia,  
 um câncer*

*Então você acha que você só nasceu pro mundo depois da tua primeira relação sexual?  
 É, só depois da primeira relação sexual. E já tô carregada da relação total sexual fodida,  
 botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum  
 Por que que cê tá sem gozo nenhum?  
 Porque eu não dependo de mim, dependo dos outro  
 Por quê?  
 Sou obrigada... cê tá me examinando, não tá?  
 Tô... e você também tá me examinando]*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

**Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**

**Parte IV: Eu enxergo o mundo**

Eu não sei quem fez você enxergar  
 Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos  
 Ter pele ter carne ter ossos  
 Ter altura ter largura  
 Ter o interior ter o exterior  
 Ter um lado o outro a frente os fundos  
 Em cima em baixo  
 Enxergar  
 Como é que você consegue enxergar  
 E ouvir vozes?

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 87).

[Quem são essas pessoas (ininteligível)? Hum?

*Das criança*

Aqui tem criança? Tem? Aonde?

*No mundo inteiro*

Mas AQUI tem?

*Tem no mundo inteiro*

Mas eu nunca vi criança aqui... e dos velhos, você não gosta?

*Gosto de todo mundo. Gosto de tudo que é bom. E você é direita, honesta e trabalhadeira.*

*É limpinha, gosta de limpeza... e] [e] <E>u não sei quem fez você enxergar ↓ [c] <C>heirar pagar cantar [pensar] <pesar> ter cabelo<s> ↓ [t] <T>er pele ter carne ter ossos[,] ↓ [t] <T>er altura ter largura ↓ [t] <T>er [o...] o interior ter o exterior ↓ [t] <T>er [o] <um> lado o outro a frente os fundo<s> ↓ [e] <E>m cima [embaixo] <em baixo> <sup>182</sup> ↓ [e] <E>nxergar[.] ↓ Como é que você consegue enxergar ↓ [e] <E> ouvir vozes?*

(pausa)

(alguém falando mais próximo, mas igualmente ininteligível. Falam em festa)

*[Ô, Neni, eu já disse que eu sou escrava do tempo do cativo. Fui do tempo da... tua, da tua bisavó da tua vó da tua mãe... agora eu sou do teu tempo*

Mas todo mundo é escravo do tempo, não é só você. Todos nós... somos

*Do tempo do cativo?*

Do tempo. De um tempo qualquer... que que é o tempo?

*O tempo é o gás o ar o espaço vazio*

O tempo passa ou a gente que passa?

*A gente que passa]*

(pausa com pessoas falando ao fundo)

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

<sup>182</sup> Outra grafia escolhida por Mosé que me pôs a me perguntar qual foi o motivo de sua escolha. Uma vez que sua fonte foram os áudios de Guagliardi, não faz sentido que a filósofa transcreva “em baixo”, valendo-se de um adjetivo se, anteriormente, não havia um substantivo que ele pudesse qualificar. Neste caso, a grafia normativa pediria a utilização do advérbio de lugar, “embaixo”, funcionando como antônimo de “em cima”. Sendo assim, o resultado da transcrição de Mosé incorreu Stella a um erro que seria impossível que ela cometesse, visto que ela estava falando, não escrevendo.

Estou enxergando agora você  
 Enxergando palácio enxergando o mundo  
 Enxergando a casa enxergando mesas cadeiras  
 Enxergando paredes cercando o chão cercando teto  
 Enxergando teto  
 Enxergando papelões sobre a parede  
 Papelões sobre a parede  
 Mesas e cadeiras sobre o chão  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 88).

*[De quinze em quinze dia você vem né? Então quando cê vier cê me chama, tá?*

Claro

*Porque eu... não tenho cabeça boa não. Não sei o que que tem aqui dentro, num sei o que que tem aqui dentro, num sei o que que tem aqui dentro, num sei o que que tem aqui dentro. Eu sei que tem olho, mas olho pra fazer enxergar como? Quem bota pra enxergar? Se não sou eu que boto pra enxergar?*

Quem que você acha que bota pra enxergar?

*Eu acho que é ninguém. Enxerga sozinho. Esse enxerga sozinho.] [Tô] <Estou> enxergando agora você[,] ↓ [e] <E>nxergando [o] palácio[,] enxergando o mundo[,] ↓ [e] <E>nxergando a casa[,] enxergando mesas cadeiras[,] ↓ [e] <E>nxergando paredes cercando <o> chão[,] cercando teto[,] ↓ [e] <E>nxergando teto[,] ↓ [e] <E>nxergando[...] papelões sobre a[...] parede[,] ↓ [p] <P>apelões sobre a parede[,] ↓ [m] <M>esas e cadeiras sobre o chão [, nós estamos sentadas numa cadeira procurando mesa procurando falatório, procurando gravar o falatório todo, e eu ontem não sabia de nada disso, isso tudo pra mim é velho e eu não sabia de nada disso*

É mesmo?

*É... não tinha uma noção, uma ideia.*

Do que era isso tudo

*Não tinha*

E como é que essa ideia chegou? Como é que foi isso?

*Quando... vocês vieram me visitar]*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu não tenho cabeça boa não  
 Não sei o que tem aqui dentro  
 Não sei o que tem aqui dentro  
 Não sei o que tem aqui dentro

Eu sei que tem olho  
 Mas olho pra fazer enxergar como?

Quem bota pra enxergar  
 se não sou eu que boto pra enxergar?

Eu acho que é ninguém  
 Enxerga sozinho  
 Ele se enxerga sozinho  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 89).

*[De quinze em quinze dia você vem né? Então quando cê vier cê me chama, tá?*

Claro

*[Porque] [e] <E>u[...] não tenho cabeça boa não[.] ↓ Não sei o que [que] tem aqui dentro[.] ↓ [num] <Não> sei o que [que] tem aqui dentro[.] ↓ [num] <Não> sei o que [que] tem aqui dentro[.] num sei o que que tem aqui dentro.] ¶ Eu sei que tem olho[.] ↓ [m] <M>as olho pra fazer enxergar como? ¶ Quem bota pra enxergar[?] ↓ [S] <s>e não sou eu que boto pra enxergar?*

*[Quem que você acha que bota pra enxergar?]*

*¶ Eu acho que é ninguém[.] ↓ Enxerga sozinho[.] ↓ [Esse] <Ele se> enxerga sozinho.] Tô enxergando agora você, enxergando o palácio, enxergando o mundo, enxergando a casa, enxergando mesas cadeiras, enxergando paredes cercando chão, cercando teto, enxergando teto, enxergando... papelões sobre a... parede, papelões sobre a parede, mesas e cadeiras sobre o chão, [nós estamos sentadas numa cadeira procurando mesa procurando falatório, procurando gravar o falatório todo, e eu ontem não sabia de nada disso, isso tudo pra mim é velho e eu não sabia de nada disso.*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>183</sup>

<sup>183</sup> Como podemos perceber, uma curta sequência de conversas entre Do Patrocínio e Guagliardi foi transformada em dois poemas distintos, apresentados em sequência no livro de Mosé, nas páginas 88 e 89. A filósofa também realizou esse recurso usando o material de transcrição de Mônica Ribeiro de Souza, como destacamos em n.r. anterior.

Eu vejo o mundo e a família  
 O mundo e a família  
 A família que vive no mundo  
 E vive na casa que está sempre no mundo  
 E que está sempre na casa...  
 E a Dra Elisabeth disse assim pra mim  
 E você queria ver mais do que isso pra quê?  
 E você queria ver mais do que isso pra que?  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 90).

[...] [e] <E>u vejo o mundo[,] <e> a família[,]  
 O mundo e a família[,]  
 A família que vive no mundo  
 E vive na casa que está sempre no mundo  
 E que está sempre na casa ...  
 E a Dra. Eli[z]<s>abeth disse assim pra mim[:]  
 E você queria ver mais do isso pra qu[e]<ê>?  
 E você queria ver mais do isso pra que?  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 31).

[A voz da gente grava, nessa fita, e depois de... de uma maneira extremamente... misteriosa, sai daqui, né?

*É... se ligar, né? Se ligar sai, se não ligar não sai*

Mas tudo é assim. Tem que ligar, senão não sai, né? A gente tem que ligar os olhos pra poder ver, não tem? (pausa) que que cê vê?]

*Eu vejo o mundo[,] <e> a família[,] ↓ O mundo e a família[,] ↓ A família que vive no mundo ↓ [e] <E> vive na casa que <es>tá sempre no mundo ↓ <E> que <es>tá sempre na casa<...> ↓ E a Dra Elisabeth disse <assim> pra mim [assim][:] ↓ [e] <E> você queria ver mais do que isso pra quê? ↓ E você queria ver mais do que isso pra qu[ê]<e>?*

[Você queria?

*Ver mais do que isso? Queria!*

O que que cê queria?]

(alguém externo interrompe)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu não sou da casa, não sou da família  
 Não sou do ar  
 Do espaço vazio, do tempo, dos gases  
 Não sou do tempo, não sou do tempo  
 Não sou dos gases, não sou do ar  
 Não sou do espaço vazio, não sou do tempo  
 Não sou dos gases, não sou da casa  
 Não sou da família, não sou dos bichos  
 Não sou dos animais. Sou de Deus  
 Um anjo bom que Deus fez  
 Pra sua glória e seu serviço  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 91).

[Eu já falei o que podia,  
 Não tenho mais voz.  
 Eu já até falei que eu não ando pela inteligência,  
 Não ando pelo pensamento, estou com a cabeça ruim,  
 Com o cérebro ruim, sem poder pensar,]  
 E eu não sou da casa, não sou da família[,]  
 Não sou do ar[,] ↓ do espaço vazio,  
 ↑ [D] <d>o tempo, dos ga[z]<s>es[,]  
 Não sou do tempo, não sou do tempo[,]  
 Não sou dos ga[z]<s>es, não sou do ar[,]  
 Não sou do espaço vazio, não sou do tempo[,]  
 Não sou dos ga[z]<s>es, não sou da casa[,]  
 Não sou da família, não sou dos bichos[,]  
 Não sou dos animais. Sou de Deus[,]  
 Um anjo bom que Deus fez[,]  
 Pra sua glória e seu serviço[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 24).

*[Eu já falei o que podia, não tenho mais voz*  
 A gente conversa em silêncio  
 (silêncio com barulhos de fundo, pessoas que parecem estar num pátio).  
*Eu já até falei que eu num ando pela inteligência, num ando pelo pensamento, tô com a*  
*cabeça ruim, tô com o cérebro ruim, sem poder pensar.] [E] [e] <E>u [num] <não> sou da casa,*  
*não sou da família[,] ↓ [n] <N>ão sou do ar[,] ↓ [d] <D>o espaço vazio, do tempo, dos gases [...]*  
*[n] <N>ão sou do tempo, <não sou do tempo> ↓ [n] <N>ão sou dos gases, não sou do ar[,] ↓ [n]*  
*<N>ão sou do espaço vazio, não sou do tempo[,] ↓ [n] <N>ão sou dos gases, [...] [num] <não>*  
*sou da casa[,] ↓ [num] <Não> sou da família, [num] <não> sou dos bicho<s>[,] ↓ [num] <Não>*  
*sou dos animais[...] <.> Sou de Deus[,] ↓ [u] <U>m anjo bom que Deus fez ↓ [para] <Pra> sua*  
*glória e seu serviço*  
 [Onde que esse deus mora?  
 No céu, me disseram que deus mora no céu, tá no céu na terra em toda parte  
 Em toda parte?  
 É  
 Inclusive em você?  
 Ah não sei se ele tá em mim ou se ele não está, eu sei que eu.. tô passando mal de boca,

*passando muita fome, comendo mal, e... passando mal de boca, comendo, me alimentando mal, comendo mal, passando muita fome, sofrendo da cabeça, sofrendo como doente mental, e num presídio de mulheres cumprindo a prisão perpétua, correndo o processo e sendo processada*

*Por quê?*

*Num sei por quê, porque não tenho casa de moradia, num tenho um trabalho, não sei trabalhar]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

É a mesma mulher é o mesmo homem  
 É a mesma criança é o mesmo bicho  
 É o mesmo animal é o mesmo espírito  
 É a mesma alma é o mesmo Deus  
 É a mesma Nossa Senhora  
 É o mesmo Menino Jesus no tempo  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 92).

[Mas você também sabe que eu gosto de você

*Não acredito.*

Por quê?

*Porque eu sou feia nojenta e horrorosa*

Não é verdade. Você não é feia não é nojenta e não é horrorosa. Você é bonita... bonita...

*Linda e bela é você, não sou eu*

Você também é linda e bela. Você é bonita, poeta, filósofa...

*Quisera, queria*

Tem uma luz linda, fala coisas lindas, e a gente se entende. A gente não se entende?

*Eu passo sempre muita fome sinto sede sono frio preguiça e cansaço, que eu tô no matéria em forma humana e carnal.] E é a mesma mulher é o mesmo homem ↓ [é] <É> [o] <a> mesm<a>[o] criança é o mesmo bicho ↓ [é] <É> o mesmo animal é o mesmo espírito ↓ [é] <É> a mesma alma[,] é o mesmo Deus ↓ [é] <É> a mesma Nossa Senhora ↓ [é] <É> o mesmo Menino Jesus no tempo*

[E você quando sente sede você bebe, aqui tem água. Quando sente fome você come, aqui tem comida

(Stella do Patrocínio vira para outra pessoa e diz: “Gilda, me dá”)

Quando sente sono você dorme,

*Ah eu queria que você trouxesse pra mim um maço de cigarro e uma caixa de fósforo*

Pois é mas hoje eu esqueci, juro por deus que eu esqueci, no carro é que eu me lembrei, da próxima vez eu vou trazer, tá bom? Vou esquecer não. Vamo comigo lá na venda comprar uma coca-cola?

*Não posso sair daqui agora*

(pausa, conversas atrás)

Cê hoje tá triste né, Stella?

*Eu sempre fui assim! Desde que eu me compreendo como gente eu sou assim. Que antes eu era um macaco, à vontade, depois passei a ser um cavalo, depois passei a ser um cachorro, depois passei a ser uma serpente, depois passei a ser um jacaré...*

Que que você vai ficar fazendo sentada aí? No que é que cê tá pensando? Quando cê fica sentada aqui olhando nessa parede, no que é que você pensa?

*Eu penso no... em deus, em nossa senhora. Em Adão e Eva no paraíso, os bichos os animais. Sansão e Dalila. Vida de cristo. Romeu e Julieta. Um estranho no paraíso.]*

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 93).

*[Ô, Neni, eu já disse que eu sou escrava do tempo do cativo. Fui do tempo da... tua, da tua bisavó da tua vó da tua mãe... agora eu sou do teu tempo*

Mas todo mundo é escravo do tempo, não é só você. Todos nós... somos

*Do tempo do cativo?*

Do tempo. De um tempo qualquer... que que é o tempo?]

*O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio*

[O tempo passa ou a gente que passa?

*A gente que passa*

(pausa com pessoas falando ao fundo)

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>184</sup>

---

<sup>184</sup> Este trecho já foi reproduzido para contextualizar o poema da página 87 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*: “Eu não sei quem fez você enxergar...”

***Reino dos bichos e dos animais é o meu nome***  
**Parte V: A parede ainda não era pintada de azul**

No céu  
 Me disseram que deus mora no céu  
 No céu na terra em toda parte  
 Mas não sei se ele está em mim  
 Ou se ele não esta  
 Eu sei que estou passando mal de boca  
 Passando muita fome comendo mal  
 E passando mal de boca  
 Me alimentando mal comendo mal  
 Passando muita fome  
 Sofrendo da cabeça  
 Sofrendo como doente mental  
 E no presídio de mulheres  
 Cumprindo a prisão perpétua  
 Correndo um processo  
 Sendo processada  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 97).

[Onde que esse deus mora?]  
*No céu, [não sabe que deus mora no céu?] <Me disseram que deus mora no céu> [Tá]*  
*no céu na terra em toda parte*  
 [Em toda parte?  
 É  
 Inclusive em você?]  
 [Ah] *<Mas> não sei se ele tá em mim ou se ele não está, eu sei que eu.. estou passando mal de boca, passando muita fome, comendo mal, e passando mal de boca, comendo, me alimentando mal, comendo mal, passando muita fome, sofrendo da cabeça, sofrendo como doente mental, e num presídio de mulheres cumprindo a prisão perpétua, correndo o processo e sendo processada*  
 [Por quê?  
 Não sei por quê, porque não tenho casa de moradia, não tenho trabalho, não sei trabalhar]

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>185</sup>

---

<sup>185</sup> Este trecho também já foi reproduzido, para contextualizar o poema presente na página 24 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

Eles disseram pra mim  
 Você não pode passar sem um homem  
 Sem mulher sem criança sem os bichos sem os  
 animais  
 Mas alimentação e super-alimentação você  
 também não pode ter  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, p. 98).

(corte)  
*[Ficar em cima de bicho. Ficar em cima de animais*  
 Não?  
*Não, não gosto de bicho, não gosto de animal, apesar que existe bicho, que existe animal,*  
*mas eu não gosto de bicho, não gosto de animais*  
 Por quê?  
*Porque eu acho que é muito ruim. Horrível. Gostar de bicho, gostar de animal*  
 Mas por quê? Que que eles]  
*Eles disseram pra mim: você não pode passar sem um homem, sem [a] mulher, sem*  
*criança, sem os bichos [e] sem os animais, mas alimentação e superalimentação você também não*  
*pode ter*  
 [Quem falou?  
*O mundo inteiro.] É*  
 (corte longo)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Tive na avenida Rio Branco  
 A rua inteirinha cheia de homens  
 E eu me alimentei bem alimentada  
 Eles me deram alimentação de vitamina de abacate  
 De mamão de banana de aveia  
 Tive na Avenida Rio Branco  
 Tive na avenida Presidente Vargas  
 Tive na avenida Nilo Peçanha  
 Tive na Avenida Nossa Senhora de Copacabana  
 Em Copacabana tive muitos homens mesmo  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 99).

(corte)

(fim de uma pergunta que não pude compreender)

*[Não me lembro.] Tive... na avenida Rio Branco, [a aveni...] a rua inteirinha cheia de homens, e eu me alimentei bem alimentad[o] <a>, eles me deram alimentação de vitamina de abacate de mamão de banana de aveia. Tive na avenida Rio Branco, tive na avenida Presidente Vargas, tive na avenida Nilo Peçanha tive na avenida Nossa Senhora de Copacabana, em Copacabana, tive muitos homens mesmo*

[E você se lembra de algum?

*Me lembro de todos*

(silêncio)

Fala um pouco deles

*Não tem o que falar*

Não?

*Não... eles são, eram bons, são bons e eram bons, são bons, eu não sei mesmo o que falar. Não trabalho com a inteligência nem com o pensamento.... Mas também não uso a ignorância.]*

(silêncio)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>186</sup>

<sup>186</sup> Este trecho também foi utilizado na comparação do poema da página 62 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* para que eu pudesse contextualizá-lo. Na pág. 62, ela diz “não trabalho com a inteligência”. Cuidei para deixar o trecho todo aqui para que, desse modo, se possa apreender melhor como se deu a sequência de conversa que estava sendo gravada.

Só depois da relação sexual é que eu posso  
carregar tudo pela língua e pela boca  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 100)<sup>187</sup>.

---

<sup>187</sup> Este é outro trecho sem referência nas fontes consultadas por Viviane Mosé. Nem nos arquivos de Guagliardi, nem no material produzido por Ribeiro de Souza, podemos encontrá-lo. Lembramos, inclusive, algo que já comentamos em n.r. anterior: nesses materiais, não encontramos nenhuma referência do substantivo “língua”. Mas, diferentemente do que ocorreu com o poema “nasci louca”, neste nós não sabemos de onde esses versos podem ter vindo.

Tinha terra preta no chão  
 Um homem foi lá e disse  
 Deita aí no chão pra mim te foder  
 Eu disse não  
 Vou me embora daqui  
 Aí eu saí de lá vim andando  
 Ainda não tinha esse prédio  
 Não tinha essa portaria  
 Não tinha esse prédio  
 Não tinha essa portaria  
 Não via tinta azul pelas paredes  
 A parede ainda não era pintada de tinta azul  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 101).

(Uma música toca ao fundo: Comida, dos Titãs)

*[É a vida, né? A vida a gente tem que aceitar como a vida é, não como a gente quer, né? Se fosse como eu queria, eu não queria ver ninguém no mundo, eu não queria ver ninguém na casa, eu queria tá toda hora comendo, bebendo e fumando, assim é que eu queria que fosse meu gosto. Mas como eu pulei muro, despulei muro, pulei portão, despulei portão, pulei lá de cima pro lado de fora, do lado de fora pro lado de dentro... quer dizer que não, não é como eu gosto. Eu não esperava pular muro, pular portão... pular janela, despular janela*

Pra onde... que você ia quando pulava?

*Eu ia pro meio do mato... eu fiquei debaixo daquelas duas pedreira ali.] Tinha terra preta, no chão, um homem foi lá e disse deita <aí> no chão pra mim te foder. Eu disse não, [vamo] <vou me><sup>188</sup> embora daqui.... aí eu saí de lá, vim andando, ainda não tinha esse prédio, essa portaria, não tinha esse prédio, não tinha essa portaria, não via tinta azul pelas parede... a parede ainda não era pintada de tinta azul...*

(silêncio novamente. Agora a música parece ser outra, mais lenta, ao fundo. A impressão é de ser uma festinha em espaço aberto na Colônia, mas com Carla e Stella um pouco distantes das outras pessoas)

[Tá sentindo o vento?

*Não*

Ó, faz assim

*Tô]*

(silêncio)

*[Isso é inteligente (parece bater no gravador, se referindo a ele). De quem pensa. Aqui no hospital ninguém pensa, não tem nenhum que pense*

*Não?]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

<sup>188</sup> As duas alterações de inserção por Viviane Mosé podem ter sido ocasionadas, novamente, por termos entendido o áudio de maneira diferente, devido à má qualidade do arquivo e aos chiados e barulhos externos.

Eu fui agarrada enquanto eu estava sozinha  
 Não conhecia ninguém não conhecia nada  
 Não via ninguém não via nada  
 Nada de cabeças e corpos  
 Nada de casa nada de mundo  
 Eu não conhecia nada eu era ignorante

Depois que eu fui agarrada pra relação sexual e  
 pra foder  
 Depois, só depois eu comecei a ter noção e ficar  
 sabendo  
 Antes eu não fazia nada  
 Não dependia de nada  
 Não fazia nada  
 Era como uma parasita  
 Uma paralisia um câncer  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 102).

*[Só presto pra comer beber e fumar  
 Por que você disse isso?  
 Porque eu gosto, porque minha vida é só comer beber e fumar  
 Mas você fala umas coisas  
 Eu aprendi comer beber e fumar, eu não sabia  
 Não sabia?  
 Não  
 E como é que você aprendeu?  
 Aprendi quando eu fui agarrada pra relação sexual e quando eu fui fodida  
 E como foi isso? Como é que isso aconteceu?]  
 <Eu fui agarrada> Quando eu tava sozinha, não conhecia [nada] <ninguém>, não conhecia  
 [ninguém] <nada>... [tem que contar minha vida toda pra você, né? Você tá interessada em saber da MINHA  
 vida, né? Eu mesma não sei da minha vida direito. Porque eu não sei como pode formar uma cabeça, um olho,  
 nariz respirando, boca com dentes, orelha ouvindo vozes, pele, carne, ossos, altura, largura, força... pra ter  
 força o que é que é preciso fazer? É preciso tomar vitamina.]  
 [Mas como aconteceu isso? Como você foi agarrada?]  
 [Eu fui agarrada quando eu tava sozinha, não conhecia ninguém, não conhecia nada,] não via  
 ninguém, não via nada, nada de cabeças e corpos, nada de casa, nada de mundo, eu não conhecia nada, eu  
 era ignorante  
 [Você só começou a conhecer depois que você foi agarrada?]  
 Depois que eu fui agarrada pra relação sexual e pra foder.  
 [Depois que você teve essa relação sexual que você começou a conhecer todas essas coisas?]  
 [Foi,] depois, só depois que comecei a [andar,] ter noção e ficar sabendo  
 [Antes, o que é que você fazia?]  
 <Antes> Eu não fazia nada, não dependia <de> nada, não fazia nada. Era como uma parasita,  
 uma paralisia, um câncer*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>189</sup>

<sup>189</sup> Como se pode perceber, este é o trecho que mais sofreu alterações de edição para que Viviane Mosé formulasse um novo poema. Como há a supressão das perguntas, ela recorta, cola e insere conectivos utilizados por Guagliardi, não por Stella do Patrocínio. Trata-se, portanto, de um poema montado a partir de uma sequência de falas que desapareceram para que ele pudesse ser formulado.

Minha vida é só comer beber e fumar  
Só presto pra beber comer e fumar  
Eu aprendi comer beber e fumar  
Eu não sabia  
Aprendi quando fui agarrada pra relação sexual  
E quando fui fodida  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 103).

*[Só presto pra comer beber e fumar*  
Por que você disse isso?  
*Porque eu gosto, porque] minha vida é só comer beber e fumar*  
[Mas você fala umas coisas]  
*Eu aprendi comer beber e fumar, eu não sabia*  
[Não sabia?  
*Não*  
E como é que você aprendeu?]  
Aprendi quando eu fui agarrada pra relação sexual e quando [eu] fui fodida

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu já produzi uma criança no colo outra no corpo  
 Sem eu saber que estava produzindo uma criança  
 pequena  
 De tamanho grande e de saúde  
 Eu também estava com saúde

Era Rio de Janeiro  
 Ainda era Botafogo  
 Eu me confundi comendo pão ganhando pão  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 104).

[Mas a sua família, seu pai, sua mãe, seus irmãos, você não tem ninguém?

*Eu sou indigente, eu não tenho ninguém. Não, porque quando eu produzi, que eu pari, eu tava subindo a escada com uma criança. Eu ainda era clara, branca. Da noite pro dia eu fiquei branca, ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branca, eu fiquei preto. Eu sei que eu tomei cor. Nos gases eu me formeí, eu tomei cor. Aí] eu já produzi uma criança no colo, outra no... outra no corpo, sem saber... que eu tava produzindo uma criança... pequena de tamanho grande, e de saúde, eu também tava com saúde, [eu ia subir sempre a escada com as crianças,... e deixar no apartamento.. e ir embora, ou então tornar a descer a escada com duas crianças.] Era Rio de Janeiro, ainda era Botafogo, eu... me confundi. Comendo pão, ganhando pão...*

(Arquivo n. 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>190</sup>

---

<sup>190</sup> Se abirmos a página 270 deste anexo, onde comparamos o poema da página 81 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (cujo verso primeiro é “Quando eu produzi, que eu pari”), veremos que este poema, agora na página 104 do livro de Viviane Mosé, é o miolo do poema anterior. Houve outro recorte do mesmo fragmento de enunciação de Stella. Recorte e colagem, portanto.

Tá respirando tá enxergando tá ouvindo vozes  
 Tá com dentes completos e fortes  
 Tá com um pouquinho de cabeleira  
 Tá de brinco tá bem vestida bem calçada  
 Toda quarta feira você vem  
 Já tá com cabeça  
 Tá com pele tá com carne tá com ossos  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 105).

*[Tá vivo,] tá respirando, tá enxergando, tá ouvindo vozes, tá com dentes completos e fortes, tá com um pouquinho de cabeleira, tá de brinco, tá bem vestida, [bem calçado,] toda quarta-feira você vem, <já> [cê]<sup>191</sup> tá com cabeça, tá com pele, tá com carne, tá com ossos*

*[Será que isso é vida?*

*Eu não sei, porque tá todo mundo na matéria em forma humana e carnal. Não se pode foder na matéria em forma humana e carnal e gozar, porque senão dá vermes, e dá bichos e lombrigas, e a gente apodrece.*

*Olha essa minhoca aqui, olha*

*Ah, é*

*Tá bonito esse verde aqui, né?*

*Tá*

*Que que cê acha disso aqui? Desse aparelho?*

*Eu acho que aí, ele já me disse que é um gravador, eu achava que era um rádio de pilha*

*Mas não é engraçado, que a voz da gente*

*É importante*

*É importante, né?*

*É*

*A voz da gente grava, nessa fita, e depois de... de uma maneira extremamente... misteriosa, sai daqui, né?*

*É... se ligar, né? Se ligar sai, se não ligar não sai]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

---

<sup>191</sup> Como em trechos anteriores, esta diferença é, possivelmente, em decorrência de diferentes percepções por se tratar de uma gravação antiga.

Pra poder ter uma alimentação  
 É preciso depender sempre de uma fêmea  
 Dos filhos todinhos da fêmea  
 Da fêmea dos filhos todinhos da fêmea  
 Dos bichos dos animais todinhos da fêmea  
 Recolher tudo botar tudo pra dentro pra fora pra  
 cima pra baixo  
 De um lado de outro pela frente pelo fundo  
 Pela boca pelos olhos pela cabeça  
 Pela pele pela carne pelos ossos  
 Pela larguez pela altura  
 Pelo corpo todo

Quem sofre sou eu

Quem passa mal sou eu

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 106).

[Hm...sei... agora me diz uma coisa, se cê ganhasse dinheiro, o que que cê faria com esse dinheiro?

*Eu ia comprar alimentação e superalimentação pra mim não morrer de fome.*

E cê tá morrendo de fome aqui?

*Tô morrendo de fome*

E não tem comida aqui suficiente pra você?

*É uma miserinha de nada, uma miserinha à toa*

É mesmo?

*É*

Mas outro dia eu vi um pessoal almoçando, um pratão cheio de comida,... não é não?

*E é aquela...] pra poder ter uma alimentação é preciso depender sempre [de um...] de uma fêmea, dos filhos todinho<s> da fêmea, [e] da fêmea, dos filhos todinho<s> da fêmea, dos bichos, dos animais todinho<s> da fêmea.*

[É?

*Recolher tudo, botar tudo pra dentro, pra fora, pra cima, pra baixo, de um lado, do outro, pela frente, pelo fundo, pela boca, pelos olhos, pela cabeça, pela pele, pela carne, pelos ossos, pelo larguez, pela... pelo larguez, pela altura, pelo corpo todo... Quem sofre sou eu. Quem passa mal sou eu.*

Cê passa muito mal?

*Passo mal. Porque eu tomo constantemente injeções aqui nos hospitais. Injeções para homem, e o... o líquido desce.]*

(Arquivo n. 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

***Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*****Parte VI: Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**

A vida a gente tem que aceitar como a vida é  
 E não como a gente quer  
 Se fosse como eu queria  
 Eu não queria ver ninguém no mundo  
 Não queria ver ninguém na casa  
 Queria estar toda hora comendo bebendo fumando  
 Assim é que eu queria que fosse meu gosto

Mas como eu pulei muro despulei muro  
 Pulei portão despulei portão  
 Pulei lá de cima pro lado de fora  
 Do lado de fora pro lado de dentro  
 Quer dizer que eu...

Não é como eu gosto  
 Eu não esperava pular muro pular portão  
 Pular janela despular janela

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 109).*

(Uma música toca ao fundo: Comida, dos Titãs)

*[É a vida, né?] A vida a gente tem que aceitar como a vida é, <e> não como a gente quer [, né?] Se fosse como eu queria, eu não queria ver ninguém no mundo, [eu] não queria ver ninguém na casa, [eu] queria [tá] <estar> toda hora comendo, bebendo [e] fumando, assim é que eu queria que fosse meu gosto. Mas como eu pulei muro, despulei muro, pulei portão, despulei portão, pulei lá de cima pro lado de fora, do lado de fora pro lado de dentro... quer dizer que eu, não é como eu gosto. Eu não esperava pular muro, pular portão... pular janela, despular janela*

*[Pra onde... que você ia quando pulava?*

*Eu ia pro meio do mato... eu fiquei debaixo daquelas duas pedreira ali. Tinha terra preta, no chão, um homem foi lá e disse deita no chão pra mim te foder. Eu disse não, vamo embora daqui... aí eu saí de lá, vim andando, ainda não tinha esse prédio, essa portaria, não tinha esse prédio, não tinha essa portaria, não via tinta azul pelas parede... a parede ainda não era pintada de tinta azul...]*  
 (Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Todo dia dá segunda terça quarta quinta sexta  
 sábado domingo  
 Janeiro fevereiro março abril maio junho julho  
 agosto setembro outubro novembro dezembro  
 Estamos no mês de junho e hoje é quarta-feira  
 Do dia não sei

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 110).

(silêncio)

*Todo dia dá segunda terça quarta quinta sexta sábado e domingo. Janeiro fevereiro março abril maio junho julho agosto setembro outubro novembro dezembro. Tamo no mês de junho, e hoje é quarta-feira. Do dia eu não sei se é...*

Hoje é 22, eu acho. Não sei se é 22 ou 23... quando cê faz anos?

*9 de janeiro*

Hm... capricórnio?

*É... horóscopo, sou capricórnio. Já me disseram também. Horóscopo, eu sou capricórnio.*

Teimoso, sabia? Teimoso...

*É?*

E eu, sou o quê?

*Áries... gêmeos...*

Olha bem pra minha cara

*Touro... então eu não sei*

Leão? Ih, tiraram os colchões de lá, né?

(pausa)

Cadê tua namorada, Stella? Cadê tua namorada?

*Tai, você*

Eu?

*É... eu já vou-me embora.*

Já?

*Já, porque você não trouxe lápis e papel pra mim escrever.*

Ah, então trago aqui, perai

*Eu quero lápis e papel pra mim escrever*

Oi, dona Inês, tá boa? Marlene, traz um lápis e um papel pra, por favor? ... escuta,

*Ih, a mesa cheia de poeira*

É... o que que cê quer escrever?

*Só de eu fazer esse gesto, esse sinal, a mesa cheia de poeira ficou toda suja*

Tá boa, dona Inês?

(Dona Inês responde dizendo 'muito boa não, mas (ininteligível) dando trabalho?' e começa a rir)

Cê gosta da Marli?

*Não*

Por quê?

*Porque ela é feia*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Quando o sol penetra no dia  
dá um dia de sol muito bonito muito belo  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 111).

*[Peço, em acesso, falei muito, falei demais, falei tudo o que tinha que falar. Declarei, expliquei, esclareci tudo. Diz que] quando o sol penetra no dia, dá dia de sol muito bonito, muito belo. [Can....]*

(barulhos externos seguidos de corte de gravação)

*[dos vivo, depois do entre a vida e a morte, depois dos mortos, depois dos bichos e dos animais, se fica à vontade como bicho e como animal. Não tenho mais nada pra falar.]*

(corte de gravação)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

*[É aparelho armas e máquinas. Bronze chumbo ferro aço enigmático. Meio de transporte: ônibus lotação trem avião bicicleta e motocicleta. Eu trabalho de cabeça larga maior do que a parede do que a varanda do que o prédio do que o mundo familiar, boto o mundo familiar todo dentro, subo da explosão desço da explosão, como correnteza e mais do que monstro eletrônico, elétricos e automativo.] Quando o sol penetra no dia, dá um dia de sol muito bonito, muito belo.*

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> Esses mesmos versos aparecem em dois momentos distintos de gravação, como ilustramos nesta página.

A realidade é esta folha  
 Este banco esta árvore  
 Esta terra  
 É este prédio de dois andares  
 Estas roupas estendidas na muralha  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 112).

[... eu sonho quanto estou dormindo,  
 Acordada não sonho não.  
 Estou na realidade,  
 Não lembro nada de nenhum sonho que eu sonhe.]  
 A realidade é esta folha[,]  
 Este banco[,] esta árvore[,]  
 Esta terra[,] ↓ [é] <É> este prédio de dois andares[,]  
 Estas roupas estendidas na muralha[.]  
 [Faço uma força pra lembrar  
 O que aconteceu comigo durante o sono,  
 Mas não consigo.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 12).

[Stella, você sonha?  
*Sonho quando tô dormindo. Acordada não sonho não, tô na realidade*  
 Você lembra?  
*Não lembro nada que se passa, nada de nenhum sonho que eu sonho.] A realidade é*  
*[essa] <esta> folha, [esse] <este> banco [essa] <esta> terra [essa] <esta> arvore é [esse] <este>*  
*prédio de dois andares, [é essas] <estas> roupas estendidas na muralha...*  
 (silêncio das duas, mas o barulho continua ao fundo)  
 [Nunca você lembra o que sonha?  
*Não*  
*Às vezes eu não lembro, às vezes eu lembro*  
*Eu nem às vezes, nem nunca eu lembro. Não lembro de um sonho sequer. Procu, faço*  
*uma força pra lembrar, o que aconteceu comigo durante o sonho, não consigo.]*  
 (fim do arquivo)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Lá no portão eu disse  
 Quero pastar à vontade que nem camelo  
 Pra ver como fica o resultado da história da vida  
 de Cristo  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 113).

(corte)

*Lá no portão [e] <eu> disse: quero pastar à vontade que nem [um] camelo.*

[Que mais?]

*Pra [mim é] <ver> como fica o resultado da história da vida de cristo*

*E aquela história daquela criança que foi gerada, lembra? Que você disse que primeiro eram os gases, e aí a criança sugeriu que ela era branca, não era isso? E depois pegou cor? Lembra dessa história?*

(corte)

*Ficar em cima de bicho. Ficar em cima de animais*

Não?

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Antes era um macaco, à vontade,  
 Depois passei a ser um cavalo  
 Depois passei a ser um cachorro  
 Depois passei a ser uma serpente  
 Depois passei a ser um jacaré

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 114).

*Vamo comigo lá na venda comprar uma coca-cola?*

[Não posso sair daqui agora

(pausa, conversas atrás)

Cê hoje tá triste né, Stella?

*Eu sempre fui assim! Desde que eu me compreendo como gente eu sou assim. Que] antes eu era um macaco, à vontade, depois passei a ser um cavalo, depois passei a ser um cachorro, depois passei a ser uma serpente, depois passei a ser um jacaré...*

[Que que você vai ficar fazendo sentada aí? No que é que cê tá pensando? Quando cê fica sentada aqui olhando nessa parede, no que é que você pensa?

*Eu penso no... em deus, em nossa senhora. Em Adão e Eva no paraíso, os bichos os animais. Sansão e Dalila. Vida de cristo. Romeu e Julieta. Um estranho no paraíso.*

(pausa, ainda com barulhos e conversas de fundo)

(alguém parece reclamar, com outra pessoa, mas é ininteligível. Mais pessoas conversam ao fundo.)

Quem são essas pessoas? Hum?

*Das criança.*

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Primeiro veio o mundo dos vivos

Depois do entre a vida e a morte

Depois dos mortos

Depois dos bichos e dos animais

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 115).

(pausa, barulhos, conversas)

*Primeiro veio o mundo dos vivo<s>, depois do entre a vida e a morte, depois dos mortos, depois dos bichos[,] <e> dos animais [, se fica à vontade como bicho e como animal*

E você tá agora em que mundo?

*Tô no mundo dos bichos, dos animais*

E bicho você?

*Do dinossauro*

Que bicho você é?

*Dinossauro*

hm... você gosta de ser dinossauro?

*Gosto*

Que que ele faz?

*Não faz nada]*

(pausa)

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Depois do entre a vida e a morte

Depois dos mortos

Depois dos bichos e dos animais

Só fica a vontade como bicho e como animal

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 116).

(barulhos externos seguidos de corte de gravação)

*[dos vivo,] depois do entre a vida e a morte, depois dos mortos, depois dos bichos e dos animais, [se] <só> fica à vontade como bicho e como animal. [Não tenho mais nada pra falar.]*

(corte de gravação)

*[espaço vazio e no tempo e nos gases, como ar, espaço vazio, tempo e gases. A família toda tá lá em cima, cá embaixo, lá dentro, cá fora, lá nos fundo e cá na frente,] mais de quinhentos milhões e quinhentos mil moradores morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá, Núcleo Teixeira brandão, Jacarepaguá, e... todo dia dá segunda terça quarta quin..]*

(corte de gravação)

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Não gosto de bicho não gosto de animal  
Apesar de que existe bicho existe animal  
Mas eu não gosto de bicho não gosto de animais  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 117).

(corte)

*[Ficar em cima de bicho. Ficar em cima de animais*

Não?

*Não,] não gosto de bicho, não gosto de animal, apesar que existe bicho, [que] existe animal, mas eu não gosto de bicho, não gosto de animais*

[Por quê?

*Porque eu acho que é muito ruim. Horrível. Gostar de bicho, gostar de animal]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Meu nome verdadeiro é caixão enterro  
 Cemitério defunto cadáver  
 Esqueleto humano asilo de velhos  
 Hospital de tudo quanto é doença  
 Hospício  
 Mundo dos bichos e dos animais  
 Os animais: dinossauro camelo onça  
 Tigre leão dinossauro  
 Macacos girafas tartarugas  
 Reino dos bichos e dos animais é o meu nome  
 Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista  
 Um verdadeiro jardim zoológico  
 Quinta da Boa Vista  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 118).

Meu nome verdadeiro é caixão[,] enterro[,]  
 Cemitério[,] defunto[,] cadáver[,]  
 Esqueleto humano[,] asilo de velhos[,]  
 Hospital de tudo quanto é doença[,]  
 Hospício[,] ↓[m] <M>undo dos bichos e dos animais[,]  
 <Os animais:> [D] <d>inossauro[,] camelo[,] onça[,]  
 Tigre[,] leão[,] dinossauro[,]  
 Macacos[,] girafas[,] tartarugas[,]  
 Reino dos bichos e dos animais é o meu nome[,]  
 Um verdadeiro jardim zoológico[,]  
 Quinta da Boa Vista[,]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 29).

*[É... não tinha uma noção, uma ideia.*  
 Do que era isso tudo  
 Não tinha  
 E como é que essa ideia chegou? Como é que foi isso?  
*Quando... vocês vieram me visitar]*  
 (pessoas próximas chamando por Maria e dizendo mais coisas inteligíveis no áudio)  
*Meu nome verdadeiro é caixão enterro cemitério defunto cadáver esqueleto humano*  
*asilo de velho<s> hospital de tudo quanto é doença hospício [e] mundo dos bichos e dos animais.*  
*Os animais dinossauro, camelo, onça, tigre, leão [, é...] dinossauro, macacos [e...] girafas*  
*tartarugas, reino dos bichos e dos animais é o meu nome*  
 [É?]  
*Jardim zoológico Quinta da Boa Vista. O verdadeiro jardim zoológico Quinta da Boa*  
 Vista

[Eu não enten...]  
 (Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>193</sup>

<sup>193</sup> Aqui, aparentemente Viviane Mosé uniu os dois materiais para confeccionar um novo poema. No caso da transcrição de Mônica Ribeiro de Souza, não há a sentença “Os animais:” (verso 7). Já no arquivo de áudio de Carla Guagliardi, essa

*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome***Parte VII: Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum**

Perdi o gosto o prazer o desejo a vontade o querer  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 121).

[O que que você tá vendo nessa parede aqui?

*Tô vendo nada, tinta, pedra...*

Uhum, então por que que você não quer sair lá fora? Pra ver outras coisas?

*Porque não me interessa, não tenho interesse nenhum, nem me preocupo, não tenho preocupação nenhuma.*

Cê perdeu o gosto?]

*Perdi o gosto o prazer o desejo a vontade o querer*

[E não quer achar de novo?

*Não*

Por quê?

*Porque eu sou mundial podre e tudo pra mim é merda durinha à vontade. E... até ser contaminada e contaminada até ser merda pura. E é merda fezes excremento bosta cocô. Bicha, lombriga, verme, pus ferida vômito escarro porra diarreia disenteria água de bosta e caganeira*

Que que é isso?

*É porcaria e sujeira]*

(pausa, ainda com vozes ao fundo)

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu não tenho coragem de enfrentar nada  
 Eu tenho que enfrentar a violência  
 A brutalidade e a grosseria  
 E ir à luta pelo pão de cada dia

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 122).*

*[Eu sou muito medrosa cínica covarde sonsa e injusta.*

*Por quê? Cê tá falando isso?*

*Que eu não sei fazer justiça. Não sei como se faz justiça. E sou advogada de defesa e salva-vida*

*Por que que você é covarde?*

*Porque eu não sei como se faz justiça. Não sei fazer justiça*

*E por quê você é medrosa?]*

*[Que] eu não tenho [, não tenho...] coragem de enfrentar nada*

*[Que que você tem que enfrentar? Nessa vida?]*

*Eu tenho que enfrentar a violência, a brutalidade [,] <e> a grosseria... <e> ir à luta, pelo pão de cada dia.*

*[Mas você enfrenta isso. Não enfrenta? Cê gostaria de enfrentar de outra maneira?*

*Não, porque eu enxergo o mundo, enxergo as pessoas que vivem no mundo, que procuram o mundo, enxergo a casa, as pessoas que procura a casa, e ela me disse que eu não preciso enxergar mais do que isso. Pra que que eu quero enxergar mais do que isso? Se eu já tô enxergando muito e à vontade e demais.]*

*(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).*

Eu sou mundial podre  
 Tudo pra mim é merda durinha à vontade  
 Até ser contaminada até ser  
 merda pura  
 E é merda fezes excremento bosta cocô  
 Bicha lombriga verme pus ferida vômito escarro  
 porra  
 Diarreia disenteria água de bosta e caganeira  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 123).

*[Perdi o gosto o prazer o desejo a vontade o querer  
 E não quer achar de novo?  
 Não  
 Por quê?  
 Porque] eu sou mundial podre [e] tudo pra mim é merda durinha à vontade. [E...] até  
 ser contaminada e contaminada até ser merda pura. E é merda fezes excremento bosta cocô. Bicha,  
 lombriga, verme, pus ferida vômito escarro porra diarreia disenteria água de bosta e caganeira*  
*[Que que é isso?  
 É porcaria e sujeira  
 (pausa, ainda com vozes ao fundo)  
 E o outro lado da porcaria, o que que é?  
 É sujeira  
 Não, o outro lado, o contrário da porcaria  
 É limpeza  
 Então, que tal? Que tal as coisas claras? A água, o cristal de rocha... que que você acha?  
 É melhor cem por cento melhor... a limpeza é melhor do que sujeira  
 Então vamo lá fora ver essas coisas bonitas  
 Não, eu não quero ir andar mais não. Já andei de cima até aqui embaixo, já andei aqui  
 embaixo tudinho  
 Mas não precisa andar não. A gente anda até lá depois lá você senta, e a gente fica  
 conversando sentadinho  
 Ah mas eu tô falando muito tô falando demais e eu não posso mais falar porque eu não  
 tenho mais voz  
 Mas você...  
 Não tenho mais o que falar]*

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Não deu tempo  
 Eu estava tomando claridade e luz  
 Quando a luz apagou  
 A claridade apagou  
 Tudo ficou nas trevas  
 Na madrugada mundial  
 Sem luz

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 124).

[...] [n] <N>ão deu tempo[,]  
 [Quando] [e] <E>u estava tomando claridade e luz[,]  
 Quando a luz apagou[,]  
 A claridade apagou[,]↓[t] <T>udo ficou nas trevas[,]  
 Na madrugada mundial[,]  
 Sem luz [e quando no escuro,  
 Fizeram força para pegar a claridade e a luz.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 32).

[Você estudou aonde, Stella?  
*Não estudei não*  
 Não? Como é que você sabe esses números?  
*Sabendo*  
 Não frequentou nenhuma escola?  
*Não*  
 Nada, nada?  
*Não,] não deu tempo. Eu <es>tava tomando claridade e luz, quando a luz apagou, a claridade apagou, tudo ficou nas treva<s> [e] na madrugada mundial sem luz [, e quando no escuro fizeram força pra chegar claridade e a luz*  
 E aí, chegou a luz?  
*Chegou, olha aí a claridade, olha aí a luz. O dia. Que dia bonito, que dia lindo de sol*  
 Cê gosta mais do dia ou da noite?  
*Do dia. Porque de dia eu posso comer beber e fumar à vontade*  
 Mas de noite também pode. Não pode comer beber e fumar de noite?]  
 (Carla responde a alguém externo e o arquivo termina)

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu não sei o que fazer da minha vida  
 Por isso eu estou triste  
 E fico vendo tudo em cima da minha cabeça  
 Em cima do meu corpo  
 Toda hora me procurando me procurando  
 E eu já carregada de relação sexual  
 Já fodida  
 Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo  
 nenhum  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 125).

[Você hoje tá tristonha.]

(Carla fala para outra pessoa: “não mexe, não mexe”, aparentemente pedindo pra não mexerem no gravador)

*[É que] eu não sei o que fazer da minha vida, por isso [é que eu] <estou> tô triste, e fico vendo tudo em cima da minha cabeça [e] <em cima> do meu corpo, toda hora me procurando me procurando e eu já carregada de relação sexual, já fodida, botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum*

(pausa com conversas ao fundo)

*[Eu sei que você é uma olho, é uma espiã que faz espionagem, é um fiscal é um vigia também. É uma criança prodígio poderes milagre mistério. É uma cientista, já nasce rica e milionária.*

Quem falou isso pra você?

*Eu tô sabendo porque as aparências não se enganam*

(pausa com conversas ao fundo)

Mas você também sabe que eu gosto muito

*Não acredito. Porque eu sou feia nojenta e horrorosa*

Não é verdade. Você não é feia não é nojenta não é horrorosa. Você é bonita... bonita...

*Linda e bela é você, não sou eu*

Você também é linda e bela. Você é bonita, poeta, filósofa...

*Quisera, queria*

Tem uma luz linda, fala coisas lindas, e a gente se entende. A gente não se entende?]

(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Tô carregada de uma relação total  
 Sexual  
 Fodida  
 Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo  
 nenhum

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 126).

[Depois que você teve essa relação sexual que você começou a conhecer todas essas coisas?

*Foi, depois, só depois que comecei a andar, ter noção e ficar sabendo*

*Antes, o que é que você fazia?*

*Eu não fazia nada, não dependia nada, não fazia nada. Era como uma parasita, uma paralisia, um câncer*

*Então você acha que você só nasceu pro mundo depois da sua primeira relação sexual?*

*É só depois da primeira relação sexual. E já] tô carregada [da] <de uma> relação total sexual fodida, botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum*

*Por que que cê tá sem gozo nenhum?*

*Porque eu não dependo de mim, dependo dos outros*

*Por quê?*

*Sou obrigada... cê tá me examinando, não tá?*

*Tô... e você também tá me examinando*

*(silêncio com conversas ao fundo)*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Você está me comendo tanto pelos olhos  
Que eu já não tenho de onde tirar força  
Pra te alimentar

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 127).*

Você está me comendo tanto pelos olhos  
Que eu já não tenho de onde tirar força  
Pra te alimentar [...]

*(VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais..., 1991, p. 28).*

Fica. Se eu escrever aqui, você vem aqui, vê qual é o número e me telefona. Quer?

*Quero*

Então depois vamo... aqui não tem caneta, depois pego caneta e escrevo aqui na parede.

Tá? Aí você vai me ligar?

*Ah, eles não deixam... tem telefone, mas eles não deixam usar*

Lá fora tem telefone?

*Não.... a não ser, o Madureira. Nem Madureira não tem.*

Você experimenta, você diz que é pra falar com a professora daqui do... de arte

*Cê tá me comento tanto pelos olho, que eu tô já sem, sem ter de onde tirar força... pra te alimentar. É sim, Carla*

Você me come também

*Não eu não como pelos olho nem pela boca nem pela cabeça nem pelo corpo todo a não ser tendo uma encarnação encarnada em mim. Porque eu não sou de comer nem de beber nem de falar nem de andar. Sou cega surda muda e paralítica*

Cê quer que eu não.. olhe mais pra você?

*Não não é isso não Carla mas não fica me comento tanto pelos olhos, só pelos olho, pelas palavra, que eu fico sem força*

É?

É

Então a gente não precisa fazer essa força, vamo ficar mais... quietinho. A gente fica mui... Cê tá muito preocupada, com o gravador.

*Eu? Não*

Não?

*Cê acha? Não... eu gosto de gravação*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu sei que você é uma olho  
 Uma espiã que faz espionagem  
 É um fiscal um vigia também  
 É uma criança prodígio precoce poderes  
 Milagre mistério  
 É uma cientista  
 já nasce rica e milionária

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 128).*

*(pausa com conversas ao fundo)*

*Eu sei que você é uma olho, [é] uma espiã que faz espionagem, é um fiscal [é] um vigia também. É uma criança prodígio precoce poderes milagre mistério. É uma cientista, já nasce rica e milionária.*

*[Quem falou isso pra você?*

*Eu tô sabendo porque as aparências não se enganam]*

*(pausa com conversas ao fundo)*

*(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).*

Você nasce sempre  
 Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos  
 Tem sua família  
 Eu não tenho mais família  
 Minha família toda já morreu  
 Tô na família do cientista  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 129).

[A gente vai fazer uma exposição de arte, agora, daqui. Desses desenhos daqui. Tá? Aí a gente quer colocar, na exposição, fotografia, assim... do trabalho, das pessoas trabalhando... pra mostrar pra todo mundo...

*Gilda, me dá um pouco! Vem cá, Gilda! (a outra pessoa que provavelmente passa por ela)*

E lá, a gente tá pensando em colocar um gravador desse, pras pessoas ouvirem as vozes da gente... conversando... aí a pessoa vai lá visitar e escuta você falando... ‘Quem é? Quem é essa mulher que fala essas coisas tão bonitas?’ aí falar: Stella. É uma estrela.]

(silêncio)

*Você nasce sempre, tem seus herdeiros[,] <e> seus hereditários todinho<s>. Tem [tua] <sua> família, eu não tenho mais família. Minha família toda já morreu. Tô na família [, tô na família do...] do cientista*

[Qual cientista?

*Dr. Silvio dentista. Que me agarrou pra... arrancar meus dente*

É?

É

Por quê?

*Que achava que eu devia... ti, arrancar dente. Me levou, quem me levou foi Adalberto, quem arrancou foi o Dr. Silvio*

(barulho)

Ai meu deus

(barulho de correria)

(corte seguido de corte. O silêncio aumenta, como se tivessem saído de perto)

Quando cheguei lá o Dr. Silvio arrancou todos. Um, um um em ca... um por dia, e

(corte, com barulho mais distante)

Stella, você sonha?

*Sonho quando tô dormindo. Acordada não sonho não, tô na realidade]*

(Arquivo n. 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

É quadrilha exército povoado  
 Bloco médico escoteiros e bandeirantes  
 Isso é família porque é família é família  
 Tudo é família  
 Você não é família?

Uma família é uma reunião uma reunião  
 Uma família pra mim é uma reunião de médicos e  
 cientistas  
 Minha família era a família que se garantia  
 E sumiu de repente desapareceu mudou  
 Mudou não sei se foi porque mudaram as  
 vestimentas  
 A família toda com as mesmas roupas  
 Com as roupas iguais  
 E aí mudou as roupas  
 Pra poder ficar mais difícil a diferença entre nós

Escoteiros quem vende são bandeirantes  
 Bandeirantes quem domina e vence são  
 escoteiros  
 Família é quadrilha exército povoado  
 Bloco médico escoteiros bandeirantes  
 Corpo de bombeiros quadrilha exército  
 Povoado bloco médico corpo de bombeiros  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 130).

[Eu declarei, expliquei, esclareci tudo:]  
 É quadrilha[,] exército[,] povoado[,]  
 Bloco [M] <m>édico[,] escoteiros e bandeirantes[.]  
 Isso é família[,] porque é família[,] é família[,]  
 Tudo é família[,] ↓ [v] <V>ocê não é [uma] família?  
 ¶Uma família é uma reunião[,] uma reunião[,]  
 Uma família pra mim é uma reunião de médicos e ↓ cientistas.  
 Minha família era a família que se garantia  
 E sumiu de repente[,] desapareceu[,] mudou[,]  
 Mudou[,] não sei se foi porque mudaram as ↓ vestimentas[,]  
 A família toda com as mesmas roupas[,]  
 Com as roupas iguais[,] ↓ [e] <E> aí mudou as roupas  
 Pra poder ficar mais difícil a diferença entre nós[.]  
 ¶Escoteiros quem vence são bandeirantes[,]  
 Bandeirantes quem domina e vence são [os] ↓escoteiros[.]  
 Família é quadrilha[,] exército[,] povoado[,]  
 Bloco [M] <m>édico[,] escoteiros[,] bandeirantes[,]  
 Corpo de [B] <b>ombeiros[,] quadrilha[,] exército[,]  
 Povoado[,] [B] <b>loco [M] <m>édico[,] [C] <c>orpo de [B] <b>ombeiros[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 34).

Se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo  
 E perna pra cima  
 Meter tudo dentro da lata do lixo e fazer um aborto  
 Será que acontece alguma coisa comigo?  
 Vão me fazer alguma coisa?

Se eu pegar durante a noite novamente a família  
 toda de cabeça pra baixo  
 E perna pra cima  
 Jogar lá de dentro pra fora  
 Lá de cima cá pra baixo  
 Será que ainda vai continuar acontecendo  
 alguma coisa comigo?

(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 131).

[Cê sabe que os olhos são as janelas do espírito. Da alma

*São mesmo?*

As janelas da alma

*É mesmo? eu não sabia*

Não sabia?

*Tô aprendendo agora.*

Pois é... a gente se conhece através dos olhos

(silêncio)

*Eu tenho muito mau pensamento mas não sou eu que faço mau pensamento*

Quem é?

*Eu não sei quem é mas não sou eu que faço mau pensamento. Eu sei que não sou eu que faço mau pensamento. Eu penso assim:] se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, meter tudo dentro da lata do lixo, e fazer um aborto, será que acontece alguma coisa comigo? Vão me fazer alguma coisa? Se eu pegar durante a noite novamente a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, jogar lá de dentro pra fora, lá de cima cá pra baixo, será que ainda vai continuar acontecendo alguma coisa comigo?*

[Que que cê tem medo que aconteça com você, quando você tem esses maus pensamentos?]

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu tenho muito mal pensamento  
 Mas não sou eu que faço mal pensamento  
 Eu não sei quem é  
 Mas não sou eu que faço mal pensamento  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 132).

[Não sabia?

*Tô aprendendo agora.*

Pois é... a gente se conhece através dos olhos

(silêncio)

*Eu tenho muito mau pensamento mas não sou eu que faço mau pensamento*

Quem é?

*Eu não sei quem é mas não sou eu que faço mau pensamento. Eu sei que não sou eu que faço mau pensamento.] Eu penso assim: se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, meter tudo dentro da lata do lixo, e fazer um aborto, será que acontece alguma coisa comigo? Vão me fazer alguma coisa? Se eu pegar durante a noite novamente a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, jogar lá de dentro pra fora, lá de cima cá pra baixo, será que ainda vai continuar acontecendo alguma coisa comigo?*

[Que que cê tem medo que aconteça com você, quando você tem esses maus pensamentos?]

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> Como se pode perceber, assim como o poema anterior, este poema possui sua gênese a partir de uma mesma sequência de discurso oral. No entanto, uma questão relacionada à fidedignidade da obra instaura-se: se Stella do Patrocínio enunciou em seu discurso "mau pensamento", o que justificaria a escolha de Viviane Mosé por "mal"? O substantivo "pensamento" demanda um adjetivo, no caso "mau", não um advérbio de modo, como propôs Mosé.

Me ensinaram a morder chupar roer lamber e dar  
dentadas  
(*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 133).

Me ensinaram a morder chupar roer lamber e dar dentadas<sup>195</sup>  
(Arquivo n. 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

---

<sup>195</sup> Trata-se do trecho que abre o arquivo de áudio n. 04, intitulado “Me ensinaram...”

**(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome: Parte VIII: Procurando falatório)**

Este gravador está gravando?  
Parece um livro de reza, está comportado  
Muito comportado, está se comportando  
Ele poderia ser como um rádio mesmo  
Mas está parecendo um livro de reza  
Ele não fala

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 137).*

Este gravador está gravando?  
Parece um livro de reza, está comportado[,]  
Muito comportado, está se comportando[,]  
Ele poderia ser como um rádio[,] mesmo[,]  
Mas está parecendo um livro de reza[,]  
Ele não fala[.]

*(VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais..., 1991, p. 22).*

Nós estamos sentados numa cadeira procurando  
 mesa  
 Procurando falatório  
 Procurando gravar o falatório todo  
 E eu antes não sabia de nada disso  
 Isso tudo pra mim é velho  
 E eu não sabia de nada disso  
 Não tinha uma noção uma ideia  
 Do que era isso tudo  
 Não tinha  
 Aprendi quando vocês vieram me visitar  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 138).

*[De quinze em quinze dia você vem né? Então quando cê vier cê me chama, tá?*

Claro

*Porque eu... não tenho cabeça boa não. Não sei o que que tem aqui dentro, não sei o que que tem aqui dentro, não sei o que que tem aqui dentro, não sei o que que tem aqui dentro. Eu sei que tem olho, mas olho pra fazer enxergar como? Quem bota pra enxergar? Se não sou eu que boto pra enxergar?*

Quem que você acha que bota pra enxergar?

*Eu acho que é ninguém. Enxerga sozinho. Esse enxerga sozinho. Tô enxergando agora você, enxergando o palácio, enxergando o mundo, enxergando a casa, enxergando mesas cadeiras, enxergando paredes cercando chão, cercando teto, enxergando teto, enxergando... papelões sobre a... parede, papelões sobre a parede, mesas e cadeiras sobre o chão,] [n] <N>ós estamos sentados numa cadeira procurando mesa procurando falatório[,] procurando gravar o falatório todo[,] e eu [ontem] não sabia de nada disso[, isso tudo pra mim é velho e eu não sabia de nada disso]*

[É mesmo?

*É...]* não tinha uma noção, uma ideia

Do que era isso tudo

*Não tinha*

[E como é que essa ideia chegou? Como é que foi isso?]

*<Aprendi> Quando[...]* vocês vieram me visitar]

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>196</sup>

<sup>196</sup> Aqui, notamos que Mosé inseriu uma fala de Carla Guagliardi em conversa com Stella do Patrocínio como composição do poema: “Do que era isso tudo” passa a ser um verso que compõe a ilustração dessa conversa, mas não foi Do Patrocínio quem enunciou, mas Carla, complementando o que Stella disse.

Eu gosto mesmo é de escrever  
 De fazer número  
 Em papelão  
 Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia  
 Quando eu tô com vontade de falar  
 Tenho muito assunto muito falatório  
 Não encontro ninguém pra quem eu possa conversar  
 Quando não tenho uma voz mais  
 Não tenho um falatório  
 Uma voz mais  
 Vocês me aparecem  
 E querem conversar conversar conversar  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 139).

[É difícil, né? Mas a gente precisa arranjar um jeito de você produzir... de você ganhar dinheiro... não é? Pra você fazer o que você quer, não é, Tereza? Quem sabe com o trabalho aí do galpão a gente consegue isso. Vamo tentar. Não é isso? Então, Terez...]

*Eu gosto <mesmo> <é> de escrever, de fazer número*

[Ah, então pronto,...]

[No] <Em> *papelão, continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia.*

(Arquivo 1. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

*[Cê me pega sempre desprevenida, hein?] Quando [eu] tô com vontade de falar, tenho muito assunto[,] muito falatório, não encontro ninguém pra quem eu possa conversar. Quando não tenho uma voz mais, não tenho um falatório, uma voz mais, vocês me aparecem e querem conversar conversar conversar [conversar, sem eu ter voz]*

(Arquivo 2. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).<sup>197</sup>

---

<sup>197</sup> Trata-se de uma junção de conversas distintas, como referenciado: uma delas, presente no primeiro arquivo de áudio. A outra, no arquivo quarto.

Eu gosto mesmo é de escrever  
De fazer número  
Em papelão  
Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 140).*<sup>198</sup>

---

<sup>198</sup> Trecho destacado do poema anterior, já comparado com os materiais originais.

Eu já falei em excesso em acesso muito e demais  
 Declarei expliquei esclareci tudo  
 Falei tudo que tinha que falar  
 Não tenho mais assunto mais conversa fiada  
 Já falei tudo  
 Não tenho mais voz pra cantar também  
 Porque eu já cantei tudo que tinha que cantar  
 Eu cresci engordei tô forte  
 Tô mais forte que um casal  
 Que a família que o exército que o mundo que a casa  
 Sou mais velha do que todos da família  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 141).

*Eu já falei em excesso em acesso muito demais declarei expliquei esclareci tudo. Falei tudo o que tinha que falar, não tenho mais assunto mais conversa fiada, eu falei tudo. Não tenho mais voz pra cantar também porque eu já cantei tudo o que tinha pra cantar. Eu cresci engordei tô forte, tô mais forte que o casal que a família que o exército que o mundo que a casa. Sou mais velha do que todos da família.*

[Canta uma música p mim  
 Não... tô cansada de tanto falar não posso mais cantar  
 Então fala uma poesia  
 Também não. Não tenho mais lembrança de poesia mais nenhuma  
 Faz uma poesia pra mim  
 Eu não tenho mais lembrança de poesia  
 Mas tudo o que você fala é poesia, Stella  
 É história que eu tô contando, anedota]

(Arquivo 4. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Eu já não tenho mais voz  
 Porque eu já falei tudo o que tinha que falar  
 Falo, falo, falo, falo o tempo todo  
 E é como se eu não tivesse falado nada  
 Eu sinto fome matam minha fome  
 Eu sinto sede matam minha sede  
 Fico cansada falo que tô cansada  
 Matam meu cansaço  
 Eu fico com preguiça matam minha preguiça  
 Fico com sono matam meu sono  
 Quando eu reclamo  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 142).

Eu já não tenho mais voz[,]  
 Porque eu já falei tudo o que tinha que falar[,]  
 Falo, falo, falo, falo o tempo todo[,]  
 <E> [É] <é> como se eu não tivesse falado nada[,]  
 Eu sinto fome[,] matam minha fome[,]  
 <Eu> [S] <s>into sede[,] matam minha sede[,]  
 Fico cansada[,] falo que [ˈ]tô cansada[,] ↓ [m] <M>atam meu cansaço[,]  
 Eu fico com preguiça[,] matam minha preguiça[,]  
 Fico com sono[,] matam meu sono[,]  
 Quando eu reclamo[,]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 19).

Me transformei com esse falatório todinho  
 Num homem feio  
 Mas tão feio  
 Que não me aguento mais de tanta feiúra  
 Porque quem vence o belo é o belo  
 Quem vence a saúde é outra saúde  
 Quem vence o normal é outro normal  
 Quem vence um cientista é outro cientista  
 (*Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, 2001, p. 143).

Me transformei com esse falatório todinho  
 Num homem feio[,] ↓ [m] <M>as tão feio[,]  
 Que [eu] não me aguento mais de tanta feiúra[.]  
 Porque quem vence o belo é o belo[,]  
 Quem vence a saúde é outra saúde[,]  
 Quem vence o normal é outro normal[,]  
 Quem vence um cientista é outro cientista[.]  
 (*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 26).

[É?  
*Jardim zoológico Quinta da Boa Vista. O verdadeiro jardim zoológico Quinta da Boa Vista*

Eu não enten...]  
*Me transformei com esse falatório todinho [eu fiquei] num homem feio, mas tão feio que [eu] não me aguento mais de tanta feiura, porque quem vence o belo é o belo, quem vence a saúde é outra saúde, quem vence o normal é outro normal, quem vence um cientista é outro cientista*  
 [Seu nome é Stella. Sabe o que quer dizer Stella?  
*Estrela]*

(Arquivo n. 3. Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista).

Já falei de mundo de casa  
De prédio de família  
De que mais eu vou falar?  
Então eu já vou...

*(Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, 2001, p. 144).*

[Pronto, não tenho mais nada pra falar,]  
Já falei de mundo[,] de casa[,]  
De prédio[,] de família[,]  
De que mais eu vou falar?  
Então eu já vou ...

*(VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais..., 1991, p. 43).*

***Reino dos bichos e dos animais é o meu nome***  
**Stela por Stela, pp. 147-153**

(As transcrições de conversas a seguir foram retiradas do arquivo de áudio n. 01 de Carla Guagliardi, intitulado “... tem mais de 12 anos...”, cuja duração é de 17’06”. No livro de Mosé, esse trecho recebe outra formatação. A filósofa optou por destacar, em negrito, as perguntas de Guagliardi. Aqui, contudo, optei por destacar as enunciações de Do Patrocínio em itálico, exatamente como o fiz no texto de dissertação e nas páginas anteriores deste anexo).

Fala pra gente<, Stella,> quanto tempo <você> [tu] <es>tá aqui na Colônia  
*[Eu tô mais,] Tem mais de 12 anos*  
 Como é que você [tu] veio parar aqui?  
*[Fui viajante*  
 Cê tá aqui na Colônia?  
*12 anos*  
 Como é que cê veio parar aqui?]  
*[Eu] Fui viajante, <fui> [sou] muito viajada*  
*Viajei muito, gostava muito de viajar*  
*Gostava muito da viagem*  
*Viajei São Paulo [Petró...] Rio de Janeiro Petrópolis Belo*  
*Horizonte*  
*Minas Gerais São Paulo*  
*Fui [do... fui de... de... como é que se diz?] <da> Praça Mauá até São Paulo a Pé<sup>199</sup>*  
 [É mesmo?] Quanto tempo <vo>cê demorou?  
*Um dia e uma noite.*  
*Depois fui do Rio de Janeiro,*  
*Fui de Copacabana Ipanema Copacabana*  
*Ipanema*  
*[É...] Gávea e Copacabana Ipanema Leblon [Gávea] [é...] Botafogo*  
*Jardim Botânico [é...] Largo do Machado Flamengo*  
*Até Central do Brasil a pé também*  
*Sempre andando a pé<sup>200</sup>*  
 [Quem que trouxe você pra cá pra Colônia?  
*Foi quando a Ana, essa que tava na vigilância aqui e em qualquer outros lugares*  
*Foi quando a Ana me descobriu que eu tava na rua com o Luiz.*

*Eu nega preta crioula, Luiz nego preto crioulo ao meu lado, quando me abandonou um pouquinho pra ir no bar pra se alimentar e eu fiquei sem alimentação, ele sentou na cadeira e procurou mesa e tomou uma coca-cola, e comeu um pão de sal com salsicha e eu fiquei em pé lá no bar sem alimentação, e saí, ele também saiu eu perdi o óculos, ele ficou com o óculos, e era Botafogo, praia de Botafogo, enquanto, enquanto isso,... eu... enquanto isso, enquanto eu... eu fiquei sem alimentação e ele ficou com o óculos, essa troca de ideias, (risadas externas) essa troca de sabedoria, essa troca de esperteza, de an, de adiantamento, de sabedoria, de esperteza, de adiantamento, de... sabedoria, de esperteza, de adiantamento, de ideia, enquanto isso... enquanto isso, ele...]*

[E aqui, o que cê faz aqui na Colônia? Como é,] Como é [que é] o teu [seu] dia a dia aqui na Colônia? [Cê acorda de manhã, e faz o quê?]

<sup>199</sup> Ao ouvir o áudio, percebemos que, nesses trechos, Stella do Patrocínio está se lembrando para contar e, por isso, repete o nome de alguns bairros.

<sup>200</sup> Ocorreu o mesmo com as repetições.

[É...]  
*Segunda terça quarta quinta sexta sábado*  
*domingo*  
*janeiro fevereiro março abril maio junho julho*  
*agosto setembro outubro Novembro dezembro*  
*Dia tarde noite*  
*Eu fico [... eu fico...] pastando à vontade<sup>201</sup> [só pasto. Fico pastando no pasto à vontade]*  
*que nem cavalo.*

[É?  
 É  
 E você go...?]  
*Ele já disse*  
*Um homem chamado cavalo*  
*É o meu nome*  
 [É mesmo?] Mas você gosta dessa vida [Tereza]<sup>202</sup>?  
*Gosto,*  
 [Gosta?]  
*gosto de ficar pastando à vontade<sup>203</sup>*  
*Ficar só pastando*  
 E você não tem vontade de fazer outra coisa?  
*Não, <eu> não tenho vontade de fazer outra coisa*  
*A não ser ficar pastando*  
*Pastar pastar pastar ficar pastando à vontade<sup>204</sup>*  
*O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas*  
*A lei é dura mas é lei*  
*Dura led sed lex no cabelo só gumex*  
 [É,... *Jesus cristo é o filho de deus feito homem. Jesus cristo morreu enquanto homem,*  
*porque enquanto deus... não podia sofrer nem morrer. Os pais de Jesus cristo e me... e menino Jesus,*  
*é José e Maria já velhos]*

[É? E diz uma coisa, e voc, que que cê acha desse trabalho que a gente faz aqui no galpão?  
 De arte, pintura...?

*Eu acho lindo, muito bonito... muito lindo, muito bonito, muito, muitos prazeres*  
 E você tem vontade de participar disso?  
*Eu não tenho jeito, sou desajeitada*  
 Mas não precisa ter jeito pra fazer isso. Quem te falou isso que precisa de ter jeito? Não precisa ter jeito. É só ter vontade, e sentir prazer, como você acabou de falar. Cê não acha que isso é uma coisa prazerosa? Não é? Que que você achou da festa que nós fizemos do... papai Noel pra vocês?

*Achei linda, maravilhosa, gostei, fiquei satisfeita, queria que o natal nunca terminasse.*

É? Foi tão bom assim pra você?

*Foi... queria que o natal nunca terminasse*

Mas tem que terminar né? Tudo o que começa acaba né, Tereza, você sabe disso... não é? Tudo tem um fim, não é? ...]

<sup>201</sup> Ouve-se risadas externas de mulheres.

<sup>202</sup> Nos áudios originais, Stella do Patrocínio é chamada de Tereza neste começo de arquivo de áudio e apenas nele. Tereza era outra paciente que também frequentou o ateliê e que também expôs trabalhos no Museu do Paço Imperial. Creio que tenha sido alguma ligeira confusão.

<sup>203</sup> Novamente risadas externas.

<sup>204</sup> Risadas. Aqui começo a desconfiar que as mulheres ao redor acham graça da expressão de Stella “pastar à vontade”.

Quantos anos você tem [Tereza]?  
*Quinhentos milhões e quinhentos mil*  
*A idade dos moradores do núcleo Teixeira*  
*Brandão Jacarepaguá,*  
*[Que já foi corrigida pela palavra Teixeira Brandão, para núcleo Teixeira Brandão,*  
*Jacarepaguá]*  
 [E me diz uma coisa] Você tem parentes? <Vo>cê <se> lembra de algum parente seu?  
*Eu tava com a família*  
*Eu tava andando de família em família no Rio de*  
*janeiro*  
*[Na...] Nas cidades grandes em que eu <es>tava <feliz> [a serviço]<sup>205</sup> <e> [eu]*  
 <trabalhava> [trabalhei tudo]  
 <Vo>ce trabalhava do quê [? Lá] no Rio de Janeiro [de que que cê trabalhava]?  
 <Eu> trabalhava em casa de família  
*Fazia todos os serviços*  
*Qualquer um serviço*  
*[Depois que eu terminei o estudo. Ela me pagava (inaudível)*  
*Disse que eu precisava ser muito domesticada*  
*Ser doméstica e trabalhar em casa de família]*  
 E você gostava desse trabalho?  
*Gostava... porque era lavar passar encerer engomar cozinhar*  
 E aqui você não tem vontade de lavar, [de] cozinhar? [Não tem vontade de fazer is...?]  
*Não.*  
 Por quê?  
*Porque eu não suporto mais*  
*Não gosto mais.*  
 [E você gostava, agora não gosta mais? O que você teria vontade de fazer agora? Se tivesse uma oportunidade de fazer outra coisa, de ter um outro tipo de vida, de sair daqui, o que você gostaria de fazer?] <Vo>cê não tem vontade de produzir alguma coisa, de ganhar dinheiro? [Não tem vontade de fazer isso?]  
*Eu tenho vontade de ganhar dinheiro*  
 [Pois é]  
*Mas não tenho vontade de produzir nunca*  
 [Mas como é que então ia ganhar dinheiro, sem produzir? Como você acha que poderia acontecer isso?] <Você> tem alguma ideia de como [você poderia] ganhar dinheiro sem produzir?  
 <...>  
*Não <,>*  
 [Não, né?]  
*não tenho agora nenhuma ideia*  
 [Uhum... então você tem vontade de ganhar dinheiro?]  
 <...> *Ah! ganhar dinheiro sem produzir é ficar na*  
*fiscalização<sup>206</sup>*  
*[no... na fiscalização..., é,]*  
*Na vigilância*

<sup>205</sup> É extremamente importante pontuar que é provável que essa diferença de entendimentos se deu pela má qualidade dos áudios, que contêm chiados frequentes, como nesse trecho. Viviane Mosé entende “feliz”. Mas, ouvindo diversas e repetidas vezes com muita atenção, acredito que Do Patrocínio tenha falado “a serviço”.

<sup>206</sup> Risadas externas.

[Isso mesmo, Tereza]

*Na espionagem*

[Você sabe das coisas

*Ganhar dinheiro sem produzir, ficar na vigilância, na espionagem,*

Isso mesmo

*Na vigilância, na espionagem e na... Pirelli de categoria*

O quê?

*No Pirelli de categoria*

Que que é isso?

*É roda de pneu que ela botou no corpo, dentro do aparelho de televisão que eu coordeno.*

Ah, esse eu não conheço, não sei o que que é, explica pra mim, que que é isso?

*É uma roda de pneu de caminhão que ela teve o trabalho de nascer já ali dentro<sup>207</sup> e sumir, desaparecer com tudo aquilo.*

Hm...sei... agora me diz uma coisa,] Se <vo>cê ganhasse dinheiro, o que [que] <vo>cê faria com esse dinheiro?

*Eu ia comprar alimentação e superalimentação*

*pra mim não morrer de fome*

[E cê tá morrendo de fome aqui?]

<Eu> tô morrendo de fome

[E não tem comida aqui suficiente pra você?]

*É uma miserinha de nada, uma miserinha à toa*

É mesmo?

É

Mas outro dia eu vi um pessoal almoçando, um prato cheio de comida,... não é não?

*É é aquela...*

*Pra poder ter uma alimentação é preciso depender*

*Sempre de um... de uma fêmea*

*Dos filhos todinho da fêmea*

*E da fêmea, dos filhos todinho da fêmea*

*Dos bicho, dos animais todinho da fêmea.*

É?

*Recolher tudo, botar tudo pra dentro, pra fora, pra cima, pra baixo, de um lado, do outro, pela frente, pelo fundo, pela boca, pelos olhos, pela cabeça, pela pele, pela carne, pelos ossos, pelo larguez, pela... pelo larguez, pela altura, pelo corpo todo. Quem sofre sou eu. Quem passa mal sou eu.]*

<Vo>cê passa muito mal <aqui>?

*Passo mal porque eu tomo constantemente*

*injeções [aqui nos hospitais]*

*Injeções para homem e o líquido desce*

Quem é que te dá essas injeções?

*O invisível [o] polícia secreta o sem cor*

[Hm... e se você não quiser tomar essas injeções?

*Pois se eu não tô enxergando o invisível o polícia secreta o sem cor...*

Ah, então você não sente né? Quanto eles vêm te dar injeção

*Não*

Eles vêm todos os dias?

*Todo dia, todo instante, todo minuto, toda hora]*

<sup>207</sup> Idem.

E pra que que servem essas injeções?

*Pra forçar a ser doente mental*

[Então são essas injeções que fazem com que você fique doente mental?

É]

No dia que <vo>cê parar [de tomar] essas injeções você fica curada?

*Fico [...] completamente curada se eu não tomar*

*Remédio*

*Não tomar injeção [,] não tomar eletrochoque*

*Eu não fico carregada de veneno*

*Envenenada*

Você toma eletrochoque?

*Eu tomei no pronto socorro do Rio de Janeiro e continuo tomando aqui*

[Aqui?

É, e disseram que não dá mais, mas dá sim

Dá?] E quem [é que] te dá eletrochoque aqui?

[o... os que u...]

*Os que trabalham com a falange falanginha*

*Falangeta*

*Os que trabalham com a voz ativa média <e>*

*Reflexiva*

*Refletindo bem no que está falando*

[Ô, Tereza, me diz uma coisa,] O que você estudou <, Stella>?

*Estudei [...] em livro[s, franc...]*

*Linguagens*

*Comment allez-vous?*

*Como você está? thank you very much*

*O tanque da Vera tá cheio de mate*

*Ça va bien, a Sra. vai bem?*

*[Happy birthday to you, Happy birthday to, Happy birthday to you, Happy birthday to*

*you you]*

[Quem te ensi..?] Quem que te ensinou inglês e francês?

*Eu <es>tava na escola [a]prendendo a ler e escrever*

[Ô, mariposa, vem cá, mariposa.... Senta aqui.... Você tava na escola?] Você [fez] <foi>  
até que ano na escola? [Você fez o primário?]

*<Fiz o curso> primário [,] admissão [,] ginásial [,] normal*

[Fez normal também?

*Fiz o normal]*

[Então] Você é professora?

*Não sou professora [,] mas tive o trabalho de*

*estudar [,] letra por letra*

*Frase por frase [,] folha por folha*

*[e... tive o trabalho de...]*

Você se casou?

*Me casei como?*

<Vo>cê já foi casada?

*Casada como?*

Já morou com homem?

*Morou com homem como?*

[Casou,] viveu junto com um homem [? Morou junto com um homem], com um parceiro, não sabe o que que é casar?

*[Casar é...]*

*Casar é ter um filho durante muitos dias  
semana <s> [,] mês o ano inteiro*

*Ficar com a casa cheia e cheia de preocupaç[ões]/<ão> em si*

*Com o companheiro e com os filhos <?>*

*[É isso mesmo. Você já fez isso?*

*Eu tenho sempre ficado..*

*cada vez, ruim mal e pior, não melhora nada com isso*

É? ... não, mas você não me respondeu, você já foi casada? Já viveu desse jeito com homem?... já? Não sabe responder?

*Eu não sei se é mui...*

*Eu era muito viajada, eu viajava muito, na viagem, eu tive em casa de família, família honesta, direita e trabalhadora*

Mas como é que tu veio parar aqui? Se você trabalhava tanto, se sabe falar tão bem, como cê veio parar aqui e não saiu mais, Tereza?

*Eu vim parar aqui porque me trouxeram do Pronto Socorro do Rio de Janeiro, praia de Botafogo pra cá, enviada agarrada de repente andando na rua*

*E sua família nunca veio te procurar?*

*A família Monteiro continua aqui, veio de longe pra cá. Mudou de nome. A família Brito Cunha mudou de nome, veio do Rio de Janeiro pra cá, mas mudou o nome. Família Brito Cunha, família Monteiro, família Lafayette.*

*Essas famílias são as famílias que você trabalhou?*

*É...]*

*[Mas] <E> a sua família, seu pai, sua mãe, seus irmãos [, você não tem ninguém]?*

*Eu sou indigente*

*[Eu] não tenho ninguém por mim <não>.*

*[Não, porque quando eu produzi, que eu pari, eu tava subindo a escada com uma criança. Eu ainda era clara, branca. Da noite pro dia eu fiquei branca, ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branco, eu fiquei preto. Eu sei que eu tomei cor. Nos gases eu me formei, tomei cor. Aí eu já produzi uma criança no colo, outra no... outra no corpo, sem saber... que eu tava produzindo uma criança... pequena de tamanho grande, e de saúde, eu também tava com saúde, eu ia pra subir sempre a escada com as duas crianças,... e deixar no apartamento.. e ir embora, ou então tornar a descer a escada com duas crianças. Era Rio de Janeiro, ainda era Botafogo, eu... me confundi. Comendo pão, ganhando pão...]*<sup>208</sup>

[É difícil, né? Mas a gente precisa arranjar um jeito de você produzir... de você ganhar dinheiro... não é? Pra você fazer o que você quer, não é, Tereza? Quem sabe com o trabalho aí do galpão a gente consegue isso. Vamo tentar. Não é isso? Então, Terez...

*Eu gosto de escrever, de fazer número*

*Ah, então pronto*

*No papelão, continuar repetindo o que eu cabe de fazer no dia*

Então tá bom, então vamo fazer isso. Sexta feira que vem, hoje a gente vai ver um filme. Você não quer ver, o filme sobre o Parque Lage, não quer ir com a gente?

*Onde vai ser?*

*Ali no núcleo*

<sup>208</sup> Este trecho foi descolado do Capítulo “Stela por Stela” para integrar, isoladamente, um dos poemas que compõem a Parte III: “Nos gases eu me formei, eu tomei cor” (p. 81 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*).

*Quero ver*

Então vamos, vamo até lá e semana que vem você começa a fazer esse seu trabalho

*Eu quero só escrever em papelão como eu tava escrevendo, quando as outras... suas companheiras chegaram, e queriam ensinar... me ensi... me puseram, me deram papelão e lápis pra mim escrever*

Então na semana que vem você vai escrever em papelão e lápis, tá combinado assim?

*Tá*

Então vamo lá ver o filme?

*Vamo*

Então vamo lá]

(Até aqui, as conversas do capítulo “Stela por Stela” eram sequências retiradas do arquivo de áudio n. 01. A partir de agora, os trechos serão do arquivo n. 03, intitulado “só presto...”, contendo 22’48” de áudio. O seguinte diálogo começa aos 4’49” e a conversa que antecede este trecho não foi utilizada por Viviane Mosé nas outras partes do livro).

[Isso mesmo... e] <Stella,> quais são [os] teus desejos?

*Meu desejo é [...] crescer e multiplicar*<sup>209</sup>

Crescer <vo> cê tá bem crescidinha [...] e multiplicar? Você nunca teve filho?

*Eu [...] já botei tudo pra fora*

*Depois que eu botei tudo pra fora [eu] fui obrigada a botar pra dentro*

*E me ensinaram a ser rápida ligeira e <a> ter velocidade*

E atualmente [, cê tá com, com coisas pra, você tá num momento de botar as coisas pra fora ou de botar as coisas pra dentro?] <você bota as coisas pra fora ou pra dentro?>

*[Botar] Pra dentro*

[Hm... então daqui a pouco vai chegar o momento de botar pra fora. Hm? Que] <O> que você tá botando pra dentro agora?

*O chocolate que eu botei pra dentro*<sup>210</sup>

*Você que eu tô botando pra dentro*<sup>211</sup>

*A família toda que eu tô botando pra dentro*

*O mundo que eu tô botando pra dentro*

*De tanto olhar*

de tanto?

*Olhar*

*De tanto enxergar olhar ver espiar*

*Sentir e notar*

*Tô botando tudo pra dentro, porque [eu boto] <botando> pra dentro eu botei pra fora*

[Através dos olhos, né?

*É*

Cê sabe que os olhos são as janelas do espírito. Da alma

<sup>209</sup> Ouve-se risos de Carla Guagliardi e de outras mulheres ao fundo.

<sup>210</sup> Riso de Carla Guagliardi.

<sup>211</sup> Infelizmente é impossível captar algumas dinâmicas de enunciações orais quando elas são transcritas e transformadas em texto. O texto exclui a possibilidade de compreendermos sentidos a partir das diferentes entonações das falas. Aqui, ao ouvir os áudios, me pareceu que Do Patrocínio enuncia “Você que eu tô botando pra dentro” em resposta ao riso anterior, devido à ênfase dada por ela nessa sentença.

*São mesmo?*

*As janelas da alma*

*É mesmo? eu não sabia*

*Não sabia?*

*Tô aprendendo agora.*

*Pois é... a gente se conhece através dos olhos*

*(silêncio)*

*Eu tenho muito mau pensamento mas não sou eu que faço mau pensamento*

*Quem é?*

*Eu não sei quem é mas não sou eu que faço mau pensamento. Eu sei que não sou eu que faço mau pensamento. Eu penso assim: se eu pegar a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, meter tudo dentro da lata do lixo, e fazer um aborto, será que acontece alguma coisa comigo? Vão me fazer alguma coisa? Se eu pegar durante a noite novamente a família toda de cabeça pra baixo e perna pra cima, jogar lá de dentro pra fora, lá de cima cá pra baixo, será que ainda vai continuar acontecendo alguma coisa comigo?<sup>212</sup>*

*Que que cê tem medo que aconteça com você, quando cê tem esses maus pensamentos?*

*Que eu vire um cavalo ou um cachorro*

*Não, não vai acontecer isso. Todo mundo tem esses maus pensamentos. O ser humano sempre tem os bons pensamentos e os maus pensamentos. Isso faz parte da nossa fantasia. Não vai acontecer nada. Pode pensar à vontade. É uma coisa que é toda tua é o teu pensamento, ninguém pode invadir teu pensamento. Ninguém. É todo teu. É o teu arquivo, é a tua memória... é a tua fantasia. Pode pensar o que você quiser*

*E eu inda penso mais assim um malezinho. Se eu rasgar aquela pesada no meio de meio a meio, der, der, der lambada no chão e na parede e jogar fora, no meio do mato ou do outro lado de lá do muro, é um malezinho prazeres*

*É o quê?*

*Um malezinho prazeres*

*Anh.... cê quer matar a família, né, Stella?*

*Matar a família toda, que passa um carro, bote tudo morto e vá pra longe*

*E quem é essa família, teu pai, tua mãe?*

*Não, é essa família que tá morando e me perseguindo aqui no Teixeira*

*Ah, tá. Quem é que tá te perseguindo aqui?*

*Olha quantos estão comigo. Tão sozinhos, estão fingindo que tão sozinhos pra poder tá comigo<sup>213</sup>*

*Hmm... cê não se sente bem aqui? Cê se sente perseguida?*

*Me sinto perseguida porque eu passo muita fome, sinto muita sede, muito sono, muita preguiça, muito cansaço*

*Não tem o que fazer né Stella?*

*Não tem, fico na malandragem, na vagabundagem, como marginal, e como malandra*

*é, isso é que faz mal*

*como marginal, como malandra, na malandragem, na vagabundagem, na vadiagem como marginal<sup>214</sup>*

*E cê tinha vontade de fazer o que aqui, se tivesse um tipo de trabalho pra você fazer, o que que você escolheria?*

*Comer beber e fumar*

<sup>212</sup> Este trecho também foi reproduzido como poema na página 131 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

<sup>213</sup> Este trecho também foi reproduzido como poema na página 65 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

<sup>214</sup> Este trecho também foi reproduzido como poema na página 57 de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*.

Mas isso não é trabalho, isso não é produção. Você pra, pra poder...  
*Isso mesmo porque eu aprendi à força*  
 Quem que te ensinou à força?  
*Foi um... um homem que tirou uma foda comigo, teve relação sexual comigo, que me mordeu chupou roeu lambeu e deu dentada só se fosse na boca... sem que eu menos esperasse*  
 Mas você acha que desde que você nasceu até você conhecer esse homem você não sabia comer nem beber?  
*Não sabia*  
 Não? Como é que você sobreviveu?  
*Do nada*  
 Como?  
*Do nada*  
 Ficou esses anos todos sem comer e sem beber? E conseguiu sobreviver como? Como foi isso? Viveu de quê?  
*Eu não existia não tinha uma existência não tinha uma matéria*  
 Ah, tá. Quer dizer, cê começou a existir com quantos anos?  
*Quinhentos milhões e quinhentos mil, logo de uma vez já velha*  
 Tá...  
*Eu não nasci criança não, eu nasci já velha, depois é que eu virei criança*  
 Ah sei. E agora você é o quê?  
*Continuei velha, me transformei novamente numa velha, voltei ao que eu era, uma velha]*

(Nos trechos seguintes, novamente sem nenhuma marcação de interrupções, Viviane Mosé transcreve as conversas presentes no arquivo n. 02, intitulado “Peço, em acesso...”, cuja duração é de 29’56”. Aqui, o diálogo transcrito para o Capítulo “Stela por Stela” se inicia aos 14’52”).

Você gostou d<a visita que a gente fez a>o zoológico?  
*Não gostei não [,] porque não gosto de bicho<s>*  
*Não gosto de animais*  
*[Não gosto não]*  
*Sei que primeiro a gente vive vive vive até cansar de tanto viver.*  
*Morre até cansar de tanto morrer vira bicho vira animal*  
*[Primeiro a gente vive vive vive. Cansa de tanto viver. Morre. Cansa de tanto morrer. Vira bicho, vira animal]*  
 A Sra. não acredita?  
*Nós fomo<s> [andar] <lá> no seu zoológico vimo<s>, né? como nós ficamos*  
*Se não tiver tratamento [,] como fica*  
*Vira bicho*  
 <Também> Vira animal se não tiver tratamento

(Outro corte ocorre ao fim dessa resposta, e Viviane Mosé retorna ao arquivo n. 03, intitulado “só presto...”. O trecho a seguir começa aos 14’44”. Muitos dos trechos que antecedem os próximos diálogos no arquivo 03 são utilizados em outros capítulos do livro, descolados das perguntas, em formato versificado).

Seu nome é Stella, <você> sabe o que quer dizer Stella?

*Estrela*

[Isso mesmo]

*Estrela do mar*

[Isso mesmo. Quem te falou isso?]

*Eu já ouvi falar*

Aham... e] Você é uma estrela mesmo, <vo>cê brilha

*Eu queria brilhar*

[Você brilha!]

*[Querida] ser limpinha [,] gostar de limpeza*

*Gostar do que é bom [,] gostar da vida*

*Saber ser mulher da vida*

*Dar a vida por alguém, que tivesse morrendo*

*Que tivesse doente*

*Fazer meu papel de doutora*<sup>215</sup>

(riso) que gracinha (riso) mas você brilha... pode ter certeza que você brilha

*E como é que pode essa gravação esse aparelho né? Gravando voz que tá sendo palavras ao vento. Já nasce aí gravando voz que se fala palavras ao vento. E repete direitinho como a gente, né?*

É a tecnologia. O poder da máquina.

(A partir de agora, outro corte de sequência é realizado Mosé, que passa a utilizar o conteúdo do arquivo n. 04, “Me ensinaram...”. O diálogo a seguir se inicia aos 24’43” do arquivo. Mas para que as dinâmicas das conversas possam ser um pouco mais contextualizadas, optei por começar a transcrever as conversas do arquivo n. 04 a partir dos 21’35”. É comum, ao longo dos arquivos, que alguns segundos de silêncio sejam estabelecidos entre as duas, e geralmente quem retoma a fala é Stella do Patrocínio. O fragmento que começa a seguir nasce a partir de um desses silêncios).

*[É aparelho armas e máquinas. Bronze chumbo ferro aço enigmático. Meio de transporte: ônibus lotação trem avião bicicleta e motocicleta. Eu trabalho de cabeça larga maior do que a parede do que a varanda do que o prédio do que o mundo familiar, boto o mundo familiar todo dentro, subo da explosão desço da explosão, como correnteza e mais do que monstro eletrônico, elétricos e automático. Quando o sol penetra no dia, dá um dia de sol muito bonito, muito belo.]*

(muitas pessoas falando no entorno)

*[Eu não queria me formar. Não queria nascer. Não queria tomar forma humana carne humana e matéria humana. Não queria saber de viver, não queria saber da vida, e não tive querer, nem vontade pra essas coisa, e até hoje eu não tenho querer nem vontade pra essas coisa. Que se eu morro, eles me ressuscitam, eles me ressuscitam, eles passam muito tempo sem eu; de repente eles me formam novamente, porque ficam sentindo falta de saber aonde é que eu estou e pra onde é que eu fui.]*

(Carla interrompe brevemente para falar com alguém que está próximo)

*[Eu já falei em excesso em acesso muito demais, declarei expliquei esclareci tudo. Falei tudo o que tinha que falar, não tenho mais assunto mais conversa fiada, eu falei tudo. Não tenho mais voz pra cantar também porque eu já cantei tudo o que tinha que cantar. Eu cresci engordei tô forte, tô mais forte que a fam... que o, que o casal, que a família, que o exército, que o mundo, que a*

<sup>215</sup> “Eu queria brilhar./ Ser limpinha./ Gostar de limpeza/ E gostar do que é bom, / Gostar da vida, / Dar a vida a alguém/ Que estivesse morrendo, / Que estivesse doente./ Fazer meu papel de doutora. (VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais..., 1991, p. 38).

*casa. Sou mais velha do que todos da família.]*

[Canta uma música pra mim

*Não... tô cansada de tanto falar não posso mais cantar]*

[Então] Fala uma poesia <pra gente>

*[Também] Não*

*Não tenho mais lembrança de poesia mais nenhuma*

[Faz uma poesia pra mim

*Eu não tenho mais lembrança de poesia]*

[Mas] Tudo [o] que você fala é poesia, Stella

*É <só> história que eu tô contando, anedota*

(continua)

**VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...****Transcrições de Mônica Ribeiro de Souza que não foram selecionadas para a edição e publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*<sup>216</sup>**

E. – Stella, você se lembra daqueles trabalhos que você fazia...

P. – Lembro, escrevia, eu deixei o papel escrito lá no galpão, entregue para os que tavam lá mandando eu escrever.

E. – E você gostou da ...

P. – Gostei de escrever, escrevia o a, e, i, o, u e o abecedário que eu aprendi quando criança, fiz umas flores e nada mais, não sei fazer mais do que isso, o jogo da velha.

E. – Mas no dia da Exposição você falou alguns versos ...

P. – Ah, foi, falei um verso que a Marlene Vilela, da Ladeira do Açude, 286, Laranjeiras, falou pra mim:

“Vai em busca do pai dessa criança  
Pálida, triste, anêmica, franzina  
Que nos lembra a rosa murcha, filha da Esperança  
Vai só, lá no atalho onde o terror habita  
De tenente ela para, treme e grita  
Que mão estranha o pulso lhe segura  
A bolsa ou a vida.  
A bolsa, meu pai, eu não a tenho  
Mas a vida, meu pai, tu me deste, podes tirá-la”

E. – que interessante, stella, Você gosta de dizer versos?

P. – Gosto.

“Batatinha frita ...  
Batatinha quando nasce  
Esparrama pelo chão  
A criança quando dorme  
Põe a mão no coração”.

“Sou pequenininha  
De perninhas grossas  
Vestidinho curto  
Papai e mamãe não gosta”

E. – Você sempre gostou de recitar versos?

P. – Eu gosto, aprender eu gosto

E. – O que você achou da experiência do galpão?

P. – Gostei e achei cem por cento. Eu não gosto é de ficar jogando bola lá dentro do Galpão, mas quando me chamam pra jogar bola, eu jogo assim mesmo, jogo bola na parede, dou um chute na bola, mas não é sempre não, foi uma vez ou outra que ela ... aconteceu delas vim aqui e me levar lá no Galpão pra jogar bola.

(falta algo aqui pra retomar na página 2)

muito burra ignorante, analfabeta, caipira, imbecil, idiota, otária, tan-tan, ...

E. – Você é tudo isso?

P. – Sou tudo isso, tenho certeza.

E. – Por que você acha que é tudo isso?

<sup>216</sup> Tentei ser o mais fiel possível à formatação de Ribeiro de Souza em *VERSOS, REVERSOS, PENSAMENTOS e algo mais...*

P. – Eu acho ... porque eu tenho que aprender, se eu não aprender a aguentar peso, carregar peso, levantar peso, morder, chupar, roer, lamber, dar dentadas, eu não sabia por minha conta.

E. – Antes de você ser internada na Colônia, você já tinha esse hábito de escrever versos, recitar?

P. – Não, eu aprendi quando cheguei na Ladeira do (?) por algum tempo, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

E. – Como você veio pra Colônia?

P. – Eu tava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luiz, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar a Copacabana, e aí eu peguei ... o que você me perguntou mesmo, hein?

E. – Perguntei por que você veio pra Colônia?

P. – Ah, é ... aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Luiz, ao lado do Luiz, o Luiz foi ao bar, eu estava ao lado do Luiz, caminhando ao lado do Luiz na Rua Voluntários da Pátria, ... caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luiz, o Luiz] entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma coca-cola e um pão de sal com salsicha; ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim; aí ele tomou. quando ele acabou que nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que tava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos; o óculos pulou no chão, eu caí, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio ... aí veio uma velhinha na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim parar de ficar chorando; aí veio uma dona, me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletro-choque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”, ... ela achou que tinha o direito de me governar na hora ,né?, me viu sozinha, e Luiz não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi porque eu fiquei de repente mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Luiz. O Luiz é meu amigo; aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela” deu ordem, “carreguem ela”, na ambulância, “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital.

E. – O Luiz foi pra onde?

P. – Eu não sei pra onde ele foi porque de repente eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já foi embora, tornou a vier, tornou a ir embora, o Luiz.

E. – O que o Luiz é seu?

P. O Luiz é meu amigo,

Eu vim pra Colônia porque eu fui governada, né?, eu estava ...  
Eu era viajante, eu não disse que eu viajava?  
Então viajante, eu viajava naquele período,  
Eu viajava da Praça Mauá para São Paulo durante a noite,  
Fiquei o dia inteiro na Praça Mauá, sozinha com uma família,  
Não sabia se esperava o dia anoitecer, sei que ao menos eu esperei,  
Anoitecendo eu não pude mais ficar na Praça Mauá,  
Fui andando por dentro de São Francisco União  
Até chegar em São Paulo,  
Em São Paulo fiquei na Catedral de São Paulo  
Do lado de fora da igreja, da Catedral de São Paulo,  
E no Rio de Janeiro eu estava de repente vendo muitas igrejas,  
Eu saí de uma igreja que acabava a reunião, a missa,  
Sempre e toda hora celebrando missa,  
Ele me amostrou o cálice e a custódia dele que tira de dentro do altar  
E me amostrou a hóstia que fica dentro do cálice e dentro da custódia,  
O cálice é de prata, dele beber vinho e tomar a hóstia,  
Hóstia por hóstia, ele toma uma por uma  
E dá a todos os fieis,  
Ele abriu a custódia, tirou uma hóstia inteira, grande,  
Hóstia maior de potência maior, partiu meio a meio e tomou.  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 07)

Acho tudo muito difícil pra mim,  
Eu sou muito burra, ignorante, analfabeta,  
Caipira, imbecil, idiota,  
Otária, tan-tan, ...  
... porque eu tenho que aprender,  
Se eu não aprender a aguentar peso, carregar peso,  
Levantar peso, morder, chupar,  
Roer, lamber, dar dentadas,  
Eu não sabia por minha conta.  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 20).

Eu não tenho o que comer,  
o que beber,  
o que fumar.

Mas ela disse que Jesus Cristo é o Alimento,  
Jesus Cristo é a Vida,  
Jesus Cristo é a Luz,  
Jesus Cristo é o Caminho,  
Jesus Cristo é a Igreja,  
Jesus Cristo é a Casa,  
Jesus Cristo é a Vida,  
Jesus Cristo é o Alimento.

(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 30).

... 'tá todo mundo na matéria,  
Em forma humana e carnal.  
Não se pode fuder na matéria  
Em forma humana e carnal e gozar,  
Porque senão dá vermes  
E dá bichas e lombrigas  
E a gente apodrece ...  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 33).

Ela é uma fêmea sexo frágil sexo fraco,  
É fêmea sexo frágil sexo fraco,  
Ela não quer ser homem, não,  
Se ela quizesse ser homem ela tinha sido,  
Ela não aguenta ser homem,  
Se ela aguentasse ser homem,  
Ela não era uma mulher sexo frágil sexo fraco.  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 35).

Viver é encontrar sempre  
A felicidade e ter saúde,  
A felicidade se encontra  
Quando se está sempre passando bem,  
Livre, cada vez mais livre,  
Passando bem,  
Estando livre, cada vez mais livre,  
Eu sou livre porque eu tenho fé em Deus,  
Deus é o Ser Perfeitíssimo,  
Criador do Céu e da Terra,  
É o que fez todas as coisas  
E governa o mundo e governa a todos;  
Tenho fé em Deus porque fui criada por Deus.  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 37).

Eu queria brilhar,  
Ser limpinha,  
Gostar de limpeza  
E gostar do que é bom,  
Gostar da vida,  
Saber ser mulher da vida,  
Dar a vida por alguém  
Que estivesse morrendo,  
Que estivesse doente.  
Fazer meu papel de doutora.

(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 38).<sup>217</sup>

---

<sup>217</sup> Este fragmento também está presente nos áudios de Carla Guagliardi.

A Ana é minha coleguinha,  
Não dorme na mesma cama e na mesma sessão que eu, não,  
Mas é minha coleguinha devido ao eletrochoque,  
Ela me acompanhou no Pronto Socorro  
Transmitindo autoridade autoritária  
E fazendo parto quando eu nasci;  
Me acompanhou de viagem, vim parar aqui,  
Ela veio me acompanhando na viagem  
E está vivendo aqui no Pronto Socorro do Rio de Janeiro,  
Engenho de Dentro e São Paulo.  
(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 39).

Eu não esperava você vir hoje  
E ainda pouco você sabe onde eu estava,  
Eu estava subindo a rampa logo alí pela frente,  
Quando descobri que você vinha,  
Eu gosto que você venha,  
Fico feliz e satisfeita,  
Se você deixasse de vir  
Eu ia começar a sentir saudade,  
Falta de você.

(*VERSOS, REVERSOS, pensamentos e algo mais...*, 1991, p. 40).

## Transcrições do falatório retiradas do prontuário n. 00694 da Colônia Juliano Moreira, por médicos, enfermeiros e psicólogos

11/12/1973

Motivo de internação na CJM (origem): *“vim para aqui porque fui eu mesmo que me fiz e tenho o mundo inteiro”*

2.1.15 Descrição de 24h do paciente (atuais):

A que horas acorda? Não tem hora certa

O que faz pela manhã? *Nada, “só rezo”*

Almoça? Sim

A que horas? Meio dia

O que faz à tarde? Nada

Janta? Sim

A que horas? Mais tarde

O que faz à noite? Nada

A que horas dorme? *“Durmo quando o cemitério já está cheio”*

(In: “História Do Paciente”, questionário realizado pela CJM).

5/11/1977

Paciente calma, lúcida, improvisando coerência, dizendo com exatidão dia, mês e ano em que nos encontramos. Diz que já queria muitas vezes, que a cabeça fica confusa, e não sabe se está falando com sua consciência ou com a consciência dos outros. Quando o pensamento se alonga, às vezes se perde e se torna um tanto incompreensível

28/12/1981

Paciente delirante. Bem orientada

*“durante o tempo que eu vivo eu morro. Já estou cansada de tanto viver”*

11/8/1986

Fala delirante. *“Fui agarrada metro dentro da terra. Vim trazida com os viajantes”*

Sabe informar o dia, mês e ano.

Nome: refere vários fatos e diz que é Stella

Idade: 500 milhões e 500 mil 9/1/1941

21/1/1988

Paciente desorientada quanto à data. Informa corretamente o nome. Logorreica, delirante. Refere ouvir vozes que dizem que não a querem aqui no núcleo. *“Você não é de lugar nenhum. Você come e não produz. É bom você se atirar de dentro para fora para você gozar da tua natureza. Respondo que você me acusa e se acusa. Agora resolvi executar a voz da assistente social, a chefe e a senhora. Quando escuto as vozes, fico vagando no tempo e no vazio. Hoje escutei “abandona a Teixeira Brandão que você não mora aqui”. Quando vou fugir pelo portão, não deixam”. É suficiente eu vir aqui em cima para obedecer as vozes. “Eu tenho que fugir, as pessoas ficam sabendo de tudo o que eu faço.”*

Informe da chefia que ontem a paciente apresenta-se balançando no parapeito. A abordada referiu que as vozes mandavam ela se suicidar.

Paciente com risco de vida, necessitando acompanhamento e cuidados permanentes, devido à precariedade de pessoal existente neste Núcleo para atender a estes cuidados solicito

remoção para o Hospital Jurandyr Manfredini e visita médica no retorno opinando quanto ao fato do motivo da solicitação.

22/1/1988

Paciente diz que fizeram sua cabeça, seus braços e não foi ela que fez. Não queria nascer, não queria pular, não crescer. Queria ser nada e nada ser, porque não sabe fazer nada. Só passa fome se os outros transmitirem para ela que estão com fome, essas pessoas que a acompanham na sua vida e na morte.

Pergunto quem. Declarou que tem que receber espíritos. Pessoas do terreiro de espírito, porque é médium de centro.

Relata escutar vozes que não dizem nada.

26/1/1988

Paciente lúcida, parcialmente orientada, apresenta ideias delirantes persecutórias, falando que todo mundo do Núcleo Teixeira Brandão imita tudo o que ela faz. Não escuta mais as vozes aqui e só escuta no Núcleo Teixeira Brandão. Nos apresenta inquietação ou agitação psico-motora, nem ideias de suicídio. Em ondulações de alta para retornar ao seu núcleo de origem.

s/d

[escrito a punho] Paciente comparece à entrevista com trajes hospitalares. Senta-se no local indicado curvando-se atenta às perguntas formuladas. Revela-se muito prestativa, querendo colaborar, porém para quase todas as perguntas referentes ao seu passado, limita-se a responder que nada sabe, que nada se lembra. “porque não”. Está com a cabeça boa. Sente a “cabeça muito grande, enorme mesmo”. [sic]. Depois de alguma insistência nossa, começou a se lembrar de certos detalhes. Estudou em [ilegível]. Aparentemente tem distúrbio de memória. Seu pensamento, por vezes, é preparado. Refere a alucinações e alterações sinestésicas. Impressão diagnóstica: esquizofrenia residual. (In: “Ficha de Paciente”, CJM).

s/d

[no verso de uma das folhas do QUESTIONÁRIO ENFERMAGEM I - ressocialização, em caneta azul]

Relata que ao acordar reza e depois sai para cassar os moradores do mundo.

“Ao chegar fui orientada a recuperar meus amigos e parentes”.

11/12/1973

Motivo de internação na CJM (origem): *“vim para aqui porque fui eu mesmo que me fiz e tenho o mundo inteiro”*

2.1.15 Descrição de 24h do paciente (atuais):

A que horas acorda? Não tem hora certa

O que faz pela manhã? Nada, “só rezo”

Almoça? Sim

A que horas? Meio dia

O que faz à tarde? Nada

Janta? Sim

A que horas? Mais tarde

O que faz à noite? Nada  
 A que horas dorme? *“Durmo quando o cemitério já está cheio”*  
 (In: “História do Paciente”, CJM)

5/11/1977

Paciente calma, lúcida, improvisando coerência, dizendo com exatidão dia, mês e ano em que nos encontramos. Diz que já queria muitas vezes, que a cabeça fica confusa, e não sabe se está falando com sua consciência ou com a consciência dos outros. Quando o pensamento se alonga, às vezes se perde e se torna um tanto incompreensível

28/12/1981

Paciente delirante. Bem orientada  
*“durante o tempo que eu vivo eu morro. Já estou cansada de tanto viver”*

11/8/1986

Fala delirante. *“Fui agarrada metro dentro da terra. Vim trazida com os viajantes”*  
 Sabe informar o dia, mês e ano.  
 Nome: refere vários fatos e diz que é Stella  
 Idade: 500 milhões e 500 mil 9/1/1941

21/1/1988

Paciente desorientada quanto à data. Informa corretamente o nome. Logorreica, delirante. Refere ouvir vozes que dizem que não a querem aqui no núcleo. *“Você não é de lugar nenhum. Você come e não produz. É bom você se atirar de dentro para fora para você gozar da tua natureza. Respondo que você me acusa e se acusa. Agora resolvi executar a voz da assistente social, a chefe e a senhora. Quando escuto as vozes, fico vagando no tempo e no vazio. Hoje escutei “abandona a Teixeira Brandão que você não mora aqui”. Quando vou fugir pelo portão, não deixam”. É suficiente eu vir aqui em cima para obedecer as vozes. “Eu tenho que fugir, as pessoas ficam sabendo de tudo o que eu faço.”*

Informe da chefia que ontem a paciente apresenta-se balançando no parapeito. A abordada referiu que as vozes mandavam ela se suicidar.

Paciente com risco de vida, necessitando acompanhamento e cuidados permanentes, devido à precariedade de pessoal existente neste Núcleo para atender a estes cuidados solicito remoção para o Hospital Jurandyr Manfredini e visita médica no retorno opinando quanto ao fato do motivo da solicitação.

22/1/1988

Paciente diz que fizeram sua cabeça, seus braços e não foi ela que fez. Não queria nascer, não queria pular, não crescer. Queria ser nada e nada ser, porque não sabe fazer nada. Só passa fome se os outros transmitirem para ela que estão com fome, essas pessoas que a acompanham na sua vida e na morte.

Pergunto quem. Declarou que tem que receber espíritos. Pessoas do terreiro de espírito, porque é médium de centro.

Relata escutar vozes que não dizem nada.

26/1/1988

Paciente lúcida, parcialmente orientada, apresenta ideias delirantes persecutórias, falando que todo mundo do Núcleo Teixeira Brandão imita tudo o que ela faz. Não escuta mais as vozes aqui

e só escuta no Núcleo Teixeira Brandão. Nos apresenta inquietação ou agitação psico-motora, nem ideias de suicídio. Em ondulações de alta para retornar ao seu núcleo de origem.

s/d

[escrito a punho] Paciente comparece à entrevista com trajes hospitalares. Senta-se no local indicado curvando-se atenta às perguntas formuladas. Revela-se muito prestativa, querendo colaborar, porém para quase todas as perguntas referentes ao seu passado, limita-se a responder que nada sabe, que nada se lembra. “porque não”. Está com a cabeça boa. Sente a “cabeça muito grande, enorme mesmo”. [sic]. Depois de alguma insistência nossa, começou a se lembrar de certos detalhes. Estudou em [ilegível]. Aparentemente tem distúrbio de memória. Seu pensamento, por vezes, é preparado. Refere a alucinações e alterações sinestésicas. Impressão diagnóstica: esquizofrenia residual. (In: “Ficha de Paciente”, CJM).

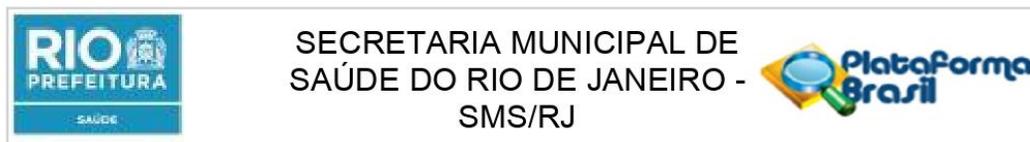
s/d

[no verso de uma das folhas do QUESTIONÁRIO ENFERMAGEM I - ressocialização, em caneta azul]

Relata que ao acordar reza e depois sai para cassar [sic] os moradores do mundo.

“Ao chegar fui orientada a recuperar meus amigos e parentes”.

**ANEXO 7. Parecer consubstanciado (Aprovação) do Comitê de ética em pesquisa – Secretaria Municipal de Saúde (SMS – Rio de Janeiro)**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

Elaborado pela Instituição Coparticipante

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A POESIA ORAL DE STELA DO PATROCÍNIO

**Pesquisador:** Anna Carolina Vicentini Zacharias

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 87341218.0.3003.5279

**Instituição Proponente:** Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.706.224

**Apresentação do Projeto:**

Conforme apresentado pela pesquisadora, nas Informações Básicas do projeto, em arquivo disponível nesta Plataforma:

**Resumo:**

Este projeto visa investigar os processos que culminaram na publicação do livro de poemas, por Viviane Mosé e a partir de transcrições de falas de Stela do Patrocínio, intitulado Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001), a saber: a internação da autora em ambiente manicomial, o processo de abertura dos manicômios brasileiros devido ao movimento de luta antimanicomial, que permitiram que estagiárias de arte e psicologia trabalhassem na Colônia Juliano Moreira e gravassem as falas de Stela do Patrocínio, o contato de Viviane Mosé com o material gravado e a publicação das transcrições em editora literária. Outro foco do projeto é a análise de sua recepção crítica, visto que diverge tanto no reconhecimento do teor poético, quanto do político da obra. Para isso, avaliaremos os discursos produzidos desde o registro policial datado de 15 de agosto de 1962 pela 4ª delegacia de polícia do Rio de Janeiro, responsável pela internação da autora, passando pelos prontuários médicos de Stela do Patrocínio, que constam nos arquivos do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira (Jacarepaguá/RJ). Depois de realizada a coleta desses dados, partiremos para as entrevistas com todas as pessoas citadas nos “Agradecimentos” da obra, ou seja, os profissionais que tiveram

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar

**Bairro:** Centro

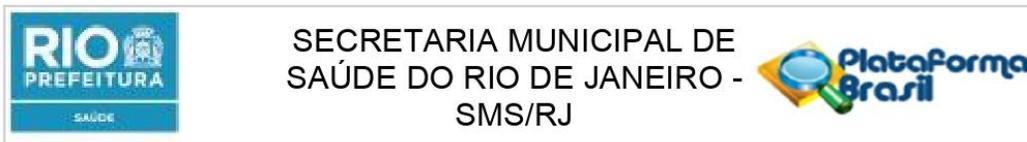
**CEP:** 20.031-040

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2215-1485

**E-mail:** cepmsrj@yahoo.com.br



Continuação do Parecer: 3.706.224

contato direto ou indireto com Stela do Patrocínio, não apenas para compreendermos o caminho realizado por Viviane Mosé, mas principalmente para conseguirmos levantar informações sobre a autora. Em um terceiro momento, será realizada a comparação dos áudios originais, gravados na Colônia Juliano Moreira no período entre 1986 e 1988 e em 1991, por Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza, respectivamente, com o material contido no livro póstumo, para, finalmente, nos debruçarmos sobre a recepção crítica desta obra, que traz como tema principal o próprio ambiente manicomial, em tom de crítica social. Sabe-se que que a Colônia Juliano Moreira teve um público delimitado, considerando o perfil social da maioria dos internos: mulheres, negras, com diagnóstico de esquizofrenia, com baixa escolaridade e pouco vínculo familiar, que depois de certo tempo de internação era, comumente, completamente perdido. Esses processos culminaram na falta de informações a respeito da autora, cuja biografia – aquela anterior à internação – é resumida a nascimento, morte e nomes dos pais. Dessa forma, conseguiremos avaliar a produção de sua poesia, a partir de entendimentos de questões que ainda não foram evidenciadas: como os apagamentos se deram, e como recuperar esses espaços que carecem de informação.

#### Metodologia Proposta:

Partiremos da revisão bibliográfica da fortuna crítica de Stela do Patrocínio, considerando o que foi feito em homenagem ou a partir dos seus textos após a publicação da referida obra. Em seguida, percorreremos espaços no Rio de Janeiro nos quais cremos encontrar informações mais detalhadas sobre Stela do Patrocínio, além daquela encontrada no livro em forma de cronologia ou presentes na fortuna crítica, como o atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, onde consta o prontuário médico da autora e a Delegacia de Polícia. Nessa mesma etapa, buscaremos os contatos de todas aquelas pessoas citadas nos “Agradecimentos” do livro afim de entrevistá-las pois, direta ou indiretamente, conheceram Stela do Patrocínio e possivelmente forneçam informações sobre quem ela foi, ou como era o seu cotidiano institucional: as artistas plásticas Carla Guagliardi e Nelly Gutmacher, as psicólogas Denise Correia e Mônica Ribeiro de Souza, o artista Cabelo e os médicos Julius Teixeira, Ricardo Aquino e Pedro Silva, além de Sergio Cohn, diretor da editora Azougue, e Viviane Mosé, para avaliarmos como se deu esse processo de editoração e publicação, e a quem estão reservados os direitos autorais, pois essa informação é faltante. Como a maioria dos entrevistados teve ligação com a Colônia Juliano Moreira, pois se tratam de funcionários ou ex-funcionários, pretende-se fazer contato com cada um deles a partir dessa instituição para entrevista. Importante mencionar que a coleta dos materiais originais, ou

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar

**Bairro:** Centro

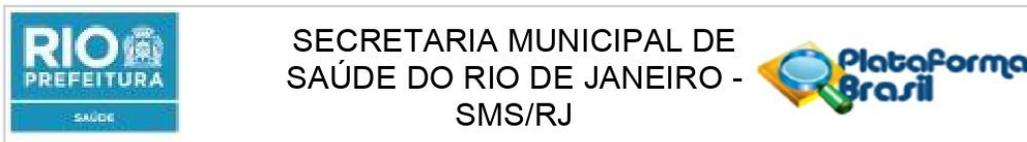
**CEP:** 20.031-040

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2215-1485

**E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br



Continuação do Parecer: 3.706.224

seja, as gravações em fitas dos áudios de Stela do Patrocínio, será requerida nos primeiros contatos com duas das entrevistadas, possuidoras dos materiais, Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro. Para isso, será enviado um Termo de Autorização de Uso de Som e Imagem, assinado pelas duas partes – pesquisadora e cedente – em duas vias de igual teor, garantindo que o material será utilizado apenas para a confecção de artigos e da dissertação, e não será comercializado ou repassado a terceiros sem prévia autorização das mesmas. Por fim, como se trata de uma pesquisa interdisciplinar, nos embasaremos em escritos que discorram sobre literatura brasileira contemporânea (Dalcastagnè, 2008), autoria feminina (Woolf, s/d; Gubar e Gilbert, 2000, entre outros), autoria negra (Bernd, 1987; 1988; Fanon, 1980; Hooks, 1991) e ambiente manicomial (Foucault, 1978; Frayze-Pereira, 1985). Dando sequência ao trabalho, serão realizadas – e, para isso, consideradas as discussões realizadas anteriormente – a seleção dos poemas, não necessariamente os presentes no livro publicado, mas possivelmente valendo-nos dos novos acessos aos áudios da autora, e as análises dessa seleção, embasando-nos em teóricos e críticos e de literatura (Terry Eagleton, 2003; Ianni, 1988; Coutinho, 1996; Reis, 1992; Dalcastagnè, 2014; Ginzburg, 2012).

**Crerios de Inclusão e Exclusão:**

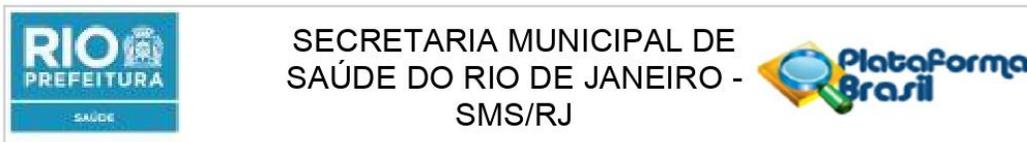
Não mencionados.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Esta pesquisa de mestrado, partindo da problemática acima explicitada, busca uma análise de como foram produzidos os discursos sobre Stela do Patrocínio enquanto esquizofrênica e poeta, internada na Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá/RJ) desde os 21 anos até sua morte. Esses discursos produzidos serão considerados desde o registro policial, que culminou na internação de Stela, passando pelo ambiente manicomial da Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá/RJ) e seus profissionais, bem como de Viviane Mosé em relação à autora e sua produção poética para, finalmente, percebermos os discursos produzidos por sua fortuna crítica. Mais especificamente, buscar-se-á:

- (1) trazer à o fato de sua fortuna crítica estar, ainda, embasada nos discursos médicos mais que nos parâmetros literários;
- (2) perceber as relações entre raça, gênero e saúde mental;
- (3) avaliar as conexões entre todas essas tramitações sociais, de internação de corpos lidos enquanto femininos e negros, e o cenário cultural, mais especificamente o literário.

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar  
**Bairro:** Centro **CEP:** 20.031-040  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)2215-1485 **E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br



Continuação do Parecer: 3.706.224

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Esta pesquisa – visto que entendemos as medidas éticas necessárias a serem tomadas em cada uma das etapas de investigação direta, seja em relação ao acesso aos documentos e gravações, seja em contato com as pessoas selecionadas para entrevista – oferece riscos de constrangimento, relembração de situações pessoais que podem trazer tristeza ou raiva, trato de assuntos pessoais indesejados e necessidade de sigilo. As medidas para estes casos estão sendo expressas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a ser entregue a cada um dos entrevistados, que serão avisados que, a qualquer momento, podem requerer não responder às perguntas, ter seus nomes preservados, sair da pesquisa ou outros, sendo prontamente atendidos pela pesquisadora.

**Benefícios:**

Quanto aos benefícios, é válido mencionar que esta pesquisa oferece elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender a poesia de Stela do Patrocínio e encaminhar novas resoluções de debates sobre cultura brasileira, bem como suas implicações políticas, contribuindo também para os debates da luta antimanicomial.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de submissão em resposta às solicitações de pendências do projeto de pesquisa que visa investigar os processos que culminaram na publicação do livro de poemas, por Viviane Mosé e a partir de transcrições de falas de Stela do Patrocínio, intitulado: Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001), a pesquisa se propõe a partir da revisão bibliográfica da fortuna crítica de Stela do Patrocínio.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados todos os Termos Obrigatórios, satisfatoriamente.

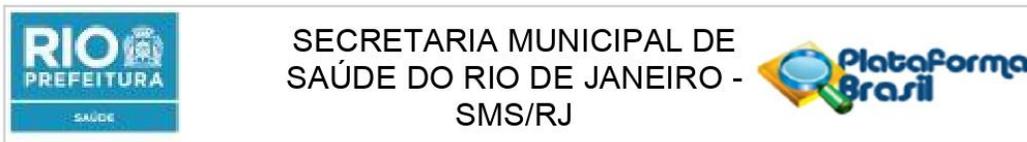
**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Conforme Pareceres Consubstanciados deste CEP nº 3.435.028 e nº 3.683.520, o projeto de pesquisa apresentou pendências a serem cumpridas. De acordo com análise ética deste Comitê,

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar  
**Bairro:** Centro **CEP:** 20.031-040  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)2215-1485 **E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br



Continuação do Parecer: 3.706.224

foram atendidas as solicitações de pendências, contemplando os requisitos necessários para o desenvolvimento do estudo. Com isso, o presente projeto de pesquisa encontra-se apto a realizar a pesquisa, conforme descrito na metodologia, a ser desenvolvido no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS-RJ).

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Sr.(a) Pesquisador(a),

Atentamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP/SMS-RJ como emenda. Deve-se aguardar o parecer favorável do CEP/SMS-RJ antes de efetuar a modificação. Atentar para a necessidade de atualização do cronograma da pesquisa.

Caso ocorra alguma alteração no financiamento do projeto ora apresentado (alteração de patrocinador, modificação no orçamento ou copatrocínio), o pesquisador tem a responsabilidade de submeter uma emenda ao CEP/SMS-RJ solicitando as alterações necessárias. A nova Folha de Rosto a ser gerada deverá ser assinada nos campos pertinentes e entregue a via original no CEP/SMS-RJ.

O CEP/SMS-RJ deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas a este CEP/SMS-RJ, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Acrescentamos que o participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (item IV.3 .d., da Resolução CNS/MS Nº 466/12) e deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (item IV.5.d., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Ressaltamos que o pesquisador responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar

**Bairro:** Centro

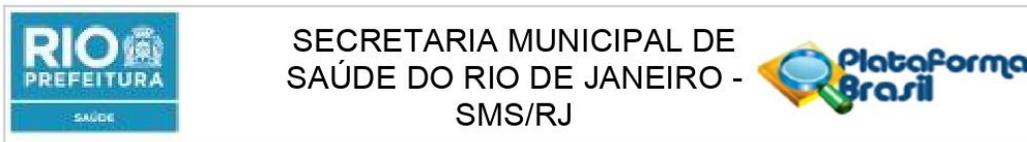
**CEP:** 20.031-040

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2215-1485

**E-mail:** cepmsrj@yahoo.com.br



Continuação do Parecer: 3.706.224

Caso haja interrupção do projeto ou não publicação dos resultados, solicitamos justificar fundamentalmente ao CEP/SMS-RJ.

Este parecer possui validade de 12 meses a contar da data de sua aprovação.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1449658.pdf	06/11/2019 18:23:08		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECEPSMS.pdf	06/11/2019 18:21:24	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	CartaRespostaAoComiteDeEticaSMS.pdf	06/11/2019 18:18:20	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3435028.pdf	12/08/2019 11:34:25	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	JustificativaDeEmenda.pdf	12/08/2019 11:34:08	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoDeConsentimentoLivreeEsclarecido.pdf	12/08/2019 11:20:39	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	ANUENCIA_NS.pdf	04/09/2018 14:21:41	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	ANUENCIA_CJM.pdf	04/09/2018 14:21:27	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	TCUD.pdf	04/09/2018 14:19:50	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	CartaResposta.pdf	04/06/2018 12:09:32	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoSubmetidoAPlataformaBrasil.pdf	04/06/2018 12:08:28	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	AutorizacaoUsoSomImagem.pdf	21/05/2018 17:54:47	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	RoteiroDePesquisa.pdf	21/05/2018 17:10:28	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	TermoDeAnuencia.pdf	10/04/2018 12:39:11	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	AtestadoDeMatricula.pdf	10/04/2018 12:38:46	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar

**Bairro:** Centro

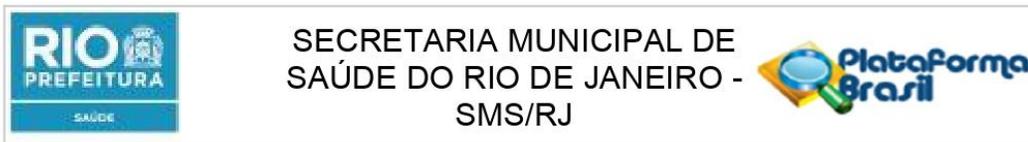
**CEP:** 20.031-040

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2215-1485

**E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br



Continuação do Parecer: 3.706.224

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 14 de Novembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Salesia Felipe de Oliveira**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Evaristo da Veiga, 16, 4º andar

**Bairro:** Centro

**CEP:** 20.031-040

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2215-1485

**E-mail:** cepsmsrj@yahoo.com.br

**Anexo 8. Parecer consubstanciado (Aprovação) do Comitê de ética em pesquisa – Ciências Humanas e Sociais – UNICAMP**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DA EMENDA**

**Título da Pesquisa:** A POESIA ORAL DE STELA DO PATROCÍNIO

**Pesquisador:** Anna Carolina Vicentini Zacharias

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 87341218.0.0000.8142

**Instituição Proponente:** Instituto de Estudos da Linguagem

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.626.643

**Apresentação do Projeto:**

Introdução:

Pouco se sabe a respeito da biografia de Stela do Patrocínio (1941 – 1992). O breve levantamento bibliográfico consta no livro Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001) em forma de cronologia. Stela passou a maior parte da vida em instalações psiquiátricas – a partir dos 21 anos, no Centro Psiquiátrico Pedro II, Engenho de Dentro/ RJ e, quatro anos mais tarde, na Colônia Juliano Moreira, Jacarepaguá/ RJ, onde permaneceu até o dia da sua morte. É comum, nesses ambientes, o uso da arte como terapia: incentivada pela artista plástica Neli Gutmacher e pela psicóloga da então Colônia Juliano Moreira, Denise Correia, em um projeto que visava estabelecer um relacionamento entre alunos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e os pacientes, Carla Guagliardi, estagiária do projeto, gravava falas e as conversas com Stela. A partir de então, houve o interesse daquelas pessoas nas suas gravações. Em 1991, novo material foi recolhido por Mônica Ribeiro de Souza – então estagiária de psicologia no núcleo onde Stela estava internada –, que transcreve mais gravações, junta-as àquelas e produz um pequeno livro datilografado. No período entre a década de 1990 e 2001, Viviane Mosé foi convidada pelo museu para que ela conhecesse os áudios de Stela do Patrocínio e, a partir do contato com as gravações, a filósofa realizou a transcrição, organização e publicação em forma de livro de poemas sob o título Reino dos Bichos e dos Animais é o meu nome (Rio de

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

Janeiro: Azougue editorial, 2001). A publicação do livro permitiu que olhares se voltassem a Stela, como foi o caso de Entrevista com Stela do Patrocínio, espetáculo encenado em São Paulo (2005) e a antologia Poesia (Im)Popular Brasileira, organizada por Júlio Mendonça (São Paulo: Lamparina, 2013), que coloca Stela do Patrocínio ao lado de outras e outros poetas não canônicos, como Pagu e Sebastião Uchoa Leite. No entanto, tendo em vista não apenas a escassez de informações sobre a vida da autora, mas também sobre os motivos pelos quais foi internada, e com uma obra publicada em fragmentos que escamoteiam o fazer poético – as gravações eram realizadas em formato semelhante a entrevistas, ou a conversas, como consta no final do livro, no capítulo intitulado “Stela por Stela” –, cremos ser importante averiguarmos as informações faltantes para que possamos compreender como a circulação do objeto literário, ou seja, o livro de poemas, foi consolidada e recebida. Como se trata de uma poesia auto-referenciada, e que traz as temáticas do hospital psiquiátrico constantemente, bem como outros aspectos sociais de sua vida – como a denúncia de ter sido internada por ser uma mulher negra – buscar maiores informações sobre suas condições de internação e as gravações realizadas é um dos fatores de maior importância para a análise de sua produção poética, cujo acesso ainda é limitado, pois entendemos o livro de poesias enquanto um instrumento de divulgação do que Stela do Patrocínio dizia, mas que ainda não permite que os estudos literários ou que seus leitores compreendam os processos de realização da obra, bem como os processos de internação, medicalização e rigidez institucional pelos quais a autora passou durante todos os seus anos enquanto interna e que também marcam presença constante enquanto temas de sua poesia. Dessa forma, destacamos que se trata de uma pesquisa interdisciplinar que visa averiguar as conexões entre processos sociopolíticos e relações culturais brasileiros, valendo-nos de uma bibliografia que discute ambientes manicomial, literatura negra, autoria feminina e análise de poesia. É ainda oportuno destacar que a maior parte dos textos que compõem fortuna crítica de Stela do Patrocínio não chega a fazer análise de sua poesia original, ou seja, dos seus áudios sem as edições realizadas por Viviane Mosé com a finalidade de publicá-la em editora, restringindo-se ao acesso ao livro impresso com as transcrições de fragmentos de fala, e também não discorrem sobre a falta de informações acerca da vida da autora, nem sobre os processos de internação a partir de ocorrências policiais, ou de como o que ela disse pode – ou não – ter interferido na compreensão dos profissionais com quem teve contato, alterando – ou não – o ambiente em que viveu. A partir do livro, percebe-se que a autora recorre diversas vezes a um certo tipo de denúncia e crítica em relação ao tratamento dispensado aos pacientes, pois que o tema mais presente em suas falas é a instituição manicomial. No entanto, pouco se sabe a esse respeito, também pouco se fala de quem era Stela antes de sua internação, quase não dispomos

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária “Zeferino Vaz” **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

de elementos, por isso a necessidade de uma tentativa de levantamento a partir das entrevistas com quem teve contato com ela e a conheceu, tanto nas relações profissionais quanto nas afetivas. As pessoas citadas no livro foram, todas elas, profissionais que estiveram presentes no cotidiano do Núcleo Teixeira Brandão, no qual Stela do Patrocínio esteve internada: Pedro Silva, Ricardo Aquino e Julius Teixeira enquanto psiquiatras, Mônica Ribeiro de Souza e Denise Correia como psicólogas e Carla Guagliardi, estagiária de artes da professora de artes Nelly Gutmacher. O músico Cabelo é a única exceção, mas seu contato ainda não foi explicitado – tudo o que se sabe é que ele foi o elo de ligação entre Carla Guagliardi e Viviane Mosé, Dessa forma, acreditamos que o meio de contatá-los seja o próprio Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, em Jacarepaguá/RJ. Nos casos específicos de Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza, é importante frisar que, no momento do primeiro contato para que a entrevista seja marcada, serão também solicitados os áudios originais que culminaram na publicação do livro e que, de repente, podem suscitar outros questionamentos além daqueles anexados nesta plataforma. Para a solicitação desse material, foi elaborado um Termo de Uso deixando explicitado que este material será utilizado somente para os fins da pesquisa, garantindo às cedentes que não será repassado nem utilizado para fins lucrativos.

#### Hipótese

A partir dessas considerações levantadas a respeito dos limites presentes no livro publicado em editora, acreditamos que o acesso integral tanto aos prontuários de Stela do Patrocínio e do registro policial, por se tratarem dos únicos documentos que trazem informações sobre a autora, quanto dos áudios originais e entrevistas, analisando não apenas como as gravações eram feitas, mas a ordem sequencial de feitura dos poemas, pode trazer outras maneiras interpretativas de sua produção literária, e possivelmente novas compreensões e questionamentos sobre o que conhecemos e entendemos por poesia brasileira e, principalmente, pelo reconhecimento de Stela do Patrocínio enquanto poeta. Válido destacar que, segundo o trabalho de dissertação de Telma Beiser de Mello Zara, intitulado "Me transformei com esse 'falatório' todinho": cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio (UNIOESTE, 2014), os arquivos da primeira internação no Hospício Pedro II foram transferidos para o atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde "Juliano Moreira". Por essa razão, apesar de a autora ter passado em duas instituições distintas, este trabalho busca apenas pelos arquivos do último manicômio pelo qual Stela do Patrocínio passou, pois ele concentra todas as informações necessárias. Outra

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

contribuição se dá fortemente ao debate da luta antimanicomial no Brasil, cujo mote é “pelo fim dos manicômios”, que preconiza atendimentos fora de internações fechadas, defendendo que pessoas que carecem de tratamentos psiquiátricos devem recebe-los de maneiras que respeitem sua cidadania e fortaleçam seus vínculos familiares e afetivos.

#### Metodologia Proposta:

Partiremos da revisão bibliográfica da fortuna crítica de Stela do Patrocínio, considerando o que foi feito em homenagem ou a partir dos seus textos após a publicação da referida obra. Em seguida, percorreremos espaços no Rio de Janeiro nos quais cremos encontrar informações mais detalhadas sobre Stela do Patrocínio, além daquela encontrada no livro em forma de cronologia ou presentes na fortuna crítica, como o atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, onde consta o prontuário médico da autora e a Delegacia de Polícia. Nessa mesma etapa, buscaremos os contatos de todas aquelas pessoas citadas nos “Agradecimentos” do livro a fim de entrevistá-las pois, direta ou indiretamente, conheceram Stela do Patrocínio e possivelmente forneçam informações sobre quem ela foi, ou como era o seu cotidiano institucional: as artistas plásticas Carla Guagliardi e Nelly Gutmacher, as psicólogas Denise Correia e Mônica Ribeiro de Souza, o artista Cabelo e os médicos Julius Teixeira, Ricardo Aquino e Pedro Silva, além de Sergio Cohn, diretor da editora Azougue, e Viviane Mosé, para avaliarmos como se deu esse processo de editoração e publicação, e a quem estão reservados os direitos autorais, pois essa informação é faltante. Como a maioria dos entrevistados teve ligação com a Colônia Juliano Moreira, pois se tratam de funcionários ou ex-funcionários, pretende-se fazer contato com cada um deles a partir dessa instituição para entrevista. Importante mencionar que a coleta dos materiais originais, ou seja, as gravações em fitas dos áudios de Stela do Patrocínio, será requerida nos primeiros contatos com duas das entrevistadas, possuidoras dos materiais, Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro. Para isso, será enviado um Termo de Autorização de Uso de Som e Imagem, assinado pelas duas partes – pesquisadora e cedente – em duas vias de igual teor, garantindo que o material será utilizado apenas para a confecção de artigos e da dissertação, e não será comercializado ou repassado a terceiros sem prévia autorização das mesmas. Por fim, como se trata de uma pesquisa interdisciplinar, nos embasaremos em escritos que discorram sobre literatura brasileira contemporânea (Dalcastagnè, 2008), autoria feminina (Woolf, s/d; Gubar e Gilbert, 2000, entre outros), autoria negra (Bernd, 1987; 1988; Fanon, 1980; Hooks, 1991) e ambiente manicomial (Foucault, 1978; Frayze-Pereira, 1985). Dando sequência ao trabalho, serão

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária “Zeferino Vaz” **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

realizadas – e, para isso, consideradas as discussões realizadas anteriormente – a seleção dos poemas, não necessariamente os presentes no livro publicado, mas possivelmente valendo-nos dos novos acessos aos áudios da autora, e as análises dessa seleção, embasando-nos em teóricos e críticos e de literatura (Terry Eagleton, 2003; Ianni, 1988; Coutinho, 1996; Reis, 1992; Dalcastagnè, 2014; Ginzburg, 2012).

#### Metodologia de Análise de dados:

Trata-se de uma análise comparativa entre a obra publicada em livro – transcrita, selecionada e estruturada segundo as concepções de Viviane Mosé – e o que entendemos como a obra poética de Stela do Patrocínio, ou seja, as gravações, na íntegra e em ordem cronológica, realizadas na Colônia Juliano Moreira no período entre 1986 e 1988 e em 1991, por Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza, respectivamente, considerando os elementos que possam contribuir para conhecermos a autora, resultado da busca documental e entrevistas com aquelas e aqueles citados nos “Agradecimentos” da obra Reino dos bichos e dos animais é o meu nome (Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2001), que tiveram contato direto ou indireto com Stela do Patrocínio, além dos responsáveis pela publicação, Sergio Cohn (diretor da Azougue editorial) e Viviane Mosé. Dessa forma, poderemos prosseguir com os debates indicados como bibliografia. Além disso, a comparação entre material original e livro de poesias pela Azougue editorial será realizada, a fim de entendermos os critérios de seleção e organização, bem como os espaços de silêncio que o livro impresso traz, e os elementos informativos advindos das entrevistas serão colocados em diálogo com a bibliografia escolhida, que não apenas traz debates sobre instituição manicomial, mas sobre como as categorias de gênero e raça devem estar presentes nessa discussão, considerando que, segundo O asilo e a cidade (2015), o perfil social dos internos era, majoritariamente, de mulheres, negras, de baixa escolaridade, que recebiam diagnóstico de esquizofrenia.

#### Objetivo da Pesquisa:

Esta pesquisa de mestrado, partindo da problemática acima explicitada, busca uma análise de como foram produzidos os discursos sobre Stela do Patrocínio enquanto esquizofrênica e poeta, internada na Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá/RJ) desde os 21 anos até sua morte. Esses discursos produzidos serão considerados desde o registro policial, que culminou na internação de Stela, passando pelo ambiente manicomial da Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá/RJ) e seus

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
**Bairro:** Cidade Universitária “Zeferino Vaz” **CEP:** 13.083-865  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

profissionais, bem como de Viviane Mosé em relação à autora e sua produção poética para, finalmente, percebermos os discursos produzidos por sua fortuna crítica. Mais especificamente, buscar-se-á: (1) trazer à o fato de sua fortuna crítica estar, ainda, embasada nos discursos médicos mais que nos parâmetros literários; (2) perceber as relações entre raça, gênero e saúde mental (3) avaliar as conexões entre todas essas tramitações sociais, de internação de corpos lidos enquanto femininos e negros, e o cenário cultural, mais especificamente o literário.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Segundo a pesquisadora “esta pesquisa – visto que entendemos as medidas éticas necessárias a serem tomadas em cada uma das etapas de investigação direta, seja em relação ao acesso aos documentos e gravações, seja em contato com as pessoas selecionadas para entrevista – oferece riscos de constrangimento, relembração de situações pessoais que podem trazer tristeza ou raiva, trato de assuntos pessoais indesejados e necessidade de sigilo. As medidas para estes casos estão sendo expressas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a ser entregue a cada um dos entrevistados, que serão avisados que, a qualquer momento, podem requerer não responder às perguntas, ter seus nomes preservados, sair da pesquisa ou outros, sendo prontamente atendidos pela pesquisadora.”

**Benefícios:**

Segundo a pesquisadora: “Quanto aos benefícios, é válido mencionar que esta pesquisa oferece elevada possibilidade de gerar conhecimento para entender a poesia de Stela do Patrocínio e encaminhar novas resoluções de debates sobre cultura brasileira, bem como suas implicações políticas, contribuindo também para os debates da luta antimanicomial.”

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Emenda realizada para atender a demandas de CEP de instituição coparticipante. Além de incluir Termos de Anuência.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

1 - Folha de Rosto Para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos:

- Devidamente preenchida e assinada;

2 - Projeto de Pesquisa: adequado;

Consta no Projeto de Pesquisa os seguintes itens: Apresentação do tema, Justificativa com base na

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
**Bairro:** Cidade Universitária “Zeferino Vaz” **CEP:** 13.083-865  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

bibliografia, Objetivos, Metodologia, Plano de trabalho, Fontes, Bibliografia.

3 - Orçamento financeiro e fontes de financiamento: adequados;

4 - Cronograma: adequado;

5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: adequado;

6 - Currículo do pesquisador principal e demais colaboradores: adequados;

7 - Outros documentos que acompanham o Protocolo de Pesquisa: anuência, consentimento, justificativa da emenda.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Esta emenda não apresenta óbices éticos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

1. Vale lembrar que as pesquisas só podem ser iniciadas a partir da aprovação da pesquisa. Os cronogramas de geração/coleta de dados devem acompanhar os relatórios parcial e final de pesquisa;
2. Cabe enfatizar que, segundo a Resolução CNS 510/16, Art.28 Inciso IV, o pesquisador é responsável por "(...) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
3. O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável);
4. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa;
5. Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo;
6. Caso a pesquisa seja realizada ou dependa de dados a serem observados/coletados em uma instituição (ex. empresas, escolas, ONGs, entre outros), essa aprovação não dispensa a autorização

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

dos responsáveis. Caso não conste no protocolo no momento desta aprovação, estas autorizações devem ser submetidas ao CEP em forma de notificação antes do início da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1413144_E2.pdf	12/08/2019 11:35:18		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3435028.pdf	12/08/2019 11:34:25	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	JustificativaDeEmenda.pdf	12/08/2019 11:34:08	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoDeConsentimentoLivreeEsclarecido.pdf	12/08/2019 11:20:39	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	ANUENCIA_NS.pdf	04/09/2018 14:21:41	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	ANUENCIA_CJM.pdf	04/09/2018 14:21:27	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	TCUD.pdf	04/09/2018 14:19:50	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	CartaResposta.pdf	04/06/2018 12:09:32	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoSubmetidoAPlataformaBrasil.pdf	04/06/2018 12:08:28	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	AutorizacaoUsoSomImagem.pdf	21/05/2018 17:54:47	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	RoteiroDePesquisa.pdf	21/05/2018 17:10:28	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	TermoDeAnuencia.pdf	10/04/2018 12:39:11	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Outros	AtestadoDeMatricula.pdf	10/04/2018 12:38:46	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	10/04/2018 12:37:37	Anna Carolina Vicentini Zacharias	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.626.643

CAMPINAS, 07 de Outubro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Sandra Fernandes Leite**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz"      **CEP:** 13.083-865  
**UF:** SP      **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-6836      **E-mail:** cepchs@unicamp.br